

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais

Narjara Fonseca Souza

**FESTIVALE – FESTIVAL DE CULTURA POPULAR DO VALE DO
JEQUITINHONHA: Representatividade das mulheres nos anos de 2018 a 2020**

Diamantina

2022

Narjara Fonseca Souza

**FESTIVALE – FESTIVAL DE CULTURA POPULAR DO VALE DO
JEQUITINHONHA: Representatividade das mulheres nos anos de 2018 a 2020**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Alan Faber do Nascimento
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Josélia Barroso Queiroz Lima

Diamantina

2022

Catálogo na fonte - Sisbi/UFVJM

S729f Souza, Narjara Fonseca
2022 FESTIVALE - FESTIVAL DE CULTURA POPULAR DO VALE DO
JEQUITINHONHA: Representatividade das mulheres nos anos de
2018 a 2020 [manuscrito] / Narjara Fonseca Souza. --
Diamantina, 2022.
246 p. : il.

Orientador: Prof. Alan Faber do Nascimento.
Coorientador: Prof. Josélia Barroso Queiroz Lima.

Dissertação (Mestrado em Estudos Rurais) -- Universidade
Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Pós-
Graduação em Estudos Rurais, Diamantina, 2022.

1. Festivale. 2. Vale do Jequitinhonha. 3.
representatividade das mulheres. 4. patriarcado. 5.
invisibilidade. I. do Nascimento, Alan Faber. II. Queiroz
Lima, Josélia Barroso. III. Universidade Federal dos Vales do
Jequitinhonha e Mucuri. IV. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Narjara Fonseca Souza

**FESTIVALE- Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha:
representatividade das mulheres nos anos de 2018 a 2020**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Rurais.

Orientador: Prof. Dr. Alan Faber do Nascimento
Data de aprovação: 23/02/2022



Documento assinado digitalmente
LILLIAN GONCALVES DE MELO
Data: 25/02/2022 08:21:05-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Lillian Gonçalves de Melo (IFNMG)



Documento assinado digitalmente
MARIANA EMILIANO SIMÕES
Data: 03/03/2022 10:55:59-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Mariana Emiliano Simões (IFNMG)



Documento assinado digitalmente
JOSELIA BARROSO QUEIROZ LIMA
Data: 03/03/2022 13:30:06-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Josélia Barroso Queiroz Lima – Co-orientadora (UFVJM)



Documento assinado digitalmente
ALAN FABER DO NASCIMENTO
Data: 24/02/2022 08:28:14-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Alan Faber do Nascimento (UFVJM) – Orientador (UFVJM)

Diamantina
2022

Dedico este trabalho às mulheres do Jequitinhonha.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos emocionados ao ex-presidente da república Luíz Inácio Lula da Silva e a ex-presidente Dilma Vanna Rousseff em reconhecer o Vale do Jequitinhonha, seu valor e suas potências, e nisso propiciar a presença desta instituição- a UFVJM na região. Foi através desta Universidade que concluí um sonho que não veio da infância, mas da fase adulta, em fazer mestrado. Foi através deles e do povo com suas lutas populares que esta instituição de educação superior pública e de qualidade se faz presente.

Meu agradecimento ao IFNMG - Instituto Federal de Educação do Norte de Minas Gerais, pelo afastamento legal adquirido que propiciou tempo de dedicação para estudo e escrita do trabalho, bem como participação como bolsista do programa de qualificação de servidores. Agradeço muito as colegas do Campus Araçuaí, Marli Aguilar, Maria Cristina e Magda Tanure. Aqui destaco também com imenso carinho as colegas do Campus Diamantina, Crislaine Guimarães. Cris, nunca vou esquecer do seu apoio no meu primeiro trabalho de disciplina isolada do mestrado, como eu sentia medo. E você me acolheu, incentivou a ir, mesmo com medo, agradeço com admiração pelas tantas conversas terapêuticas, como você me conhece mulher! A Dayse Lúcida, a doutora acadêmica que conheço que consegue reunir duas qualidades admiráveis e não sempre comum numa pessoa: sabe muito e é generosa com seu saber. Você também enxergou potencial em mim. O seu olhar melhora o meu.

Agradeço aos professores que tive na universidade que colaboraram para essa formação e destaco alguns que mesmo que indiretamente me encorajaram a continuar tentando. São: Aline Sulzbacher, Atanásio Mykonios, Davidson Ramos, Edneila Chaves, Marcos Lobato, Marivaldo Carvalho, Nadja Murta, Silvia Paes, Tereza Cristina Vale (obrigada por ser gente acessível e pelo empréstimo valioso de 2 livros). E por fim, gratidão especial aos meus orientadores, Alan Faber e Josélia Barroso. Eu fui muito agraciada e por vezes provocada por essa dupla, em que um complementava o outro.

Registro aqui agradecimento a pessoas amigas que estiveram comigo em partes desse processo e que fizeram a diferença. Minha ternura à Albér Carlos, Djalma Ramalho, Hellen Rosa, Juliano Pereira, Júnio Jáber, Mariana Emiliano, Maria Salete, Silvane Costa, Josilene Cardoso, a psicóloga Alice Monteiro (um viva a terapia de toda semana); e a Sasha, você é minha filha do coração, meu agradecimento a sua dedicação, seu apoio me aliviava.

Uma saudação calorosa às três colegas e amigas que fiz no mestrado: Lízian, Maria Josiane e Viviane. Olha mulheres, a força e presença de vocês foi o diferencial para minha permanência e conclusão, ainda mais no contexto de fazer uma pós-graduação stricto sensu durante a pandemia da covid 19, somada ao mesmo tempo de desgoverno federal perverso no Brasil. Sobre a nossa aproximação, talvez o grande detalhe tenha sido: todas nós trouxemos a discussão das mulheres como foco no trabalho. É muito simbólico!

Agradeço a essencial contribuição dos 6 entrevistados e dos quase 40 artistas que fiz contato, um por um e cederam a mim as letras de músicas e poesias. Essa proposta de trabalho só se realizou porque vocês confiaram e decidiram fazer parte. Aprendi muito com vocês e sou grata!

Meu obrigada “mais Jequitinhonhês”, portanto muito afetuoso, ao povo do Vale do Jequitinhonha. Em especial às mulheres que acumulam tanto saber, arte, mas também tanta luta e dor. Um Viva a cultura popular e a tudo que esse povo e essas mulheres produzem. Um abraço afetuoso aos poetas e escritores Jô Pinto e Herena Barcelos da cidade de Itinga, vocês dois me encorajaram com a generosidade de vocês.

Agradeço com muita satisfação a Cia de Teatro Ícaros do Vale e ao Coral Araras Grandes da minha natural calorosa Araçuaí. Creio que fazer parte desses dois símbolos da cultura popular do Jequitinhonha é que contribuíram para a autoestima que tenho. O sentimento de pertencimento aqui é grande e é com orgulho.

Um agradecimento especial também ao meu pai Dio de Jafet e minha mãe Arlete, que cada um com sua linguagem do amor, fez o melhor que puderam por mim e fez MUITO. Que bom poder entender isso nessa vida.

Por fim, mas não menos merecedor, um salve a pessoa que fui, que sou e estou me tornando e mesmo não tanto jovem, tentar e conseguir ser a primeira neta da família Fonseca e primeira da família Souza a conquistar o diploma de Mestre em Estudos Rurais.

As Mulheres do Vale

As mulheres lá do Vale são benditas rezadeiras
São honestas lutadoras, professoras e raizeiras
As mulheres lá do Serro são divinas cozinheiras
Fazem queijo e orações, procissão nas ladeiras
As mulheres de Diamantina são senhoras seresteiras
Elas fazem tapetes, são garimpeiras e festeiras
As mulheres de Chapada são honradas companheiras
As mulheres de Minas Novas são tão novas congadeiras
As mulheres de Berilo são tão boas tecedeiras
As mulheres de Campo Alegre são alegres bonequeiras
As mulheres lá do Vale sabem fazer brincadeiras
Dançam fitas, jogam verso, são fiéis e casadeiras
As mulheres de Araçuaí são dos corais, são cantadeiras
Camponesas, canoeliras, são freiras, são benzedoras
As mulheres de Jordânia, Joáima e Bandeira
De Salinas e Almenara, são tão raras brasileiras.
As mulheres de Itamarandiba, Itaobim e Taiobeiras
De Rubim e Rubelita, são tão bonitas essas mineiras
As mulheres lá do Vale têm doçura e são doceiras,
plantadoras, vendedoras, são feirantes e feireiras,
As mulheres lá do Vale são viúvas sem fogueiras

Na espera dos maridos,
Lavradoras, lavadeiras, bailarinas, forrozeiras, rezadoras, curadeiras
As mulheres lá do Vale são doutoras e parteiras,
As mulheres lá do Vale são artistas dançadeiras
São irmãs e amigueiras, artesãs trabalhadeiras.

(Rubinho do Vale, 2017)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar a representatividade das mulheres nas edições do Festival dos anos de 2018 a 2020, para compreender o lugar social ocupado por elas. Para identificação dessa compreensão, além da pesquisa documental, foi realizada a coleta de dados das letras de poesias e letras de músicas que concorreram nas edições entre 2018 e 2020, bem como a realização de entrevistas junto aos atores que participaram desses edições seja na condição de artistas (compositores ou intérpretes) liderança feminina e diretoria da Fecaje - Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha. Também foram investigados como se dá a participação das mulheres nas expressões artísticas, nos espaços de decisões e lugares de prestígio dentro do evento e com isso verificado o lugar das mulheres do Vale do Jequitinhonha, nesse que se apresenta como maior e mais importante evento de cultura popular da região. O trabalho poderá contribuir para uma análise das atuações de seus agentes sociais e para a reflexão de rupturas e continuidades de suas ações uma vez que considerando o processo de formação do evento e suas transformações; em lugares de decisão é minoritária a presença das mulheres e algumas poucas mulheres ocupam cenário de destaque, sendo muito baixa a proporção nas expressões artísticas e a depender da perspectiva racial e de classe o movimento ainda é muito excludente. Para tanto foi utilizado o método de análise de conteúdo para que os dados obtidos fossem compreendidos.

Palavras-chave: Festival. Representatividade das mulheres. Patriarcado. Invisibilidade. Vale do Jequitinhonha.

ABSTRACT

The present work aimed to investigate the representation of women in the editions of Festivale from 2018 to 2020, to understand the social place occupied by them. In order to identify this understanding, in addition to documentary research, data were collected from the lyrics of poetry and song lyrics that competed in the editions between 2018 and 2020, as well as interviews with the actors who participated in these editions, whether in the condition of artists (composers or performers) female leadership and board of Fecaje - Federation of Cultural and Artistic Entities of the Jequitinhonha Valley. It was also investigated how women participate in artistic expressions, in decision-making spaces and prestigious places within the event, and with that, the place of women in the Jequitinhonha Valley, in what is presented as the largest and most important cultural event, was verified. popular in the region. The work will be able to contribute to an analysis of the actions of its social agents and to the reflection of ruptures and continuities of their actions, once considering the process of formation of the event and its transformations; in decision-making places, the presence of women is minority and a few women occupy a prominent scenario, with a very low proportion in artistic expressions and depending on the racial and class perspective, the movement is still very excluding. For this purpose, the content analysis method was used so that the data obtained could be understood.

Keywords: Festivale. Representativeness of women. Patriarchy. Invisibility. Jequitinhonha Valley.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Serro 2020: encenação do espetáculo “Menina Jesus” da Cia Teatral Ícaros do Vale.....	16
Figura 2 - Felisburgo 2018: da esquerda para direita: Concorrentes do festival da canção: Letícia Avelar e Hendrick Souza. No centro eu (Narjara), o multiartista Djalma Ramalho e a festivaleira Sara Marques.....	18
Figura 3 – Felisburgo 2018: Grupos culturais em cortejo pela cidade.....	26
Figura 4 – Felisburgo 2018: grupo Coquis da cidade de Rubim.....	27
Figura 5 - Felisburgo 2018: roda de conversa com movimentos sociais e instituições.....	27
Figura 6 - Felisburgo 2018: Apresentação das drag queens.....	28
Figura 7 - Serro 2020: Encontro de Mulheres.....	29
Figura 8 - Serro 2020: as bonecas de barro na feira de artesanato.....	53
Figura 9 - Serro 2020: noite literária com Giselda Gil encenando a poesia Boneca senhora, senhora Boneca.....	56
Figura 10 – Belmonte 2019: relação dos nomes dos artesãos e artesãs aprovados para participarem da feira de artesanato.....	57
Figura 11 – Serro 2020: relação dos nomes dos artesãos e artesãs aprovados para participarem da feira de artesanato.....	58
Figura 12 - Serro 2020: festivaleiros prestigiando apresentação no palco central.....	59
Figura 13 - Felisburgo 2018: Noite Literária - Jucilene Vieira recebendo prêmio de 1º lugar com poesia "Per(curso) de Rio" de sua autoria.....	63
Figura 14 - Serro 2020: mesa de juri da noite literária composta por 5 jurados, tendo única mulher, Fernanda Nunes.....	64
Figura 15 - Belmonte 2019: manifestação contra racismo e intolerância religiosa.....	65
Figura 16 - Belmonte 2019: Manifestação dos povos indígenas.....	66
Figura 17 - Belmonte 2019: Manifestações religiosas.....	66
Figura 18 - Participantes noite literária Festivale Belmonte 2019.....	68
Figura 19 - Mulheres participantes noite literária Festivale Belmonte 2019.....	68
Figura 20 - Felisburgo 2018: Noite Literária - Interpretação da poesia de Edelvan Alves "Acalento para a voz de uma mulher” Regiane Farias com premiação de melhor intérprete...69	69
Figura 21 - Serro 2020: Encontro de Mulheres.....	71
Figura 22 - Serro 2020 - Registro do Encontro das Mulheres: Destaque à frente da esquerda para direita; Claudilene (UFVJM) Jussara (agente cultural da comunidade quilombola	

Macuco de Minas Novas) e Giselda Gil (cantora e compositora)	72
.....	72
Figura 23 - Serro 2020: Marcha das mulheres pela cidade.....	72
Figura 24 - Serro 2020- Mesa de Juri Festival da Canção com Daniele Bonfim e ao seu lado, Tadeu Martins, um dos idealizadores do Festivale.....	80
Figura 25 - Serro 2020: Titane em seu show solo no palco Festivale.....	81
Figura 26 - Classificados Festival da canção de Belmonte.....	83
Figura 27 - Mulheres classificadas no Festival da canção de Belmonte.....	83
Figura 28 - Serro 2020: mulheres da equipe de alimentação.....	85
Figura 29 - Serro 2020 - Festivaleiros em protesto da morte da vereadora Marielle Franco...	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Obras e autoras, nascidas ou moradoras do Vale do Jequitinhonha – agosto 2020.....	61
Tabela 2 – Porcentagem de participação feminina nos FESTIVALES (2018 a 2020)	67
Tabela 3 - Compositores (homens e mulheres) em festivais da canção (1980 a 1989)	78
Tabela 4 - Autoria e Intérpretes Festival da Canção (Festivales -2018 a 2020)	82
Tabela 5 - Contextualização das obras	92
Tabela 6 - Categorização	93
Tabela 7 - Categorização das entrevistas.....	111
Tabela 8 - Construção de categorias	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIC	Agência de Iniciativa Cidadãs
CIDH	Comissão Interamericana de Direitos Humanos
CNMD	Conselho Nacional dos Direitos da Mulher
FECAJE	Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha
FESTIVALE	Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha
IFNMG	Instituto Federal do Norte de Minas Gerais
IPCN	Instituto de Pesquisas das Culturas Negras
MNU	Movimento Negro Unificado
PPGCH	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas
PPGER	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

SUMÁRIO

I APRESENTAÇÃO	15
II INTRODUÇÃO	19
O Vale do Jequitinhonha e o Festivale	21
<i>CAPÍTULO I</i>	30
<i>A QUESTÃO DA REPRESENTATIVIDADE</i>	30
1 UM ESBOÇO DA REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NO BRASIL	30
1.1 Século XIX - o não lugar da Mulher - a negação da condição de sujeito social e político	32
1.2 Século XX e XXI - participação das mulheres na política e direitos civis	36
1.3 Um esboço da representatividade das mulheres na criação artística	39
1.4 1º Festival de mulheres nas artes e representatividade das mulheres em festivais no século XXI	45
<i>CAPÍTULO II</i>	51
<i>FESTIVALE EM CONTEXTO</i>	51
2 PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO FESTIVALE: ONTEM E HOJE	51
2.1 Noite literária – as mulheres entre a visibilidade e a invisibilidade	60
2.2 As mulheres ainda tentam subir no palco	72
2.3 Uma observação do espaço da cozinha no Festivale de Belmonte	84
<i>CAPÍTULO III</i>	85
<i>REPRESENTATIVIDADE E REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO FESTIVALE: COMO SE PRESENTIFICAM?</i>	87
3 ADIAR O FIM DO MUNDO COM POESIA	87
3.1 A música, a poesia e a entrevista: três “femininos” em análise	89
3.2 A poesia falada e a poesia cantada	94
3.2.1 Categoria: Violência contra a mulher	94
3.2.2 Categoria: Representação das mulheres do Jequitinhonha	99
3.2.3 Categoria Racismo a “lá brasileira”	102
3.2.4 Categoria mulheres e cuidados	103
3.3 Cadê as mulheres do Festivale?	109
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	139
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ARTISTA	144
ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRETORIA DA FECAJE	145

ANEXO C - ROTEIRO DE ENTREVISTA LIDERANÇA FEMININA.....	146
ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) .	147
ANEXO E – ESTATUTO FECAJE	149
ANEXO F – REGIMENTO INTERNO DA FECAJE	161
ANEXO G – EDITAL FESTIVAL DA CANÇÃO – BELMONTE 2019	167
ANEXO H – EDITAL NOITE LITERÁRIA – BELMONTE 2019	170
ANEXO I – CARTA ABERTA À FECAJE	172
ANEXO J – FESTIVAL DA CANÇÃO - FELISBURGO 2018	173
ANEXO K - NOITE LITERÁRIA – FELISBURGO 2018	186
ANEXO L – FESTIVAL DA CANÇÃO- BELMONTE 2019.....	202
ANEXO M - NOITE LITERÁRIA – BELMONTE 2019	214
ANEXO N – FESTIVAL DA CANÇÃO - SERRO 2020.....	226
ANEXO O - NOITE LITERÁRIA – SERRO 2020	238

I APRESENTAÇÃO

Quando me mudei para a cidade de Diamantina em 2016, removida por opção para trabalhar no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG, avistei com mais clareza a possibilidade de cursar um mestrado, perspectiva essa iniciada em Araçuaí na mesma instituição de educação em que trabalhava. Aliás, aqui cabe ressaltar o fato de ser servidora pública da área da educação, na qual faço parte do corpo técnico administrativo da instituição e, por isso, em contato com processos de ensino aprendizagem e com experiências ligadas ao trabalho na extensão, setor em que coordenei programas e projetos junto a comunidade. Destaco o enorme aprendizado como gestora em 2012 no Programa Mulheres Mil no IFNMG - Campus Araçuaí, onde foram oferecidos 4 cursos profissionalizantes à aproximadamente 80 mulheres em situação de vulnerabilidade social. Foram incluídas na ementa dos cursos, unidades como “gênero e desigualdade”, “saúde da mulher”, “direitos da mulher”. Este programa atuou com o objetivo de diminuir a desigualdade social através da geração de renda de mulheres da comunidade, por isso a oferta de cursos profissionalizantes.

Esta breve exposição da minha participação enquanto gestora é para iniciar dizendo que hoje ao relembrar de minha atuação em várias atividades ou em processos na intenção de enfrentamento às desigualdades vividas pelas mulheres, ao aliar discussões que perpassam pela autonomia e emancipação, observo que minha percepção de ser mulher no mundo, na condição de mulher branca no Vale do Jequitinhonha e de convivência diária com a diversidade de tantas outras mulheres que eram as alunas do programa, foi ampliado em relação às inúmeras dificuldades, impedimentos, desafios que uma mulher enfrenta só pela condição de ser mulher.

Um marco na minha vida foi a minha participação entre 2002 e 2003 como membro da Cia de Teatro Ícaros do Vale (figura 1) e do Coral Araras Grandes da cidade de Araçuaí. Tanto o grupo de teatro, quanto o grupo de coral tem uma forte abordagem da figura feminina do Jequitinhonha. Permanece até hoje trabalhos da Cia Ícaros do Vale de representação das mulheres, sua vida cotidiana e denúncia de história de opressão na nossa sociedade. Essa entrada no movimento cultural da época foi disruptivo, pois ali despertou um olhar mais aguçado para o que é o Vale do Jequitinhonha, bem como a cultura e as mazelas que ainda são marcas da região, com especial atenção à figura emblemática das mulheres.

Figura 1 – Serro 2020: encenação do espetáculo “Menina Jesus” da Cia Teatral Ícaros do Vale



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

Outro despertar a partir dessas participações nos grupos foi para o entendimento de meu ser enquanto possibilidade de ser artista, pois como cantora amadora passei a fazer apresentações em bares da cidade, abertura de shows musicais, casamentos e algumas participações no Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha – Festivale, junto do Coral Araras Grandes. E hoje com maior aprofundamento de entendimento do Jequitinhonha, que iniciou o processo junto ao movimento cultural da cidade, se estendendo no acesso ao Festivale e pela discussão propiciada pelo mestrado, seja pela própria orientação da pesquisa, leituras, grupo de estudo, é que percebo com mais complexidade as opressões, impedimentos diferenciados na vivência de grupos de mulheres, sendo a condição das mulheres negras e indígenas as mais exploradas.

Assim, iniciei a busca por me matricular em disciplinas isoladas e consegui tanto cursar disciplinas no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGCH, quanto no Programa Interdisciplinar em Estudos Rurais - PPGER. A princípio, por sugestão do professor da disciplina de Culturas e Práticas Culturais do PPGCH em que apresentei um trabalho sobre o Festivale, houve a sugestão de que eu escrevesse o projeto e submetesse ao programa, uma vez que eu havia participado por anos do Festivale. Então, dei sequência, mas a princípio escrevi sobre Festivale e cultura de massa. Com esta proposta de projeto de pesquisa, ingressei no Programa Interdisciplinar em Estudos Rurais.

Nessa versão inicial do projeto, um dos objetivos específicos era pesquisar o lugar social ocupado pelas mulheres no Festivale, logo, não era o meu objetivo geral. Importante destacar aqui que esse objetivo com relação às mulheres surgiu de uma conversa com um artista, ator, cantor e compositor da minha cidade de Araçuaí, Djalma Ramalho (figura 2), o qual acompanho e admiro seu trabalho que é muito voltado para a relação com a sua mãe, portanto um olhar bem aguçado para as questões femininas e questionador do lugar da mulher preta, uma vez que sua mãe era preta, assim como ele e suas irmãs, portanto, toda a família negra, onde seu trabalho artístico reconhece, canta e expressa essa origem.

Outra vertente do trabalho desse artista é a identificação e pertencimento do lugar de onde veio. Fui instigada por ele a questionar situações de como acontece a participação das mulheres no Festivale, os lugares que elas ocupam, quem são os destaques, como é composta a paridade de participação na programação de homens e mulheres artistas, se essa paridade é um princípio do Festivale, quem define os shows, como é composto o júri que define os ganhadores da noite literária e do festival da canção. Até aquele momento nunca havia questionado isso, não havia pensado e ou problematizado todas essas questões, o meu olhar estava naturalizado e talvez romantizado¹, por demais para dar conta dessas provocações. Foi preciso um homem me alertar, ou me provocar com esses questionamentos. De repente veio na minha mente cenas de composição de alguns espaços, tais como: apresentadores no palco, homenageados nas edições, finalistas e ganhadores do festival da canção, artistas que se apresentam no grande palco, todos esses espaços ocupados por uma significativa presença de homens e, ora ou outra, visualizava a presença de algumas mulheres.

Sendo assim, tendo a concluir que mesmo sendo meu amigo, homem, mas justamente por se identificar como homem preto, homossexual e ainda sendo artista, que participa ativamente da vida cênica, tanto no Jequitinhonha como fora dele, o seu olhar propicia especificidades diferenciadas também no que refere ao Festivale. Como pontua Agnes Heller (1985. p. 26), em seu livro *O cotidiano e a história*, “através do reflexo artístico, o artista rompe com a tendência espontânea ao pensamento cotidiano, tendência orientada ao EU particular” isso porque “a arte, graças a sua essência é autoconsciência e memória da humanidade”.

¹ Utilizo o termo naturalizado e romantizado para descrever que mesmo tendo participado de no mínimo 10 edições do Festivale nunca tive um olhar crítico, questionador de como se dava a ocupação de mulheres e homens neste espaço. Sempre via como natural os homens ocuparem a maioria dos espaços e serem visíveis, afinal, sempre foram os nomes de homens que se destacavam, seja pela música, seja pelas conduções no palco. Somado ao natural, via muita beleza, esses homens conduzirem esse evento que tanto nos emociona. Assim é reconstruída a nossa invisibilidade, o nosso apagamento.

No argumento de Heller (1985), podemos entender que apesar do artista também viver a cotidianidade, pois nenhum homem desliga inteiramente da sua cotidianidade, esteja ele realizando um trabalho intelectual ou físico, o contato com a criação da arte faz com que esse artista atravesse a linha da cotidianidade, da naturalização dos acontecimentos, das relações. Somada a essa interpretação de Agnes Heller e analisando melhor sobre o olhar desse artista do Jequitinhonha, pude refletir com a contribuição de bell hooks (2019), via o livro *Olhares negros raça e representação*, que ao discorrer sobre o olhar crítico dos espectadores negros frente ao cinema e a tv norte americana em que trazia representações brancas da negritude ela diz “que todas as tentativas de reprimir o nosso direito - das pessoas negras - de olhar, produziram em nós um desejo avassalador de ver, um anseio rebelde, um olhar opositor” e foi esse olhar opositor que levou-me a esta possibilidade de pesquisa e ou problematização de: identificar a representatividade das mulheres no Festivale nas edições entre 2018 a 2020 para compreender o lugar social ocupado por elas.

Como disse Heleieth Saffioti (2011, p. 43) em seu livro *Gênero, Patriarcado e Violência*: “a história de vida de cada pessoa encontra-se com fenômenos a ela exteriores, fenômeno denominado sincronicidade por Jung, e que permite afirmar que ninguém escolhe seu tema de pesquisa; é escolhido por ele”. Outra condição que favoreceu essa possibilidade, sem dúvida, foi a aceitação, mais que isso, o incentivo dos professores orientadores para que fosse estudado e investigado o tema que a princípio causasse desejo e motivação, assim mesmo com muito medo das mudanças foi possível assumir o desejo.

Figura 2 - Felisburgo 2018: da esquerda para direita: Concorrentes do festival da canção: Leticia Avelar e Hendrick Souza. No centro eu (Narjara), o multiartista Djalma Ramalho e a festivaleira Sara Marques



Fonte: Página do Festivale - Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha no Facebook, 2018.

II INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios deste trabalho é falar do Festivale com o recorte dos anos de 2018 a 2020, uma vez que esse festival acontece desde a década de 80, e ao todo se somam 37 edições de realizações anuais. Além do que o desafio é aumentado com o foco de discorrer/investigar a representatividade das mulheres, temática com carência de discussões acadêmicas sobre Festivale.

Como mencionado na apresentação sobre meu acesso ao Festivale, foi no ano de 2002 na cidade de Pedra Azul minha primeira participação no evento, junto ao Coral Araras Grandes, que em 2022 fará 25 anos de (r)existência. De lá pra cá frequento o Festivale. E dos últimos 10 anos, ou seja, de 2010 até 2020, apenas não participei do Festivale em 2019 na cidade de Belmonte-BA.

O evento acontece no geral em meados de cada ano e durante uma semana. Desse encontro com o evento sempre encaixei uma maneira de participar, isso mesmo, participar, por vezes fui por conta própria aos finais de semana para alimentar ainda mais minha alegria de pertencimento e de ser nascida no Jequitinhonha. Ora agregado a isso o convite do coordenador do Coral Araras Grandes, Luciano Silveira, para participar como solista no Show do Coral, sempre emocionada cantando no grande palco músicas como *Tamborim*² na Cidade de Jequitinhonha - MG em 2016 e a capela com *Meu guri*³ em 2017 na cidade de Felício dos Santos - MG.

O Festivale é o acontecimento anual onde o povo “festivaleiro” se encontra, onde os artistas se juntam, compartilham seus trabalhos e se fortalecem enquanto movimento artístico cultural. Conforme Henriques e Pedro (2004), o Festivale é um espaço de representatividade cultural do Vale do Jequitinhonha, um meio para resgatar e preservar a arte, a cultura, o meio ambiente e o patrimônio histórico através das lutas e a garantia de políticas públicas. É o momento de reafirmar as tradições do povo do Vale do Jequitinhonha, mas renovando-as a cada edição. Segundo Santos Júnior (2012, p. 08):

Desde o seu início em 1980, o Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha resiste para que as tradições do povo do Vale permaneçam vivas. Seu sotaque, sua música, o reisado, boi de janeiro, folias, contradança, tira-verso, batuque, congado, artesanato e a poesia. Um movimento que atravessou três décadas celebrou e também discutiu os rumos e as potencialidades de uma região tão peculiar, na sua diversidade cultural. (SANTOS JÚNIOR, 2012, p. 08)

² Música cantada na Festa do Rosário dos Homens Pretos de Araçuaí. Este Show do Coral Araras Grandes que se apresentou no Festivale chamava “Sá Rainha” e somente foram cantadas músicas da Festa do Rosário em homenagem a Nossa Senhora do Rosário.

³ Composição de Chico Buarque, lançada em 1981 e gravada por Elza Soares em seu primeiro DVD “Beba-me Elza Soares ao Vivo” no ano de 2007.

A escolha do recorte temporal para realização deste trabalho, entre 2018 e 2020, sendo o Festivale realizado respectivamente em 2018 na Cidade de Felisburgo-MG, 2019 na Cidade de Belmonte-BA e 2020 na Cidade do Serro-MG, deve-se ao fato deste período compreender uma gestão mais recente e que se manteve a mesma de organização do Festivale nesse período. Essa gestão foi realizada pela diretoria da Fecaje - Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha, que é o responsável pela realização do Festivale desde o ano de 1991⁴.

Esta escolha de período além de favorecer questões de planejamento e execução da pesquisa no sentido de realizar entrevistas com a diretoria da Fecaje, lideranças, artistas⁵ e o acesso às obras por compreender o período mais atual do cenário do Festivale, compreende também um período em que começam a acontecer no festival o Encontro de Mulheres, destaque importante e inovador dentro do evento que será discorrido mais à frente no trabalho.

A carência de trabalho nessa perspectiva de investigação da representatividade das mulheres no Festivale, bem como o apontamento desse Festival como referência para a cultura popular da região e do Estado, justifica a necessidade de entender a sua construção e o seu processo frente à desigualdade entre homens e mulheres no Brasil. As consequências de que desdobram essas desigualdades em diversos movimentos, seja cultural, político, social, a discussão da representatividade e a paridade política, social de mulheres tem sido pauta em diversos setores da sociedade. Segundo Servilha e Doula (2009) o evento “buscou a construção do diálogo entre a música e as questões sociais e iniciou a trajetória de um festival que se tornaria no futuro uma referência em cultura popular para todo o país”. Essa integração entre cultura popular e questões sociais na atualidade, dentro do evento, permite incluir e mais ainda, requer evidenciar que seja investigado uma leitura crítica do Vale do Jequitinhonha, conhecido como Vale da Cultura, sobre os aspectos que abrangem a representatividade de mulheres, na tentativa de pensar o seu processo histórico, suas continuidades e questionar a atuação e a relação dos agentes sociais que geram e mantêm este evento até os dias atuais.

⁴ A gestão da Fecaje nesse período era composta por: DIRETORIA EXECUTIVA: Diretor Executivo – José Augusto Francisco Pereira/Jequitinhonha. Diretor Executivo Adjunto - Maria Aparecida dos Santos Queiroz/Medina. Diretor Administrativo – Cristina Gonçalves de Aguiar/Medina, Diretor Administrativo Adjunto – Nilson Flávio Vieira Costa/Jequitinhonha. Diretor Financeiro - Andrette Ferraz/Itaobim. Diretor Financeiro Adjunto – Jardel Mendes/ Medina. CONSELHO DELIBERATIVO: TITULARES: Renato Paranhos/Salto da Divisa, Amanda Ferreira Alves/Jequitinhonha, Hodlaniery Pereira dos Santos/ Jequitinhonha, Reinado Gil Gomes/ Medina, Dilca Costa Ferraz/ Itaobim, SUPLENTE: Adriana Inácia de Almeida Gomes/ Medina, Mariane Barbosa de Oliveira/ Jequitinhonha, Mario de Oliveira Barbosa/ Jequitinhonha, CONSELHO FISCAL: TITULARES: Wellington Gomes Martins/ Medina, Jailson Pereira Costa/Medina, Genilson Dias/ Medina. SUPLENTE: Andressa Maria Ferraz Bizerra/ Itaobim, Ingrid Nathany Silva Santos/ Medina, Leonardo Alves/ Medina. Disponível em: <https://www.fecaje.org.br/fecaje/governan%C3%A7a-e-lideran%C3%A7a>. Acesso 13/jan/2022.

⁵ Para realização de propostas das entrevistas, o projeto foi submetido ao CEP- Comitê de ética e pesquisa, no qual foi aprovado sob o número do parecer 4.389.172.

O fato histórico e a atual recorrência de composição do Festivale ter como base as manifestações de grupos culturais, artesãos, artistas, e muitos participantes serem provenientes de comunidades rurais e ou de cidades que ainda permanecem características de vivências de espaços com sociabilidade quente⁶, é que justifica este trabalho se localizar dentro do Mestrado Interdisciplinar em Estudos Rurais, mais especificamente na linha de Sociedade e Cultura no Mundo Rural, uma vez que tem como foco “as trajetórias do coletivo e dos movimentos sociais no campo e nas pequenas cidades, às formas de mediação e aos papéis sociais que eles desempenham na construção dos territórios e do cotidiano, perpassados pelas complexas imbricações do “global”, “regional” e “local” (PPGER, 2021).

Na intenção de ampliar o debate da representatividade das mulheres no Festivale e colocar em debate a condição, conteúdo e simbologia dessa representatividade, a proposta deste trabalho foi analisar se há representatividade das mulheres no Festival- qual? Como ela se faz presente? Quais são as representações que se presentificam no Festival? Assim, por meio da coleta de dados das letras de 54 músicas e 28 poesias que concorreram nas edições entre 2018 e 2020, bem como realizar entrevistas junto aos atores que participaram dessas edições seja na condição de artistas (compositores ou intérpretes) liderança feminina e diretoria da Fecaje; e nesse sentido, investigar como se dá a participação das mulheres nas expressões artísticas, nos espaços de decisões mais significativos dentro do evento, averiguar o lugar das mulheres do Vale do Jequitinhonha nesse que se coloca como maior e mais importante evento de cultura popular da região.

Apresentamos abaixo o Vale do Jequitinhonha e o Festivale, suas principais características e peculiaridades. No capítulo 01 discorre-se sobre a questão da representatividade e representação das mulheres no Brasil, representatividade das mulheres no cenário artístico com grande destaque para a cena literária, e finaliza com um esboço da realização do 1º Festival de Mulheres nas artes, da década de 80 e uma apresentação de análise da presença de mulheres em festivais no século XXI. Já no capítulo 02 trataremos a abordagem da participação das mulheres em experiências locais de vivências na atividade de produção de cerâmica, vida literária e musical no Jequitinhonha. Serão analisadas essas expressões artísticas dentro do Festivale, bem como se dá a representatividade das mulheres em outros espaços e se há a existência de proposições para desenvolvimento e fortalecimento da participação das mulheres nos diversos espaços de expressão artística, gestão, coordenação

⁶ Conforme Marques (2005), sociabilidade quente são aqueles espaços nos quais as pessoas se conhecem ou se dispõem a tanto, produzem vínculos afetivos, compartilham crenças e valores, espaços nos quais constroem-se sentidos e significados de pertencimento e de comunidade; em suma, são espaços que comportam redes de relações primárias, calorosas.

e execução do Festivale. No capítulo 03 será analisado e utilizado por essa pesquisa de caráter qualitativa, tanto no que se refere à coleta das letras de músicas e poesias, bem como a realização das entrevistas, o método de análise de conteúdo para que os dados obtidos sejam compreendidos.

O Vale do Jequitinhonha e o Festivale

Primeiramente faz-se necessário uma breve explicação da localização da região do Vale do Jequitinhonha. De acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, essa região corresponde a sub-bacia hidrográfica do rio Jequitinhonha, sendo assim ocupa grande parte do nordeste do Estado de Minas Gerais e pequena porção do sudeste da Bahia. O rio que traz o nome da região nasce na cidade de Serro-MG e deságua em Belmonte na Bahia. Segundo Mascelani que cita Lima (2006) a população local classifica o Jequitinhonha mineiro em alto, médio e baixo. E neste trabalho será seguida essa mesma classificação por compreender que representa as diferenças histórico-culturais, sendo sub-regiões: o baixo com destaque para Almenara, o médio, na região de Araçuaí e alto Jequitinhonha com a histórica Diamantina.

O nome Jequitinhonha tem origem indígena e, segundo Guerreiro (2009, p. 83), “deriva de uma tradição indígena que deixavam uma armadilha para pegar peixe na beira do rio: certificando-se no dia seguinte de que no jequi tinha onha”. Moreno (2011) destaca que por ser um rio navegável, extenso e de extrema importância para Minas Gerais, perpassando por diversas regiões, ao rio foram registrados vários nomes:

O Jequitinhonha seguiu uma direção traçada pela natureza, recebendo diversos nomes, ora de origem histórica, ora de origem toponímica, tais como Massangano, Rio das Pedras, Rio de Areia, Jequitinhonha do Campo, Jequitinhonha das matas, Rio Encantado, Rio Grande, Giquiteon, Jeque-tinhong, Patixá, Yikitinhonha, Gacutinhonha, Jacutinhonha, Joquitinhonha, Rio Grande de Belmonte para finalmente receber o nome que traz até hoje (MORENO, 2011).

No século XVI, com a descoberta de ouro e diamante na região, começa a história de exploração do Jequitinhonha. Assim, logo a coroa portuguesa tem uma atenção a essa matéria prima regional. Nessa época a parte explorada é a região do alto, também a mais povoada. Com o decorrer da história, com a decadência da mineração no alto, assim, adentra-se no final do século XVIII a colonização no Baixo e Médio Jequitinhonha. Significativa destruição de matas e destribalização foram realizadas na região do Médio e Baixo. Para isso garantiram a instalação de poderio militar na região:

No vale do Jequitinhonha a expansão das áreas de mineração e da fronteira agrícola, a partir de 1800, trouxe para as margens do rio e seus afluentes, levas sucessivas de colonos, que invadiram o território indígena, levando a dizimação e aldeamento de diversas tribos, acarretando a extinção de algumas destas, a destruição de seus modos de vida, e sua organização cultural. (MORENO, 2011, p. 42)

No final do século XVIII soldados ocuparam a região, que acabaram por combater povos indígenas na missão de “garantir proteção das minas e garimpos”. Moreno descreve a condição do indígena na região:

Enquanto no alto os índios eram destruídos, caçados ou aldeados para fins de trabalho escravo, no médio e no baixo Jequitinhonha, os índios conseguiram refúgio por mais um tempo através de condições geográficas e pastoris favoráveis, que facilitavam a sua resistência contra as agressões dos aventureiros e caçadores. (MORENO, 2011, p. 51)

Em meio a essa exploração, expulsão e na verdade extermínio do povo indígena é que foi construindo a história dessa parte de Minas. Somado a isso e a sua formação populacional permeada de desigualdade social, somada à carência de investimento público e privado na região, a cruel presença estatal com privilégios a grandes empreendimentos em detrimento à agricultura familiar desde a década de 70 até os dias atuais e as complexas relações entre Estado e sociedade, sem participação ativa das populações locais é que dificultaram a emancipação da região.

Como citado acima, a região do Vale do Jequitinhonha era habitada por diversos povos indígenas, a exemplo dos Krenak, os Maxakali, os Pankararu, Aranã, e o processo colonizador se deu por muitas lutas contra esses povos. Logo então se conclui que a população que habita o Jequitinhonha traz as memórias sociais de indígenas, negros e brancos exploradores e colonizadores, sendo então significativamente apontada como região de muitos povos descendentes indígenas e africanos, que tem como característica a construção social da cultura popular como marca. Nesse sentido Soares (1997, p. 18) afirma:

E surgem maravilhas desses gestos silenciosos, das mãos indígenas e africanas: panelas, potes, pratos, máscaras, bonecas, caqueiros, rostos talhados na madeira, peneiras, esteiras, cordas... E nesse perpetuar-se surgem os cantos cadenciados das rodas, dos beira-mar, do batuque, da contradança, de folias, de reisados, congados, poesias, escritores, artistas de toda estirpe. (SOARES, 1997, p. 18)

Houve um tempo em que as tropas e movimento das canoas foram responsáveis pela comercialização da região, tanto nas cidades como nos povoados. Porém com a chegada das estradas de rodagens e outras formas de transportar mercadorias, o comércio no Vale então vive um novo processo de “paralisação na economia”, no fornecimento de matéria prima se entendido que explorar recursos naturais favorece a economia. Servilha e Doula (2009) observam que o Vale do Jequitinhonha pode ser compreendido como uma região que

sofreu constantes explorações, tanto de seus recursos humanos, quanto dos seus recursos naturais, ao longo da sua ocupação. E assim, como fonte de recursos naturais ou como local de convívio, construção de valores e conflitos e conjunto de paisagens que permearam o imaginário dos homens e a vida social. Servilha e Doula (2009), ainda pontuam que “o espaço está presente na construção das realidades socioeconômicas e culturais da região, transformando-as e sendo transformado por elas”.

A situação atual do Vale do Jequitinhonha que foi produzida historicamente permanece com forte exclusão social e negação do direito social, a saber a educação, a saúde, a assistência. Uma região que ocupa quase 15% do território de Minas Gerais e possui pouquíssimas instituições e estruturas estatais. Citando alguns exemplos, na área de segurança, em específico de proteção às mulheres, temos apenas delegacia da mulher na região do alto Jequitinhonha na cidade de Diamantina oficialmente desde setembro de 2002, e somente em agosto de 2006 com a Lei Maria da Penha o atendimento torna-se obrigatoriamente humanizado diferenciado. No campo educacional, se levarmos em consideração o ensino de cursos relacionados à expressão artística, temos o Conservatório Estadual de Música Lobo de Mesquita e Curso Técnico de Teatro integrado ao Ensino Médio do IFNMG, os dois localizados na cidade de Diamantina.

Convém citar a presença da UFVJM na região, onde entre os quatro Campi, apenas um se encontra no Vale, na cidade de Diamantina, e o próprio IFNMG, todas ainda muito recentes. Há um cenário em que muitas instituições sofrem com a rotatividade de servidores por não existir aparato que façam os concursados fixar um tempo nas cidades, fazendo com que muitas vezes não gere vínculo e ou comprometimento dos servidores nessas cidades⁷. Somado a isso, as pessoas também tentam se deslocar em remoção devido à existência precária relacionada à saúde, onde os serviços muitas vezes são recorridos na capital mineira. Outro agravante é a pouca representação política e dela possível decorrência de menor alocação de recursos na região se tornando muito inferior, comparada aos diversos lugares do Estado.

Talvez como forma de enfrentar esse contexto de carência e necessidades, a cultura popular se faz tão presente e forte, principalmente a partir da década de 70. Ao encontro a esse pensamento, Servilha e Doula (2009) entendem que a população do Vale utiliza a parte artística como “instrumento de construção de identidade e, ao mesmo tempo, de expressão das relações culturais e sociais.”

⁷ Percepção da autora pelo seu vínculo no IFNMG, tendo esta trabalhado junto à Gestão de Pessoas em que a alta rotatividade de servidores era pauta em algumas reuniões.

De fato, o Festivale nasceu da não aceitação da situação da região, que de forma estigmatizada a região do Vale do Jequitinhonha se tornava fortemente excluída do debate sobre seu presente e seu futuro, ou melhor dizendo, no momento em que o Vale era lembrado, seriam por quais interesses? No momento em que a região era lembrada seria por interesse em reforçar sua exploração através de um “discurso desenvolvimentista”, trazendo ao Vale através de órgãos do Governo de Minas Gerais, instituições de caráter desenvolvimentista, como a Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha - Codevale, criada em 1964, com a missão de planejar e executar projetos para o seu desenvolvimento⁸. Ao citar sobre a instituição, Soares (2020) afirma que apesar da boa vontade e da dedicação dos dirigentes e, principalmente, dos funcionários da Codevale, a instituição não tinha dotação orçamentária para implantar políticas que realmente contribuíssem para o desenvolvimento da região. O nosso povo, sabiamente, dizia: “AQUI, A CODEVALE NÃO ACODE, NEM VALE”.

Liderado pelo seu fundador Tadeu Martins Soares e seus amigos companheiros que moravam na Capital mineira e todos nascidos no Vale e indignados pela desolada realidade do Jequitinhonha estigmatizado de “Vale da Miséria, Vale da Fome, Vale do Marcha a Ré” fez com que se juntassem a outros inconformados, na intenção de melhorar a comunicação entre as cidades, estabelecer instituições populares organizadas, como associações e sindicatos e reforçar o trabalho de poucas que já existiam; para iniciar eles então criam o Jornal Geraes.

Para compreender o contexto de criação dessa importante manifestação cultural, artística e social (Festivale), faz-se necessário entender que na época de criação do Jornal Geraes, entre 1977 e 1978 o Brasil se encontrava no contexto da ditadura militar. O Jornal Geraes circulou por sete anos, através dele realizou o I Encontro de Compositores do Vale do Jequitinhonha, evento marcante para a região. Servilha e Doula (2009, *apud* Santos Júnior, 2012) aponta que esse encontro “buscou a construção do diálogo entre a música e as questões sociais e iniciou a trajetória de um festival que se tornaria no futuro uma referência em cultura popular para todo o país”.

Em 1980 nasce o Festivale, certamente ajudando a mudar a história cultural e política da região. Servilha e Doula (2009, *apud* Santos Júnior, 2012) compreende que “o Festivale se originou e consolidou da luta do movimento musical, das expectativas de artistas regionais, do encontro de atores e movimentos sociais presentes na região, da força do seu

⁸ Para essa discussão do discurso desenvolvimentista ver o capítulo “O discurso do desenvolvimento e a ação do Estado no Vale do Jequitinhonha” do livro *Diálogos Interdisciplinares no Vale do Jequitinhonha*, dos autores Santos (2019) e Mattos (2019) que problematizam a noção de desenvolvimento utilizada pelo Estado Brasileiro no Vale do Jequitinhonha entre as décadas de 1960 a 1980, onde os mesmos apontam que na prática não houve quase nenhum resultado relevante ou positivo para a região.

artesanato e das experiências do Jornal Gerais”. Logo, de acordo com esse entendimento, o Festivale se configura como uma ação coletiva que teve como participantes ativos vários movimentos sociais da região. O Festivale se torna um evento de maior referência em cultura popular e espaço para várias manifestações artísticas, culturais e sociais da região do Jequitinhonha (figuras 3, 4 e 5).

Desde o início dos anos 1980 até 1987 o Festivale era organizado pela gestão do Centro Cultural do Vale do Jequitinhonha – CCVJ; e outro grupo, o Movimento Cultural Popular do Vale do Jequitinhonha - MPCJ passa a comandar o Jornal Geraes. A partir de 1987 os dois grupos (CCVJ e MCPJ) assumem a organização do Festivale e criam a Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha – Fecaje, que atualmente é a responsável pela organização do evento.

Inicialmente o Festivale se concentrou em apresentar algumas manifestações artísticas de grupos de cultura popular, o festival da canção, o artesanato e a literatura. Com o passar dos anos e as próprias dinâmicas da sociedade, no festival foram incorporadas outras manifestações: noite literária, o conhecido concurso de poesias; mostra de vídeo e fotografia; oficinas variadas desde teatro, música à cultura indígena, mostra de cultura popular, mostra de coral, a feira de artesanato foi ganhando mais espaço, onde a cada ano se homenageia uma figura que se destaca na região, o protagonismo das questões LGBTQIA+ fortalecido pelas participações e resistência das *drag queens* (figura 6) dentro do evento.

Figura 3 – Felisburgo 2018: Grupos culturais em cortejo pela cidade



Fonte: Página do Festivale - Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha no Facebook, 2018.

Figura 4 – Felisburgo 2018: grupo Coquis da cidade de Rubim



Fonte: Página do Festivale - Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha no Facebook, 2018.

Figura 5 - Felisburgo 2018: roda de conversa com movimentos sociais e instituições



Fonte: Página do Festivale - Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha no Facebook, 2018.

Figura 6 - Felisburgo 2018: Apresentação das drag queens



Fonte: Página do Festivale - Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha no Facebook, 2018.

Em suas últimas três edições (2018 a 2020) uma inovadora conquista de lutas das mulheres é confirmada na programação oficial do evento. São os Encontros de Mulheres, espaço esse em formato de roda de conversa para discussão do fortalecimento do acesso e permanência representativa das mulheres a diferentes setores dentro do Festivale. Cada encontro teve um objetivo proposto ou tema.

O I Encontro foi realizado na cidade de Felisburgo-2018 com o tema da violência de gênero. Teve a presença de homens e mulheres de diferentes faixas etárias, contabilizando aproximadamente 50 participantes de 20 Cidades. Nesse encontro debateram-se dois pontos: o primeiro, a problemática da violência de gênero e a necessidade de discussão sobre as estruturas institucionais de enfrentamento à violência contra a mulher no Vale do Jequitinhonha, e outro ponto, a representatividade das mulheres em diversos espaços dentro do evento, ou seja, a necessidade de que o Festivale abra espaços para a participação das mulheres, para além da cozinha, mas também nas oficinas e nos palcos (poesias, músicas e outras premiações).

O II Encontro foi realizado em Belmonte-BA em 2019 e o tema era o feminino na arte da resistência, com o objetivo de analisar e discutir o papel das mulheres e do feminino na criação artística do Jequitinhonha. Diversas propostas foram elencadas para o próximo encontro, as propostas visavam tanto uma aproximação com as cidades sede do Festivale, com entidades que trabalham mulheres e políticas públicas, bem como o fortalecimento da própria

organização do encontro em organizar marcha de mulheres, e também prever que o encontro de mulheres seja um espaço de denúncia das violências vividas na cidade. Foi desse Festivale que as mulheres escreveram uma carta a Fecaje, com diversos apontamentos para contribuição do evento, bem como solicitações assinadas por diversos movimentos parceiros⁹.

O III Encontro trazia a seguinte questão: Onde estão as mulheres do Festivale? Onde estão as mulheres do Serro? Neste encontro foi realizada a marcha das mulheres pela cidade do Serro na intenção de divulgar o encontro tanto para os próprios festivaleiros, como para a cidade, com intuito de provocar o envolvimento de mais mulheres para o grupo (figura 7).

O evento se torna mais fortalecido certamente com a inserção desses encontros. Eles possibilitam a problematização, bem como as reflexões das relações sociais e seus conflitos, necessários à dinâmica democrática, a afirmação de saberes, mas também de promoção de valores que podem mobilizar políticas públicas e ações educativas/culturais que desnaturalizam as categorias de pobreza e legitima a diversidade dos povos e suas manifestações.

Figura 7 - Serro 2020: Encontro de Mulheres



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

⁹ Será apresentado mais à frente do trabalho de forma mais detalhada o conteúdo desta carta, bem como na íntegra no anexo ao final do trabalho.

CAPÍTULO I

A QUESTÃO DA REPRESENTATIVIDADE

1 UM ESBOÇO DA REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NO BRASIL

A questão da ocupação das mulheres em diversos espaços da atualidade nos leva primeiramente a repensarmos, sobretudo antes, como se dão as representações sociais das mulheres. Podemos pensar o conceito de representações sociais a partir da junção de dois termos: o filosófico e o sociológico. O primeiro, segundo Minayo (2003), “significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento”. O segundo, de acordo com Minayo (2003), se encaixaria como “categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a”.

Para completar, é relevante dizer que essas camadas de pensamentos, não são necessariamente imbuídas de forma consciente, pois ainda, para Minayo (2003): “embora essas categorias apareçam como elaboradas teoricamente por algum filósofo, elas são uma mistura das ideias das elites, das grandes massas e das filosofias correntes, e expressão das contradições vividas no plano das relações sociais de produção.” E é no entrelaçar dessas relações, permeadas por conflitos que certamente teremos a presença de duas forças: de um lado a dominação e de outro a resistência (MINAYO, 2003).

Para permear este trabalho que tem como foco central a discussão da representatividade, adotaremos o conceito elaborado por Almeida (2019, p. 67), que discorre a representatividade como um termo politicamente mais amplo, não apenas a ocupação de integrantes de minorias em funções do Estado ou em atividades político-partidárias. Para o autor, representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social. Considera-se que o conceito é pertinente as análises deste trabalho, pois se amplia a discussão para além da presença das minorias em determinadas posições, em que mesmo sendo ocupados lugares, podem continuar existindo variadas formas de preconceito e intolerância, como escreve o autor Almeida (2019, p. 67), “não há dúvidas de que a representatividade é um passo importante na luta contra o racismo e outras formas de discriminação, e há excelentes motivos para defendê-la”.

Mas o alerta pontuado sobre se contentar e ou justificar a representatividade com a existência das minorias em espaços de poder pode fazer com que se naturalize o combate às desigualdades como uma opção delegada meramente individual, a tentativa de cada indivíduo, logo se evidencia a meritocracia. Para Almeida (2019, p. 69), essa visão soa “quase delirante e

muito perigosa”, além do que argumenta que uma pessoa que alcançou posição de destaque pode não ser um representante, no sentido de vocalizar as demandas por igualdade do grupo racial ou sexual ao qual pertença e complementa o segundo argumento que “mesmo havendo o compromisso político do representante com o grupo racial ou sexual ao qual pertença, isso não implica que ele terá o poder necessário para alterar as estruturas políticas e econômicas que se servem do racismo e do sexismo para reproduzir as desigualdades”.

Trazer a compreensão dessa problemática na representação de grupo minoritário, que numa sociedade patriarcal muitas vezes as minorias são maioria, e no caso em específico das mulheres nos espaços de poder dentro do Festivale, por exemplo; é necessária para que se tenha o cuidado de não entender a representatividade com um fim definidor, e ou solucionador das questões que envolvem a discriminação no que se refere à participação das mulheres nos diversos espaços do evento.

Porém, é também fundamental não perder de vista que as contribuições de uma efetiva representatividade, aqui se pode chamar de representatividade de conteúdo e não apenas simbólica, das mulheres no festival de cultura popular, dois efeitos poderão ser considerados importantes pelo autor no combate à discriminação:

1 - propiciar a abertura de um espaço político para que as reivindicações das minorias possam ser repercutidas, especialmente quando a liderança conquistada for resultado de um projeto político coletivo; 2 - desmantelar as narrativas discriminatórias que sempre colocam minorias em locais de subalternidade. Isso pode servir para que, por exemplo, mulheres negras questionem o lugar social que o imaginário racista lhes reserva (ALMEIDA, p. 68).

E é tomando essas possibilidades no que se refere à representatividade que se pretende neste trabalho desvelar como se dá o processo histórico de participação das mulheres com o olhar a partir da vivência delas dentro do Festivale, bem como dos lugares que elas ocupam.

Considerando as conquistas das mulheres no Estado Brasileiro nas últimas décadas, ou melhor, pós Constituição de 1988 e considerando os inúmeros avanços que ainda são necessários a fazer, é importante revisar a trajetória de exclusão da mulher como cidadã no século XIX no nosso país num recorte de duas dimensões: educação e política. Considerada por estudiosos, tanto o século XIX, assim como as dimensões da educação e política, são elementos essenciais para a compreensão de entendimento de onde chegamos, permitindo rever nosso processo formativo enquanto país, mas também possibilita questionar como se dá a exclusão ou a reorganização de novas formas de exclusão com relação às mulheres no século XXI para outras dimensões, e aqui importa investigar mais a frente o

campo da cultura popular. Interessa-nos apontar a importância do processo democrático, em que por meio deste se faz a demanda em garantir a representatividade como forma de política afirmativa de direito, na qual a inclusão social visa rever e reparar a injustiça dirigida aos que foram mantidos desiguais.

1.1 Século XIX - o não lugar da Mulher - a negação da condição de sujeito social e político

As constituições de 1824, outorgada durante o Império brasileiro, e a constituição de 1891 da primeira República, não descrevem e ou reconhecem a mulher como cidadã. Ainda sobre a Constituição de 1824, a socióloga Ana Prestes (2020), descreve que:

a Constituição de 1824 delimitava as mulheres ao mundo privado das tarefas domésticas. No texto constitucional só se fala da mulher na condição de esposa de imperador e das princesas, suas filhas. Estava previsto que a mulher poderia governar apenas por sucessão. A mulher não podia ser funcionária pública e não era considerada pertencente ao universo de cidadãos (PRESTES, 2020).

A justificativa de não categorizar as mulheres como cidadãs se dá no artigo 90 desta constituição, que dizia que só a massa dos cidadãos ativos é que goza de direitos políticos, afirma Prestes (2020). Nessa conta de inativos para a política brasileira entraram as mulheres, os escravizados, os não instruídos e todas as pessoas sem acessos a bens e renda. Ainda, segundo Teresa Cristina Marques (2018), o conceito de cidadão naquela época, um substantivo masculino, era baseado na constituição francesa que não aceitava voto de mulheres, espelho para construção da constituição de 1824 aqui no Brasil, que somada da palavra ativos, ou seja, cidadãos ativos foi intencionalmente registrado dessa forma, uma vez que no vocabulário jurídico as mulheres seriam cidadãs passivas ou inativas. Logo, ao expressarem dessa forma, mesmo que não unanimemente entendido por todos os juristas e conselheiros da época, o termo se aplicava aos homens com mais de 25 anos e certa condição financeira, excluindo totalmente as mulheres.

Importante destacar que nesse período as mulheres negras eram escravizadas, e mesmo não sendo consideradas cidadãs como as mulheres brancas, suas condições eram de outra ordem, da desumanidade; mas na contraordem da dominação, segundo Prestes (2020) as mulheres negras se organizavam em quilombos contra o processo escravagista marcando a participação política dessas mulheres ainda de modo marginal e clandestino. Já Carvalho (2007) nos diz que no período imperial, as irmandades dos homens pretos, permitiram experiências de participação política, nas quais homens e mulheres escravizados via a

irmandade e as festas dirigidas a Nossa Senhora do Rosário ocupavam outros lugares sociais e assumiram identidades de reis e rainhas, numa inversão dos papéis sociais. A religiosidade popular, as festas e as expressões culturais da capoeira e da música, produziram e garantiram formas de resistência, nos quais se podem encontrar vestígios de participação social.

No âmbito educacional, o ano 1827 é um marco pelo fato de no currículo escolar, por meio da primeira grande lei na educação, se instituir uma divisão do que as mulheres e homens poderiam e deveriam estudar. Todas as disciplinas que apenas pouquíssimas mulheres (brancas) cursaram, eram permitidas porque acrescentariam conhecimento que fosse contribuir para o casamento segundo Westin (2020). Outro fator curioso e aqui pensando nas mulheres de elite e no campo da expressão artística é que era possível o acesso à aprendizagem de instrumentos musicais, como piano por exemplo. Num debate no Senado eis a fala do senador Marquês de Caravelas (BA):

Basta-lhes o saber ler, escrever as quatro primeiras operações da aritmética. Se querem dar-lhes algumas prendas mais, ensinem-lhes a cantar e tocar, prendas que vão aumentar a sua beleza. O que importa é que elas sejam bem instruídas na economia da casa, para que o marido não se veja obrigado a entrar nos arranjos domésticos, distraíndo-se dos seus negócios (WESTIN, 2020).

Observamos que “aumentar a sua beleza” estaria muito mais no sentido de mais uma prenda que serviria ao casamento, do que algo para a mulher. O senador ainda reforça a ideia de que homem não deve se misturar nas tarefas domésticas, separando dessa forma que às mulheres brancas são reservados o domínio do privado e o homem do público. A capacidade intelectual das mulheres/meninas como algo muito menor que as dos homens/meninos foi documentada nesta lei educacional do império ao registrar a oferta nas escolas femininas de aulas de prendas domésticas de corte, costuras, bordado, enquanto, aos meninos várias operações matemáticas, além de somente as quatro básicas que poderiam ser ofertadas as meninas.

Outra amostra de como se organizava o sistema patriarcal, que ditava regras desde o ambiente doméstico ao formal, é que no campo do trabalho da época, o fato de que, por lei, somente mulher professora e brasileira poderia ensinar as meninas. Segundo Westin (2020):

Por questões morais e religiosas, não se admitia que um homem tivesse proximidade com uma menina, nem mesmo na sala de aula. Como as garotas historicamente recebiam menos educação escolar do que os garotos, praticamente não existiam no Brasil mulheres qualificadas para ensinar aritmética e geometria nas escolas femininas (WESTIN, 2020).

O resgate do processo histórico, marcadamente colonial e edificado sobre o patriarcado, que segundo Saffioti (2011, p. 56) “é o regime atual de relação homem-mulher,

regime este de dominação-exploração masculina sobre as mulheres”, observa-se como essa situação se retroalimentavam. As meninas não poderiam estudar certas disciplinas e por outro lado não haveria no país mulher qualificada para tal função, e de como a religião católica- era um fator determinante na construção de leis que regiam o país.

No plano político, no Brasil imperial do século XIX, no que diz respeito à possibilidade de votar para as mulheres brasileiras (e aqui volto a mencionar que essa condição era discutida somente para as mulheres de elite) houve uma tentativa no ano de 1831, do então, deputado José Bonifácio de propor a elaboração de um projeto de reforma eleitoral, em que algumas mulheres pudessem votar. Seriam as mulheres chefes de famílias, viúvas ou separadas, pois às casadas não era cogitada essa possibilidade, uma vez que tinham seus maridos para tal feito. Mas essa permissão para votar, segundo esse projeto, seria delegado a algum parente próximo e claro, teria de ser homem. Segundo Prestes (2020), este projeto não foi aprovado, mas foi uma primeira iniciativa, uma vez que na época, não havia um movimento organizado de mulheres que demandassem esses direitos.

Somente na segunda metade do século XIX, tanto no mundo, como no Brasil, de forma mais potente e com propósito mais progressista, as lutas abolicionistas, direito à educação e sufrágio tomam mais destaque. No Brasil publica-se, em 1853, o primeiro “Jornal das Senhoras” e em 1860 essas mulheres brancas e urbanas se envolvem em atividades de caridade. Segundo Prestes (2020), “o sufrágio chega ao Brasil antes da república velha. Era liderado por mulheres de classe média, urbana e instruídas. Operárias e mulheres pobres também participavam”. Porém, somente em 1891, tivemos as primeiras discussões constitucionais sobre o direito de as mulheres serem votadas e de votar, mas sem sucesso de aprovação na constituição de 1891.

Pensando nessa negação dos direitos eleitorais às mulheres, e nas justificativas sociais dessa negação Prestes (2020) argumenta que prevaleceu uma ideia entre os homens brasileiros de que dar a mulher o direito ao voto (o que remete à participação política) abalaria os alicerces da família. Permanecia ainda nessa época a referência de cidadão somente aos homens brancos mesmo que na CF não estivesse claro o termo e por omissão, segundo Marques (2018), “o texto final da Constituição de 1891 não deixou claro que as mulheres tinham o direito de votar, mas também não as impediu.” A autora observa também que, “na dúvida, as juntas de alistamento eleitoral interpretaram literalmente a palavra cidadão contida na carta e, desse modo, rejeitaram os insistentes pedidos de alistamento eleitoral de mulheres adultas e escolarizadas”. Esse argumento de “abalo à família”, com clara expressão sexista, é ainda marcante nas discussões entre a esfera pública e privada e ainda implica em reflexões

teórica e prática sobre uma divisão sexual do trabalho. Referenciando aos dias atuais, em 2016 a primeira mulher presidente eleita no Brasil, a presidente Dilma Rousseff sofreu impeachment através de uma denúncia por improbidade administrativa (realização de operação econômica conhecida como pedalada fiscal) aceita pelo presidente da câmara Eduardo Cunha e aprovada tanto pela câmara, como pelo Senado.

Apesar de não ter sido comprovado o crime de responsabilidade, a primeira mulher a presidir a república brasileira foi retirada configurando dessa forma golpe político. Passados 5 anos, já agora em 2021 enquanto escrevo este trabalho o mundo vive desde março de 2020 uma pandemia da COVID 19. O Brasil, presidido por Jair Messias Bolsonaro tem como destaque estarrecedor uma das piores gestões no combate à pandemia¹⁰. Estudo aponta que se nosso país tivesse tido responsabilidade efetiva de controle da covid 19, existia a grande possibilidade de termos evitado a morte em um ano de aproximadamente 300 mil pessoas (SENADO FEDERAL, 2021).

A Câmara Federal tem em sua posse mais de 125 pedidos de impeachment de Bolsonaro, mais de 100 e-mails enviados pela empresa da vacina estadunidense Pfizer ofertando a vacina e nenhuma resposta do governo e ainda o governo é suspeito de superfaturar a vacina Covacin, suspeita essa sendo interrogada pela CPI- Comissão Parlamentar de Inquérito. O presidente é chamado pela oposição de Genocida, por ter feito publicamente incentivo recorrente ao não uso de métodos preventivos da doença, além do que foi a favor da chamada imunidade de rebanho, este sem nenhuma evidência científica, aqui se conclui o crime de genocídio, organizado politicamente, intencionalmente planejado e sistematizado.

Este crime de responsabilidade por Bolsonaro levantado pela oposição foi pesquisado e comprovado por estudiosos da USP (BRUM, 2021). Até a metade do ano de 2021 nenhum pedido de impeachment foi aceito pelo presidente da Câmara, Arthur Lira. Por esses dois exemplos é escancarado como é tratado de forma diferente (e inclusive no maior cargo público) um homem e uma mulher nesse país. Somada a essa estrutura hegemônica de elite neoliberal que controla os aparelhos de meios de comunicação, jurídico, econômico e político; existe uma expressiva opressão social que sofreu a presidente Dilma no referido caso comparativo, aqui eu nomeio essa opressão como machismo. O machismo revela-nos como a

¹⁰ Até julho de 2021 o país contava com mais de 530 mil mortes, sendo que existia vacina e proposta para a compra das vacinas ao Brasil desde dezembro de 2020. Em agosto de 2022 o país registra cerca de 680 mil mortes. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em agosto 2022.

sociedade brasileira se estrutura e funciona, sendo ela um sistema patriarcal, heteronormativo, branco e cristão.

1.2 Século XX e XXI - participação das mulheres na política e direitos civis

O direito ao voto no Brasil só foi conquistado após 4 décadas desde nossa primeira constituição federal republicana de 1891¹¹. Muita organização e luta das mulheres até chegarem em 1934 impulsionadas pelos acontecimentos ao redor do planeta como revolução russa, lutas feministas, sufrágismo na Europa, primeira guerra mundial.

Até chegarmos à Constituição Federal de 1934, existia no nosso país o Código Civil de 1916 em que determinava status de civilidade a mulher com vínculo primordial ao seu casamento, logo, ao homem. Exemplos de não previsão de divórcio, a mulher era obrigada adotar o nome do marido, o mesmo decidia tudo com relação aos filhos e caso dele descobrir que sua esposa não era virgem, era permitido a ele solicitar anulação do casamento, dispositivo legal que perdurou até o ano de 2003 no código civil brasileiro.

Uma grande personalidade que fez diferença nessa conquista foi a professora Leolinda Daltro que dirigiu a Escola de ciências, arte e profissões no Rio de Janeiro. Dedicou a luta pelos direitos políticos e causas indígenas, segundo Ruy Castro (2018), a sua primeira bandeira foi pela incorporação dos indígenas à sociedade através da alfabetização laica, ou seja, sem interferência dos padres, pois descobrira cedo que a catequese era apenas o catecismo católico em ação — e, em troca, como provocação, propôs o ensino do tupi nas escolas “brancas”. Leolinda também foi pioneira na organização de partido político dedicado às causas da mulher, pois entendia que para conseguir avançar com suas causas, seja das questões da educação, bem como indígenas, teria de adentrar ao mundo da organização partidária.

Em 1932, por meio de decreto, as mulheres alfabetizadas (aqui o decreto não contempla muitas mulheres com o direito ao voto, a exemplo das negras e mulheres analfabetas), com idade superior a 21 anos, sem restrições quanto ao estado civil poderiam se alistar e em 1934 elas teriam o direito facultativo de votar e serem votadas. Dessa forma, registra-se que em 1934, elegeu-se Antonieta de Barros, primeira parlamentar negra, brasileira, de Santa Catarina, notadamente sendo ela uma personagem importante no recorte racial da luta das mulheres do século XX.

¹¹ Conforme José Murilo de Carvalho em seu livro: *Cidadania no Brasil, um longo caminho* (2002), a república foi o primeiro golpe militar brasileiro, no qual a elite agrária, por questões econômicas, não sociais e ou políticas, optaram pela república.

Outra personalidade central, na conquista do sufrágio brasileiro, foi Bertha Lutz, bióloga efetivada em concurso público e advogada de formação, tomou posse como deputada federal em 1936, assumindo sua suplência por motivo de falecimento do titular. Ela também se torna uma representante do Brasil em diversos eventos, inclusive no cenário internacional, escrevendo cartas e artigos. Com relação a essa participação internacional vale mencionar que segundo Marques (2018, p. 86) “foi a primeira mulher a integrar uma delegação diplomática brasileira, em 1945, na conferência em que foi redigida a Carta das Nações Unidas”. Nessa conferência Bertha foi a responsável por defender na redação da carta o item “direito das mulheres” na carta da ONU.

Porém, como no nosso país a democracia e a república não advém da luta coletiva do povo, mas do golpe de estado da elite agrária, o pensamento democrático e republicano é feito de avanços e retrocessos e no campo político ocorre o Estado de recessão entre os anos de 1937 e 1945 e é fechado o congresso nacional. Mas em 1946 o voto das mulheres passa a ser dever igualitário aos homens, ou seja, obrigatório.

Somente nas décadas de 1960 e 1970 ocorrem alterações na legislação que impactam a vida das mulheres casadas, que passaram a terem direito de trabalharem fora, serem consideradas chefes de família via reforma no código civil, direito à aposentadoria integral na CF de 1967, discussão de pautas relacionadas ao direito reprodutivo com a chegada da pílula concepcional no Brasil, diversos centros, congressos e seminários ocorrem para discutir a situação em vários âmbitos da condição de ser mulher na sociedade brasileira, aprovação da lei do divórcio, permitindo homens e mulheres legitimaram caso desejem segundo casamento, eleições das primeiras deputadas federais e senadoras. Destaca-se que tais direitos vinculam às mulheres brancas, pois o casamento e os direitos dele decorrentes dizem da condição social de determinadas classes.

Aqui cabe realçar que nos anos 1980 se destaca a mineira Lélia Gonzalez, intelectual e feminista negra que se mudou para o Rio de Janeiro, trabalhou com pesquisas relacionadas a gênero e etnia, pioneira na oferta de cursos sobre cultura negra e ainda se candidatou 2 vezes na década de 80 como deputada, ficando nos dois pleitos como suplente. Lélia destaca-se ainda pela fundação com outros companheiros, do Movimento Negro Unificado - MNU, do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras - IPCN e do Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga, e ainda como membro atuante do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – CNMD (DUARTE; CARMO; LUZ, 2008).

O fato de termos vividos anos no Brasil com essa exclusão ou extrema limitação das mulheres no direito à educação, fez com que por anos e por consequência as mulheres

acessem ainda de forma muito estreita seus direitos e uma participação política efetiva; portanto ainda há pouca representatividade das mulheres na dimensão política a exemplo das políticas afirmativas de direito, equidade via cotas de participação política em partidos políticos. Ressalta-se que esses limites e estreita participação válidos para as mulheres brancas, acentua-se muito mais as mulheres negras.

As decisões no nosso país, assim como no império eram tomadas pelos senadores e deputados conservadores, ainda hoje são tomadas por homens; o que revela a reprodução do sistema político social e cultural patriarcal de supremacia branca, onde racismo, sexismo e desigualdades sociais são consequências. Segundo Birolli e Miguel (2014, p. 12) “a decisão sobre leis e políticas que afetam diretamente as mulheres é feita no Brasil, ainda hoje e como foi ao longo de toda a nossa história por homens”. Essa discussão merece atenção, pois num país em que o número de mulheres é superior aos homens, sendo as mulheres componentes de 51,8% da população e os homens 48,2%, as mulheres estão sendo sub-representadas, sendo que ainda será necessário nos atermos à complexidade de diversos grupos dessas mulheres.

Para termos uma exemplificação dessas sub-representatividade um breve esboço das eleições municipais de 2020, uma vez que o perfil do eleitorado segue a situação de maioria feminina que compõe de 52,5% por mulheres e 47,5% de homens. Na contramão dessa maioria de votantes ser composto por mulheres, apenas 13,2% do total de vagas concorrentes às prefeituras em todo o país, foram ocupadas por mulheres. Dentro desse total, a representação das capitais do país nas eleições no primeiro turno (das 25 capitais) apenas uma será comandada por uma mulher. Ainda no recorte de mulheres no campo político teremos ainda uma sub-representatividade maior no quesito cor/raça quando se trata das candidaturas, com o total de 10,7% de mulheres que se declararam pretas e 49,5% se declararam brancas.

Mesmo após a promulgação da constituição de 1988 que aprovou direitos às mulheres como licença-maternidade de quatro meses; aposentadoria aos sessenta anos de idade ou trinta de serviço; número de divórcio ilimitado, muitas lutas por cidadania e equidade continuam a serem pautas no Brasil, inclusive referente aos próprios direitos já conquistados, afinal essas mudanças não ocorrem de forma natural, intensos conflitos antecederam e ainda estão em curso no país.

O movimento feminista (que são diversos) apoiado por outros grupos ou indivíduos encabeça essa luta. E mesmo que as mulheres tenham sido reconhecidas iguais aos homens em direitos e obrigações na CF de 1988, as mulheres ainda travam uma batalha não

vencida que é a questão da violência contra mulher e feminicídio, situação essa agravada na pandemia em 2020/2021.

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos – CIDH reitera que, no tocante à vitimização de mulheres em assassinatos por razões de gênero, também tendem a incidir fatores interseccionais de discriminação, que as expõem ainda mais a vulnerabilidade. Dessa forma, as mulheres afrodescendentes sofrem os efeitos cumulativos de exclusão, discriminação e violência em função do seu gênero, agravado pela discriminação racial estrutural com base na sua origem étnico-racial (CIDH, 2021).

1.3 Um esboço da representatividade das mulheres na criação artística

Ao pensar sobre as conquistas, ou melhor dizendo, das não conquistas e ou representatividade das mulheres na história da arte no mundo ocidental, especificamente nas artes visuais, a filósofa e professora Linda Nochlin escreve um artigo publicado em 1971 intitulado “Porque não existem grandes mulheres artistas?”. Nele, a escritora discorre de como usamos de várias tentativas para responder a essa pergunta na intenção de produzir concordância com trabalhos que mostrem que temos sim artistas que se equiparam aos homens, em que as mesmas foram negligenciadas e ou que existe um tipo de arte distinta e específica que a mulher produz baseada na situação de ser mulher e cada mulher em seu tempo. Porém, para a professora de arte moderna, essas tentativas têm sentido de contribuição nas questões feministas, mas a resposta está de fato centrada na naturalização dos processos narrativos de nossa educação e das nossas instituições. A autora nos diz:

A culpa não está nos astros, em nossos hormônios, nos nossos ciclos menstruais ou em nosso vazio interior, mas sim em nossas instituições e em nossa educação, entendida como tudo o que acontece no momento que entramos nesse mundo cheio de significados, símbolos, signos e sinais. Na verdade, o milagre é, dadas as esmagadoras chances contra as mulheres ou negros, que muitos destes ainda tenham conseguido alcançar absoluta excelência em territórios de prerrogativa masculina e branca como a ciência, a política e as artes. (NOCHLIN, 1971, p.8)

Partindo do fato dessas não-ocupações pelas mulheres e da visibilidade sempre dada aos homens, em seu texto *Cadê a escritora que estava aqui? O patriarcado comeu*, Herena Barcelos (2020)¹² inicia a discussão de forma a compreender o que seria a representatividade das mulheres nas artes onde nos dizem Walker (2013) e Capelli *et al.* (2018), se todo o papel social feminino era formatado por imposição, evidentemente na área

¹² Este ensaio foi cedido gentilmente a mim pela autora durante contato com a mesma sobre minha pesquisa ao solicitá-la letras de poesias classificadas no Festival dos anos de 2018 e 2019, na qual ela fez parte da composição da comissão organizadora da Noite Literária. Logo, toda vez que a autora for mencionada neste trabalho será pelos seus escritos desse texto que ainda não foi publicado.

artística a participação das mulheres se fazia limitada aos padrões desenhados pelo patriarcado.

No mundo ocidental ao se pensar na arte, aqui retratando dos séculos XV ao XX, no campo da pintura, as mulheres foram objeto de representação. As obras: o quadro *Nascimento da Vênus* do italiano Sandro Botticelli (XV), o famoso quadro de *Mona Lisa* de Leonardo da Vinci (XVI), o quadro *O Beijo* de Klimt (XX), todas têm a mulher branca idealizada como representação universal direcionada a perspectiva masculina cultural supremacista branca. E aqui se dialoga com o entendimento de hooks (2019) em que este termo está ligado a circunstâncias relacionadas à ideologia racista e ao colonialismo em que as narrativas culturais e a produção do conhecimento partem do ponto de vista de pessoas brancas.

Nesse sentido, todos esses famosos quadros foram feitos por artistas homens de forma a contemplar e assim reforçar claramente essas imagens de mulheres brancas que serviram e ainda servem a perpetuação de uma estética ideal de existir nesse mundo como mulher. Essas imagens para Cunha (2016), “produz, conseqüentemente, efeitos sobre os modos de pensar, ver e viver as noções de gênero, raça e sexualidade”.

Não obstante aos questionamentos sobre relação mulheres e arte no Brasil, das condições de vida das mulheres explicitadas acima, que não eram consideradas nem cidadãs no início do século XIX, ganham expressividade algumas mulheres no campo literário brasileiro na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Essa trajetória literária no Brasil de ocupação, mesmo que por pouquíssimas mulheres (quase totalidade branca) comparadas à ocupação por homens, acompanhava o desenvolvimento do feminismo, este denominado por hooks (2019) “como movimento contra o machismo e a opressão sexista”. A produção literária brasileira, aqui se entende como um conjunto de trabalhos literários, ora estritamente trabalhos artísticos, ora produção textual com postura mais jornalística¹³.

No começo do século XIX vinculada à luta das mulheres pela educação como direito básico (ler e escrever) algumas poucas mulheres abriram caminho, escreveram livros e os publicaram. Dessa forma pretende-se aqui registrar que houve mulheres escritoras antes do século XX (apesar da grande maioria da população feminina não ser considerada cidadã) e que cujas obras hoje não são conhecidas do grande público. A esse apagamento dá-se o nome

¹³ Muitas dessas mulheres acumularam em seu trabalho na época ao mesmo tempo produções artísticas e publicações jornalísticas, por isso a citação também da produção jornalística.

de memoricídio¹⁴, que é a eliminação de patrimônio que simboliza a resistência a partir do passado. No caso estudado é o apagamento de mulheres que tiveram representatividade e protagonismo em seu tempo de vida e hoje nada ou quase nada se conhece da sua obra. Essas mulheres “educadas” encararam as opiniões e discurso diferentes de seu tempo. Segundo a pesquisadora Zahide Muzart (2003), conforme citado por Duarte (2008):

(...) no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente (MUZART, 2003 *apud* DUARTE, 2008).

Entre os nomes de destaque dessa época está a mineira Beatriz Brandão, educadora que se mudou para o Rio de Janeiro e que participou de entidades literárias e artísticas importantes, porém somente teve seus escritos publicados após sua morte em 1868, quando a então imperatriz Teresa Cristina, de quem era amiga deu encaminhamento para publicação mais tarde.

Nesse contexto, um nome um pouco mais conhecido é da Nísia Floresta, que além de publicar textos em grandes jornais da época, segundo Duarte (2008) “seu primeiro livro, intitulado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, é também o primeiro no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e a exigir que elas fossem consideradas inteligentes e merecedoras de respeito.” Nísia foi também responsável e pioneira na tradução de diversos livros de autoras da Europa que tratavam da discussão do pensamento feminista. Após diversas publicações de livros posteriores Nísia Floresta vem a defender, conforme observado por Duarte (2008), que o progresso (ou o atraso) de uma sociedade deve ser avaliado pela importância atribuída às mulheres, como também inúmeros filósofos e pensadores, o que vem reiterar seu constante diálogo com o pensamento crítico de seu tempo. Já no destaque referente a contos e versos, Ana Eurídice Eufrosina é a escritora em evidência. Ela, muito jovem, da cidade de Porto Alegre, publicou o livro *A philosofa por amor* (1845), e, influenciada por Nísia Floresta escreveu uma pequena peça de teatro com reivindicações femininas que abordavam temas como “a convicção na capacidade da mulher para exercer cargos de comando, sua competência para estudar e o discernimento para opinar sobre momentos importantes do país, no caso, a Revolução Farroupilha”, de acordo com Muzart (1999, p. 62, *apud* Duarte, 2008).

¹⁴ Termo que conheci explicitado na palestra Dia Internacional da Mulher e a contribuição de Maria Firmina dos Reis pela professora Maria Carolina Medeiros no Canal Procuradoria Geral do Estado do Maranhão. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=amss1Zikjwo>>. Acesso em 20 mar. 2021.

Um destaque para o ano de 1859 é a publicação do livro *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis, mulher negra, poeta da região norte do país. Ela marcou sua trajetória no campo literário tornando professora e escritora numa época em que até as mulheres brancas privilegiadas eram negados esses direitos. Pensando nessa representatividade de um corpo negro e relembrando a relação conflituosa das relações entre dominados e resistência, hooks (2019) relembra que Michel Foucault em grande parte do seu trabalho insiste em descrever as relações em termos de “relações de poder”, como parte de um esforço para desafiar a premissa de que o “poder é um sistema de dominação que controla tudo e não deixa espaço para a liberdade”. O pensador declara enfaticamente que em todas as relações de poder “existe necessariamente a possibilidade de resistência”. Foi nesse caminho que Maria Firmino dos Reis, filha de uma escravizada, enveredou subvertendo a ordem da época, escrevendo textos literários na primeira pessoa, prática não usada pelos escritores e usando da poesia para retratar seu tempo e fazendo denúncia social.

Já adentrando o século XX com um formato mais organizado de suas produções e tendo no país o movimento da Semana da Arte Moderna, as mulheres (brancas e da elite e ou com relações próximas à elite) assumiram um pouco mais o cenário. Conforme Duarte (2008), nomes como Maria Lacerda de Moura com publicações de livros que discutiam a educação sexual como *Em torno da educação* (1918) e *A mulher degenerada* (1924); Eugênia Moreira, mineira que além de ser repórter de alguns jornais, defendeu o movimento modernista nas letras e nas artes, bem como a renovação do teatro brasileiro.

A escritora Ercília Nogueira Cobra, era conhecida por sua produção polêmica. Foi detida várias vezes ao escrever no ano de Semana da Arte Moderna (1922), *Virgindade Inútil: novela de uma revoltada*, que trazia a discussão da exploração sexual e trabalhista da mulher. Esse livro lhe rendeu muitas críticas de seus contemporâneos. Mas outros também foram publicados como *Virgindade anti-higiênica - preconceitos e convenções hipócritas* (1924) e *Virgindade inútil e anti-higiênica – novela libelística contra a sensualidade egoísta dos homens* (1931).

A escritora romancista Júlia Lopes de Almeida em que o escritor Castro (2018) diz “que ocupava quase diariamente os auditórios, teatros e salões com conferências pela paz ou contra a Alemanha” - essa referência se faz porque na época estava em vias no mundo a primeira guerra mundial- foi também uma escritora que ocupou o mercado em torno de 1918. Júlia era um fenômeno de sucesso editorial e produtividade. Escreveu romances, contos, novelas, peças de teatro, sendo uma contestadora republicana, abolicionista e anticlerical, era uma escritora profissional conforme descreve Castro (2018). E mesmo tendo essa

independência, volume e qualidade em suas obras, contribuindo junto de Machado de Assis na fundação da Academia Brasileira de Letras - ABL, ela não foi admitida como membro. A justificativa era de que a exemplo da academia francesa não se podia admitir mulheres. No seu lugar ocupou o seu marido Filinto de Almeida, que também era escritor.

Confirmando Barcelos (2020), somente 80 anos após a fundação de ABL, é que uma mulher assume esse posto, sendo a escritora Raquel de Queiroz em 1977, no qual foram realizadas mudanças regimentais após muitas discussões e tentativas de candidaturas femininas serem recusadas em décadas anteriores. Até então era restringido por regulamento a candidatura de mulher para a ABL. Para Barcelos que cita Capelli *et al.* (2018), a exclusão na ABL é uma ilustração fidedigna do processo de apagamento, e preocupante, tendo em vista ser a instituição literária mais importante do país.

Desde sua fundação a representatividade das mulheres na ocupação dessas cadeiras é significativamente inferior. Recentemente, no ano de 2018, a escritora negra Conceição Evaristo se candidatou ao posto da cadeira imortal da instituição e ela seria a primeira mulher negra a ocupá-la. A escritora, após saber de uma campanha on-line de mais de 20 mil assinaturas em seu apoio a concorrer ao pleito, optou por diferenciar a sua candidatura cumprindo apenas formalmente o que o regimento diz, se recusando a cumprir protocolos e regras não escritas até muito tempo antes das eleições, em torno de uma vida social junto aos que já ocupam a cadeira. Ela teve apenas um voto e acrescenta que há um impedimento racista de reconhecimento de ocupação dentro da ABL (CAMPOS, BIANCHI, 2018). A escritora explica:

“há esse imaginário que se faz da mulher negra que samba muito bem, dança, canta, cozinha, faz o sexo gostoso, cuida do corpo do outro, da casa da madame, dos filhos da madame. Mas reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, o imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe”. (Entrevista de Conceição Evaristo à Carta Capital, 2018).

Atualmente apenas 5 mulheres ocupam as cadeiras dentre os 40 membros atuais, e todos os corpos femininos são brancos. São elas: Nélida Piñon, Ana Maria Machado, Cleonice Berardinelli, Rosiska Darcy de Oliveira e Fernanda Montenegro (ABL, 2022).

No ano de 1921, a ABL promove um concurso literário e Rosalina Coelho Lisboa conquista o prêmio com o livro *Rito Pagão*. A escritora defendia a participação da mulher na política, e a igualdade de direitos entre os sexos e segundo Duarte (2008) foi a primeira mulher designada pelo governo brasileiro para uma missão cultural no exterior em Montevideu, em 1932.

Outro nome um pouco mais conhecido dos dias atuais é Gilka Machado com publicação de livros com conteúdos eróticos a exemplo de *Meu Glorioso Pecado*. Se até os dias atuais permanecemos sob a presunção dessa sociedade patriarcal e cristã, para a época era extremamente subversiva segundo Duarte (2008) que ainda considera que como poucas escritoras de seu tempo, Gilka promoveu a ruptura dos paradigmas masculinos dominantes e contribuiu para a emancipação da sexualidade feminina. Além dessa contribuição como poetisa, a escritora se aliou a Leolinda na formação da organização partidária, o Republicano Feminina.

A Semana da Arte Moderna ocorreu em 1922. Vale ressaltar que não iniciou neste ano uma nova visão sobre a produção nacional, uma vez que essa produção vinha sendo construída antes com diversos artistas, a exemplo dos modernistas, o pintor Arthur Timótheo da Costa e a caricaturista Nair de Teffé.

Na Semana de Arte Moderna, a pintora Anita Malfatti é talvez o nome mais conhecido nas artes plásticas. Seu trabalho era de estilo expressionista, pouco conhecido no Brasil, fato que levou Monteiro Lobato a escrever sobre o trabalho da artista em um artigo considerando as pinturas como “arte anormal”. Os conservadores da época enxergavam as obras de Anita como algo exagerado, estrangeirista, mas essas opiniões conservadoras fizeram alguns artistas irem à defesa da artista e um tempo após inicia-se a semana de arte moderna, fazendo com que o nome dela seja considerado inspirador para o evento.

Tarsila do Amaral ficou conhecida após a semana da arte moderna, chegando ao país somente em 1923, ano em que retornou dos estudos na Europa. De família rica e proprietária de escravizados, chegou a retratar a questão escravocrata em suas pinturas. Já na expressão em forma de desenho, a caricaturista Nair de Teffé é o nome de destaque. Vinda de uma família rica, casada com o presidente Hermes da Fonseca, sendo então a primeira-dama do Brasil, utilizava o pseudônimo Rian, que é seu nome ao contrário, já que as caricaturas eram bastante debochadas. Nas caricaturas também denunciava o machismo da época, o moralismo da sociedade.

Aqui cabe mencionar que o fato de ser primeira-dama, Nair leva para dentro da casa presidencial a música popular brasileira, fazendo tocar Chiquinha Gonzaga, o ritmo do maxixe, entre outros, levando assim o ritmo da música popular brasileira para os lugares mais conservadores da época, que tinham muito preconceito com as manifestações populares (CAMPOS, 2021). Essas mulheres tinham acesso ao meio cultural que lhe auferia um capital cultural que pode ser mobilizado para uma produção intelectual. Logo, elas não eram da classe trabalhadora.

O mundo artístico exclui as mulheres e potencialmente a depender de sua classe, raça, esta exclusão é maior, pois muitas das vezes não é reconhecido, nem remunerado como trabalho. A produção artística está culturalmente associada a pessoas que têm tempo livre, ou que tem algum “dom” extraordinário inacessível aos demais.

No ramo da educação musical, no caso uma referência que se tem nos registros do livro *Os tempos dramáticos da mulher brasileira* de Irede Cardoso citado por Duarte (2008) com relação aos cursos superiores no entorno de 1929, o curso de música em todo país havia 616 homens matriculados para 4.910 mulheres e, entre os formandos, 31 eram homens e 588 mulheres.

Esta discrepância de esmagadora participação feminina era exceção comparado aos outros cursos da época, a saber medicina, filosofia, ciências jurídicas e sociais que predominantemente era composto pela grande maioria de homens. Talvez essa excepcionalidade seja resquícios do século anterior, em que as mulheres eram incentivadas a tocar instrumentos e cantar, sendo essas habilidades consideradas “prezadas” que a mulher oferece ao casamento.

Já adentrando a segunda metade do século XX, surpreendendo a crítica da época, Cora Coralina, publica aos 75 anos em 1965 seu primeiro livro *Poemas dos becos de Goiás*. Duarte (2008) acrescenta que a poetisa foi membro efetivo de importantes entidades culturais, e recebeu inúmeras homenagens e prêmios literários.

Para a professora Medeiros (2021) foi somente na década de 1970 em diante que no país ocorreu um processo de antídoto contra o memoricídio, pois temos o trabalho de resgate a obras de escritoras do século XIX. Segundo Duarte (2008) em 1978 grandes estréias no campo cultural marcam o debate sobre comportamento e a nova mulher. *As peças Bodas de Papel*, de Maria Adelaide Amaral, e *O grande amor de nossas vidas*, de Consuelo de Castro; e as novelas *Dancin Days*, de Gilberto Braga, e *Sinal de Alerta*, de Dias Gomes. Nesta mesma época um festival feito por, para e com mulheres entram em cena.

1.4 1º Festival de mulheres nas artes e representatividade das mulheres em festivais no século XXI

Já marcando a entrada dos anos 80, ocorreu em São Paulo-SP o 1º Festival de Mulheres nas artes, realizado em setembro de 1982. O Festival abarcou a presença de mais de

10 mil pessoas, de dentro e fora do país. O evento foi organizado por Ruth Escobar¹⁵ e outras parceiras, a saber a socióloga Maria Lígya Quartim de Moraes e a escritora Solange Padilha. A ideia era destinada a mostrar e colocar em destaque a arte só de mulheres.

Se nos anos 60 e 70 as mulheres em suas organizações (seja na academia, coletivos e movimentos) se organizavam para recuperar obras de mulheres apagadas da memória, nos anos 80 estavam a colocar em visibilidade aquelas que sempre ocuparam as margens na maioria dos eventos culturais, as mulheres, apresentando trabalhos em quantidade e em qualidade. Este era um dos objetivos do Festival, que trazia em uma semana espalhada por vários pontos de SP, a criação artística de cinema, teatro, literatura, dança, entre outras.

Segundo a Revista Nova (1982), que retratou o Festival, a organização ocorreu 6 meses antes e as comissões eram todas compostas por mulheres consagradas ou não consagradas. Essas reuniões ocorriam no Teatro Ruth Escobar e o trabalho a nível dessas comissões foi a base de voluntariado. Além das apresentações pagas (dança, teatro e música) todas as outras atividades eram gratuitas, inclusive as 19 oficinas oferecidas, entre elas oficinas de joalheria, cerâmica, uso de papel e pigmentos, tapeçarias, bordados tradicionais. O festival se destacou pelo seu ineditismo, imaginando que no início dos anos 80 o país com passos para a redemocratização recebesse um festival feito por mulheres, com produções de mulheres e variadas discussões sobre a participação e produção de mulheres nas artes.

Referente à participação das mulheres do exterior, partindo para uma discussão mais política sobre a situação das mulheres nos países, o festival contou com a presença de mulheres de Portugal, Itália e EUA, entre outros. Segundo a Revista Nova (1982), a poetisa e deputada federal Natália Correia fez um amplo retrospecto da poesia portuguesa mostrando que toda poesia portuguesa, a partir das cantigas de amigo, tem origem feminina, bem como falou de suas diversas atividades no parlamento no encaminhamento de diversas questões do interesse da mulher.

Já representando a Itália, a dramaturga e fundadora do teatro de La Madalena, Dacia Maraini deu um panorama do movimento feminista, a Revista Nova (1982) destacou em sua fala a atuação da mulher como produtora de uma nova cultura e uma nova linguagem que contestam e se opõem à cultura dominante. A escritora americana Kate Millet deu uma análise abrangente do patriarcado e de como a política centrada no poder de poucos sobre muitos e originariamente dos homens sobre as mulheres, está na base da guerra, da tortura, da fome e da exploração em todo o mundo (REVISTA NOVA 1982). De acordo com a

¹⁵ Ruth Escobar foi uma produtora teatral de fundamental importância para o teatro brasileiro e deputada estadual eleita em 1982 e sua pauta era a luta pelos direitos da mulher.

reportagem, as reações do público com relação aos debates e exposição das convidadas estrangeiras foram variáveis, mas houve uma concordância significativa de que foi excelente a troca de informações do Brasil sobre aspectos menos conhecidos, entre os quais, o papel da participação feminina na expressão artística como instrumento de uma revolução cultural muito mais ampla que a simples reivindicação de direitos iguais aos homens.

Registrando a participação de mulheres artistas, podemos notar que, mesmo sendo composto em sua maioria por mulheres brancas, algumas personalidades negras se destacam como a cantora e compositora carioca Rosa Passos, a nordestina Maria Nogueira e o grupo musical *As frenéticas* que tinham em sua composição Dhu Moraes e Edyr de Castro que no início dos anos 2000 fizeram papéis em novelas da Rede Globo. Sobre o debate racial dentro do evento, no setor da literatura, que foi ponto alto do evento, foi convidada a ativista e intelectual Lélia Gonzalez abordando a condição da criatividade da mulher do povo, sobretudo da negra, que não cria “arte” no sentido tradicional, mas é elemento importantíssimo na criação e evolução da cultura popular. (REVISTA NOVA, 1982). Percebe-se que o Festival foi grandioso não só por contemplar um público enorme e marcar a representatividade das mulheres em várias áreas ligadas à arte, mas, via seminário, por apontar a problematização dessas mulheres no contexto da época, inclusive das mulheres negras feita por Lélia.

Ainda sobre o debate dentro da literatura, os seminários contaram com a presença das escritoras Lygia Fagundes Teles, Nelida Pinon, Lya Luft, Nelly Novaes Coelho e a artista plástica Anésia Pacheco, a reportagem da revista declara que todas foram unânimes em afirmar a existência de uma criatividade feminina específica, baseada em sua peculiar situação ao longo da história e de uma visão de mundo e uma experiência dela derivadas (REVISTA NOVA, 1982). Um momento memorável dentro do evento foi a participação de Cora Coralina, que aos 93 anos na época declama seus poemas. Esta foi homenageada no festival dentro da área literatura, assim como outras escritoras como Helena Silveira, Dinah Silveira de Queiroz e Henriqueta Lisboa. No campo das artes visuais destacaram-se exposições no Museu de Arte Contemporânea, na Galeria Nova Mulher e no Centro Cultural de São Paulo, que segundo a revista estavam presentes as mais importantes artistas plásticas do Brasil como Anna Bella Geiger. Na mostra de filmes, além da exibição de protagonistas, foram exibidas as produções femininas nacional das cineastas Raquel Gerber, Suzana Amaral, Eliane Bandeira, entre outras. No campo da dança diversas oficinas e espetáculos de balé foram apresentados. E segundo a reportagem ao todo somaram 29 peças teatrais que foram encenadas ao longo da programação em diversos pontos da cidade. Peças como *Os reis vagabundos* de Maria Helena

Lopes, de Porto Alegre, *A irmã Inácio explica tudo* da própria Ruth Escobar, *Jogo de cintura* com Marilena Ansaldi foram destaque sendo as mais aplaudidas junto da peça *Mujeres* do grupo equatoriano Malayerba.

O festival encerrou com a finalíssima 1º Festival feminino de canção, onde a título de estímulo foram mantidos os prêmios. Tiveram 12 finalistas entre as 36 apresentações de mulheres, algumas já profissionais, outras em começo de carreira. Ganharam prêmios Rosa Passos, Sueli Correia, Irinéia Maria, entre outras. Segundo a Revista Nova (1982) muitos homens estavam interessados em ver a arte feminina, principalmente em atividades do setor de literatura, bem como presentes em espaços de discussão nos seminários sobre a relação da mulher com o movimento cultural. Ruth Escobar, idealizadora deste festival declarou que ele ultrapassou em muitas suas próprias expectativas, e que se tivesse que recomeçar, faria tudo de novo.

Este festival pode ser considerado inovador e revolucionário na década de 80, mesmo que hoje não encontramos muitos registros dele, mas principalmente pelos registros que se têm, a exemplo da reportagem da revista veja. Nela demonstra uma participação intensa de mulheres de cidades metropolitanas; além de uma diversidade de trabalho nas artes feito por mulheres, preocupou-se em centralizar a discussão de representatividade das mulheres na cena cultural, no cenário artístico tanto do Brasil, como em outras partes do mundo. Não desmerecendo seu caráter inovador, há que destacar que foi um evento bastante pontual envolvendo determinado grupo social de mulheres localizado geograficamente (não foi uma realidade nacional), além das distinções de classe e etnia/raça.

Relatando a importância do movimento para a década do momento, porém a sua pontualidade, para a professora Simone Osthoff (2005), esse festival foi um movimento militante feminista nas artes na década de 80, entre as poucas exceções à falta de organizações políticas das mulheres, mas com o tempo o ímpeto feminista se dissipou e os esforços para criar organizações feministas nas artes no Brasil entre 1975 e 1985 não floresceram. Espaço que compreende a ditadura militar no país. Para a professora somente na década posterior se ganhou um fôlego e retomou as discussões:

Não obstante, as perspectivas feministas tiveram uma presença relativa nos anos 1990, quando umas poucas artistas, curadoras e historiadoras da arte chamaram a atenção para o papel do gênero na cultura e na constituição de conceitos tais como o de subjetividade e “qualidade” artística, por exemplo, ao examinar a tradicional invisibilidade das mulheres na história da arte (OSTHOFF, 2005).

Adentrando o século XXI, de forma a compreender nos dias atuais como está a participação feminina nos festivais, registramos no país uma baixa representatividade das

mulheres e em se tratando de Brasil há uma conjuntura, uma realidade que continua a “forjar” o lugar da mulher na sociedade e esse lugar dificilmente permite respiros – fundamentais para a atividade intelectual qualquer que seja. A pesquisadora e jornalista Maíra Campos (2017) no intuito de averiguar entre os 10 maiores festivais no ano de 2017 no país, a presença das mulheres artistas musicistas, constatou que as atrações de mulheres no festival de música são 20,8% do total.

Segundo Campos (2017) vale ressaltar que em muitas das bandas havia uma única mulher, e dentro desses 20,8% também estão grupos, assim, por considerar que uma única mulher no palco já é um ato de resistência. Nessa pesquisa, como já falado considera a presença de uma mulher na contagem dos 20%, e se essa porcentagem já é muito baixa, imagine se descartarmos da contagem as bandas com apenas uma mulher? Será que atingiria ao menos 10%?

A pesquisa mostrou que os maiores festivais do Brasil seguem a mesma lógica, o Rock In Rio e o Lollapalooza ficam a representatividade das mulheres em 21% e que não existe nenhuma política de inclusão das artistas do sexo feminino. Na região nordeste, o resultado foi pior. O festival Mimo que ocorreu na cidade de Olinda-PE apresentou apenas um show feminino, ocupando apenas 5%. Alguns Estados se destacaram com maior participação das mulheres, onde, por exemplo, o Festival Bananada de Goiás atingiu 41% de presença das mulheres na programação, mas em nenhum dos festivais analisados houve equidade de gênero.

Para Campos (2017) esses números revelam o quanto a classe artística, a música, ainda discriminam os trabalhos realizados por mulheres. Não há nenhuma política nos festivais para que haja uma participação feminina efetiva, nem mesmo naqueles que utilizam verbas públicas para acontecer. Isso sem considerar que o processo de exclusão muitas vezes é realizado antes, ou seja, as mulheres podem não ter condições objetivas que a levem a produção artística. A jornalista faz duas provocações pertinentes. A primeira é no sentido de como numa sociedade baseada em relações sociais patriarcais, capitalistas e racistas, a mulher é atingida em todas as áreas, inclusive no que se refere à música, produção cultural e artes em geral. A segunda análise é com relação a oferta das mulheres na música nos dias de hoje, pois uma sociedade onde a mulher precisa trabalhar na rua e no lar, na maioria das vezes sozinha, além de cuidar das crias, a escolha por uma carreira profissional, de alta demanda de estudos, como a música, se torna muito distante da realidade do dia a dia feminino (CAMPOS, 2017).

A sociedade patriarcal opera em todas as dimensões, social, cultural, musical e ela garante e perpetua a quase exclusividade masculina nos espaços. Outra pesquisa realizada

entre os anos de 2016 e 2018 no Brasil analisou a presença de mulheres e ao todo 1972 bandas e artistas presentes nas programações de 76 festivais foram envolvidas; ressalta-se que foram consideradas somente solistas e bandas compostas por mulheres¹⁶, a percentagem de representatividade de mulheres também se manteve próximo aos 20%. Respectivamente foi de 15% em 2016 e 2017 e 20% em 2018. Já essa pesquisa retratou que se considerarmos banda mista (que consta ao menos uma mulher) esse número aumenta para 30%, o que ainda é muito pouco.

Para Arruda (2019), a carência de representatividade de mulheres nestes eventos surge da raiz da estrutura do mercado musical, comandado por homens, por isso, iniciativas que visam a representatividade feminina dentro do mercado musical são cada vez mais necessárias e essenciais, seja no âmbito da educação musical ou incentivando e empoderando essas artistas a performar ao vivo. Diante desses dados o que se observa é que a raiz patriarcal do Brasil se ramifica em diversas dimensões e o campo musical é fortemente repetitivo dele. Esse modelo estrutural rouba das mulheres condições de tempo e vida para o trabalho intelectual/artístico.

No próximo Capítulo veremos como se dá a relação e protagonismo das mulheres no Jequitinhonha e a criação artística. O debate será ampliado para algumas expressões, e alguns espaços distintos da criação artística, porém privilegiaremos um foco maior no que se refere à expressão musical, a literatura e atividades relacionadas à cerâmica, no qual consideramos expressões de prestígio dentro do Festivale. Será verificado dentro do Festivale como se opera e qual porcentagem de participação das mulheres nos anos de 2018 a 2020. Diferentemente da amostragem acima de âmbito nacional, com festivais de apelo de público e de mídia, o foco investigativo do trabalho é um festival regional com outras abordagens artísticas culturais, porém as análises a níveis mais abrangentes podem apontar elementos de análise junto às especificidades do Festivale, de forma a ser melhor analisada e entendida.

¹⁶ As classificações de gênero foram feitas a partir de como cada artista se identifica e se comunica em suas redes oficiais. Ainda que este recurso não seja critério para determinar tal coisa, foi feito o possível para se respeitar ao máximo as identidades de gêneros (artistas trans foram consideradas mulheres (ARRUDA, 2019).

CAPÍTULO II

FESTIVALE EM CONTEXTO

2 PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO FESTIVALE: ONTEM E HOJE

A arte popular consolidou-se assunto de interesse na segunda metade do século XX no Brasil, segundo Angela Mascelani (2008), e muitas dessas obras se encontram em diversos museus do país. A produção de cerâmica das artistas e dos artesãos do Vale do Jequitinhonha é exposta em diversos centros culturais, museus, exposições, e no Festivale. Neste capítulo será abordado um esboço de três dimensões da cultura popular: 1) o artesanato/cerâmica do Vale do Jequitinhonha, 2) a literatura, e 3) a música popular, todas na perspectiva da representação feminina das mulheres que vivem ou presenciam vivências na região, bem como se configura a representatividade das mulheres no Festivale relacionadas com essas expressões e criações artísticas. Salienta-se que dentro do Festivale essas dimensões ocupam lugares de destaque e prestígio, sendo que o artesanato é exposto todos os dias do evento enquanto para a literatura e a música existem concursos com premiação em dinheiro e homenagens. Serão também levantados alguns dados referentes à ocupação ou não ocupação das mulheres frente essas dimensões da cultura popular no Vale do Jequitinhonha e como se dá a representatividade das mulheres noutros espaços do Festivale.

Aqui cabe uma pergunta importante e talvez difícil de ser completamente respondida: Quem são essas mulheres do Vale do Jequitinhonha? Ou reorganizando essa pergunta, talvez uma caberia melhor... quem são as mulheres que estão no Festivale?

O Vale do Jequitinhonha possui uma população rural com homens, mulheres e crianças em torno de 36%, uma forte expressão da agricultura familiar presente na região e questões conflituosas que envolvem terra e trabalho que expulsam muitas vezes seus homens e mulheres. Segundo Mascelani (2008) os fatores de expulsão das populações locais vêm de longa data e são muito complexos. Esses problemas envolvem também, entre outros, problemas decorrentes da extração de minérios, como a contaminação das águas por mercúrio, os projetos de reflorestamento com eucaliptos e as indústrias carvoeiras e de celulose. Para Saffioti (2011):

com a necessidade de atender a demanda no corte de cana, pois os trabalhadores locais do interior de São Paulo sendo insuficientes, os trabalhadores do Vale do Jequitinhonha migram pra lá todos os anos deixando as mulheres para cuidar do roçado, isto é, da pequena gleba na qual se plantam alimentos. Estes movimentos migratórios ocorrem todos os anos. Nem todos os trabalhadores, entretanto, voltam para o Vale, a fim de se juntar aos demais membros de suas famílias. Muitos permanecem na periferia da cidade, constituem novas famílias, trabalham regularmente no período do corte da cana, vivendo de pequenos “bicos” durante o restante do ano (SAFFIOTI, 2011).

No Vale do Jequitinhonha, os grandes projetos de desenvolvimento vinculados à monocultura de eucalipto, às hidroelétricas, à mineração e mais recentemente as linhas de transmissão se somam ao histórico fenômeno da migração sazonal, que expropria terra e trabalho (SOUZA; SULZBACHER, p. 18, 2020). Uma das consequências dessa dinâmica colonizadora e exploradora é o aumento de trabalho para as mulheres que permanecem enquanto homens migram e assumem todas as responsabilidades referentes à sobrevivência familiar, cuidados com as criações, roçados e também à cerâmica.

Considerando essa realidade, em geral, é importante situar que a produção artesanal de cerâmica, de grupos de cultura popular, corais é realizada principalmente por mulheres. Sendo assim este trabalho compreende que são dessas mulheres e sua expressiva contribuição nas dimensões econômica e cultural, o que se pretende elaborar análise de quais espaços e papel ocupam na região e no Festivale.

Assim como foi negado ao povo do Brasil reconhecer seus antepassados, sendo nosso país invadido pelos portugueses e excluído parte significativa da nossa história e memória, sendo recontada a partir da história da miscigenação com um processo naturalizado e não violento ou pouco violento de “encontros” de povos de diferentes etnias como os negros escravizados, os indígenas e os brancos; é negado também às mulheres e aos homens do Vale do Jequitinhonha a sua ancestralidade. Fala-se pouco dos antepassados, mas se diz muito que isso “veio dos antigos”.

Como o Jequitinhonha é uma região de povoamento de povos descendentes de indígenas e negros, os trabalhos das artistas e artesãos encontram e se inspiram nessas referências. Ao fazer referência a eles, costuma-se dizer que esse aprendizado “veio dos antigos” como aponta Mascelani (2008) em entrevista a ceramista Maria Gomes de Campo Alegre, da cidade de Turmalina-MG, falando sobre suas memórias. Sobre memória, Lélia Gonzalez (1984) nos traz uma análise, e pensa a imbricação entre memória e consciência. Para ela esses conceitos têm relação dialética. Ora o dominador utiliza da consciência para ocultar a memória do povo negro, ora esta mesma memória manifesta-se pela linguagem,

pelos gestos. Trazendo para a Festivale, essa linguagem pode se revelar em criação artística, se pensarmos no artesanato produzido pelo povo do Jequitinhonha (figura 8).

Sobre a produção de cerâmica do Vale do Jequitinhonha, apesar de sua diversidade, especificidades e não generalizando a produção artística, segundo Mascelani (2008), muitos traços em comum unem, de maneira orgânica, os protagonistas desse universo: todos compartilham um modo e vida rural, no qual a atividade de cerâmica tradicional insere-se como uma modalidade de trabalho predominantemente feminina, muitas vezes associada às tarefas familiares na lavoura.

Figura 8 - Serro 2020: as bonecas de barro na feira de artesanato



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

Para compreender a importância dessa atividade no território brasileiro, a produção da cerâmica do Vale do Jequitinhonha é uma das mais ativas no cenário sudeste do Brasil e foi reconhecida em 2018 junto dos saberes que envolvem a produção, como patrimônio cultural do Estado de Minas Gerais (POLO JEQUITINHONHA, 2019). Sendo assim, são as mulheres artesãs a base que sustenta esse cenário, uma vez que predomina o trabalho dessas mulheres conforme acima. O oficializar desses saberes dentro da estrutura organizacional do Estado pode além da própria valorização, potencializar uma postura de comprometimento. Segundo Vilmar Oliveira, a oficialização ainda implica que existe a possibilidade de incentivo financeiro e discussão das questões femininas, já que as mulheres são maioria no processo de produção (POLO JEQUITINHONHA, 2019).

Como forma de articular as iniciativas de desenvolvimento regional no Jequitinhonha, a Universidade Federal de Minas Gerais criou o programa Polo de Integração para o fomento e valorização da cerâmica e seus fazedores. Uma das frentes de parceria junto a população é o eixo cultura com o trabalho junto aos artesãos e principalmente artesãs para a realização de feiras de exposição. Segundo Nogueira (2021), a feira surgiu porque a comercialização das peças é um grande problema do artesão e da artesã do Vale, pois há uma demanda pelo artesanato por pessoas de fora da região.

Nesse sentido, outro espaço que anualmente recebe inúmeros artesãos e artesãs é o Festivale, que além dos trabalhos de cerâmica recebe variados artesanatos, porém há uma dificuldade de deslocamento para a participação no evento. Mesmo que seja significativa a presença de pessoas do Jequitinhonha no evento, existe um quantitativo de turistas que apreciam o Festivale. Além da grande extensão territorial da região, distância de uma cidade a outra e ainda existir precário atendimento rodoviário, as mulheres em geral ocupam a função cumulativa de mãe, esposa, doméstica, trabalhadora rural. Uma apresentação marcante no Festivale de 2020 realizado no Serro no concurso da noite literária foi da poesia da artista Giselda Gil com o título *Senhora boneca, boneca Senhora*. A poesia foi uma homenagem à artesã Valdete Gomes do município de Minas Novas, conforme segue trechos da poesia:

*“Desenha a cintura, sobe pros seios
Tudo a dedo, delicado.
Quem não tem nas mãos o cuidado amado
Não faz o que a Artesã do Vale Encantado cria.
É coisa de beleza transferida
De interação entre cor e ação
Do que tem dentro para o que está fora
Metáfora da vida
Pura alquimia, transmutação.
(...)”*

*A Boneca Senhora renascida, então fala por ela: me sinta!
Já a Senhora Boneca trabalha e prática sua preciosa filosofia
Mulher, roceira, doméstica, esposa, mãe
Exercita nos gestos incansáveis ética, zelo e empatia.” (GIL, 2020)*

Ao final da declamação e ainda como parte de sua apresentação no concurso, Giselda coloca o áudio em que Valdete chorosa e pedindo perdão "conta" sem argumentar tudo” porque não pode ir ao Festivale no Serro. Eis algumas partes do áudio em que ela diz:

“Gil, eu peço perdão, desculpa mesmo, é um desejo meu também, mas é que dentro das minhas possibilidades, sabe, eu teria mais argumentos pra te dizer, mas eu num quero te dizer tudo não... mas tudo vai passar se Deus quiser e quando você fala assim da luta pelos direitos da mulher isso é muito importante porque nós temos sede disso de verdade...e esse trabalho formiguinha é de concluir... e cê sabe que pra nós mulher é verdade é muito difícil ainda ter nosso direito respeitado e eu também tô com muita saudade de você, aí assim que cê puder vem aqui pra gente conversar,

vem fazer um visita...desde que nós saiu da nossa casa e foi pra outro lugar, nós ficou um ano lá, nossa, ficou muito pesado, tem passado muita coisa, muita luta e cada dia parece que as coisas sabe, lá vai só pesando, pesando e chega um momento sabe parece assim, ocê num dá conta.” (GIL, 2020)

Neste momento, Valdete chora e finaliza o áudio. Valdete foi homenageada na ocasião e se fez presente nas palavras da poeta. Porém destacam-se dois fatos que chamam a atenção no áudio: ela dizer: *“eu teria mais argumentos pra te dizer, mas eu num quero te dizer tudo não”* e *“quando você fala assim da luta pelos direitos da mulher isso é muito importante porque nós temos sede disso de verdade...e esse trabalho formiguinha é de concluir... e cê sabe que pra nós mulher é verdade é muito difícil ainda ter nosso direito respeitado”*. É estampada a versão da mulher guerreira, que aguenta muito e tem muita consciência sobre os desafios da condição de ser mulher, mas também da importância da luta por direitos.

Ao ver a poesia declamada e ouvir o áudio me vem à memória a frase do fotógrafo Lori Figueiró que diz que *“a mulher é a força motriz do Vale do Jequitinhonha”* (CITAÇÃO DE MEMÓRIA). Valorizar e protagonizar a Valdete, sendo na Noite de Gala, como é chamada a Noite Literária no Festivale, é dar voz a todas as artesãs e revelar as *“escondidas”* agruras que permeiam o universo da condição de ser mulher, e no caso específico, uma mulher com múltiplas funções de artesã, mãe, roceira e doméstica como diz a poesia.

A artista Giselda Gil, uma mulher branca, portanto, com condições diferenciadas de opressão se compararmos às *“mulheres de cor”* como domina bell hooks que sofrem maiores opressões, entra em cena no Festivale abraçando o Jequitinhonha (figura 9). Esse abraço também é refletido no áudio, pois se percebe o nível de confiança entre a artesã e a poeta. Essa relação íntima revela mesmo no silenciamento do não dito, uma dor partilhada. Valdete agradece a Gil que é uma artista que nos Encontros de Mulheres, no Festivale, expõe sua arte e narra as histórias e memórias daqueles que em muitos momentos não puderam ocupar os espaços públicos do Festivale.

É um processo disruptivo, uma vez que traz à tona o que está nos bastidores e, ou o que é invisibilizado nas relações sociais da vida e do palco. Assim, nos levando a reiterar que tem espaços e ou momentos no Festivale que cumprem uma função educativa e política de desconstruir a ideologia de que a pobreza é a condição do Vale. Ideologia que pesa sobre os ombros daqueles que historicamente produziram a vida e a diversidade no Jequitinhonha,

foram invisibilizados como sujeitos e são mantidos invisibilizados em seus direitos ao território.

Figura 9 - Serro 2020: noite literária com Giselda Gil encenando a poesia Boneca senhora, senhora Boneca



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

A feira de artesanato do Festivale é aberta todos os dias da semana e em todos os turnos: manhã, tarde e noite é significativa a presença de mulheres que expõem e vendem seus trabalhos. Dos anos de 2018 a 2020, atendendo o recorte temporal do trabalho, foi possível acessar a divulgação de publicação nas redes sociais com nomes de artesãs e artesãos aprovados para composição da Feira de Artesanato do Festivale em 2019 em Belmonte –BA, e 2020 em Serro –MG, e as mulheres representaram respectivamente 63% e 75% do total de listados conforme apresentamos na figura 10 e 11¹⁷.

¹⁷ Sobre o Festivale de Felisburgo em 2018 no boletim informativo número 5 “Rolando no Festivale” encontramos apenas a referência do total da presença de 64 artesãos na feira de artesanato; não destacando quantos eram homens e mulheres.

Figura 10 – Belmonte 2019: relação dos nomes dos artesãos e artesãs aprovados para participarem da feira de artesanato

36 ARTESÃOS DA FEIRA DE ARTESANATO JEQUITINHONHA
Vale, vida, verde, verso e viola

IVONE RODRIGUES DE OLIVEIRA / ARAÇUAÍ	INAGUIMAR MOREIRA / ITINGA
LARA MASCARENHAS / SANTA CRUZ DE CABRALIA	EDINAIDE SOARES DOS SANTOS / ITINGA
ELCINA RIBEIRO DOS SANTOS / ARAÇUAÍ	BRUNO LEONARDO MOREIRA RODRIGUES / COMERCINHO
ELZA ALVES DO SANTOS / CARAÍ	WATORY BRAZ DA SILVA / ARAÇUAÍ
PAULO ANTONIO CARVALHO / SALINAS	ANGELA MARIA ROCHA MENEGOLLO / GOV. VALADARES
GERALDA BATISTA DOS SANTOS / CARAÍ	GERALDO BATISTA DE SOUZA / CAPELINHA
MARCIO BARBOSA SILVA / ARAÇUAÍ	EDVANIA FERNANDES PESSOA / ITINGA
JOÃO CARLOS GOMES MEIRELES / SÃO JOÃO DO PARAÍSO	MARIA TEVLINA DE PAULA MIRANDA / ITINGA
MARCIA RODRIGUES FERREIRA / FELICIO DOS SANTOS	SHEILA RODRIGUES PEREIRA / DIAMANTINA
JAKSON GOMES DA COSTA / TAIOBEIRAS	ORAZIO ORSETTI JUNIOR / DIAMANTINA
ANA ADELIA DE ALMEIDA MENDES / ARAÇUAÍ	AMAURY APARECIDO FERREIRA SILVA / MINAS NOVAS
THIAGO AUGUSTO ALVES DE OLIVEIRA / FELISBURGO	GILDEON SANTOS PORTO / ALMENARA
ANTONIA REGINA IARA / BOCAIUVA	EVA MARIA FRANCISCO DIAS / JEQUITINHONHA
JUSCELIO SANTOS PORTO / SANTA MARIA DO SALTO	ANA CECILIA CAMPOS GOMES / ARAÇUAÍ
MARIA LUIZA MOREIRA DE SOUZA / ARAÇUAÍ	WALDEREZ APARECIDA SABINA DE SOUZA / PADRE PARAÍSO
HAMILTON SOARES SOUZA / ARAÇUAÍ	MARLI LUIZ DE MACÉDO / TURMALINA
MOISES GUIMARÃES CONCEIÇÃO / BELMONTE	INÁCIO JOSÉ DE SOUZA NETO / MEDINA
TASSIZIA ALVES PEREIRA / PADRE PARAÍSO	FABIO HENRIQUE SOUZA FARIAS / MEDINA
RAIRAN DOS SANTOS BOMFIM / BELMONTE	RENATO RODRIGUES SALOMÃO / JEQUITINHONHA
DEYSE DE OLIVEIRA E OLIVEIRA / BELMONTE	LUCIENE RODRIGUES DE ALMEIDA / CORONEL MURTA
ALICE COSTA DA SILVA / MINAS NOVAS	DERY VALDO CARDOSO SILVA / CORONEL MURTA
MONICA FERREIRA FERNANDES / MINAS NOVAS	VALDENIR CRUZ DE OLIVEIRA / TAIOBEIRAS
SHEILA DOS SANTOS DE OLIVEIRA / ARAÇUAÍ	SONIA CHAVES SOUZA / DIVISÓPOLIS
KATYUSCA GOIS DE SOUZA / BELMONTE	DEIZE VIEIRA DOS SANTOS / BELMONTE
JOSÉ MARIO FERREIRA / ARAÇUAÍ	LUNA SARA CAMPOS VAZ / ARAÇUAÍ
ELEONICE SOUZA GANGA / BELMONTE	ARACILDA APARECIDA PEREIRA / GOUVEIA
LILIAN VIEIRA AMORIM / ARAÇUAÍ	MARIA DE FÁTIMA RODRIGUES / BELMONTE
PEDRO ALVES MARTINS / TAIOBEIRAS	AIA DO SOCORRO PEREIRA / BOCAIUVA
ÁDINA BARRETO DOS SANTOS / BELMONTE	NIFIA DO CARMO SAO PEDRO ANDRADE ARAUJO / BELMONTE
CELIA REGINA AMORIM DA SILVA / PORTO SEGURO	LEONICE MIRANDA SANTIAGO AQUINO / BELMONTE
ANDERSON LIMA DA SILVA / PORTO SEGURO	MARIELLE JACINTA PEREIRA COSTA / BOCAIUVA
JULIA MARTINS TRINDADE / TURMALINA	ELIZIO JOSÉ THEODORO JUNIOR / BELMONTE
JOÃO BATISTA DE SOUZA PORTO / ALMENARA	ELIENE FAGUNDES DE JESUS / PASMADO
GENI BORGES GOMES / MINAS NOVAS	KELLY FAGUNDES RODRIGUES / PASMADO
JURACY BORGES DA SILVA / DIAMANTINA	PÂMELLA RODRIGUES SILVEIRA / ARAÇUAÍ
GESILENE BRAZ DA CONCEIÇÃO / ARAÇUAÍ	LUCIANA PINTO ALCANTARA / ARAÇUAÍ
MARINHA COSTA DE SOUZA / ALMENARA	JOSÉ ADELSON AMARO SANTANA / ARAÇUAÍ
SIMONETE COSTA DE SOUSA SILVA / ALMENARA	RENILDA BATISTA DOS SANTOS / BELMONTE
SABRINA MALTA DE ALMEIDA / PEDRA AZUL	MARILEIDE PINHEIRO / TAIOBEIRAS
VICENTE DE PAULA DOS SANTOS / JEQUITINHONHA	ANE CAROLINE ELIAS LIMA / PADRE PARAÍSO
MARINHO ANDRÉ PEREIRA FILHO / JEQUITINHONHA	MARIA NELUZINIR BORGES DOS SANTOS / MINAS NOVAS
MARIA ESTER RODRIGUES PEREIRA / ARAÇUAÍ	MARLENE FRANCISCA DA SILVA / SANTA MARIA DO SALTO
MARINA PEREIRA DOS SANTOS / PEDRA AZUL	MARCELLE SARPA SOUZA DAVID / BELMONTE

27 DE JULHO 2019
BELMONTE-BA

**SHOWS ▾ FESTIVAL DA CANÇÃO ▾ MOSTRA DE CULTURA POPULAR ▾ CORAIS
 NOITE LITERÁRIA ▾ MOSTRA DE FOTOGRAFIA E VÍDEO ▾ FEIRA DE ARTESANATO
 TEATRO ▾ CURSOS E OFICINAS**

Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2019.

Figura 11 – Serro 2020: relação dos nomes dos artesãos e artesãs aprovados para participarem da feira de artesanato



ARTESÃO	CIDADE	ASSOCIAÇÃO
Adriane Aparecida Pinto Coelho	Chapada do Norte	Associação de Artesãos de Santa Cruz de Chapada do Norte
Adriene Cristina Silva Gonçalves Santos	Serro	Associação Comunitária Campos Verdes
Ailce Maria Pimenta	Bocaiuva	Associação Bocaiuvense de Artesãos e Rede de Artesdanato
Alice Ribeiro Santos Pereira	Ponto dos Volantes	Associação de Artesãos de Santana do Araçuaí
Ana Aparecida Gomes de Sousa	Minas Novas	Associação de Artesãos de Minas Novas
Aneli de Fátima Pereira	Chapada do Norte	Associação Quilombola Comunidade de Faceira
Ângela Marques de Oliveira	Serro	Associação Comunitária Estrela Nova de Barra da Cega
Antonio Luiz Matos - Mestre Antônio	Minas Novas	Convidado Especial
Aracilda Aparecida Pereira	Gouveia	Associação de Artesãos Novo Horizonte
Daniele Fernanda Ventura	Couto de Magalhães	Associação de Artesãos de Couto Magalhães
Fábio Henrique Souza Farias	Medina	Artesão Individual
Geraldo Batista de Souza	Capelinha	Associação de Artesãos de Capelinha
Ismênia Aparecida de Oliveira	Bocaiuva	Associação Bocaiuvense de Artesãos
Ivone Rodrigues de oliveira	Araçuaí	Associação de Artesãos de Araçuaí
Janduy Baccarini Costa	Serro	Artesão Individual
João Batista de Souza Porto	Almenara	Associação de Artesãos de Almenara
Joao Carlos Gomes Meireles	São João do Paraíso	Associação Cultural Artística Paraisense
José Maria Nunes Lopes	Minas Novas	Artesão Individual
Juracy Borges da Silva	Diamantina	Associação de Artesãos Sempre Viva
Juscíelio Santos Porto	Santa Maria do Salto	Associação de Artesão de de Santa Maria do Salto
Kívia Santos Souza Silva	Serro	Associação Comunitária e Cultural de Milho Verde
Laurinda Alves de Souza Damacena	Itaobim	Associação de Artesãos Arte Luz
Lindaaura pereira santos cordeiro	Veredinha	Associação de Artesãos de Veredinha
Luana silveira sales Ligar	Diamantina	AMEVD
Luciene Rodrigues de Almeida	Coronel Murta	Artesão Individual
Marcia Rodrigues Ferreira Oliveira	Felício dos Santos	Associação de Artesãos de Felício dos Santos
Maria Antonio Dutra Brasileiro	Jequitinhonha	Associação de Artesãos de Jequitinhonha
Maria Lucia Ribeiro Viana	Diamantina	Associação Cultural Casa Real
Maria Luiza Moreira Santos Souza	Araçuaí	Associação Indígena Povo Aranã
Maria Magdala Gomes dos Santos	Turmalina	Associação Comunitária de Artesãos de Turmalina
Marleide Alves Pinheiro	Taiobeiras	Artesão Individual
Marinha Costa de Sousa	Almenara	Associação Comunitária Mulheres Criativas de Almenara
Marlice Machado de Oliveira	Jequitinhonha	Associação de Artesãos de Guaraniândia
Oscar Chaves Souto	Taiobeiras	Associação de Artesãos de Taiobeiras
Patrícia Gomes dos Santos	Padre Paraíso	Associação de Artesãos de Padre Paraíso
Paulo Antonio Carvalho	Salinas	Atelier Arte em Porcelana de Salinas
Ronan Henrique Silva	Presidente kubitschek	Associação Guardiões da Serra do Quilombo de Raiz
Sheila dos santos de oliveira	Araçuaí	Artesão Individual
Sirley Ferreira Alves	Presidente Kubitschek	Associação de Flores do Campo do Alto Jequitinhonha
Wakixy Braz Da Silva	Araçuaí	Associação Indígena Pataxó Pancararu

Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

Ao analisarmos essa divulgação dos nomes, percebe-se a presença maior de representatividade de mulheres na Feira. Não podemos afirmar que houve a presença de todos e todas, mas é uma amostra de que as mulheres artesãs são a maioria na divulgação dos aprovados para o espaço de exposição para venda dos seus produtos. Ademais, se pensarmos no símbolo visual do Festivale nas cidades, a presença do palco central junto da barraca da feira de artesanato, implica que palco e feira de artesanato são ambientes próximos, sendo esta uma marca do festival.

Figura 12 - Serro 2020: festivaleiros prestigiando apresentação no palco central



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

O palco ocupado por alguns momentos para passagem de som durante o dia e as apresentações a noite, a feira de artesanato nos três turnos, ocupada pelas artesãs e artesãos, possíveis consumidores e “festivaleiros”, é a materialização da Festa, e essa representação por inferência dos dados acima é sustentada por mulheres artesãs. Aqui cabe uma reflexão a exemplo do que Santiago (2012, *apud* Nogueira, 2012) propõe no capítulo do Livro *Vale do Jequitinhonha Cultura e Desenvolvimento* sobre os grupos populares de cultura no evento serem prejudicados pelo tratamento preferencial dado aos espetáculos musicais de nomes já reconhecidos; qual tratamento é dado aos artesãos e no caso em específico as artesãs, sendo elas a maioria na feira?

Numa breve pesquisa dos anos 2018 a 2020, os anos de 2019 e 2020 tiveram como homenageados os artesãos, Loro do Couro, em Belmonte-MG, ano 2019, e Mestre Antônio em Serro – 2020 e o ano de 2018, a Mestre Cirila foi homenageada. Aqui cabe

destacar que Mestre Cirila é muito reconhecida na cidade de Felisburgo, ela é considerada forasteira (nunca se soube de onde ela veio, nem mesmo teve sobrenome), mulher negra, onde passou a vida criando artesanatos e esculturas. Era famosa por seu presépio que ficava montado o ano todo em sua casa. A artesã também foi a principal responsável pela construção da Capela de Nossa Senhora das Graças, na Serra Morena de Felisburgo. Ela iniciou uma campanha na cidade para que fossem doados materiais para a construção do templo e também pôs a mão na massa: era pedreira, ajudante de obra e ainda foi a responsável pela ornamentação e organização da capela. Cirila morreu em 13 de junho de 1976, mas seu legado permanece vivo, enchendo de admiração e inspiração quem conhece sua história. (Agência de Iniciativa Cidadãs - AIC, 2018). Uma mulher e negra já falecida ser recordada/visibilizada após quatro décadas é um marco dentro do Festivale e que certamente tem o peso da cidade que faz questão de reconhecer seu nome na história da arte e cultura de Felisburgo e consequentemente do Vale do Jequitinhonha.

2.1 Noite literária – as mulheres entre a visibilidade e a invisibilidade

No Festivale, em 1992, na cidade de Bocaiúva-MG nasce a Noite Literária que passou a fazer parte da programação oficial do Festivale em forma de concurso literário com dedicação especial à poesia. Segundo Pinto (2019, *apud* Pereira, 2019), a literatura sempre esteve presente nas doze edições anteriores, mas era ainda de forma mais discreta em forma de saraus, exposições de poemas em varais ou recitações espontâneas. Sendo assim, após a oficialização em Bocaiúva, o Festivale teve ao todo vinte e quatro (24) noites literárias até o Festivale de 2020. Para Barcelos (2020), a Noite Literária sempre foi vitrine para a produção de literatura do Jequitinhonha, contribuindo para a descoberta de novos escritores, bem como a consagração de artistas locais, a partir da classificação de 10 poemas para interpretação e três a serem premiados.

A escritora afirma que até o ano de 2019, uma vez que por definição da Fecaje, as homenagens a importantes figuras da literatura do Vale do Jequitinhonha ocorrem desde 2003, nenhuma mulher foi homenageada na Noite Literária. E para completar a total falta de representatividade das mulheres nas homenagens prestadas, no ano de 2020 foi um homem o homenageado - Herculano Assis. A invisibilidade da mulher escritora no Festivale no tocante a esta representação é a expressão real da sociedade baseada em relações sociais patriarcais, capitalistas e racistas, em que cabe ao homem receber privilégios e prestígios.

Para Scholze (2002), as mulheres sofreram ao longo da história um processo de silenciamento e exclusão. Na literatura, na igreja e na tribuna, o sujeito que fala é sempre o masculino. A eles são reservados os lugares de destaque, tornando o homem mais visível.

Agora cabe a pergunta: existem escritoras no Jequitinhonha? Partindo da busca de Barcelos que também participa ativamente da comissão de realização da noite literária no Festival e sendo esta, membro do encontro de escritores do Vale do Jequitinhonha desde 2018, é possível afirmar que existem mulheres escritoras na região. A poeta e escritora Barcelos (2020) diz que em seu levantamento de acervo particular de obras e escritoras nascidas ou moradoras do Jequitinhonha identificou o total de 27 autoras com a produção de 35 obras e destas, metade são de coletânea de poemas, conforme apresentado na tabela 1.

Tabela 1 - Obras e autoras, nascidas ou moradoras do Vale do Jequitinhonha – agosto 2020

AUTORAS	LIVROS
Ana Maria Colares Otoni	Contos que a vida conta (2010)
Ana Luiza de Sousa	Confidências de Mulheres invisíveis do Jequitinhonha (2011)
Augusta Figueiredo	A Mulata Luciana no Vale do Jequitinhonha 2. ^a Edição (1982)
Beth Guedes	A Pa(Lavra) (1999)
Carolina Antunes	1 ^a ed. Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha Minas Gerais (2013)
Dandara Cejo	A estrela andante (2015)
Edinalva Rodrigues Ramalho	Sentimentos Amorosos (2019)
Edna Almeida Araújo	O Brasil do meu imaginário: utopia ou possibilidade? (2005)
Eliane Rocha	Éramos Felizes (2019)
Elvira Sol	O Sol da Terra – Vale do Jequitinhonha (2005)
Elza Soalheiro	Anel Libertador (1996) Emoções de um primeiro livro (1997)
Etelcina Rosberg	Vidas que enriqueceram vida (2001)
Evanise Sydow	Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória (2017)
Flávia Maria Galizoni	1 ^a d. Lavradores, Águas E Lavouras – Estudos Sobre Gestão Camponesa De Recursos Hídricos No Alto Jequitinhonha (2013)
Herena Barcelos	InVerso e Acorde (2018); De Outras Terras em Mim (2017)
Janeuce Cordeiro Maciel	Olho Turmalina, Vejo sua Gente; Joia de Família
Lena Guimarães	Pacto sob outono (2006) Pelos Campos de Alvarrã (1995)
Margareth Rafael	Moinhos: O Tempo e o Vento (2016)
Maria de Lourdes Dias Reis	O Jornal o Jequitinhonha e a Guerra do Paraguai (2006)
Maria Nelly	Calendas e Idos – o vale e a vida (2001)

	O romanceiro do Jequitinhonha (1998) Na relva do Tempo (1999)
Mariana Botelho	O Silêncio tange o sino (2010) K (2015)
Marlene Mendes	A princesa de Theo
Neide Mares	Mensagens Edificantes (2018)
Nilce Almeida	Porta (2007)
Vera Lúcia Felício Pereira	O Artesão da Memória no Vale do Jequitinhonha (1996)
Virgínia Baracho	Criança Feliz (2017) Momentos Sertanejos (1997)
Zelita Gomes	Cofre de Lembranças: Uma Trabalhadora Rural do Jequitinhonha (1997)

Fonte: Adaptado de Barcelos (2020).

Ademais, a poeta Jucilene Vieira que participa há mais de duas décadas do Festivale, juntamente com Beth Guedes somam juntas 11 premiações, ou seja, metade dos 22 prêmios recebidos por mulheres, dentro de um total de 65 prêmios até hoje conhecidos na noite literária, Barcelos (2020). Nessa contagem, a premiação feminina durante todas as edições da Noite Literária teve em média 33% de participação. Um destaque memorável na noite literária do Festivale foi a participação da poeta Diamantinense Virgínia Baracho, que começou escrever aos 50 anos de idade e que publicou seu primeiro livro aos 56 anos, intitulado *O canto da alma*. Dentre os anos de 2018 a 2020, a escritora concorreu em 2018 na noite literária com a poesia *O rio Jequitinhonha* e em 2019 em Belmonte com a poesia *Ser poeta*. Virgínia faleceu em 2020 com quase 90 anos de idade. Já que a escritora não foi homenageada em vida, espera-se que ela seja homenageada em alguma próxima edição. No livro *Noite Literária do 35º Festivale*, Pinto (2019, *apud* Pereira, 2019) descreve que o objetivo principal do concurso poético é valorizar a linguagem escrita como importante forma de manifestação cultural do Vale do Jequitinhonha, além de lançar novos escritores regionais, incentivando suas carreiras por meio de premiações e também o momento de escritores lançarem seus livros ou produções voltadas à literatura.

Essa valorização deve então também contemplar maior visibilidade à escrita feminina, não somente por ser feminina, mas por contemplar um ponto de vista das suas vivências. A premiação é um ponto alto de incentivo às pessoas que produzem, pois conforme aponta Barcelos (2020) “considero a premiação em um concurso regional de 2014 como marco inicial de minha carreira de escritora. Não sou a única a dizer que os prêmios estimulam os escritores a produzir”.

Figura 13 - Felisburgo 2018: Noite Literária - Jucilene Vieira recebendo prêmio de 1º lugar com poesia "Per(curso) de Rio" de sua autoria



Fonte: Página do Festivale - Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha no Facebook, 2018.

Chegando a este ponto da premiação, buscamos verificar a composição do júri, sob responsabilidade da Fecaje entre os anos de 2018 e 2020 para observar a paridade de jurados e juradas na noite literária. Somente o Festivale de 2019 em Belmonte houve uma participação maior de mulheres em sua composição. Foi composto por 3 mulheres (Deyse Magalhães, Giselda Gil e uma professora da cidade de Belmonte, (que nesta pesquisa houve a tentativa, mas não foi possível identificar o nome) e 2 homens.

Já os Festivales de Serro e Felisburgo, tiveram apenas 01 mulher na composição do júri, sendo Alba Dutra, única jurada entre os 5 jurados na cidade de Felisburgo, e Fernanda Nunes, no Festivale em Serro, entre os 5 jurados (figura 14). Ressalta-se, no entanto, que nenhuma dessas mulheres são negras, sendo o Jequitinhonha constituído por descendentes de negros e indígenas, infere-se que sua maioria é de mulheres negras e tal representatividade se faz importante. Registra-se que o Júri também é um lugar/espço de prestígio dentro do Festivale, uma vez que ele define quem receberá os prêmios. Essa desigualdade de composição dos jurados pode refletir que não somente as mulheres não são homenageadas, mas é uma amostra de que as escolhas ainda são a visão e leitura de mundo marcadamente masculina.

Figura 14 - Serro 2020: mesa de juri da noite literária composta por 5 jurados, tendo única mulher, Fernanda Nunes



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

É fato que ao concorrer no concurso de poesia, o(a) concorrente não pode identificar seu nome verdadeiro, pois por edital seria eliminado(a) e deve ser assinado com pseudônimo. Ou seja, os profissionais que escolheram as obras literárias em tese não identificaram se a poesia foi composição de mulheres ou de homens. No edital elaborado pela Fecaje com relação ao item seleção e divulgação, diz que os trabalhos inscritos serão selecionados por pessoas das áreas de Letras e Literatura. Não é claro quem são esses selecionadores, como são escolhidos, quem os escolhe, se existe essa preocupação de paridade na escolha de profissionais homens e mulheres. Será que são usados os mesmos critérios? Quais os critérios de composição do júri da noite literária dos anos pesquisados, que levam a ter composição majoritária de avaliadores homens?

Outro acontecimento que revela não somente uma desconsideração, mas invisibilidade da participação feminina foi o ocorrido no Festivale de 2019 em Belmonte na noite literária. Na abertura da apresentação, antes da divulgação de composição do júri houve uma encenação da poesia de Sosígenes Costa (poeta homenageado da noite literária). O apresentador, Tadeu Martins Soares, um dos fundadores do Festivale anunciou que o artista Júnio Dutra faria a homenagem. Porém, ao iniciar a apresentação a indígena Ytxaha Pankararu entrou cantando uma música na língua do povo pataxó. Ao assistir à apresentação pode-se ter o entendimento de que houve um equívoco no anúncio feito pelo apresentador, e

de que outra apresentação estava sendo iniciada, pois a apresentação inicia sua encenação com esse canto, e só bem após o ator, Júnio, entra em cena e declama uma curta poesia. No decorrer observa-se que a participação da indígena fazia parte da encenação. Ao conversar com um integrante da organização da noite literária desse dia, questionei o porquê em momento algum, inicial ou no final é destacada a presença e o canto dessa mulher indígena. A resposta é de que foi realizada uma surpresa de inclusão de última hora da indígena pelo ator, ou seja, a princípio a organização da noite não sabia da entrada da mesma.

O espaço para apresentação da noite literária tinha exposição de fotografias de pessoas indígenas, inclusive do próprio avô dela, pois nesse mesmo Festivale teria roda de conversa na programação oficial sobre os movimentos sociais do Vale do Jequitinhonha, incluindo os grupos étnicos: indígenas e afrodescendentes. Em contato com Ytxaha, ela relatou que o convite para participação foi feito no dia, pois a poesia remetia à questão indígena. Em diálogo com Ytxaha ela informou que a música é cantada na abertura de rituais e eventos e disponibilizou a tradução da letra: *“Na minha aldeia tem beleza sem plantar, eu tenho arco, eu tenho a flecha, tenho raiz para curar, viva tupã, viva tupã, viva tupã que vem trazer a luz”*. Essa situação foi um exemplo de negligência, mesmo porque após a apresentação poderia ser ressaltada a presença visível da indígena, no que a presença foi invisibilizada. Outro motivo: não é comum ou corriqueiro no Festivale a entoada de cânticos de matriz indígena, ainda mais quando a discussão do movimento indígena e da história indígena do Jequitinhonha é pauta dentro do próprio festival.

Nas figuras 15, 16 e 17 a seguir, temos alguns dos exemplos das diferentes manifestações e apresentações de diversidade e resistência ocorridas no Festivale ocorrido em Belmonte, 2019.

Figura 15 - Belmonte 2019: manifestação contra racismo e intolerância religiosa



Fonte: Página oficial do 36º Festivale no Instagram, 2019

Figura 16 - Belmonte 2019: Manifestação dos povos indígenas



Fonte: Página oficial do 36º Festivale no Instagram, 2019.

Figura 17 - Belmonte 2019: Manifestações religiosas



Fonte: Página oficial do 36º Festivale no Instagram, 2019.

Miguel (2014) pontua que as mulheres, tal como as minorias étnicas, padecem de um mix de injustiças, incluindo a desvalorização simbólica de suas formas de expressão. Porém, sobre as mulheres negras e indígenas há sobreposição de injustiças, o que revela o funcionamento do sistema patriarcal de supremacia branca que as violenta de diversas formas. Em nossa investigação com relação à Noite Literária de Felisburgo em 2018, se pode afirmar que em registro no livro *Noite Literária do 35º Festivale*, a organização recebeu o total de 43

poesias, no qual 10 foram classificadas. Exceto as classificadas, ou seja, das 33 poesias restantes, 42% são de autoria feminina, o que revela uma participação considerável das mulheres no envio de suas escritas nessa edição.

Adentrando na análise dos classificados na noite literária que concorreram nos Festivales entre 2018 e 2020, em que cada edição classifica em geral 10 letras de poesias teve-se o seguinte quantitativo de apresentação: Felisburgo com 10 poesias, Belmonte com 9 poesias e Serro com 9 poesias apresentadas na noite literária¹⁸.

Com isso tem-se o total de 28 poesias que foram recolhidas para este trabalho, ou seja, para esta pesquisa conseguiu-se todas as poesias apresentadas nos 3 anos. Do total dessas poesias, a porcentagem de representatividade de mulheres no que diz respeito a autoria feminina das três edições representam 32% do total de participantes, e a representatividade referente a interpretação (modalidade de premiação dentro do festival) as mulheres ocupam o total de 35%. Se analisarmos cada uma das cidades, a porcentagem comparada ao total está descrita na tabela 2 abaixo.

Tabela 2 – Porcentagem de participação feminina nos FESTIVALES (2018 a 2020)

NOITE LITERÁRIA	AUTORIA FEMININA	INTÉRPRETE FEMININA
Felisburgo 2018	20%	30%
Belmonte 2019	33%	55%
Serro 2020	44%	22%

Fonte: A autora (2021).

Ao analisar a representatividade das mulheres no quesito autoria feminina, observa-se um acréscimo no decorrer dos anos do Festival, o que já não ocorre no quesito interpretação, que tem uma metade de porcentagem no Festival em Belmonte.

Façamos um exercício de análise da figura 18 abaixo. Na primeira imagem segue a divulgação oficial pela Fecaje da classificação dos participantes na noite literária no Festival em Belmonte. Já na figura 19 propõe-se remover os homens e então observa-se como fica esvaziado a representatividade das mulheres.

¹⁸ O quantitativo de 9 poesias nas cidades de Belmonte e Serro se deve ao fato de que neste estudo contempla-se somente as poesias apresentadas em cada noite literária no festival, não computando todas as que foram registradas em documento de divulgação.

Figura 18 - Participantes noite literária Festivale Belmonte 2019

36° FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA
Vale, vida, verde, verso e viola

Festivale

- 1- Regiane Aparecida Farias Ferreira - Itinga
Poesia - Alzira
"DOS VALES AO MAR"
- 2- Moisés Guimarães Conceição - Belmonte
Poesia - Bicho da seda
- 3- Ivis Alan Pereira Soares - Jequitinhonha
Poesia - Ela! Na escura 367 - poesia travesti
- 4- Edelvan Alves da Silva - Capelinha
Poesia - Joana Maria não viu as flores
- 5- Geraldo Tadeu de Oliveira Santos - Capelinha
Poesia: Metrôpole qualquer
- 6 - Cesar Prates Macedo - Belo Horizonte
Poesia: Pé de passarim
- 7 - Gabriel Alves Abade - Itaobim
Poesia: Prece Ribeira
- 8 - Virginia Baracho - Diamantina
Poesia: Ser Poeta
- 9 - Guilherme Stuhr dos Santos Lopes - Padre Paraiso
Poesia: Teoria da admiração
- 10 - Kanine Silva Oliveira - Belo Horizonte
Poesia: Vovó

21 A 27 DE JULHO DE 2019
BELMONTE-BA

SHOWS * FESTIVAL DA CANÇÃO * MOSTRA DE CULTURA POPULAR * CORAIS
NOITE LITERÁRIA * MOSTRA DE FOTOGRAFIA E VÍDEO * FEIRA DE ARTESANATO
TEATRO * CURSOS E OFICINAS

REALIZAÇÃO:

APOIO:

PARCERIA:

Fonte: FECAJE (2019).

Figura 19 - Mulheres participantes noite literária Festivale Belmonte 2019

36° FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA
Vale, vida, verde, verso e viola

Festivale

- 1- Regiane Aparecida Farias Ferreira - Itinga
Poesia - Alzira
"DOS VALES AO MAR"

- 8 - Virginia Baracho - Diamantina
Poesia: Ser Poeta

- 10 - Kanine Silva Oliveira - Belo Horizonte
Poesia: Vovó

21 A 27 DE JULHO DE 2019
BELMONTE-BA

SHOWS * FESTIVAL DA CANÇÃO * MOSTRA DE CULTURA POPULAR * CORAIS
NOITE LITERÁRIA * MOSTRA DE FOTOGRAFIA E VÍDEO * FEIRA DE ARTESANATO
TEATRO * CURSOS E OFICINAS

REALIZAÇÃO:

APOIO:

PARCERIA:

Fonte: Adaptado de FECAJE (2019).

Ainda é preciso indicar formas de incentivo e políticas para que a participação de mulheres na noite literária aumente e como vemos não somente na participação da concorrência em si do concurso, mas em torno do que propõe seu objetivo, incorporando a participação de homenageadas, apresentadoras, e visibilidade da diversidade de mulheres para que o Festivale tenha relações mais igualitárias e democratizantes (figura 20).

Figura 20 - Felisburgo 2018: Noite Literária - Interpretação da poesia de Edelman Alves "Acalento para a voz de uma mulher" Regiane Farias com premiação de melhor intérprete.



Fonte: Página do Festivale - Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha no Facebook, 2018.

Um movimento que anda crescente na cidade de Araçuaí-MG e recentemente na cidade de Almenara-MG é o projeto Leia Mulheres. Este projeto ocorre desde 2019 em Araçuaí. Esse clube de leitura por si só é uma alternativa de dar visibilidade à produção literária das mulheres e no caso em específico das mulheres do Jequitinhonha. Inspirado na ideia original onde em 2014, a britânica Joana Walsh publicou em suas redes sociais #ReadWomen2014 (#LeiaMulheres2014) o movimento que completou 2 anos em Araçuaí tem uma postura regionalizada no sentido de dar voz, visão e ouvidos às mulheres escritoras da região, com encontros que discutem literatura de autoras negras e indígenas, mas também discussão de poesias, livros de autoras de outras regiões e fora do país. Tive a oportunidade de participar de um encontro com o Clube Leia Mulheres em novembro de 2020 de forma virtual devido ao isolamento social durante a pandemia. A autora discutida era Ryane Leão, poeta e escritora negra, com o livro *Tudo nela brilha e queima*.

Posso dizer que a partir desse dia me aproximei mais da poesia e que hoje ela é muito mais presente no cotidiano. Conforme o líder indígena Ailton Krenak (2021), às vezes a poesia se dispõe a promover o entendimento que a política ou que debate intelectual não consegue dar conta, é a sabedoria para enfrentar o mundo; e considerando que o Clube Leia Mulheres é um canal de abertura para muitas e diversas mulheres nesse enfrentamento e que é preciso discutir a presença de mulheres nas várias composições em torno deste que se intitulada como Noite de Gala do Festivale, pode ser esse movimento do clube de leituras que somará forças para maior representatividade das mulheres no aspecto específico da literatura também dentro do Festivale.

Mas como resistência e marcação de pautas de reivindicação dentro do próprio Festivale, o grupo de mulheres que realiza o Encontro de Mulheres (figuras 21, 22 e 23) entregou a Fecaje em Belmonte após a realização do II Encontro, uma carta que tem como intenção contribuir para a construção dos próximos festivais. A carta sugere à Federação que se amplie e fortaleça as formas de garantir condições participativas aos diferentes gêneros; aos movimentos sociais e grupos que historicamente compõem os festivais.

Esses espaços de solicitação precisam ser estendidos às mulheres e segundo a carta são esses os espaços de infraestrutura, a organização do evento, à composição da diretoria da Fecaje (ampliação da participação das mulheres nas tomadas de decisões), à composição dos espaços culturais do Festivale - dos concursos, shows ao palco livre.

Além dessas proposições construídas pelas mulheres presentes no evento, foram denunciados atos de intolerância religiosa, assédio sexual e recusa do palco livre à mulher dentro do Festivale. Essa carta assinada por 12 movimentos e instituições¹⁹ revelam que no Festivale existe naturalizada a violência simbólica e física às mulheres, contrariando o que Gonzaga Medeiros²⁰ afirmou na live em setembro de 2020 de lançamento do e-book de Tadeu Martins Soares, *Jequitinhonha 42 anos de travessia: de Vale da Miséria a Vale da cultura*, no facebook do cantor Rubinho do Vale, de que no Festivale não tem briga, não existe violência. Como solicitação, os grupos compostos por mulheres propõem a Fecaje que haja dentro do próprio Festival, espaços instituídos, onde as mulheres possam denunciar e serem acolhidas no enfrentamento das violências, ou seja, que seja efetivado espaço de acolhida, registro e denúncia de violências em parceria com o poder público, pois entendem que o Festivale ao

¹⁹ NOS- Núcleo de Orientação Sócio educacional- Projeto Rede de Proteção Contra a Violência a Mulher: rompendo o silêncio, a violência e a invisibilidade- Projeto de Extensão UFVJM., Observatório Dos Direitos das Mulheres dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM, Observatório do Semi-Árido e Cerrado- UFVJM, NEALAS- Núcleo de Estudos Literários, Artes e Saberes UFVJM, NEABI- Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas- UFVJM, Levante Popular da Juventude, Movimento dos Atingidos Por Barragens, Movimento Indígena, Coletivo Erês, Rede de Artesanato do Vale do Jequitinhonha, Grupo Blad Bladys e Grupo Mulheres da Vida.

²⁰ Poeta e animador cultural que atua nos palcos de vários Festivais.

divulgar cultura e arte promove o encontro de diferentes grupos sociais, e temos no Brasil e em específico no Jequitinhonha, uma longa história de intolerância, decorrente da cultura patriarcal (sexismo, racismo, machismo) (ANEXO I).

Esse processo de enfrentamento e de ruptura com o silenciamento via Encontro de Mulheres tem presença marcante da UFVJM, por meio do projeto de extensão Observatório dos direitos das mulheres, coordenado por Claudilene Ramalho, hoje professora da instituição no Campus Teófilo Otoni, mas filha do Jequitinhonha. O Observatório em parceria com lideranças femininas atua de modo a pressionar de dentro para fora as ações, fazendo com que possibilite ampliação do acesso a conhecimento e informação rompendo com o naturalizado dentro do festival.

Figura 21 - Serro 2020: Encontro de Mulheres



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

Figura 22 - Serro 2020 - Registro do Encontro das Mulheres: Destaque à frente da esquerda para direita; Claudilene (UFVJM) Jussara (agente cultural da comunidade quilombola Macuco de Minas Novas) e Giselda Gil (cantora e compositora)



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

Figura 23 - Serro 2020: Marcha das mulheres pela cidade



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

2.2 As mulheres ainda tentam subir no palco

O cenário musical que adentrou o Festivale em seu início veio do forte movimento de cultura popular e trabalho de várias entidades culturais nos idos anos 1970 e

início dos anos 1980 na região. O conceito de cultura popular pode ter vários significados, e aqui nos atentamos para o que Arantes (1998) considera:

fazer teatro, música, poesia ou qualquer outra modalidade de arte é construir com cacos e fragmentos, um espelho onde transparece, com as suas roupagens identificadoras particulares, e concretas o que é mais abstrato e geral num grupo humano, ou seja, a sua organização, que é condição e modo de participação na produção da sociedade. (ARANTES, 1998)

Essa construção que passa pelas artes é dinâmica e por serem realizáveis em espaços alternativos, ou seja, fora do circuito hegemônico, mas também influenciado por ele, os participantes criam através de suas relações sociais maneiras de viabilidade de suas ações políticas e sociais. Ações de cunho cultural e com abordagens políticas como os Shows *Procurados* e *Nas Onhas do Jequi*, foram os precursores na divulgação de nomes dos músicos da região e foi possível projetar nomes como Rubinho do Vale, Tadeu Franco, Paulinho Pedra Azul, Saulo Laranjeira, dentre outros.

Já com relação a representatividade feminina no campo musical, mais tarde surgiram nomes como o da cantora Titane, natural de Oliveira-MG²¹, Doroty Marques, cantora e compositora que não era nascida no Jequitinhonha e desenvolvia também um trabalho com arte educação voltado para crianças, inclusive dentro do próprio Festivale e as cantoras e compositoras Déa Trancoso, natural de Almenara-MG e Célia Mara de Pedra Azul-MG.

Esses são os nomes de mulheres cantoras que ficaram registrados nas edições da década de 80 no Festivale, ainda que de forma menos visível que os nomes dos cantores masculinos, em algumas edições temos a presença dessas cantoras. Titane e Doroty com presença fazendo shows no palco central. Déa Trancoso e Célia Mara, de início seriam concorrentes no festival da canção e passaram com o tempo a marcarem sua presença como solistas em shows na programação oficial. Déa fez participação também como apresentadora do Festivale nos anos 90, espaço esse de domínio de apresentadores homens até os dias de hoje. Em depoimento no livro *Jequitinhonha 42 anos de travessia: Do Vale da Miséria a Vale da Cultura* ela diz:

“Quando eu e Vilmar Oliveira substituímos Gonzaga Medeiros na apresentação de um Festivale em Minas Novas (1993), porque o Gonzaga tinha um compromisso em Taiobeiras. Foi a glória!!! Eu e Vilmar declamando as poesias do mestre, do ídolo! Anunciando shows como o de Xangai, outro nome da minha memória festivaliana”. (TRANCOSO, 2020, *apud* SOARES, 2020)

²¹ A cantora que nasceu fora da região já vinha de uma trajetória musical fora do Vale. O contato com o Vale se deu por seu interesse em cantigas que o povo cantava e eram desconhecidas.

O Show *Procurados*²² foi organizado e realizado em 1979 na cidade de Itaobim e desde esse show a temática sobre o rio Jequitinhonha e o amor à região são temas recorrentes nas composições dos artistas que concorrem no Festivale até os dias atuais. Foi realizada carta convite a 22 músicos e entre esses estavam os conhecidos Rubinho do Vale, Tadeu Franco e a única mulher da lista, a cantora e compositora Célia Mara, que atualmente mora fora do país. Neste depoimento Célia conta que sua imagem não foi incluída no cartaz de divulgação, apontando a invisibilização no cartaz, mesmo que tenha recebido o convite, resistiu e se fez presente no show.

Foi com muito entusiasmo que fiquei sabendo de um grande evento, que estava prestes a acontecer em Itaobim, chamado Os Procurados—. Apesar de todos os meus colegas serem homens, anunciados naquele cartaz, não me deixei intimidar, tentei de todas as formas participar daquele evento. Como o destino não é apenas acaso, fiquei conhecendo numa festa, na casa de um grande amante da música, o Tiná. Mais tarde fiquei sabendo que Tiná era tio de um dos cabeças do movimento, o Tadeu Martins. Dali ficou acertada a minha participação na estreia do movimento, que iria por sua vez fortalecer e impulsionar a minha carreira como artista; intérprete, compositora, instrumentista e mais tarde arranjadora. Naturalmente não foi uma tarefa fácil, sendo eu uma menina de 17 anos e independente. (MARA, 2020 apud SOARES, 2020)

O Show *Procurados* circulou na capital mineira e em algumas cidades do Vale como Pedra Azul e Almenara. Outro Show que ganhou notoriedade foi o *Onhas do Jequi*. Foi realizado pela primeira vez no teatro do Palácio das Artes-BH em 1984. Para Soares (2020), sem dúvida alguma o *Onhas do Jequi* foi a maior vitrine para os artistas do Vale e foi fundamental para deslanchar as suas carreiras artísticas, e também para tornar pública a seriedade do trabalho cultural que era desenvolvido no Vale do Jequitinhonha. Dentro os 7 cantores na estreia, temos a presença da cantora Maria Lira Marques como única representante feminina. O show foi apresentado também em outras regiões de Minas Gerais como Governador Valadares e Teófilo Otoni e após 30 anos de realização de *Onhas do Jequi* comemora apresentando outro show em 2014 no Minas Centro - BH, com os mesmos artistas da estreia.

Um trabalho que vinha sendo realizado desde a década de 70 era o trabalho da pesquisadora, cantora e artesã Maria Lira Marques e do pesquisador Frei Chico - vindo da Holanda para realizar trabalho social na região - a frente do Coral Trovadores do Vale, grupo da cidade de Araçuaí. Segundo depoimento de Frei Chico (2020, *apud* Soares, 2020) algumas

²² Nome dado ao I Encontro de compositores do Vale do Jequitinhonha. Esse nome foi retirado do modelo de cartazes feito pela ditadura militar que eram divulgados em locais públicos com fotos de “terroristas” procurados pela polícia. Tadeu Martins Soares ao olhar para um desses cartazes que tinha a foto de um conterrâneo dele copiou a idéia, vários cartazes foram afixados em locais públicos tanto em Belo Horizonte como em cidades do Vale. A idéia deu tanto certo de que os idealizadores deram entrevistas a vários canais de televisão.

mulheres foram determinantes em sua trajetória cultural pelo Vale. À artesã negra Maria Lira Marques ele faz o seguinte destaque:

Em 1970, Lira entrou no coral dos Trovadores e entendeu a importância da cantoria das músicas da região ali. Resolveu querer ajudar-me no registro da cultura e da religiosidade popular do Vale. Ela foi a chave que abria todas as portas. Em sete anos, anotamos em 15 mil folhas coisas da vida do povo do nascer ao morrer e do levantar ao deitar, enquanto estudávamos livros sobre a cultura popular brasileira. Em seguida, divulgamos juntos a rica cultura dos pobres, demos palestra em sindicatos e universidades, cantamos em teatros, bares, em todas as grandes emissoras de rádio e TV. Esta é a base do que sou e faço hoje. (FREI CHICO, 2020, apud SOARES, 2020)

Entre mulheres na cultura popular do Jequitinhonha, Lira Marques está presente e é indiscutível seu importante trabalho nas artes plásticas, e para músicas de cantigas populares tradicionais. Atuou na organização e criação do Coral Trovadores do Vale, foi a primeira mulher do Jequitinhonha a compor o júri no Festival da Canção do Festivale. Lira, uma mulher negra, multiartista que hoje tem mais de 70 anos de idade, que como ela diz “não sabe escrever, que escreve no barro” projetou o nome do Vale do Jequitinhonha mundo afora, tendo sua produção de cerâmica exposta nas capitais mais importantes do Brasil, bem como em países como Dinamarca e Holanda. Atualmente explora mais o desenho e a pintura produzindo peças que expressam o que ela denomina como *bichos do sertão*. A vida, a arte e luta da artista se tornaram peça teatral encenada pela Cia Teatral Ícaros do Vale com o espetáculo cênico musical *Maria Lira* que foi encenado em 2008 no Festivale na cidade de Capelinha e rodou por várias cidades da região e na capital mineira.

Os cantos pesquisados por Lira e Frei Chico eram cantos de boiadeiros, tecedeiras, canoieiros, tropeiros, foliões do Jequitinhonha e, segundo Soares (2020), faziam parte do coral artesãos, lavadeiras, domésticas e professoras primárias. Somente em 1984 o Coral Trovadores do Vale por intermédio da produção cultural de Tadeu Martins Soares consegue gravar seu primeiro LP (sigla do inglês *Long Play*, que significa longa duração), que de acordo com o projeto do disco “a cultura do Vale já serviu de inspiração para diversas composições musicais de artistas populares”.

No projeto a preocupação era “divulgar os cantos do povo na sua forma original” O coral Trovadores do Vale completou em agosto de 2020, 50 anos de existência, até hoje, além de referência para criação de outros corais que surgiram na região, ainda participa da programação oficial do Festivale. Muitos dos artistas que hoje concorrem ao festival da canção, bem como da noite literária são integrantes ou ex-integrantes dos corais existentes na região, pois através desses grupos, os coralistas e atores dos grupos de teatro conhecem o

Festivale e vão apresentar junto da programação oficial. Nesse sentido o evento integra e dá o sentimento de pertencimento social, pois possibilita o reconhecimento social, cultural e político que integra os povos do Jequitinhonha.

Outro Coral que contribui com a preservação do patrimônio cultural imaterial do Brasil e traz as mulheres como protagonistas é o Coral das Lavadeiras de Almenara. Fundado em 1991 pelo cantor e pesquisador cultural Carlos Farias, o grupo surgiu de uma percepção de que essas mulheres ao lavarem roupas num espaço de lavanderia comunitária da cidade cantavam muito bem. Hoje apresentam shows em várias cidades de Minas Gerais e fora do país. Gravaram vários CDs, participaram de documentários e realizaram em 2020 projeto com recurso do fundo estadual de cultura, junto a escolas estaduais da região levando discussão através de rodas de conversa e apresentação de cantoria para os estudantes.

Para Ataíde (2008), além do resgate de um acervo de canções de domínio público, enriquecendo o patrimônio cultural de nosso país, o projeto em execução (Coral) contribui para a sensibilização de indivíduos e entidades no sentido de se mobilizarem para a busca da preservação da cultura de sua região. A iniciativa ainda promove a inclusão social e a melhoria das condições de vida destas mulheres. O Coral se apresentou pela primeira vez no Festivale em 1993, na cidade de Minas Novas e é considerado exitoso não só por estar completando 30 anos de existência, mas por potencializar a vida de mulheres que direta ou indireta participam do Coral, seja financeiramente, bem como aspectos relacionados a autoestima dessas que na maioria são mulheres negras e idosas.

No cenário atual da pandemia de COVID 19 e aqui trazendo uma perspectiva também coletiva no âmbito musical, uma ação que chama atenção no Jequitinhonha é o projeto *Versinhos de Bem Querer*. Este projeto é realizado somente por mulheres de comunidades rurais em torno da AJENAI - Associação Jenipapense de Assistência à Infância, que fica localizado na cidade de Jenipapo de Minas.

São vendidos “versos de bem querer” no site pelo valor de vinte e seis reais, onde ao comprar são detalhadas pelo comprador as características da pessoa que será homenageada. De posse dessas características, as mulheres “cantadoras”, que atualmente são 5 no projeto, compõem os versos de forma personalizada e outra pessoa responsável pelo projeto envia por telefone ao comprador. Os versos são baseados nas cantigas tradicionais do Vale do Jequitinhonha. A ideia do projeto foi para suprir as necessidades das mulheres das comunidades rurais por conta da pandemia, pois a associação perdeu seu principal apoiador, segundo a coordenadora Elisângela Pedroso (BRESSER, 2020). As vendas tiveram sucesso surpreendente, inclusive para outros países como Israel, Argentina, e países da Europa, tendo

de ficar o site fechado por dias para atender a demanda. Além de beneficiar financeiramente as próprias mulheres, o recurso arrecadado foi para um fundo solidário para atender oito comunidades rurais, segundo Viviane Fortes, idealizadora do projeto (BRESSER, 2020).

O mais emancipador e autônomo desse projeto é que além de contemplar as mulheres das comunidades rurais da região que sofrem nas dimensões econômicas, sociais, e culturais, foi o fato de que para realizar esse trabalho, elas precisam apenas usar a própria voz e sua criatividade mediante o conhecimento que já tem das diversas cantigas tradicionais e como jogadoras de verso, sem necessidade alguma de acompanhamento de um instrumento musical, o que poderia inviabilizar a autonomia delas.

Associar a utilização do seu próprio corpo (voz), sua própria cultura atrelada a geração de renda, podemos pensar que projetos como esse é possibilitado à essas mulheres lugar de protagonismo, autoestima e emancipação.

No Jequitinhonha é muito difícil as mulheres serem protagonistas solas no cenário musical e principalmente no cenário do Festival. Ao observar as ações destacadas na região são contemplados na maioria das vezes ações de grupos coletivos em que mulheres fazem parte. Alguns poucos nomes de artistas mulheres permanecem conhecidos, como Titane e Déa Trancoso, sendo estas mulheres brancas. Déa já gravou 5 CD's e foi indicada ao prêmio da música brasileira por duas vezes. Atualmente além de cantora e compositora se enveredou pelos trabalhos acadêmicos, fazendo mestrado em Estudos Rurais na UFVJM e atualmente está como doutoranda em educação pela Unicamp. Hoje Déa Trancoso interage e grava seus trabalhos com nomes conhecidos de mulheres da música popular brasileira, como Ná Ozzetti, Mônica Salmaso e a própria Titane, que atualmente é o nome feminino de artista solista mais presente no Festival. Para Déa Trancoso (2021), que diz ter desde muito cedo amor e sedução com o rio Jequitinhonha, pois foi “menina de sua beira” e o Vale do Rio Jequitinhonha é um dos maiores reservatórios de alegria que conhece. Nas palavras da cantora, talvez seja o legado da interculturalidade miscigenada que povoou o lugar, especialmente com as presenças indígena e africana.

Esse legado de vozes e mãos coletivas, cheias de ancestralidade e historicidade certamente são as formas disruptivas que nos lembram de que somos seres sociais, e gregários, mesmo quando a lógica liberal que sustenta o individualismo silencia isto.

Retomando a construção da história do Festival da canção no Festival, um ano após o show Procurados e muito encantado pelos festivais que ocorreram no Brasil e marcaram a história da MPB-música popular brasileira na década de 1960 e 1970 o produtor Tadeu Martins Soares, nas palavras de Célia Mara, um dos cabeças do movimento, buscou

inspiração para provocar e articular a criação do Festival da canção no Vale do Jequitinhonha²³.

Diferentemente da noite literária que iniciou sua atuação em forma de concurso depois de mais de uma década do Festivale, o festival da canção nasceu já no primeiro Festivale em 1980. De lá pra cá, porém saltando alguns anos por falta de recursos financeiros, foram trinta e sete edições do Festivale que percorreu 24 cidades do Vale do Jequitinhonha.

O Festivale de 2020 no Serro-MG é denominado como edição especial (36/02) e, segundo Soares (2020), a trigésima sexta edição do Festivale se dividiu em duas etapas, tendo o Rio Jequitinhonha como tema, com o slogan: *Da Foz à Nascente*. A primeira edição foi realizada em Belmonte (BA), foz do Rio Jequitinhonha, em julho de 2019, e a segunda edição na cidade do Serro, nascente do Rio Jequitinhonha, em janeiro de 2020. Especificamente, a realização dentro do Festivale de festival da canção, foram o total de 34 edições, já que nos outros anos aconteceram mostras musicais.

Os festivais de canção, em suas dez primeiras edições, tinham majoritariamente a presença de concorrentes compositores e artistas homens. Numa pesquisa referente essas dez edições (entre 1980 e 1989) no livro de Tadeu Martins Soares *Jequitinhonha 42 anos de travessia: de Vale da Miséria a Vale da Cultura*²⁴ podemos constatar essa disparidade conforme a tabela 3 abaixo.

Tabela 3 - Compositores (homens e mulheres) em festivais da canção (1980 a 1989)

FESTIVAL DA CANÇÃO NO FESTIVALE	QUANTIDADE COMPOSITOR CONCORRENTE (HOMENS)	QUANTIDADE E NOMES DE COMpositorAS CONCORRENTE (MULHERES)	TÍTULO DA MÚSICA
1980-Itaobim	29	1-Célia Mara	Terra Sol
1981- Pedra Azul	28	1-Preta Viana 2-Célia Mara	-Vale do povo -Os Despotas
1982 -Itaobim	27	1-Maria das Dores Maiolline e Luciana Vasconcellos 2-Vânia Silveira 3- Flor Do Vale e Inô	-Mandacaru Carcará - A casinha - Meninas do Fanado

²³ Para Soares (2020) os festivais da Record, os Festivais Internacionais da Canção e festival de Itambacuri (regional) muito bem organizado, ficaram na sua lembrança e foi neles que encontrou inspiração para idealizar um festival de música para o Vale do Jequitinhonha.

²⁴ Neste livro o autor registra de forma mais detalhada as 10 primeiras edições do Festivale que segundo ele são os que ele participou efetivamente na organização/realização, deixando como ele mesmo disse que compete a Fecaje contar a história do Festivale de 1990 até os dias de hoje. Até a data de hoje existe pouquíssimo material sobre os outros anos do Festivale, por isso este trabalho fará um paralelo maior entre os 10 anos iniciais e os três últimos anos (recorte desta pesquisa). No próximo capítulo relataremos o processo sem grandes sucessos junto a Fecaje para colheita de material.

1983- Minas Novas	28	1- Denise Martins 2-Teresinha Sena	-Maravilha do vale -Carta ao pai Brasil
1984- Araçuaí	30	_____	_____
1985- Salinas	29	1 Efigênia Aquino	Horizonte Perdido
1986- Almenara	28	_____	_____
1987- Serro	20	_____	_____
1988- Virgem da Lapa	22	_____	_____
1989- Rubim	19	1-Déa Trancoso/Si Amaral e Cely Márcio	Tuíra

Fonte: A autora (2021).

Ao analisarmos a representatividade das mulheres nesses festivais, 4 dos 10 Festivais não houve nenhuma participação de concorrente compositora. Se observarmos, o quantitativo de participação masculina fica entre 90% e 95% de homens compositores, enquanto a maior participação de compositoras é de no máximo três concorrentes, no Festival de Itaobim em 1983. Em termos de percentagem, nesses 10 anos iniciais de festival da canção, a participação das mulheres considerando que os maiores quantitativos foram três, não ultrapassa a 10%.

No quesito premiação referente ao festival da canção um dado surpreendentemente desigual é que entre todos os festivais de canção realizados no Festival de 1980 até 2020, ou seja, 34 festivais da canção, somente em um Festival uma mulher foi premiada em primeiro lugar com a melhor canção. Tal acontecimento se refere ao décimo Festival em 1989 na cidade de Rubim, onde a cantora e compositora Déa Trancoso junto dos compositores Si Amaral e Cely Márcio defendeu a música Tuíra. Conforme Soares (2020):

a música vencedora foi uma homenagem a Tuíra, índia caiapó de 23 anos, que no “1º Encontro das Nações indígenas do Xingu”, em Altamira (PA), ameaçou o diretor da Eletronorte, encostando um facão no seu rosto, revoltada com a possibilidade de extermínio da sua tribo, com a implantação da hidrelétrica de Kararaô. A sua coragem e determinação em defesa do seu povo foi assunto na imprensa brasileira e internacional. (SOARES, 2020).

Completando a análise do festival de canção em suas 10 primeiras edições, a composição do Júri também tem representatividade quase inexistente de mulheres comparado à totalidade de jurados homens. Na maioria da composição do júri os homens representavam o total de 8 homens, ou 6 homens entre os jurados, tendo entre sua maioria a cantora e artesã Lira Marques como única jurada. E nos Festivais de 1983, 1984, 1987, e 1988 Lira dividia a bancada com outra participante cantora e ou compositora, respectivamente Maria Vilma,

Silvia Helena, Priscila e Ligya Jacques, todas essas artistas eram mulheres brancas, não pertencentes e não residentes do Jequitinhonha. Esse lugar de decisão ainda permanece ocupado majoritariamente por homens se compararmos os últimos festivais entre 2018 e 2020.

Na cidade de Felisburgo, entre os 5 jurados do Festival da canção, temos Alba Valério que na época era diretora de cultura da cidade de Almenara. Já no Festivale em Belmonte, entre os 4 jurados, a cantora e compositora Anna Beatriz Bicalho foi a única jurada e em 2020 na cidade do Serro, entre os 4 jurados estava presente a cantora Daniele Bonfim. Partindo dessas edições analisadas, bem como das análises com relação às decisões de premiação da noite literária, podemos afirmar que esses espaços de decisão são ocupados por homens (figura 24). Ou seja, a definição que elege os ganhadores tanto da noite literária, bem como do festival da canção nos Festivales entre 2018 e 2020 são tomadas quase que exclusivamente por profissionais e artistas homens.

Figura 24 - Serro 2020- Mesa de Juri Festival da Canção com Daniele Bonfim e ao seu lado, Tadeu Martins, um dos idealizadores do Festivale



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

Fazendo uma análise de apresentação de artistas solistas entre os anos de 2018 a 2020, uma vez que a programação do Festivale inicia aos domingos e se encerra aos sábados, ou seja, sete dias na semana e com apresentação de artistas no palco central e “Barraca

Festivale”²⁵; ao conferir a programação de cantores solistas nas três edições, sendo o total de 21 apresentações, apenas uma vez teve a presença de uma artista solista feminina, que foi no Serro em 2020 com a presença de Titane no último dia do evento (figura 25). O domínio dos shows no palco central nas edições mais recentes, assim como nas edições da década de 80, quando se trata de apresentações de artistas solistas é praticamente ocupado por cantores e compositores masculinos.

Figura 25 - Serro 2020: Titane em seu show solo no palco Festivale



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

A exemplo das análises feitas com a noite literária, abordaremos uma visualização do festival da canção no que tange a representatividade das mulheres entre os anos de 2018 a 2020. Ao fazer o levantamento do conteúdo das letras de música e poesias, estando a pesquisa de posse das letras, nomes dos compositores e seus respectivos intérpretes sendo que a princípio cada festival classifica 20 letras de músicas em cada edição; foi possível coletar e reunir para este trabalho referente ao festival de Felisburgo o total de 16 letras de

²⁵ A barraca festivale é um espaço aberto que engloba tudo o que acontece na programação do evento. É um momento de encontro e compartilhamento. A atração existe há muitos anos dentro da programação do Festivale e já virou uma tradição. Ali, as pessoas se encontram e compartilham as experiências vivenciadas dia a dia durante o festival. O espaço possui também um palco aberto para todos que quiserem compartilhar um pouco do seu talento, seja com uma música, uma poesia, uma dança ou qualquer outro tipo de apresentação (Boletim n 4 rolando no festivale-2018). Ao meu ver a barraca de uns anos pra cá deixou de ser um espaço mais democratizado, pois em algumas programações já se determina alguns shows a apresentar e isso pode intimidar algum (a) festivaleiro (a) de acessar o palco aberto. No Festivale de Felisburgo, no cartaz de divulgação continha apresentação de artistas todos os dias e todos eles homens.

composições, 18 letras de composições em Belmonte e 20 letras de composições no Festivale do Serro²⁶.

Diante desse quantitativo, temos o total de 54 letras de músicas e faremos as análises com base nesse material. Desse total, a autoria feminina nas composições entre os anos de 2018 e 2020 representa apenas 9% de participação no festival da canção, e a representatividade referente à interpretação das músicas, que como na noite literária também recebe premiação, a ocupação é de 18%. Partindo para uma análise mais detalhada, na qual separamos os conteúdos recolhidos por cidade e festival, de cada cidade do festivale entre os anos de 2018 e 2020, obtém-se a seguinte situação a partir da tabela 4:

Tabela 4 - Autoria e Intérpretes Festival da Canção (Festivales -2018 a 2020)

FESTIVAL DA CANÇÃO	AUTORIA FEMININA	INTÉRPRETE FEMININA
Felisburgo 2018	18%	25%
Belmonte 2019	0%	5%
Serro 2020	11%	27%

Fonte: A autora (2021).

De todos os três Festivales, Belmonte foi a cidade que teve a menor participação feminina nas duas modalidades, tanto de autoria feminina para concorrer no festival da canção, bem como intérpretes. Talvez uma possível explicação para a baixa participação seja a distância e a implicação dos custos de deslocamento e participação, posto que Belmonte se localiza na Bahia, esta hipótese corrobora com a necessidade de haver uma ação interventiva que de fato favoreça a participação de mulheres no festival. Observa-se que a exemplo de como ocorria nos grandes festivais de música a nível nacional do Brasil nos anos 60 e 70, passados em torno de 60 anos, hoje nos anos 2020 e no Festivale as mulheres têm ocupado o espaço mais como intérpretes se comparado a autoria de música. Tal dado pode estar relacionado ao fato de que para compor música (letra e canção) necessita de tempo de dedicação para além de escrever a letra em si, ter de estudar instrumento, melodia, harmonia e ritmo, ou seja, um conjunto de atividades, que no caso das mulheres, sobretudo as do Jequitinhonha com marcadores sociais que as subalternizam numa sociedade patriarcal de supremacia branca, a autoria requer oportunizar equidades sem as quais, fica difícil romper o sexismo e o racismo reproduzido e naturalizado nos festivais.

²⁶ As letras de músicas do festival da canção de Serro foram enviadas ao meu e-mail por integrante da Fecaje ao solicitar as músicas que foram apresentadas. Já o quantitativo de letras do festival da canção de Belmonte, dentre as 20 músicas, uma não foi apresentada no dia e a outra não consegui a letra mesmo em contato com o compositor. Sobre as letras do festival da canção de Felisburgo, uma não foi apresentada no dia e outras três não consegui contato com os compositores.

A exemplo de como foi feito no ítem 4.1 sobre noite literária, abaixo a imagem de divulgação dos nomes classificados para o festival da canção da Cidade de Belmonte. Na figura 26 temos a imagem como foi divulgada. Na figura 27 propõe-se a retirada dos nomes dos homens.

Figura 26 - Classificados Festival da canção de Belmonte

36º FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA
Vale, vida, verde, verso e viola

APRESENTAÇÃO NA QUARTA FEIRA (24/07/2019)

- 1-Sérgio Di Ramos - Itabuna-BA
Nome da Canção: TEMPO DE CRIANÇA
- 2-Marcony Geraldo Coelho Rocha - Minas Novas-MG
Nome da Canção: CORPO FECHADO
- 3 - Alberto da Silva Rocha- Belmonte Ba
Nome da canção: Freguesia do carmo
- 4-Aderbal Sodré Pacheco Júnior - Medina-MG
Nome da Canção: MISÉRIA
- 5-Dalton Silveira Magalhães - Minas Novas-MG
Nome da Canção: AFLUENTE
- 6-Luiz Henrique Santos Annunziato - Diamantina-MG
Nome da Canção: LAVADEIRA
- 7-Maurício Neves Bomfim (Mansu) - Governador Valadares-MG
Nome da Canção: EU QUERO A VIDA
- 8-Caio Pereira De Souza Bezerra - Padre Paraíso-MG
Nome da Canção: ANSEIO
- 9-Laécio Almeida Lima - Salvador-BA
Nome da Canção: SAMBA DE ROÇA
- 10-Eduardo José Barbosa Cordeiro Maciel-Turmalina-MG
Nome da Canção: REZA DE CHUVA

APRESENTAÇÃO NA QUINTA FEIRA (25/07/2019)

- 1-Marcelo Vouguinha - Belo Horizonte MG
Nome da Canção: BRILHANTE ENCANTO
- 2-Wênio Porto Neves (Zaak Porto) - Amenera-MG
Nome da Canção: SERTÃO RIO ACIMA
- 3-Luiz José Fontineli de Souza - Aracaju-SE
Nome da Canção: VIDAS SECAS
- 4-Estevam Meireles Storck - Conceição do Mato Dentro-MG
Nome da Canção: TABULEIRO
- 5-Willer Durval Lemos Coelho - Minas Novas-MG
Nome da Canção: PASSARINHO TA PEGANDO SIRIRI
- 6-Paulo Rogério Gusmão (Paulinho Medina) - Medina-MG
Nome da Canção: DE JEQUITINHONHA A FRANCISCO
- 7-Nino Aras - Diamantina-MG
Nome da Canção: JEQUITINHONHA O CICLO DA VIDA
- 8-Pedro de Sousa Murta - Diamantina-MG
Nome da Canção: TIJUCO PRETO
- 9-Valdecir Ton - Eunápolis-BA
Nome da Canção: VEIO DE MINAS
- 10-Carlos Alberto Ramos da Cruz Itambacuri-MG
Nome da Canção: VIVA O POVO BRASILEIRO E A CULTURA POPULAR

21 A 27 DE JULHO DE 2019
BELMONTE-BA

SHOWS ▾ FESTIVAL DA CANÇÃO ▾ MOSTRA DE CULTURA POPULAR ▾ CORAIS
 NOITE LITERÁRIA ▾ MOSTRA DE FOTOGRAFIA E VIDEO ▾ FEIRA DE ARTESANATO
 TEATRO ▾ CURSOS E OFICINAS

REALIZAÇÃO: Vale @ paca BELMONTE

APOIO: GOVERNO ESTADUAL GOV. DE MINAS GERAIS

PARCERIA: COOP. COOPERATIVA DE ECONOMIA SOCIAL E SOLIDARIEDADE COOP. COOPERATIVA DE ECONOMIA SOCIAL E SOLIDARIEDADE COOP. COOPERATIVA DE ECONOMIA SOCIAL E SOLIDARIEDADE

Fonte: FECAJE (2019).

Figura 27 - Mulheres classificadas no Festival da canção de Belmonte

36º FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA
Vale, vida, verde, verso e viola

APRESENTAÇÃO NA QUARTA FEIRA (24/07/2019) **APRESENTAÇÃO NA QUINTA FEIRA (25/07/2019)**

21 A 27 DE JULHO DE 2019
BELMONTE-BA

SHOWS ▾ FESTIVAL DA CANÇÃO ▾ MOSTRA DE CULTURA POPULAR ▾ CORAIS
 NOITE LITERÁRIA ▾ MOSTRA DE FOTOGRAFIA E VIDEO ▾ FEIRA DE ARTESANATO
 TEATRO ▾ CURSOS E OFICINAS

REALIZAÇÃO: Vale @ paca BELMONTE

APOIO: GOVERNO ESTADUAL GOV. DE MINAS GERAIS

PARCERIA: COOP. COOPERATIVA DE ECONOMIA SOCIAL E SOLIDARIEDADE COOP. COOPERATIVA DE ECONOMIA SOCIAL E SOLIDARIEDADE COOP. COOPERATIVA DE ECONOMIA SOCIAL E SOLIDARIEDADE

Fonte: Adaptado de FECAJE (2019).

A figura 27 reflete a inexistência de autoria feminina classificada para apresentação no festival da canção, conforme foi também demonstrado na tabela anterior. A exemplo de Miguel (2014) que discute a relação entre gênero e representação política com relação às mulheres no Brasil, pode nos valer de suas reflexões junto ao debate da representação cultural artística, pois para ele um ponto central, relativo às reivindicações das mulheres por maior presença nos corpos representativos, diz respeito à acomodação com a institucionalidade vigente.

Após o processo de redemocratização e apesar dos ataques misóginos atuais e a problemática do atual governo em ameaçar a democracia, todos os cenários, instituições, e dimensões da vida em sociedade estão sendo discutidas no que diz respeito à equidade entre os brasileiros. Miguel (2014) ainda nos traz a reflexão de Anne Phillips, falando sobre atuação política, pode-se avaliar o que ela dirá sobre essas disparidades para outras atividades, inclusive a cultural/artística; em que “se os níveis de participação e envolvimento tem coincidido tanto com diferenças de classe, gênero ou etnicidade, isso deve ser tomado como evidência *prima facie* de desigualdade política”, logo remete-nos a desigualdade na atuação artística e espaços de poder em volta dessas atuações.

2.3 Uma observação do espaço da cozinha no Festivale de Belmonte

Nesse contexto de analisarmos as desigualdades e afirmarmos a importância da equidade social e política dirigida às mulheres, voltaremos nosso olhar de modo a desnaturalizar os papéis sexuais de gênero atribuídos às mulheres e que se reproduzem dentro dos Festivales; e nesse caso a reflexão são os espaços, locais onde fazem as refeições realizadas ao longo dos 7 dias de Festival. Pouco material ou praticamente nada sobre a dimensão de organização da comissão de alimentação encontra-se divulgado. Para se ter uma noção, no Festivale de Felisburgo em 2018 foram servidas aproximadamente mil refeições de acordo com o boletim *Rolando no Festivale*. Por uma imagem de vídeo disponibilizada nas redes sociais em entrevista rápida às cozinheiras no Festivale de Belmonte, aparece no vídeo oito mulheres, como diria bell hooks, “mulheres de cor” que se identificam todas como ajudantes de cozinha, um rapaz como ajudante e um outro homem que diz seu nome e se identifica como subchefe da cozinha. Esse vídeo demonstra uma homenagem às pessoas que ficam no trabalho invisível e praticamente ocupado por mulheres que em geral são da cidade que está recepcionando o Festivale. Mas chama atenção que apesar de ser a cozinha um lugar

considerado subalterno de “domínio” das mulheres, um homem, entre oito mulheres, se designa hierarquicamente superior nas atribuições daquela atividade (figura 28).

Não cabe aqui problematizar e ou questionar se ele é merecedor ou não desse destaque se comparado a elas, mas dado o histórico de tomada de decisão em outros espaços já visto na análise feita sobre o Festivale ser destinado aos homens, patriarcalmente é um homem o sujeito que está em posição superior a aquelas mulheres também na equipe de alimentação. Argumentando sobre posições sociais de homens e mulheres, para Miguel (2014) não se trata apenas de diversidade. Numa sociedade estruturada pela dominação masculina, a posição das mulheres não é apenas “diferente” da dos homens. É uma posição social marcada pela subalternidade. Mulheres possuem menos acesso às posições de poder e de controle dos bens materiais.

Figura 28 – Serro 2020: mulheres da equipe de alimentação



Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

Mesmo considerando as análises até aqui, não é possível detectar fidedignamente porque é menor a participação e ocupação das mulheres no Festivale e, sobretudo as mulheres negras que reproduzem as hierarquias sociais já dadas, mas pode concordar que dada à organização atual da sociedade, as mulheres são as principais responsáveis pela gestão de suas unidades domésticas, conforme Miguel (2014). Logo o tempo é um impeditivo considerável para que elas iniciem ou progrida na carreira artística. Além do que é relevante considerar que levar a carreira artística no nosso país, ainda muito mais no interior é desafiador, pois não tem ou tem pouquíssimo incentivo governamental a exemplo do que ocorreu em 2019 quando o

presidente Bolsonaro extinguiu o ministério da cultura e sobre a lei Aldir Blanc com prazos apertados para os artistas acessarem os recursos durante a pandemia da COVID-19.

CAPÍTULO III
REPRESENTATIVIDADE E REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO FESTIVALE:
COMO SE PRESENTIFICAM?

3 ADIAR O FIM DO MUNDO COM POESIA²⁷

A necessidade de ler sobre o histórico do Festivale, do que foi possível captar e com um pouco mais de informação histórica de sua primeira década, porque era o material mais extenso escrito sobre o movimento, fez com que essa pesquisa abarcasse uma breve análise comparativa entre seus anos iniciais e os 3 últimos anos do festival, o que não tinha proposição de objetivos em sua submissão ao CEP, mas que tal feito foi se tornando no mínimo curioso e com o tempo revelador no que tange a proporção, e no caso a baixa proporção dessas mulheres nos anos 80, e mesmo após 4 décadas de existência do Festivale ainda permanecia algumas similaridades em alguns quadros do festival. Eis que uma análise esteve presente nos escritos acima.

Já com relação às obras, etapa pensada e organizada da pesquisa, diferentemente da análise comparativa, era imaginado que seria difícil interpretar e fazer um breve resumo da narrativa de todas que foram colhidas, porém não imaginava que seria tão desafiador e que essa etapa fosse nada linear²⁸.

Já adentrando no campo dessa pesquisa documental, num primeiro momento foi feito contato junto a página oficial da Fecaje explicando sobre a pesquisa, posteriormente enviado e-mail institucional à diretoria da Fecaje para obtenção dessas letras, uma vez que é a diretoria que recebe anualmente as letras que concorrerão. Após meses sem resposta oficial da diretoria, o contato se fez por telefone com alguns membros que a pesquisadora conhecia. Junto a um membro da diretoria, a pesquisa contou somente no recebimento das letras das músicas concorrentes no Festivale da cidade do Serro em 2020 e algumas letras enviadas por mensagem de *WhatsApp*. Todas as outras letras de músicas e poesias foram recolhidas com responsável de equipe voluntária da comissão de noite literária e contato da pesquisadora com aproximadamente 40 artistas, no qual foi explicado um por um o teor da pesquisa. Considera-se que apesar da não resposta oficial da Fecaje, por nenhum meio oficial, mesmo que a

²⁷ O título deste capítulo faz referência à obra (2019) *Ideias para adiar o fim do mundo*, do escritor, poeta brasileiro de etnia indígena Ailton Krenak.

²⁸ Ao final deste trabalho segue anexo levantamento realizado de todas as letras de músicas e poesias para apreciação dos leitores e possíveis trabalhos futuros, bem como em destaque na cor roxa das “letras corpus” que interessa à análise (ANEXO J a ANEXO O).

entidade tenha assinado carta co-participe²⁹, bem como da resposta por telefone de alguns membros sobre a falta de organização e mesmo da não possibilidade de conseguir as letras, a colheita e esforço atingiu êxito, uma vez que obteve-se 100% das letras das poesias que concorrem no período pesquisado, sendo 28 letras de poesias.

No campo musical obteve-se 90%, ou seja, 54 letras das 60 músicas, classificadas e explicadas no capítulo anterior o levantamento das obras em cada Festivale. Sobre o levantamento das obras junto à federação o que se observa é que não foi cumprido pela Fecaje a sua obrigação descrita no ítem Capítulo II do Estatuto da Fecaje³⁰ (ANEXO E), onde entre outras obrigações tem como “a criação e manutenção de um banco de dados, documentação e memória da cultura da região”, uma vez que a federação não tem sistematizado as letras dos últimos Festivales que segundo o próprio regimento no artigo 12º o “Festivale é a maior realização da Fecaje” (ANEXO F). Cabe reforçar que outras documentações como editais do festival da canção e da noite literária, dentro outros foram obtidos em contato com artistas concorrentes, pois não se obteve resposta da diretoria quanto esta solicitação³¹. Por fim, o que se destaca é que parte de material conseguido não foi via documento formalizado junto à federação, mas no campo da pessoalidade, onde a pesquisadora por algum contato pessoal com membro da diretoria, obteve algum material, sugerindo que infelizmente existe desorganização, displicência pelo arquivo e pela memória da cultura do Festivale no Jequitinhonha.

Para a nossa análise não interessa neste momento fazer divisão entre o que é letra de música e letra de poesia, uma vez que esta distinção não faz necessário para a análise, mas o que esse quantitativo de artistas escreveu, sua narrativa e local social ocupado pelas mulheres nas narrativas das obras. Além do que segundo, Antônio Cândido, estudioso e crítico literário que em seu livro *O romantismo no Brasil* (2004), ao dizer da relação entre a obra literária e o público, dá o exemplo de que a ligação entre poesia e a música foi fundamental para o acesso do público desde o século XVIII, inclusive de valoração do texto poético, e se estende até hoje na conhecida MPB, pois ao musicar versos e no caso do Brasil poemas escritos para serem tocados ao ritmo de modinha, a canção chegaria com mais facilidade ao seu público. A modinha teve forte impacto na poesia brasileira, tornando popular diversas obras como por exemplo as de Thomás Antônio Gonzaga. Completando essa ligação

²⁹ Documento exigido pelo CEP - omitê de ética da UFVJM após projeto ter sido submetido a plataforma Brasil.

³⁰ Em contato com um membro da diretoria, foi solicitado da pesquisadora e recebido uma cópia do novo estatuto e do novo regimento feito em 2019, não sendo este documento o registrado em cartório, mas foram por estes documentos que esta pesquisa se amparou. Documentos encontram-se nos anexos deste trabalho.

³¹ Estão nos anexos os editais da noite literária e festival da canção da edição de 2019 em Belmonte, no qual em contato com os artistas, os mesmos disseram que o conteúdo dos editais tanto de Felisburgo como de Serro eram semelhantes ao de Belmonte.

entre poesia e música, de acordo com Fischer (2016, p.20 *apud* Miguel e Garcia, 2019), apesar de haver opiniões contrárias ao estudo da canção como produção literária, além de defender ser realizado, é imprescindível ser realizado também no espaço universitário, apresentando três motivos para tal feito: o primeiro é que a canção popular é a mais ativa da cultura brasileira, estando há pelo menos meio século à frente das outras artes, o segundo é que “a canção dá forma à sensibilidade do brasileiro” e o terceiro é que o estudo trata da combinação de duas dimensões de pólos diferenciados: o erudito, diretamente ligado à tradição letrada, e o popular, que carrega consigo a tradição oral, matrizes africanas, nossa história e memórias culturais.

Outro fator é que em nossa análise não é interesse deste trabalho apontar qualidade estética ou não de uma obra, até porque não é nem área de domínio da pesquisadora, mas suas representações literárias no que diz respeito às mulheres. Sendo assim, nos interessa saber o que é retratado nas obras sobre a visão, sobre a condição e se há pluralidade de existência social das mulheres nas obras; em que para Regina Dalcastagnè cada vez mais as mulheres continuam sendo objeto de representação literária, sendo feito tanto por homens quanto por mulheres. Para a escritora,

estas representações apontam diferentes modos de encarar a situação da mulher na sociedade, incorporando pretensões de realismo e fantasias, desejos e temores, ativismo e preconceito. Na medida em que, nas últimas décadas, transformou-se aceleradamente a posição feminina nos diversos espaços do mundo social, a narrativa contemporânea é um campo especialmente fértil para se analisar o problema da representação (como um todo) das mulheres no Brasil de hoje. (DALCASTAGNÈ, 2012).

3.1 A música, a poesia e a entrevista: três “femininos” em análise

Sendo a metodologia da pesquisa qualitativa, optou-se pela utilização do método de análise de conteúdo da Bardin (1977) tanto para interpretação das letras de música e poesia, como para as entrevistas, uma vez que o “desvendar crítico” em um processo de desocultação e análise de significados do dito e do não dito” (BARDIN, 1977) é sua função principal.

Para a autora (1977), o processo de análise de conteúdo passa por três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, sendo a inferência e a interpretação. Esse método de investigação, a análise de conteúdo, possui formas diversas para sua aplicação, a depender do material que será utilizado e dos objetivos. Para Bardin (1977), a análise de conteúdo pode-se com muito rigor considerar como um único

instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. A autora também aponta diversificado material de comunicação verbal ou não verbal passível de aplicação do método como jornais, livros, cartazes, discos, literatura, pintura, filmes, vídeos, entrevistas, diários pessoais, informes etc.

Neste capítulo trataremos o método em duas proposições: para a interpretação das letras de música e poesia, bem como para as entrevistas realizadas. Primeiro trataremos de explicar como se deu as fases de produção metodológica que refere ao material coletado (obras dos artistas), e já na sequência mostramos os resultados, considerações e interpretações possibilitadas pelo método. Após, partiremos para exposição das fases do método nas entrevistas realizadas, resultados e conclusões interpretativas. Como parte final um esboço nas considerações finais do trabalho e dos resultados que foram possíveis identificar.

Sobre a primeira proposição que foram as obras dos artistas, na fase de pré-análise, foram coletadas as letras, realizadas leituras repetidas vezes de todas as letras, bem como a princípio feita tabela com nome e breve contextualização do que a pesquisadora compreendeu do contexto de cada letra; ou seja, do total de 82 letras³². O próximo passo era fazer o recorte de todas as obras que discutiam ou traziam a questão de posicionamento político da questão feminina. Porém, conforme a leitura das obras e relação com as abordagens teóricas basilares do trabalho, houve a necessidade de inclusão de obras que tratam da perspectiva de representação das mulheres nas narrativas, ou seja, há o interesse de analisar o lugar social que as mulheres ocupam nos escritos pelos poetas e pelos músicos, tanto homens, quanto mulheres.

Como inicialmente foi explicitado este processo não foi linear, e, portanto, a pesquisadora ao não compreender determinada obra ou sentir fragilidade em sua compreensão, passou por um processo moroso de tempo até chegar à tabela que determina quais serão analisadas. Ou seja, uma vez excluídas as obras que não fariam parte da análise, restaram o total de 18 letras que estarão em análise, 22% do total das letras recolhidas.

Na fase de exploração do material após separação dessas 18 obras, cada uma contendo breve contexto, segue-se para a elaboração e criação das categorias temáticas, sendo realizada novamente leitura dessas poesias e dessas músicas. Portanto, a análise categorial optada pela pesquisa foi temática, que é quando a análise se baseia nos significados, compreensão das ideias e argumentos expressos no texto e no caso, nas letras de músicas e

³² Do total de 82 letras, algumas dessas contemplam na narrativa sentimentos amorosos, principalmente de um personagem masculino para com o feminino. Optamos por não trazer para a análise obras com essa abordagem, uma vez que adentrava muito mais no campo do sentimento do personagem masculino, em que pouquíssimo se abordava da personagem feminina e a análise poderia ficar comprometida e ou fragilizada por quase inexistir representação das mulheres.

poesias. Nesta análise foram utilizadas como unidades de registro, que é o elemento unitário de conteúdo a ser submetido posteriormente à classificação (MORAES, 1999). Todo o texto da obra, não apenas trecho ou frases, pois segundo Moraes (1999), a natureza das unidades de análise necessita ser definida pelo pesquisador. As unidades podem ser tanto as palavras, frases, temas ou mesmo os documentos em sua forma integral.

Deste modo, para a definição das unidades de análise constituintes de um conjunto de dados brutos pode-se manter os documentos ou mensagens em sua forma íntegra ou podem ser divididos em unidades menores. A análise criada de forma temática teve por base os objetivos desta pesquisa que compreende de forma geral a investigação da representatividade das mulheres no *Festivale*, bem como todo o referencial teórico estudado e disponibilizado para este trabalho. Nesta etapa é inevitável que apesar de ter a base teórica, não tenha uma interpretação pessoal do pesquisador, pois conforme Moraes (1999), de certo modo a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação.

Para fortalecer a interpretação do pesquisador, deve-se levar em conta o contexto em que a comunicação se apresenta, sendo que cada vez mais a compreensão do contexto evidencia-se como indispensável para entender o texto. A mensagem da comunicação é simbólica. Para entender os significados de um texto, portanto, é preciso levar o contexto em consideração. É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem (MORAES, 1999). Por isso também a análise de conteúdo faz sentido ao trabalho dessa pesquisa, pois apesar de semelhança com análise documental, a diferença essencial é que a análise com documentação trabalha com documentos, a análise de conteúdo com mensagens (comunicação) (BARDIN, 1977).

Além do que o objetivo final de cada técnica se diferencia, pois na medida que a análise documental é a representação condensada de informação para consulta e armazenagem, o da análise de conteúdo é manipulação das mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem (BARDIN, 1977). Feita essas considerações sobre a técnica utilizada segue abaixo a tabela 5 com a contextualização das obras.

Tabela 5 - Contextualização das obras

TÍTULO DA OBRA	AUTORIA	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO
1 - Acalento para voz de uma mulher (A Mariele Franco)	Edelvan Alves	Homenagem a vereadora Marielle Franco (ativista) morta em 2018 e denúncia da violência no Brasil
2 - Cidade Maria	Júnio Dutra	Retrata a mulher responsável por funções ligadas aos cuidados domésticos
1-3 - Alzira	Regiane Farias	Retrata a sobrecarga das mulheres nos cuidados da vida doméstica e a questão da condição da mulher do Jequitinhonha, sendo “viúva de marido vivo”
2-4 - Matristica	Giselda Gil	Denuncia os papéis domésticos direcionados à condição natural das mulheres e aborda a questão da importância de autonomia feminina na vida cotidiana da mulher
5 - Ela!Na escura 367:poesia travesti	Ivis Alan Pereira	Condição de ser travesti no Brasil e as opressões (Violência contra a mulher)
6 - Joana Maria não viu as flores	Edelvan Alves	Violência contra a mulher
7 - Cortejo	Júnio Dutra	Mulheres artistas da região do Jequitinhonha são homenageadas, mas também retrata a condição da mulher do Jequitinhonha (viúva de marido vivo)
8 - Flores do Cangaço	Sandro Roberto	Referência às esposas dos homens do cangaço-movimento do sertão brasileiro no início do século XX
9 - Mistério Mulher	Laécio Bethovem	Referência e representação do ser mulher
10 - O canto das lavadeiras	Wênio Porto	Referência as lavadeiras do Rio numa perspectiva romantizada
11 - Sertão das Minas Gerais	Málter Ramos	Trata da estrutura de vida na roça numa visão do homem como centro e sua esposa na perspectiva de uma família idealizada
12 - Lavadeira	Luiz Henrique	Referência as lavadeiras do Jequitinhonha pontuando também uma vida/ofício penoso
13 - Reza de Chuva	Eduardo José	Traz a representação da mulher, da vida no campo e relação do povo com as águas
14 - Canto de Reza	Luiz Henrique	Fala da mulher como ser central/primordial da vida fazendo uma analogia com a mãe terra.

15 - Forrada de Chita	Willer Durval	Letra faz referência a personagem feminino da literatura brasileira (Gabriela), logo é possível inferir a discussão de cor e raça
16 - Verdade Direta	Marcony Geraldo	Denúncia da corrupção da política brasileira e a morte violenta e inexplicada da vereadora Marielle Franco em 2018.
17 - Desenho de mãe no quadro parnasiano	Karine Silva	Relata a vida difícil de uma mulher trabalhadora de classe social inferior na capital mineira
18 - Senhora boneca, boneca senhora	Giselda Gil	Ao mesmo tempo que é feita homenagem à artista/artesã do Jequitinhonha, descreve vida sobrecarregada dessa mulher

Fonte: A autora (2021).

Para determinar a categorização das letras, outro momento sucedeu-se após breve contextualização que foi o agrupamento dessas obras para a posterior categoria temática que foram construídas no decorrer do processo conforme tabela 6 abaixo.

Tabela 6 - Categorização

NOME DAS OBRAS	CATEGORIA TEMÁTICA
Ela!Na escura 367:poesia travesti Joana Maria não viu as flores Acalento para voz de uma mulher (A Marielle Franco) Verdade Direta Flores do Cangaço	1 - Violência Contra a mulher
-Mistério Mulher -Canto de Reza -O canto das lavadeiras -Sertão das Minas Gerais - Lavadeiras -Reza de Chuva -Cortejo	2 - Representação das mulheres do Jequitinhonha
Forrada de Chita	3 - Racismo a “lá brasileira”
-Alzira -Cidade Maria -Senhora boneca, boneca senhora	4 - Mulheres e cuidados

-Desenho de mãe no quadro parnasiano	
-Matrística	

Fonte: A autora (2021).

Contemplando a terceira etapa de tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, serão apresentadas a seguir a descrição e discussão das 4 categorias elaboradas, bem como nesta etapa o recorte de trechos das letras que exemplificam essas.

3.2 A poesia falada e a poesia cantada

3.2.1 Categoria: *Violência contra a mulher*

“Ela não teve tempo de ser mulher, não teve tempo de ser ninguém”

Importante notar que a categoria “violência contra a mulher” foi a que entre as 18 obras, conteve a presença maior de obras, sendo notória que duas delas, compostas por homens, tratam da morte da vereadora Marielle Franco, do Rio de Janeiro, assassinada em 2018 junto do seu motorista (figura 29).

Figura 29 - Serro 2020 - Festivaleiros em protesto da morte da vereadora Marielle Franco



Fonte: Fonte: Página oficial da Fecaje no Facebook, 2020.

Dessas, a obra “Acalento para a voz de uma mulher (A Marielle Franco)” de Edelvan Alves foi premiada com melhor interpretação em 2018 no Festivale de Felisburgo realizada por Regiane Farias. Eis abaixo os trechos:

*“Entre político e ladrão eu não sei quem é bandido não
Entre político ladrão eu não sei quem é bandido não
Quem mandou matar Marielle
Deve estar no Japão”*

Trecho da música Verdade Direta (Marcony Geraldo, 2020)

*“Do corpo negro ainda resiste uma coisa
que vale mais que todos eles.
Pode o valor de uma ideia ser apagado junto com um corpo?
A mulher e sua voz não se apagaram junto com o corpo.
Se espalharam pelos morros, favelas, vales e becos todos.
Não foram vencidas em campo de batalha nenhum, por coisa qualquer.
Maldito seja o homem que subestimar o eco da voz de uma mulher”.*

Trecho da Poesia Acalento para a voz de uma mulher (A Marielle Franco) (Edelvan Alves, 2018)

A questão da violência no Brasil está nas telas de TV, nos programas e pesquisas como temas de preocupação entre os brasileiros. E esse assassinato ganhou notoriedade, pois a vereadora negra e militante dos direitos humanos, tendo como foco direitos das mulheres e do povo das favelas, que ocupou lugar de prestígio social e sendo assassinada e que até os dias atuais, quase 3 anos após seu assassinato não foi concluída toda a investigação; denota que o Brasil é um país com muitos interesses sem esclarecimentos e relações desse crime com a política e com os políticos brasileiros. Nesse caso, uma mulher negra foi silenciada de forma brutal e infere-se que por ter um trabalho juntos das minorias, jovens, negros e negras, moradores da favela, mulheres, entre outros. Passados 3 anos após sua morte ainda cabe a reflexão de que existem autoridades e políticos que interferem nesse caso.

Esse crime também revela e reafirma a luta do movimento negro contra o mito da democracia racial no nosso país e encara quem de fato morre neste país pelos ideais de democratização social. Para Lélia Gonzalez (2020) o mito da democracia racial é um modo de representação/discurso que encobre a trágica realidade vivida do povo negro no Brasil. Ele nega a decorrência das opressões, em que elas para além da questão socioeconômica, são expressas também nas relações sociais, logo, negando a existência de racismo.

O nosso país é moldado dentro do patriarcado, de um contexto de dominação, sendo ele uma forma de expressão do poder político, e conforme Saffioti (1987), nunca é demais afirmar que o poder é branco, masculino e adulto. Ou seja, é esse poder que gera as leis e políticas do nosso país. Ainda na abordagem da categoria da violência, destaca-se uma

obra que relata agressão que se dá no âmbito familiar sofrido por uma mulher/menina desde os 13 anos retratada nos trechos abaixo:

*“Cama, mesa e sexo.
Banho só nas horas vagas,
que já não tem agora.
Miserável tentativa de existir.
Joana Maria, menina-mãe, interrompida,
violentada e refém de indesejável sina.
Treze primaveras sem cor alguma”.*

*“A prole, órfã de pai vivo, sempre atrás.
Puxa as saias, arrasta, coloca a menina em seu lugar desleal.
De segunda a sexta apanha, sábado e domingo enlouquece.”*

*“Os golpes lançam Joana contra o chão,
cheia de sonhos e aspirações, agora inúteis.
Dentes quebrados, sangue, cuspe e poeira.*

“Ele me disse que eu seria sua mulher, só sua...”

Trecho da Poesia: Joana não viu as flores (Edelvan Alves, 2019)

O poder tem duas faces: a da potência e a da impotência. As mulheres estão familiarizadas com esta última (SAFFIOTI, 1987). Esta frase da socióloga representa o texto que relata o sofrimento e a inação de uma pessoa por diversos abusos da relação afetiva homem/mulher. A poesia denuncia a violência psicológica, física, a violência sexual e contra menor vulnerável, uma vez que no texto entende-se que ela tem 13 anos, botando o dedo na ferida da sociedade brasileira em que essa questão não foi superada no que tange à vida afetiva, doméstica e familiar mesmo com a aprovação da Lei Maria da Penha em 2006. A violência contra a mulher, diferentemente da violência urbana, a doméstica incide sempre sobre as mesmas vítimas, tornando-se habitual, se tornando uma relação de codependência e relação fixada segue tendo complacência da sociedade (SAFFIOTI, 1987).

O Brasil se destaca na violência contra a mulher: é o 4º país no mundo em casamento infantil e 5º país que mais mata mulheres (4,8 mulheres mortas para 100.000 habitantes), sendo que 503 mulheres são agredidas por hora; em 2016 5,2 milhões de mulheres sofreram assédio em transporte público; 30% sofre algum tipo de violência durante a vida; o lugar mais perigoso é dentro de casa; a cada 12 segundos ocorre um estupro, estes são dados contidos na cartilha sobre a violência contra a mulher no trabalho produzido pelo Ministério Público do Trabalho (2019).

Segundo a Comissão Interamericanas dos Direitos Humanos-CIDH (2021) além de continuar implementando leis e políticas públicas voltadas à erradicação da violência de gênero, também é necessário adotar medidas que visem a promover o ideal de igualdade de gênero no país, de modo que a dignidade e a autonomia das mulheres passem a ser mais amplamente reconhecidas pela população, superando-se as hierarquias sociais CIDH (2021).

Um desabafo cheio de referências a travestis que foram mortas violentamente no Brasil foi o destaque da poesia *Ela! Na escura 367: Poesia travesti*. Um dos trechos diz:

*“De que adianta ser chamada humano, se a dor que sofro só me faz uma coisa?
A coisa imunda, pobre, preta e bicha, o regurgito dessa gente escrota.
A minha sina é morrer calada e indigente na BR suja
E suja até a minha alma cala, por me lembrar de todas as surras
Que a vida dá, que pai me deu, que o mundo anda dando
Deu em Dandara, deu na Erica, na Ticiane
E mesmo a Bruna, que intervindo foi, morreu de tiro, bem no silicone”*
Trecho da poesia: Ela! Na escura 367: Poesia travesti (Ivis Alan Pereira, 2019)

Cabe destacar que a primeira referência ao termo travesti no título da poesia já nos remete a um texto que aborda a questão LGBTQI. Travesti é uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade (REIS, 2018).

No contexto da poesia, a pessoa que tem identificação com o gênero feminino sofre agressões por sua atividade remunerada como profissional do sexo, além do que denuncia a cruel violência que sofreram outras personalidades travestis no Brasil e que foram destaques como Dandara, linchada e executada a tiros no Ceará em 2017. A poesia em questão que este trabalho entende relacional com a discussão por ter expressão de gênero feminino, foi apresentada em julho de 2019 em Belmonte, levando a premiação de primeiro lugar na noite literária e melhor interpretação pelo seu autor Ivis Alan.

A legislação brasileira ainda é pouco propositiva com crimes de discriminação Lgbtfóbica. Apenas alguns Estados brasileiros possuem jurisprudência na temática e então a Lei Maria da Penha legislou que independente de orientação sexual, etnia, classe, toda mulher goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana. Ainda com base em seu art 5º percebe-se que a lei, em determinadas circunstâncias, pode, por analogia, aplicar-se a Travestis e Transexuais, abrangendo toda e qualquer violência doméstica independente da sexualidade dos integrantes da família. Porém ainda as legislações são restritas, como esse o caso de abrangência à violência doméstica, não abarcando muitas vezes o crime noutra esfera. Os dados recentes revelam que os homens gays são as pessoas mais afetadas pela violência (191), seguido das pessoas trans (164)³³, que em sua maioria são afrodescendentes, expondo a interseccionalidade da discriminação. Além disso, essas estatísticas refletem que as pessoas trans são mais expostas a mortes violentas e, em números absolutos, têm 17 vezes mais

³³ Dentro da categoria “pessoas trans” quase a metade desse total são travestis (81 pessoas). Fonte: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>.

chances de serem mortas quando comparadas aos homens gays (CIDH, 2021). A obra premiada dialoga com os dados expostos, quando reforça também a cor da pessoa que mais sofre: a pessoa de cor preta.

A letra da música Flores do Cangaço, a princípio se revela como uma homenagem às esposas dos homens do cangaço, citando assim:

*“Mulher do cangaço, fina flor de fino trato
Dinha de Delicado, mel de Beija-Flor
Cada pétala tem cheiro, de sertão, raiz e mato
Canto de Canário, para Adília seu amor”
Por Dadá, se vê, flor arrancada da jardim
Corisco correu risco, por amor até o fim
Quem troca a cabeça pelo pé, é estopim
E o corpo desta história, tim tim por tim tim”
Flores do Cangaço (Sandro Roberto, 2018)*

Os nomes Dinha, Adília e Dadá são de mulheres esposas de cangaceiros. Dadá foi uma das últimas sobreviventes da história, e viveu muito após o fim do cangaço. Existem filmes, documentários e muitos depoimentos sobre esse movimento no início do século XX no sertão do Brasil. Esta música foi apresentada no Festival em Felisburgo, no ano de 2018, onde os 10 finalistas do festival da canção foram contemplados com as suas composições gravadas em CD. No encarte do mesmo abaixo da letra da música, está esta explicação complementar “Dadá foi raptada por Corisco, e virou sua esposa, uma relação que começou bruscamente, mas foi uma das maiores histórias de amor do cangaço”.

Ao pesquisar sobre a história dessas mulheres no cangaço, a jornalista Adriana Negreiros trata em seu livro *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço* (2018), toda uma narrativa sob perspectiva do ponto de vista das mulheres que estiveram presentes nesse movimento sertanejo na década de 30. Eis a questão: como pode uma história de amor ser grandiosa, sendo a base dela o aprisionamento de 3 anos, seguidos de estupros em uma menina de 13 anos? Sendo essa mesma menina ao longo do tempo dentro do bando, ser mãe de 5 filhos e todos serem arrancados dela, enviados a outras pessoas para que cumpra com sua obrigação maior que é o cangaço?

Na narrativa do livro, Dadá, já dentro do bando, passados alguns anos, certa vez disse contradizendo o imaginário popular romantizado que se fazia do cangaço: “Isso é uma vida miserável. Você não queira saber o que é dormir no molhado, andar no espinho, subir saltada, correndo, tomando tiro.” (NEGREIROS, 2018, p. 91). A autora conclui que, sobre a transformação das cangaceiras, e no caso de Dadá em uma mulher fria e vingativa, a atribuição se devia “a naturalização da violência e o incentivo para as práticas bárbaras que

Corisco praticava”. Acrescenta-se a esse entendimento que assim como essa atribuição a deixava cruel, pode-se formar no pensamento dessa mulher a construção de uma forma de amor. Essa naturalização e romantização da violência é poetizada em Flores do Cangaço uma vez que foi um pesadelo constante na vida das jovens mulheres que cruzaram o caminho com os cangaceiros ou com os soldados que a perseguiram (NEGREIROS, p. 34, 2018). São essas naturalizações e romantizações estendidas inclusive na esfera da vida amorosa que contribuem a perpetuação da violência contra mulher.

3.2.2 Categoria: Representação das mulheres do Jequitinhonha

“Da mulher: o berço da força da matéria

Mãos fortes, sustentam com o corpo, o corpo oco da terra”

Nas letras de Canto de Reza, Reza de Chuva e Lavadeiras são expressas a relação do povo com as águas, seu ofício e sua vida no campo que dependem dessa água. A figura da mulher é expressa em trechos que descrevem essa relação.

*“Relampiô” lá nas grotas do “tororó”
Vi dona Preta fazer simpatia pra chuva chegar
João do Rosário com as mãos pro céu pôs-se a agradecer
Maria Mutinga, Rosária e Josefa “rezô” pra chover
“Moia” as terras de João lavrador
De Maria que colhe algodão
Chova lá na cacimba onde Clementina planta seu feijão
Faz jorrar no peito a esperança
De tempos de fartura e abundância
Pro povo acreditar que ainda vale a pena plantar nesse chão
Chove lá no sertão, terra de seca “braba”
Onde Dona Geralda procura sua água com um balde na mão
Mata a sede se Seu Benedito, molha as roças de Zé do Cambito
Cai água abençoada, chove em todo lugar”
Trecho da Música Reza de Chuva (Eduardo José, 2019)*

*“Lavadeira quando entra no rio
É Sol banhando corrente à ribeirão
E lavadeira lá no rio lavadeira se banha
E chora Oxum, a iê iê, meu Sertão
Lavadeira quando se assenta no rio
À beira pedra e leva nas mãos
Toda dureza que carrega na vida
Todos os filhos em seu coração”
Trecho da Música Lavadeira (Luiz Henrique, 2019)*

*“Tuas mãos são barro
Que vem da terra
Teus pés são pedras*

São Sertões de estrelas
Minha mãe, terra
Ê, mulher, iê, iê, aiê
Mãos de fé, iê, iê, aiê
Da mulher: o berço da força da matéria
Mãos fortes, sustentam com o corpo, o corpo oco da terra
E renasce com mil histórias e feridas na pele
Bravejos em formas de cantos
E é de reza, o barro do canto e a fonte Canto de reza”
Trecho da Música Canto de Reza (Luiz Henrique, 2020)

As três letras contêm três figuras femininas emblemáticas no Jequitinhonha, que são as lavadeiras, rezadeiras/benedeiras e artesãs do barro. Todas as três são descritas com sua relação com a água, ou a falta dela. Essa similaridade entre elas aponta um protagonismo de convívio junto ao semiárido mineiro. Além do uso da água para consumo, ela é voltada para o desenvolvimento local, e esse não acesso a água impacta potencialmente as mulheres, pois desde sempre elas são as responsáveis pelo cuidado da casa. Souza e Sulzbacker (2020), afirmam que a relação com água, faz parte da vida das trabalhadoras rurais e quando falamos que elas se tornam as protagonistas para o seu acesso é exatamente por essa maior proximidade, como por exemplo o fato delas serem as responsáveis por buscarem formas de viabilizar esse acesso.

Ao mesmo tempo que as letras possam significar alguma homenagem/referência a essas figuras representativas, são citados versos em que denunciam a dureza que pode ser a vida no campo ou na cidade de quem vive desses ofícios e com o convívio com a seca. De outra forma, as composições *O Canto das lavadeiras* e *Sertão das Minas Gerais* em que a primeira sendo o autor da cidade de Almenara faz homenagem às lavadeiras do município e a segunda cita uma família, logo aparece a presença dessa esposa que vive no campo. Nas duas composições podem existir o que podemos configurar de uma visão tênue entre a exaltação da vida cotidiana simples e conseqüentemente feliz dessas mulheres nas narrativas e uma aproximação com uma romantização sobre a vida dessas mulheres no campo. A questão é que a romantização pode produzir percepções adulteradas da vida real, principalmente em se tratando de contexto familiar, de convivência e relações entre homens e mulheres, onde muitas vezes às mulheres são destinados uma multiplicidade de tarefas, ainda mais se tratando da vida no campo.

*“A lavadeira vai descendo
Vai cantando ao encontro do rio
Rodia pronta, bacia na cabeça
O rio lhe espera
Lavando roupa todo dia com alegria”
O Canto das lavadeiras- Wênio Porto*

*“Toda manhã quando acordo vou direto pra cozinha
Acendo o fogão a lenha e preparo o café matinal
Encho o balaio de milho no paiol pras minhas galinha
Depois vou ver as vaquinha e tiro leite no curral
A mulher e as criança tão de pé na correria
Café com cuscuz e leite, beiju, queijo e farinha
Os menino vão pra escola pra serem douto um dia
Tenho a família perfeita, com filhos que me respeita:
E uma mulher que é uma rainha”*

Trecho da Música Sertão das Minas Gerais (Málter Ramos, 2018)

Os trechos de Mistério Mulher, que ficou em segundo lugar no Festival da canção de Felisburgo em 2018 trata o universo feminino como algo misterioso que o autor tenta descrever na letra. Ao fazer a homenagem faz comparação das mulheres com pedras preciosas, símbolos da região, tendo cidades inclusive com nome de pedra: Turmalina, Pedra Azul etc. A letra faz referência a Chiquinha Gonzaga, referência vanguardista feminina da música no Brasil.

*“Mulheres são fontes, são vasos, são flores;
São luzes, cristais, são Rubis, turmalinas;
Dureza das pedras, riqueza das minas;
Mulheres são sete mistérios e dores.
A força das águas e a fé dos andores;
Mulheres são artes da graça divina;
São sacras, mundanas, vilãs, são felinas;
São ventres, são versos, arco-íris e cores!*

*Chiquinha Gonzaga, no som do Allegretto,
Inspira o refrão do empoderamento!
No tempo do verso sem constrangimento,
A voz é a caneta e o ouvido o livreto!”
Mistério Mulher (Laércio Beethoven, 2018)*

Nos trechos da poesia “Cortejo” de Júnio Dutra em que descreve o percurso do rio, a homenagem a uma poeta do Vale se faz presente:

*“Desce o rio.
Do lado esquerdo em lajedo,
Iara não canta,
samba em foz na voz serena de Herena”
Cortejo (Júnio Dutra, 2020)*

Já nos versos:

*“Rio, senhoras, senhores fuxicam em porta e em mão no mesmo passo, mesmo ritmo
em nome do pai que labuta, do filho que mama, do espírito santo da mulher viúva de
marido vivo, amém”.
Cortejo (Júnio Dutra, 2020)*

é retratada uma configuração familiar ainda presente na região, a famosa expressão “Viúva de marido vivo” mesmo que para Souza e Sulzbacher (2020) é uma expressão que possa invisibilizar o protagonismo feminino em que elas trabalham como lavadeiras, no artesanato e nos serviços domésticos, é ainda uma expressão presente não só em textos e revistas jornalistas como na produção artística do Jequitinhonha.

3.2.3 Categoria Racismo a “lá brasileira”

“Cabocla cor de canela

***Tem sabor de Gabriela...*”**

A música Forrada de Chita traz como centro a paixão por uma mulher em que os versos dizem:

*“Cabocla cor de canela
Tem sabor de Gabriela
Seu corpo todo suado no forró mais animado
A noitinha no leilão
Bela mesa inteira forrada de chita
O forro dança no corpo
Seu vestido é uma canção”
Forrada de Chita (Willer Durval, 2020)*

A composição além de retratar a vestimenta da mulher com o tecido de chita, que era um tecido muito usado para confecção de vestidos para meninas/mulheres na região há aproximadamente 5, 6 décadas atrás, pois era um dos poucos tecidos que a população conseguia comprar (citação de memória); a obra ao falar de sua paixão, também faz referência à personagem Gabriela que ficou popularmente no imaginário brasileiro como uma mulher sensualíssima. Nota-se que se refere como sendo “Cabocla cor de canela” em que cabocla sendo a miscigenação do índio com o branco, bem como em analogia à outras obras, a exemplo da música “morena cor de canela” de Luiz Gonzaga, é uma mulher de cor “morena”. Explicando como funciona o racismo a “lá brasileira”, Gonzalez (2020, p. 200) problematiza o porquê das mulheres negras na televisão brasileira viverem personagens secundários e subalternos e exemplifica com a seguinte argumentação:

A gente sabe, por exemplo, o que aconteceu com Vera Manhães por ocasião da montagem de Gabriela, cravo e canela na TV: preferiram dar o papel-título para a “morena” Sônia Braga (cujas capacidades profissionais não estão sendo questionadas aqui, de modo algum). Claro que Sônia não teve qualquer responsabilidade quanto ao fato de ter sido ela a escolhida. Mas (e estou falando do romance) a Gabriela

original não tem nada de “morena”, e sim de negra. Pois é, questão de “boa aparência”. (GONZALEZ, 2020, P. 200)

Se seguirmos esse raciocínio de Lélia, tendo em 2012, a mais recente adaptação de Gabriela na tv brasileira, ter sido também interpretada pela “morena” Juliana Paes, tende-se a concluir que é necessário embranquecer para poder aparecer. E é com essa aparência que continuadas produções artísticas perpetuam o racismo, a ponto de ninguém mais saber que a Gabriela no romance original de 1958 era negra.

Para o contexto do Festivale, nas três edições, tanto na composição de todas as mesas de jurados (poesia e música), apresentação solista em palco e nomes femininos da atualidade solista musical do Jequitinhonha exposto anteriormente, todas (as pouquíssimas presentes) são mulheres de pele clara. A aparência “aceita” no cenário de destaque do Festivale não são as mulheres negras. Ao dizer sobre isso lembro da frase do documentário *Orí* dita por Beatriz Nascimento (1989) é preciso a imagem para recuperar a identidade. “Tem-se que tornar-se visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um o reflexo de todos os corpos” (NASCIMENTO, 1989). Numa sociedade da imagem em que é reforçado o que se deve consumir, desejar ter ou ser, se artistas e participantes negras não são vistas nesses lugares do evento, cultua-se a identidade numa perspectiva sempre de uma visão de mundo branca, portanto racista, negando a ocupação das mulheres negras.

3.2.4 Categoria mulheres e cuidados

“calos em uma mão de toda uma vida”

As mulheres desde sempre foram tidas como as responsáveis “automáticas” pelos cuidados domésticos, sendo que esse entendimento de responsabilidade foi construído pela sociedade. E se observarmos, além dessa gestão domiciliar, estas mulheres, sobretudo, as pertencerem à classes sociais mais vulneráveis e a depender de sua configuração étnica, a sobrecarga será potencialmente mais agressiva na vida delas. As obras *Alzira*, *Cidade Maria* denunciam essa situação:

“Mulheres que parem a vida
 A beira do fogão,
 A espera do pão,
 sonhando pela vida escolhida,
 por vezes, escondida.
 Alzira...
 Pare do barro, a vida,
 no café preto coado na cozinha,
 espera o filho, o marido
 E as crias, sozinha!
 No sol, Alzira põe a dor pra quorar,
 O leite pra quorar,
 carrega a força no andar,
 escanchado de lado... as crias.
 Quando não ficam com as tias.
 criada na talha,
 trançando as palhas,
 calos em uma mão
 de toda uma vida....”
Alzira (Regiane Farias, 2019)

“Marias se encontram
 Cumprimentam.
 Sorriam.
 Contam cais
 E nem imaginam elas, que os cais são elas mesma.
 Tem A Maria Lavadeira.
 A Maria Parteira.
 Que desce no barranco do rio com um trouxa de roupa.
 Voz suave quase rouca, bate papo com a outra.
 Tem a Maria rezadeira.
 A que cura.
 A que desce a ladeira, seu filho no colo.
 Um peito pra fora dando leite antes que ele chora”.
Cidade Maria (Júnio Dutra, 2020)

A letra *Alzira* em seus trechos “*espera o filho, o marido e as crias, sozinha... Aqui tem garapa, dos canaviais das vidas caladas, das canas em que fui criada*” remete-se a condição já retratada em outra categoria que são as viúvas de marido vivo, bem como *Cidade Maria* tem um pequeno trecho que diz: “*Tem a Maria do Socorro, a que pede socorro, no morro, na casa do cachorro, é abusada, violentada pelas mãos do canalha que finge ser bom moço*”, e a princípio gerou uma dúvida qual categoria essas poesias melhor se encaixaria, pois as letras também expressa seus versos a presença das figuras emblemáticas do Jequitinhonha.

Como na análise de conteúdo existe a exclusividade de unidade de registro (frases, trechos ou obra integral), que significa não poder pertencer a duas categorizações, e utilizando-se para o trabalho o contexto da obra integral, bem como um olhar mais atento ao protagonismo da vida cotidiana das mulheres expresso nas obras entende-se que faz jus a pertencer a esta categoria, uma vez que no geral aborda-se com muita expressão a sobrecarga que se encarrega dessas figuras femininas emblemáticas no Jequitinhonha. Não passando

despercebido que *Cidade Maria* é outra produção em que é presente a denúncia de agressão física às mulheres também do Jequitinhonha.

As obras também nos remetem a memória social do povo do Jequitinhonha em que Lélia Gonzalez em seu texto *Mulher Negra: um retrato*, discorre ao demonstrar os caminhos de solidão da mulher negra no Brasil que ao sair do interior à cidade grande enfrenta. O trecho diz:

“E ainda chamam a gente de orgulhosa só porque a gente traz os filhos limpinhos, não vive por aí mostrando os dentes pra qualquer um e não pede nada a ninguém. Só porque a gente vive do trabalho da gente, sem homem pra ajudar nem nada e tendo que sustentar mãe e três filhos. Só porque a gente se dá com um vizinho ou outro, afora os parentes, chamam a gente de besta. Só porque a gente não se mete na casa dos outros pra bisbilhotar. Só porque a gente não fuma e nem bebe, a gente é orgulhosa? Como é que a gente pode ir pros ensaios do bloco se a gente vem tão cansada do trabalho e nem lembra mais o que é dançar? Ainda mais agora, com aquela quadra fora do morro, cheia de gente bacana que nunca soube o que é vida de favela, pra que é que a gente vai lá? As crianças bem que gostam, mas são crianças. Pra elas tudo é motivo de brinquedo. Mas a gente que tem responsabilidade de cuidar delas, do futuro delas, da escola, da casa, da comida e da saúde delas, a gente não pode ficar aí igual quando a gente era mocinha. E, sentada na porta do barraco, continuou mergulhada naqueles pensamentos, perguntando pelo porquê de tantas coisas. Quem a visse de longe talvez se perguntasse o que aquela figura trágica lembraria. E a resposta não era difícil de encontrar: a mulher-sentada-na-porta-do-barraco era a própria Solidão.” GONZALEZ (2020)

Nestes versos, Lélia trata a questão da mulher negra ser a principal ou única responsável pelo seio familiar, revelando uma condição de solidão muito parecida com a que vivem as mulheres do Jequitinhonha. A autora explica que no Brasil muitas regiões foram feitas (e ainda fazem) com que geograficamente sejam regiões de “massa de marginais” a atuarem a garantir o “exército industrial de reserva” à disposição do capitalismo. Nessa configuração, o Jequitinhonha é também pertencente, em que no termo “viúva de marido vivo” naturaliza-se através do mito da democracia racial a migração forçada dos homens e a solidão que as mulheres não brancas vivenciam no Jequitinhonha.

Senhora boneca, boneca senhora que já foi explicitada no capítulo 2 deste trabalho, também faz parte desta categoria, pois no conjunto de obra escrita, somada a apresentação com áudio da homenageada revelam não somente a homenagem, mas um grande e invisibilizado cumprimento de papéis exercido pela artesã em torno do ambiente doméstico. *Desenho de mãe no quadro parnasiano* retrata a vida difícil de uma mãe para se sustentar e sustentar seus filhos sem a presença do pai desses filhos.

No trecho em que diz “*Ela era feito cigana, já morou em vários cantos, do cabana ao independência, independente sempre foi de homem e de dinheiro*” dá a entender que é uma mãe moradora da capital mineira pela citação de nomes de bairros de Belo

Horizonte e que ela sempre fez sua vida independente de homem. Infere-se que a autora seja filha ou tenha sido criado por ela, pois *“carregava a cesta na cabeça e ia, tinha 4 crias. Faxina como ninguém fazia, tinha mãos de anjo, sinhá dizia. Tinha mãos de ama, dizia a menina. Fato é que pra mim, tinha mãos de mãe”* a sobrecarga dessa mãe periférica também denuncia as relações de exploração do trabalho.

Interessante observar a abrangência do Festivale também com relação a outra região, e ao citar a condição dessa mulher numa metrópole na poesia, podemos perceber que tanto numa cidade grande, como numa cidade pequena, assegurando muitas diferenças, entre elas as étnicas, de classe, existem similaridades no que tange a sobrecarga de trabalho às mulheres. No caso, a poesia é de autoria de Karine Silva, moradora da capital mineira.

Nos versos *“Cheia a lata na cabeça, seguia vazia, a lata na cozinha, dona de casa, da nossa e dos outros, sempre chegava com uma sacola de pão...”* demonstra o acúmulo entre a responsabilidade pelo trabalho doméstico, cuidado com os filhos e emprego de baixa remuneração. Biroli (2014) ao refletir sobre a dualidade entre esfera pública e privada, considera que podem ter sentidos muitos distintos para as mulheres a depender de sua etnia, posição de classe e sua condição familiar. Ainda segundo Biroli (2014, p. 38) a liberação das mulheres pelo trabalho remunerado, por outro lado, é uma idealização fincada na experiência das poucas mulheres que podem ter acesso às carreiras profissionais com grau relativamente amplo de autonomia e de remuneração; e apresenta o que a autora bell hooks já dizia em 1984 e que faz sentido a posição da mulher na poesia apresentada que *“para as mulheres da classe trabalhadora que ganham muitas vezes menos do que o salário mínimo e recebem poucos benefícios, quando os recebem, (a inserção no mercado de trabalho) significa a continuidade da exploração de classe”* (hooks, 1984).

A última obra que compreende esta categoria denuncia os papéis pré-estabelecidos para as mulheres e almeja uma autonomia para que elas possam fazer o que quiserem fazer, principalmente no que se refere a acessar os espaços da arte. Trechos estes:

*“Não quero mais cuidar dos filhos
Nem andar nos trilhos
Quero fazer Arte!
Não quero mais lavar a louça
E nem ser a moça que não mais me cabe (2x)
Não quero mais ficar no tanque,
Levantar palanque – essa é a minha Arte!
Não quero mais ficar sozinha
Presa na cozinha, sem fazer minha Arte...
Oh, Danda se a mãe é sina
O que ela ensina
É puro prazer*

*A vida tem que ser bem vivida
E a Autonomia
Tem que plantar pra colher”
Trecho da Música Matrística (Giselda Gil, 2020)*

Ao pesquisar sobre o significado o título da música, a juíza e professora Fernanda Menna, num artigo para o Jornal Carta Capital diz que,

as sociedades matrísticas desconheciam por completo os valores e ações imbricados no emocionar do patriarcado... havia, nas culturas matrísticas, simplesmente a harmonia do equilíbrio da ordem das coisas como elas são, dadas pela teia cósmica misteriosa e sentida na concretude da vida cotidiana, na abundância da vida gerada, nutrida, mantida e regenerada pela natureza, nas relações igualitárias entre todos os seres humanos (homens, mulheres e crianças) e não humanos, cada um em seu devido lugar de pertencimento ao todo, aceito em suas preciosas diferenças (MENNA, 2019).

Sobre acessar a autonomia, o título da música já indica esse desejo que aliás atrela-se à harmonia entre viventes, logo ao sentimento de igualdade. Porém ao discorrer sobre esse tema a primeiro momento, a fim de chegarmos a fundamental autonomia das mulheres Miguel (2014) diz que:

é necessário também redefinir os critérios de valoração que fazem com que algumas atividades (as dos homens) sejam consideradas mais importantes e mais dignas do que outras (as das mulheres) e que fazem com que algumas formas de comportamento (as deles) sejam vistas como universalizáveis, enquanto outras (as delas) apareçam como inevitavelmente ligadas a uma posição social em particular (MIGUEL, 2014).

Na proposição da letra, essa mulher é mãe, também é a responsável pelos cuidados da casa. Pela abordagem do autor é necessário caminhar para uma mudança cultural, política e econômica com relação a pesos extremamente desiguais das atividades. Outro fator primordial para caminho dessa autonomia se refere às creches, já que, “nas nossas sociedades, as mulheres são as principais responsáveis pelo cuidado com os filhos e a ausência desse tipo de serviço é um obstáculo, por vezes intransponível, para a participação política, a escolarização ou o ingresso no mercado de trabalho”. (Miguel 2014, p 65). Aqui com muita tranquilidade, acrescenta-se a participação ao fazer artístico, seja ele no campo do lazer, amador ou profissional.

Considerando que no Edital do Festival de Canção, bem como no Edital da Noite Literária (ANEXOS G e H), aplicados no Festival nos anos pesquisados a temática de texto era livre e que mesmo tendo apelo regional é livre a participação de “autores nascidos no Brasil ou estrangeiros naturalizados, com a devida comprovação” para concorrer e sendo

assim qualquer pessoa que pretende concorrer escreve o que bem desejar, verifica-se que menos de $\frac{1}{4}$ da produção nesses 3 anos foi direcionada à representação das mulheres³⁴.

Dado que o interesse é verificar como se dá a representação das mulheres nas letras em que os artistas se propuseram a escrever, ou seja, qual a visão que se tem do lugar da mulher na sociedade e sem intenção de rejeitar a condição única de cada obra, nota-se entre as categorias uma discussão maior de posição de classe, se comparada a discussão de raça dessas mulheres; encontrando também nas obras a presença de um modelo feminino tradicional no qual o feminino reafirma os valores patriarcais, em que as personagens estão em lugares de subalternidade e invisibilidade no que tange aos papéis sociais de poder, que naturalizam o lugar social das mulheres em ambientes domésticos e maternais, reificando, sobretudo, no que tange as mulheres negras as sobrecargas de trabalho e de violências que as fazem ser reconhecidas como fortes.

Essa problematização foi realizada nas categorias uma vez que falar de mulheres no Jequitinhonha, sendo em sua maioria não brancas, sua realidade trará elementos diferentes na análise. A produção mostrada nas categorias, pouco aborda outras possibilidades de outras vivências de corpos femininos, a exemplo da mulher indígena. E, seguindo a mesma lógica de baixa proporção das mulheres como autoras das obras entre 2018 e 2020, das 18 obras de representação literária com foco nas mulheres, apenas 3 autoras se encontram nesta análise do total de 9 autoras que participaram nesses 3 anos³⁵.

Outra explanação com relação às categorias é a presença das mazelas como violência e sobrecarga que sofrem essas mulheres, essas se presentificam mais se comparadas a qualquer tipo de “esperançar” na possibilidade de mudança. Assim como a escritora e crítica literária Regina Dalcastagnè (2012) ao se referir ao campo literário brasileiro diz faltar as fantasias, as esperanças e as utopias dos grupos sociais marginalizados, sejam eles definidos por classe, por sexo, por raça e cor, por orientação sexual ou por qualquer outro critério; assemelha-se essas faltas nas categorias analisadas. Matrística se aproxima dessa utopia, que como Eduardo Galeano (1993) em sua frase lendária nos diz: “a utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”. Ou como nos aponta Miguel (2006), “a utopia

³⁴ De forma não detalhada, mas a título de informação observa-se pelas outras letras não analisadas, existe um significado quantitativo de poesia e música que se dedica a homenagear/descrever a região Jequitinhonha, com foco na relação de seu povo com os rios, água, terra e suas manifestações culturais e religiosas. Pode-se perguntar: será que mesmo não havendo temática determinada, existe dentro do movimento assuntos que estão mais propensos a serem aceitos e ou premiados?

³⁵ Acrescentamos que praticamente inexistente nas 82 letras referência à cultura ou questão indígena sobre a região, nela em que os indígenas foram os primeiros habitantes e que na região ainda habitam.

direciona a ação política e potencializa a insatisfação no mundo”. Fica a pergunta: será que as agruras ainda continuarão tantas e que por isso seremos impedidos de expressar utopia no que se refere a vida das mulheres?

3.3 Cadê as mulheres do Festivale?

Um dos desafios desta pesquisa passa por equilibrar o pessoal, ou seja, a participante de várias das edições do Festivale e a pesquisadora. Isso significa que não há uma neutralidade por parte da pesquisadora no seu olhar sobre o objeto. Conforme Netto (p. 23, 2011) a relação sujeito/objeto no processo do conhecimento teórico não é uma relação de externalidade, é uma relação em que o sujeito está implicado no objeto. Por outro lado, também não quer dizer que não há objetividade, mas que não há separação do olhar da pesquisadora para com o objeto de pesquisa e a percepção enquanto sujeito. Entende-se, no entanto, que “o objeto da pesquisa tem, insista-se, uma existência objetiva, que independe da consciência do pesquisador”. (NETTO, 2011, p. 23). Ou seja, independente da reflexão do pesquisador, o objeto existe essencialmente.

Partindo com essas considerações relacionais, o trabalho propôs a realização de entrevistas individuais com o público do Festivale, sendo 6 indivíduos, que foram classificados em 3 grupos de público: 2 artistas, 2 membros da diretoria Fecaje e 2 lideranças femininas. Essa forma de coletar dados possibilita, uma vez aplicada a entrevista semiestruturada, colher informações que alcancem melhor compreensão da investigação da questão representatividade pelo entrevistador, ao passo que a abordagem de entrevistas livres, sem estrutura, poderia resultar numa maior dificuldade de análise do material. O interesse dessa entrevista semiestruturada, com roteiro definido (ANEXOS A, B e C) era identificar como os entrevistados compreendem a participação e representatividade das mulheres e o lugar social que as mulheres ocupam dentro do Festivale.

Para cumprimento da segurança e sigilo com relação aos entrevistados foi enviado ao Comitê de ética modelo de Termo de Consentimento Livre e esclarecido-TCLE (ANEXO D), que foi aprovado segundo preceitos éticos e assinados por cada um após aceite da entrevista³⁶. Os três públicos do Festivale: artistas, diretoria da Fecaje e liderança feminina necessitariam contemplar os seguintes critérios: 2 artistas, podendo ser autor(a) da obra ou

³⁶ Para atender o sigilo e minimização dos riscos de identificação conforme acordo assinado no TCLE junto aos entrevistados, utilizaremos na identificação das falas os nomes que se referem a sua principal característica na pesquisa. Ex: Diretor 1, Liderança 1, Artista 1.

intérprete homem ou mulher acima de 18 anos que tenha concorrido entre 2018 e 2020 no Festivale e que tenha relação da obra apresentada que expressa diálogo com o objeto dessa pesquisa ; 2 membros da diretoria da Fecaje, homem ou mulher, maior de 18 anos que tenha sido participante na gestão da federação entre 2018 a 2020 e 2 lideranças femininas que tenha participação em duas das três edições pesquisadas, com envolvimento no evento que dialoga com o posicionamento político de representatividade das mulheres. A escolha dos entrevistados do público “artista” se deu a partir das leituras das obras e no primeiro contato da pesquisadora com os referidos entrevistados a resposta foi de aceite de participação.

Ao fazer os primeiros contatos com membros da diretoria da Fecaje para o convite das entrevistas, houve três situações: o primeiro contato com um membro foi um processo moroso, sem resposta do aceite ou não. Noutra tentativa, pelo fato da entrevistadora ter contato de correspondência eletrônica com um dos membros, foi feito também nessa via, mas sem resposta. No terceiro contato, outro membro da diretoria se recusou a dar entrevista, pois disse não haver mais compatibilidade com as ideias do grupo, não se sentindo pertencente. E só nas próximas duas tentativas com outros membros houve respostas positivas. Com relação ao grupo de liderança feminina, no primeiro contato houve resposta confirmando o aceite.

Todas as entrevistas foram realizadas a distância via Google Meet, em função das pessoas serem de diversas cidades do Vale do Jequitinhonha, ficando inviável a pesquisadora ir ao encontro das pessoas, mas também por segurança de saúde referente a instalada pandemia³⁷. As entrevistas duraram entre 1h e 1h:30 min, foram gravadas e após transcritas para análise. Acrescenta-se a informação que após realizadas todas as entrevistas e, portanto, transcritas as respostas, identificamos o equívoco de não ter sido feito pela entrevistadora com mais atenção, sobre o que para o público entrevistado vem a ser o entendimento de representatividade na concepção deles. Como durante a entrevista, mesmo que indireto, só foi possível identificar o significado de como alguns entendem o termo, optamos por solicitar via áudio o que cada entrevistado compreendia. Obtivemos a resposta de 2 artistas, 2 lideranças femininas e apenas 1 da diretoria da Fecaje. Será discutido abaixo essa concepção.

A exemplo da análise das letras e músicas, as entrevistas também foram analisadas na perspectiva temática, como já dito, com intenção de compreender o conteúdo para além do escrito e de acordo com material teórico prévio basilar. O que diferenciou nesta análise é que enquanto na análise das obras se utilizou do texto integral, nesse material transcrito o que interessa após leitura flutuante, foi observar trechos que dialogam com o

³⁷ Durante o contexto das entrevistas, o país vivia o auge da pandemia da Covid-19 e ainda sem vacinas para todos, diferente do momento do término e defesa da pesquisa.

conteúdo já estudado. Esta etapa compreende a transição da primeira fase da técnica de Bardin, que é a pré-análise para a segunda, que é a exploração do material; que consiste no momento de além da marcação dos trechos em unidades de registro, o agrupamento em categorias temáticas para primeira categorização, conforme tabela 7 abaixo. Observa-se que nesta fase inicial de categorização utilizamos além da nomeação de categoria, breve descrição do que tratou os trechos, bem como uma referência quantitativa de trechos dos entrevistados referente à temática e momentos identificados do que foi dito por numeração de conteúdo na página.

Tabela 7 - Categorização das entrevistas

CATEGORIZAÇÃO INICIAL	BREVE DESCRIÇÃO	REFERÊNCIA QUANTITATIVA DE UNIDADES DE REGISTRO
1 - Participação das mulheres	Evidencia como os entrevistados entendem de participação de mulheres, lugares que têm maioria quantitativa e minoria quantitativa.	Lideranças = p.5 Liderança = p.3/7 Diretoria = p.4 Diretoria = p.2/3/4/9
2 - Representatividade das mulheres/protagonismo	Denota o entendimento de representatividade em espaço artístico (solista/apresentação do evento). Reflete a questão da imagem da mulher.	Liderança = p.7 Artista = p.3/4 Diretoria = p. 5 Diretoria = p.8/10 Artista = p.14 artista = p.19
3 - Subalternidade das mulheres	Os entrevistados comentam lugares de subalternidade das mulheres. Mulheres dando suporte ao evento.	Artista = p.4/5
4 - Invisibilização das mulheres	Evidência de pouca visibilização da mulher no evento em espaços de prestígio	Artista = p.14/15
5-Personalização de mulheres	Ilustra entendimento dos entrevistados de como a organização/federação encara demandas relacionadas à questão da mulher no evento.	Liderança = p.7 Diretoria = p.4 Diretoria = p. 5 Artista = p.12
6 - Sentimentos de inferioridade	Explicita medo de serem criticadas por homem e mulher	Liderança = p. 8/9 Artista = p. 5/7

7 - Estrutura patriarcal do evento	Demonstração da necessidade de fazer autocrítica. Sobre ser fechado as decisões que impactam mulheres. Necessidade de mudança na política do Festivale.	Artista=p.12/14/19/32/33/34 Liderança=p. 8/9/13 Artista= p.5/ 6 Artista=p.10 Artista=p.15
8 - Favoritismo	Explicita a questão tanto dos artistas já consolidados, quanto “novato” nas disputas da noite literária e festival da canção e os temas que já são bem aceitos.	Artista = p. 13 Artista = p.8 Artista = p.12
9 - Desafios para a inclusão de mulheres	Revisão de ocupação dos lugares de privilégio. Diversidade para posições de decisão artística. Reivindicação por outros públicos (Jovem/mulheres) Ampliação de lugares de proposição e revisão de documento estrutural da Fecaje.	Artista= p.20/ 34/37 Liderança=p.13/14 Diretoria=p.9/13 Artista=p.9/14 artista= p.18
10 - Reconhecimento artístico.	O poder do Festivale ao acesso a outros espaços fora dele (universidades, outros festivais/trabalho/estudo). Oportunidade de visibilidade artística.	Artista = p.11/15 Liderança = p.6 Artista = p.10
11 - Machismo	Evidencia a percepção dos entrevistados sobre o machismo ao serem questionados sobre posicionamentos políticos ligados à questão da mulher.	Diretoria = p..5 Artista = p.10/12
12 - Acesso de classe social	Expõe a falta de mulheres da periferia, zona rural e o acesso ao evento. Evento é ainda seletivo/A legitimidade do povo não é levada a sério.	Liderança= p.6/17 Liderança=p..4/5/6/10 Artista= p.11 Diretoria = p.14 Artista = p.13 Artista = p.17
13 - Encontro de Mulheres	Explicitação de percepção dos entrevistados acerca da roda de conversa, como iniciou e esse espaço como resistência/proposição/acolhimento/protagonismo da diversidade. Espaço de cobrança de política afirmativa. Espaço de denúncia.	Artista = p.27/29/38/40 Liderança = p.6/21/22 Liderança = p.13 Diretoria = p.8 Diretoria = p..5 Artista = p.11/13

14 - Fatores externos e internos	Entrevistados relatam impeditivos de participação de mulheres. Essa percepção abarca tanto limitação dentro do Festivale, como fora dele.	Artista = p.11/14/21/23/26/32/34 Liderança = p.10/11/12 Liderança = p.15 Diretoria = p.5/6/7/10/11 Diretoria = p..3/9/15/16 Artista = p.15
15 - Parceria de entidades	Indica a participação de parcerias externas como positivas	Diretoria = p.8,9 Artista = p.17
16 - Violência contra mulheres	Discute a naturalização de processos violentos. Tratamento com falas violentas.	Artista = p..29/ Liderança = p.8/16/23/24/25 Liderança = p.12/13 Diretoria = p..13 Diretoria = p.6/7 Artista = p.19
17 - Desrespeito aos artistas/povo	Relato de tratamento inferior ao artista	Artista = p.36
18 – A festa Festivale	Entrevistados comentam o que sentem da festa.	Liderança = p.7 Diretoria = p.10/11

Fonte: A autora (2021).

Foram detectados inicialmente 18 categorias conforme tabela acima. Para que a análise seja melhor compreendida e possível, o próximo passo foi consolidá-las num agrupamento de similaridade temática para posterior nomeação de categoria final. Nessa configuração de categorias iniciais algumas categorias detêm menor quantidade na coluna referência de unidade de registro, mas nem por isso as de menor ou uma unidade foram descartadas, uma vez que o conteúdo tem clara e forte conexão com o objeto e referencial teórico. Abaixo a demonstração dessa construção progressiva das categorias de análise na tabela 8.

Tabela 8 - Construção de categorias

AGRUPAMENTO DE CATEGORIAS INICIAIS PARA UMA INTERMEDIÇÃO À CATEGORIZAÇÃO FINAL	CATEGORIZAÇÃO FINAL
1 - Participação das mulheres. Representatividade das mulheres / protagonismo.	1 - Representatividade das mulheres.
2 – Subalternidade. Invisibilização do sentimento de inferioridade das mulheres.	2 - Apagamento das mulheres.
3 - Estrutura patriarcal.	3 - Patriarcado no Festivale.

Favoritismo. Machismo. Acesso da Classe social. Desrespeito ao artista. Personalização da mulher. Violência Contra mulheres.	
4 - Desafios para a inclusão de mulheres. Fatores externo e internos que limitam a participação das mulheres.	4 - Desafios internos e externos para inclusão das mulheres.
5 - Reconhecimento artístico. Encontro de mulheres. Parceria de entidade. A festa Festivale.	5 - Potencialidade do Festivale.

Fonte: A autora (2021).

Diante dessa configuração de 5 categorias finais, adentraremos na terceira etapa da técnica de análise de conteúdo que é o momento de discussão dos resultados que constitui nas inferências e interpretações. Uma vez que nosso objeto é o Festivale e a representatividades das mulheres, antes verificaremos como é entendida essa relação e suas implicações pelos entrevistados.

Na categoria representatividade das mulheres, o que se observa em comum é o entendimento de que a maioria de presença no Festivale são das mulheres. Eis os membros da diretoria:

“Eu, eu acho que, pra mim é uma das maiores participações que existe né? Eu acho que tem uma participação muito grande” Diretor 1.

“Eu faço uma avaliação excelente, né, e aí de analisar as comissões de trabalho, nas comissões nós temos mais mulheres atuando do que homens, se a gente pegar o contexto da alimentação, a comissão de teatro, mais mulheres, comissão de oficinas sempre teve mais mulheres, alimentação é 90% mulheres... literatura.” Diretor 2.

Outro ponto em comum entre os entrevistados é a falta de protagonismo delas no festival da canção e apresentação de palco. Destaco a fala de um membro do grupo artista:

“...só que aí eu sempre senti muita falta nos festivais de música, nas apresentações oficiais assim né, tem pouquíssima participação feminina a não ser a Titane em alguns poucos momentos, nem foi todos os Festivales que ela participou...”, “até essa questão assim uma vez quando eu questionei né? Onde estão as mulheres no Festival da Canção? A gente questionou. Por que tem poucas inscrições? Por quê?” Artista 1.

O ponto divergente é a explicação do porquê da pouca participação no cenário musical. Para o membro do grupo Diretoria existe uma similaridade a respeito do exemplo nacional. *“Se a gente fizer um apanhado, a gente vai ver que realmente no contexto nacional, as mulheres são poucas, pouquíssimas mulheres no meio, entendeu, assim graças a Deus que arrebentar de vez, Elis, a Zélia, Leila e tudo mais aí”* Diretor 2.

Para membro do grupo artista, ao inferir sobre as mulheres artistas serem poucas no Festival, relata que essa é uma lógica de reprodução desse lugar de incapacidade atribuído à mulher, reproduzindo que as mulheres não ocuparam esse espaço por ineficiência e inaptidão: *“porque reproduz, reproduz que a mulher não tem capacidade, a mulher não tem...até essa questão assim uma vez quando eu questionei né? Onde estão as mulheres no Festival da Canção? A gente questionou. Por que tem poucas inscrições? Por quê? É porque a sociedade mesmo quantas...e aí eu falo, quando eu conto a minha história e os desafios que eu enfrentei pra chegar ali. Eu fui sustentada por um sonho, foi milagre...”* Artista 2.

Logo, o diretor ao fazer a similaridade apenas de exemplo com uma realidade nacional, traz essa pouca participação das mulheres com um olhar naturalizado de que é assim mesmo, ao passo que a posição da artista complementa o entendimento de que é pouca por uma lógica de reprodução patriarcal da não capacidade do segmento mulheres. Para Miguel (2014) *“de Aristóteles a Rousseau, legitimavam a inferioridade feminina como fundada numa menor capacidade natural, bem como à mitologia judaico-cristã que, de Eva em diante, apresenta as mulheres como perversas e inconfiáveis”*. Essa lógica somada a outras questões sociais, econômicas e étnicas até aqui já discutidas, reforça a não presença das mulheres, em destaque para as mulheres não brancas nos diversos espaços da sociedade, inclusive no Festival.

Outra questão a ser observada é que na fala do diretor 2 é que a ocupação massiva dessas mulheres se faz nas comissões, que são o trabalho voluntário e de base dentro do Festival, ou seja, a presença é grande nesse trabalho de suporte. Ao passo que o membro do grupo artista pontua essa participação massiva, mas destacando como não sendo lugar de prestígio: *“eu acho que elas se destacam em vários estágios dentro do Festival, porém não ganha um lugar de destaque né...eu acho que todo esse histórico de não representatividade, todo esse histórico de não ver mulheres no palco né, mas sim ver mulheres na cozinha ali servindo né, o almoço, a janta, o café da manhã, tem mulheres que dão oficinas, muita mulher né, uma quantidade considerável de mulheres nas comissões, comissão de noite literária, comissão de oficina”*. Artista 1.

Sobre as mulheres ocupando cargos diretivos, o diretor 2 diz entender praticamente igualitária: *“se você olhar a questão da diretoria da Fecaje, se analisar a diretoria da Fecaje desde quando eu estou participando, até como agente cultural, eu sempre percebi que existia de uma certa forma uma proporção quase que meio a meio, de homens e mulheres...Então se a gente for analisar a questão de governabilidade da Fecaje, há de se trabalhar eu acho que meio a meio, porque eu acho mesmo que a Ângela ficou dois mandatos, a Fabiane ficou dois mandatos, a Lia ela ficou pouco, mas teve. se pegar na proporção nós não ficamos muito distantes, pra você vê, quem foram os diretores: o Itamar, o Marcos Gobira, a Fabiane, a Cida, a Ângela, o Hernane, a Lia e o José Augusto.”*

Compreendendo que as mulheres tiveram também uma boa participação na gestão, o diretor 1 ressalta a governabilidade de uma diretora anterior e diz: *“Eu acho que tem uma participação muito grande, a pegar pela própria gestão ne? A entidade foi gerenciada pela Angela. A Angela ela foi uma figura de que assumiu uma gestão que alguém deixou, conseguiu realizar os festivais, conseguiu de uma certa forma não deixar dívidas pras próximas gestões, porque sempre tinha uma problemática dessa questão de recurso financeiro, então eu acho que ela foi muito firme nesse sentido e ela se destaca também na postura, assim, sabe assim na postura de pessoa que quer fazer o melhor pra cultura, de que veste mesmo essa camisa e que não é tipo assim uma farsa, sabe..não é aquele tipo de pessoa “estou aqui só porque eu quero status” ela é uma pessoa que vive essa, essa, que vive ainda Na realidade eu acho que a Angela é essa figura do Vale do Jequitinhonha, pra mim das pessoas mais fortes que existe de representatividade”* Sobre a gestão, se formos observar o corpo feminino e masculino, teremos na gestão executiva 2018 a 2020 a presença de 2 mulheres e 4 homens.

O que se observa nessas falas foi uma preocupação de demonstrar a ocupação de mulheres ao longo da gestão da Fecaje em cargo executivo e que essa ocupação foi igualitária a dos homens nesses cargos. Olhando para a gestão 2018 a 2020 e como bem pontuado por Silvio de Almeida e já descrito anteriormente no trabalho, a representatividade por si só não é garantia de cumprimento ou vocalização das demandas de um grupo, mesmo que haja compromisso político da representante mulher no caso de gestão da federação. O poder para alterar as estruturas políticas pode não existir, ou ser permitido existir nessa representação, ou em conjunto com outros representantes.

Aqui levantaremos como é entendido o termo Representatividade para os entrevistados. Para a artista 1 o conceito se centra na ocupação de um determinado espaço, onde existe reconhecimento entre os seus e que na atualidade houve uma melhora, mesmo não

tendo satisfatoriedade em diversos âmbitos. Ela pontua: *“No âmbito mais íntimo, representatividade é quando eu olho, me identifico e me reconheço no outro. Representatividade é uma utopia talvez mais próxima do que em outros momentos, de poder ver todas as pessoas ocupando e se identificando em todas as esferas da sociedade”*. Artista 1. Nessa linha de raciocínio, porém com uma característica de viés mais político, ou de representação política, o Diretor 1 refere a quando uma pessoa é escolhida na comunidade: *“...numa comunidade, num grupo, numa classe pra ser aquela pessoa que será a porta voz desse grupo, quando você é porta voz de um grupo, de uma comunidade...talvez de uma forma mais ampla, ela representa uma comunidade pela sua importância histórica, sua importância cultural, econômica, social, política”*.

Para a liderança 2 impera o que o coletivo deseja, deve-se sempre ter essa preocupação em mente. Ao pensar sobre o segmento de mulheres nos diz: *“representatividade de mulheres... o que na minha cabeça é: mulheres está no plural, e grupo de mulheres... questão numa ação, seja qualquer ação, de trabalho, de grupo, de buscar conhecimento, numa ação ou várias ações de atividades daquelas mulheres...aí fica composto, pois estou representando atividades de várias pessoas, não só de uma mulher.”* Já a liderança 2 compreende o conceito além da representação em si do coletivo, mas a necessidade dessa representação ter uma ligação direta com direitos e equidade, pois seu entendimento é que se deve sempre existir a compreensão das desigualdades entre os gêneros: *“representatividade é você estar presente, nos espaços, grupos, que luta né, pra diminuir essa desigualdade, é, mais, ou menos assim que eu penso. E pra mim a importância maior é essa busca por direitos, isso pra mim é algo muito importante quando se fala de representatividade, essa busca por direitos.”* O entendimento do termo representatividade para a artista 2, além de considerar também como possibilidade de equidade de direitos, uma vez que permanecem expressivas desigualdades, pode trazer consequências de limitação.

Nesse sentido e pensando no próprio espaço do Festivale, trazemos os trechos: *“eu trazia esse conceito de representatividade pra afirmar o meu direito de ocupar um lugar que tava ali ocupado pela maioria homens, brancos, então eu estava na pauta e ainda estou na pauta procurando essa representatividade. Então, é... nesse conceito que eu ainda tenho, mas eu já tirei ele da minha primeira pauta, a gente fica ali naquele lugar sempre né...não sai do lugar, fica querendo sempre representar, a gente acaba não nos dando o direito de errar, não nos dando o direito de experimentar, porque a gente precisa representar, então, eu não me encaixo, eu não me vejo só de uma bandeira, eu sou múltipla, eu sou diversa. Hoje a palavra representatividade, ela significa constante transformação, ela significa esse*

trampolim, não mais esse pula pula, essa coisa de uma inércia... de uma constância que não sai do lugar. Então, eu falo que hoje eu represento alguém que tá também querendo adiar o fim do mundo, acredita na poesia e na dignidade. A artista tem a compreensão de que muito ainda tem de se fazer e se utilizar de espaços de representação, ainda trazendo a pauta como necessária, mas com um olhar diferente de que muitas vezes a multiplicidade de um ser humano é diversa e não consegue se enquadrar em determinado papel de forma estática, compreendendo que o movimento e a multiplicidade são também importantes impulsionadores de mudanças. A sua preocupação é com a expansão e não com a limitação.

A categoria seguinte é a do apagamento da mulher no Festivale, que nas palavras de membro do grupo artista, diz: *“eu lembro de Felisburgo por exemplo que tinha umas mulheres do MST que anteriormente tinha que fazer uma vivência lá, e elas estavam na cozinha... a galera produzia arte através das místicas, eles, eles tinham um material artístico muito bom, e por que que não colocaram na programação oficial alguma apresentação deles? Colocaram na roda de conversa, mas só também, sabe, e por que não... essas mulheres não foram lembradas e homenageadas em Felisburgo?... é importante que essas mulheres sejam, porque olha como que ia ser um movimento diferente se pegam a liderança do MST e homenageia ela na noite literária sendo que o histórico do MST lá foi um histórico de massacres, uma única sobrevivente foi a mulher que eles foram para matar ela e aí mataram outros caras e ela tem um histórico de resistência muito massa, muito lindo e por que não ela né, porque não homenagear, homenagear essas mulheres em outros espaços que seja no festival da canção também, que seja na mostra de teatro, na mostra de corais...”* Artista 1.

Acrescenta o argumento de não reconhecimento do trabalho delas, que se desdobra em um apagamento por não serem lembradas, assim como no trecho acima sobre o histórico do MST e uma mulher sobrevivente: *“então, assim, tem mulheres, têm mulheres, mas na hora, por exemplo, de subir lá no palco para falar sobre o agradecimento do evento, é sempre uma representação masculina, sendo que tem mulher na organização, na diretoria né, executiva da Fecaje. E também é toda uma estrutura né, masculina assim, que vai nos distanciando desses outros lugares, por exemplo, os apresentadores do Festivale, sempre, sempre foi homem. Eu lembro tinha a Érica anteriormente né, ela era incrível e aí de repente também ela parou assim né, nunca mais, desde o Festivale de Jequitinhonha ela não foi mais, mas sempre lá o Gonzaga Medeiros, o Nilson e o Jardel né, então é eles sempre estavam à frente da apresentação do Festivale, aí na apresentação da noite literária sempre um homem, sendo que tem mulheres, né, normalmente era sempre a Andressa e a Herena que estavam comissão na noite literária né.”* Artista 1.

Nessa fala, a entrevistada reforça que mais uma vez os lugares de cena são muito frequentemente ocupados pela presença masculina, ao passo que citando nomes diz que seria possível serem ocupados por mulheres também. Em resposta na entrevista sobre o dado apresentado de não haver homenagem a nenhuma mulher na noite literária, o membro da diretoria disse: *“é, talvez não seja a melhor resposta, mas assim uma coisa a gente muito ouve aqui dentro do evento assim, aquele que não é visto ele acaba não sendo lembrado... eu vou só dizer uma coisa, seguinte, é, as decisões não são monocráticas dentro do evento, na verdade as decisões do Festivale, ela é coletiva...eu vou te falar além, toda vez que cita em um homenageado um homem ou uma mulher a gente vê a mulher com bons olhos, talvez na noite literária, não tem tido ainda essa homenageada ou é que seja uma deficiência, mas aí vem a questão da proporcionalidade de novo. Quando você vai pensar, você pensa logo daqueles que estão já a frente, que estão lá batalhando, aí quando você vê a Herena, uma guerreira que inclusive uma das precursoras do movimento de poetas e escritores do Vale, uma ação bacana, inclusive quem esteve à frente da comissão do Festivale de Belmonte foi a própria Herena ela estava lá e a gente tem passado justamente por comissões e vou dizer que às vezes o homenageado nem sempre é a diretoria que decide, eu te falo, vai para plenária e a plenária não é somente de... aqui somente entra homens, na plenária são mulheres, são homens e estão todos lá discutindo.”* Diretor 2.

Aqui existem duas questões conforme a fala da diretoria da discussão ir a plenária e não ter tido uma vez votação de uma mulher para ser homenageada na noite literária. Uma liderança feminina complementa que: *“O Festivale, ele é construído muito fechado entendeu? É claro que tem uns encontros de cultura popular onde as pessoas... onde vai colocar o Festivale mas quando chega lá já tá construído entendeu? Não é muita mudança pra fazer e também os agentes não vão entendeu? Pra poder na hora colocar sua posição...”* Liderança 1.

Diante dessa situação além de ser delegada a plenárias, as mesmas podem estar esvaziadas e com isso a decisão tomada por poucos. Outra percepção questionável é na frase *“aquele que não é visto ele acaba não sendo lembrado”*. Nessa frase também pode ser pensada ao contrário *“quem não é lembrado no Festivale, também não é “visto”*, ou seja, realiza-se um apagamento da memória de participação das mulheres. Denota pouca importância com a memória do Festivale, ou melhor dizendo, é exercida uma memória seletiva, onde as personalidades mulheres que fazem, ou seja, estão vivas atualmente e as que fizeram história no cenário cultural e que já morreram não foram lembradas, logo, foram e são apagadas. Ainda que haja fundamento legal documental para registro da memória do

Festivale, a postura da direção frente a pesquisa revela omissão e negligência em que falas apontam contradições, e com elas reafirmações de manutenção de seletividade nas escolhas.

A categoria Patriarcado no Festivale é a que rendeu maior agrupamento de categorias iniciais. Tendo o entendimento de que o patriarcado como um sistema simbólico, social e econômico, no qual há a dominação e que se traduz em contextos de opressão de dominação/exploração da mulher pelo homem, ao falar sobre a estrutura do Festivale um membro do grupo artista argumenta: *“sabe a consciência de que se o campo não planta a cidade não janta? Aquelas coisas todas. É que infelizmente a estrutura do Festivale ela é sustentada por mulheres, mas como toda...o Festivale é um reflexo da nossa sociedade, das estruturas patriarcais, das estruturas machistas...de tudo... É muito o pensamento provinciano, o pensamento de...conservador, de cidades do Vale que a gente tem uma rica cultura maravilhosa, mas é muito influenciada pelo conservadorismo da igreja, de todos esses sistemas que reforçam muito o patriarcado né? E o que, que o patriarcado faz? Onde as mulheres estão no patriarcado? É servindo. É servindo e sendo coadjuvantes né? Então assim, a gente vê na história da humanidade as produções... quantas mulheres tiveram oportunidades?”* Artista 2.

A presença do simbólico patriarcal naturalizado nas estruturas organizativas do Festivale se revela também no impedimento do fim das desigualdades, que são também geradoras de violências. Desta se revelam em inúmeros tipos. Ao adentrarmos sobre o conceito de violência simbólica entenderemos como um conceito internalizado nas pessoas, de forma sutil, com uma estrutura mais silenciosa em que Bourdieu (1997,p.17) diz: *“A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer.”* Logo, nessa violência é exercida uma dominação em que a finalidade de controlar, naturalizar concepções e comportamentos são perpetuados não necessariamente através de força física, mas na efetiva discriminação materializada de outras formas, ou seja, a violência simbólica se expressa na socialização e é realizada na vida das pessoas por meio de relações de poder, onde a hierarquia social se naturaliza a partir da violência simbólica. Dito essas considerações seria impossível não levantar a questão da violência contra a mulher dentro do Festivale, e qual percepção, da existência ou não do mesmo dentro do Festivale. Na fala um membro da diretoria não foi percebido por ele tal violência: *“pessoalmente nunca percebi essa questão de violência sabe, eu nunca...não to lembrando de nenhuma situação que assim, nó, sofreu violência, sabe, sendo física, psicológica mesmo né...não..eu não tô recordando dessa questão, mas assim enquanto Fecaje, se acontece algo nesse sentido né os nossos encaminhamentos é que se for, né, vamos*

supor, se é alguma participante, uma mulher sofreu violência nesse sentido é de acionar mesmo a polícia, de verificar isso né e tentar dar apoio a vítima. Acho que essa sempre foi a postura.” Diretor 1.

Outro membro da diretoria relata a percepção, e cita como referência a violência ocorrida em Belmonte: *“a Fecaje, na verdade nós tentamos na época em que foi feito, inclusive essa carta manifesto, inclusive de uma ação que esteve lá não foi somente só com uma menina né, a questão da intolerância religiosa, mas também com rapaz, também tivemos problemas com pessoal do LGBTQ+, e a gente vê isso, que a gente geralmente faz é estar endossando qualquer ação, a Fecaje sempre, é o que eu falei, sempre tenta endossar algumas ações, se for possível a gente estar juntando a gente junta, se for manifesto a gente faz, se for pra entrar com ação a gente entra no coletivo.”* Diretor 2.

A compreensão de uma liderança feminina sobre a postura da Fecaje é divergente ao situar o assédio sexual de um membro da diretoria dirigido a uma festivaleira, fato ocorrido no Festivale em Serro que segundo a liderança gerou processo jurídico. Eis a fala: *“A Fecaje deveria ter feito isso em Serro, entendeu, enquanto Fecaje, mesmo que estava envolvido um membro... mas faltou uma ação pública da Fecaje de dizer”* olha, isso não é...aconteceu o fato, aceitar que aconteceu o fato e não juntar grupinhos e ficar lá jogando piadas, *“olha ali as feministas, tão ali”*...essas coisas assim. *Se a Fecaje naquele momento toma uma posição de falar “olha gente, o fato aconteceu, mas não foi uma intenção e nós vamos avaliar dentro da Fecaje essa realidade que é o comportamento que não condiz com a essência do Festivale e tudo mais, eles tinham tirado de letra essa história. Talvez não tivesse nem tido processo, entendeu? Porque era assumir um pouco dessa responsabilidade ne?”* Liderança 1.

Somado a esse relato, para membro do grupo artista, situações de violência ocorrem entre os participantes do evento. *“... Até coisas que aconteceram assim: casos de assédio, isso entre os próprios “Festivaleiros”. Então quando eu falo que o Festivale reproduz muita cultura então o Festivale não está blindado de ser só o evento da arte, da cultura, aquela coisa assim da cultura no sentido de produção cultural né, daquela coisa da cultura popular. Não. Ele também reproduz o machismo, ele reproduz todas essas violências sutis e maiores também como assédio, como né é... chantagem, como várias outras coisas né que eu já vivi em alguns episódios onde eu tava protagonista e também defendendo outras que sofreram né algumas coisas”* Artista 2.

Outro entendimento de violência, que chamaremos de simbólica é acrescentado pela mesma: *“ó, o conceito de violência é interpretado de várias formas né?... porque eu já tenho essa visão de problematizar e de...de enxergar as desigualdades que eu interpreto essas*

desigualdades como violências né sutis. Que às vezes não é muito visível, mas assim só de ter poucas participantes mulheres eu já considero uma violência, só de ter poucas representações de mulheres enquanto né essa...jurados, todo esse reconhecimento e essa...isso acontece assim cê vê até hoje assim esse...assim “mas a gente vai negar os homens?” Não, mas tem que fazer algo que insira as mulheres, tem que acontecer alguma coisa que insira e dê os devidos créditos às mulheres e dê oportunidade.”

Sobre ter presenciado situações de violência no Festivale, uma liderança feminina pontua também a questão da violência simbólica: *“Na realidade agressão física não né? Mas a... a não valorização, a não é... enxergar como um espaço importante, de um empoderamento, de um... pra mim também é uma agressão. Pra mim também é uma agressão. E é umas das piores, que é a velada, a calada entendeu? daquelas que você não pode sobrepor a elas.”* Liderança 1.

Sobre essa violência simbólica a artista explicita: *“na questão da avaliação, a gente chega lá e vê uma mesa de jurado totalmente... masculina e com pessoas assim que a gente pensa: poxa, não tem a diversidade ali, não tem um olhar de...uma representação da diversidade. porque não é só feminino e masculino tem outras formas de ser que também tem que ser consideradas pra ser...são...são dignas de serem avaliadoras e juradas.”*

Dado que o Festivale, bem como seu corpo organizativo, artístico, ou outra categoria de participantes é feito de mulheres e homens, faz-se necessário abordar que tanto um quanto outro podem naturalizar a agressão masculina, seja essa física ou simbólica como mostrada nas falas. A exemplo do que hooks (2019) diz do ofuscamento com relação a violência patriarcal praticada também por mulheres com as crianças na vida familiar, ela insiste que mulheres devem assumir seu papel na aceitação da violência. Ou seja, que a luta política pelo feminismo implica reconhecer que também as mulheres internalizam e reproduzem os sistemas de opressão com o qual o patriarcado educa-nos para a hierarquia social e que se revela no cotidiano social da relação mulher e criança. E que o início da solução é opor-se a todas as manifestações de violência e que qualquer violência está ligada ao pensamento patriarcal ou a dominação opressiva das relações de poder hierarquizantes, nas quais a opressão masculina se sobressai. Sobretudo ao fator patriarcal presente no evento, destaca-se a questão do acesso das classes populares ao evento. A maioria participante das feiras são artesãs não brancas, logo são mulheres negras e indígenas e em posição de vulnerabilidade se comparados a alguns públicos no evento.

A artista pontua essa presença e condição social dessas mulheres: *“porque olha só o lugar que mais tem mulheres no Festivale é nesse lugar né, na programação, é na feira de*

artesanato, essas mulheres a maioria são mulheres que vêm de regiões mais periféricas, não são mulheres de classe alta. São mulheres da classe trabalhadora, são mulheres que estão ali tentando uma única vez ou outra quando tem um evento que tira o dinheiro para o mês todo ou por um período de trabalho assim, e elas não são referenciadas não são lembradas, não são faladas e a gente num vê elas inseridas nas programações porque tá ali na feira de artesanato.” Artista 1.

Ao argumentar sobre o tratamento recebido no grupo de artesãs, uma liderança feminina expõe como se deu em Belmonte: *”nós ficamos sem espaço, arranjou para nós um galpão lá que tinha muitos anos que tava desativado, colocou nós nesse galpão que era só com ele e Deus me livre Nós ficamos lá nessa situação, teve uns artesões lá que foi embora, teve umas que aborreceu e não expôs o trabalho delas e nós que tinha ido aqui de Minas Gerais nós juntou lá assim como pôde, e tentou se virar a semana toda por lá né... não tinha um chuveiro adequado, não tinha um banheiro adequado para gente, chuveiro era frio, gelado e também não tinha assim, eu vou dizer, eu não vou ficar questionando os itens, não tinha uma estrutura boa para receber a gente, não tinha.”* Liderança 2.

Ao descrever a condição social econômica, explicar invisibilidade já dita em outra categoria, o que se apresenta também nesse último trecho um tratamento muito ruim para o povo que de fato são guardiões dos adereços, do barro, dos utilitários, em que temos preservados as memórias culturais dos coletivos não brancos, lembrando de Lélia Gonzalez (2020) ao trazer a memória como fator relevante na dialética entre dominação e dominados. Essas artesãs como dito pela artista vão a trabalho, e possivelmente pouco se divertem e exploram outros espaços do festival. É inconcebível que aconteça esse tipo de maus tratos. Nem que para isso a organização tenha de reduzir o investimento em outras apresentações, diminuir valor de premiação etc. Por perceber essas ocorrências a artista também problematiza: *“mas será mesmo que se fosse as artesãs por exemplo, ah vamos fazer uma organização aqui de mulheres pra gente debater a arte, se fosse as mulheres jovens né, qual a legitimidade que teriam né, eu acho que isso também é um dado né, qual legitimidade que os artistas de fato, é os artistas eu tô englobando todo mundo que vai participar do Festivale né, não só os artistas que são conhecidos assim, como um todo né, qual é a legitimidade que a gente tem?”* Artista 1.

Nessa pauta de legitimidade, foi apontado pelas lideranças femininas situação recorrente quando também se envolvem questões conflituosas políticas dentro do Festivale, uma vez que podem ocorrer e também ocorrem em edição de Festivale a viabilização de recurso via emenda parlamentar pelos deputados. O Festivale também é um espaço de disputa

de poder, não seremos ingênuos de pensar que esse espaço não será disputado. Uma liderança diz: *“E aí fomos pontuando quais as rodas que a gente... sobre políticas públicas, que na época foi o Ministro Nilmário Miranda que não falou nem “lé com cré”, mas que a gente pegou no pé dele lá né? E uma das que a gente havia proposto foi que as mulheres reunissem né?”* Liderança 1.

Outra liderança ao apontar tal semelhança já sugere inversão dessa lógica. Ela diz: *“outra coisa também, é se você quer criar um grupo organizado você vai, junta 10 pessoas, 20 pessoas, porque também as pessoas têm o hábito de não querer ouvir todo mundo em uma reunião, em um encontro, mas em vez de você fazer sua mesa de colarinho branco para que eles fala tudo o que quer ser, essas benfeitorias, se eles você já fez a prefeiturinha deles, eles já fizeram... então eles ali, eles fizeram aquelas benfeitorias, oh tem 20 pessoas, mas 5 pessoas é considerado pessoa do alto, da mídia, cê entendeu, pessoa que pode te ajudar, mas aí em vez de você fazer sua mesa de apresentação com todos eles, não, com eles sentado em cada canto para ouvir todas as nossas súplicas, eles vão ouvir tudo que você tem, que a sociedade tem primeiro, para depois que eles ouvirem, aí sim tá na hora de você chamar eles para mesa.”*

Todas essas falas denotam como esse comportamento e o jogo político é de uma lógica patriarcal, demonstrando relações de poder, sendo que os dominadores são o centro da atenção, dominam os discursos e as pautas do povo podem ficar em segundo plano, inexistentes ou proibidas como também é demonstrado na fala: *“Ah, o Governo barrou! Isso não pode nem ser tocado!”*. *“Então pra mim o Festivale se enterra ali. Porque na realidade, o Estado quer que acabe as vozes daquele que sobe no palco e fala: Fora Bolsonaro! Daquele que grita: Nenhum direito a menos! Agora, será que pra ter dinheiro pra realizar um Festivale a gente vai ter que enterrar né? A essência do Festivale?”*

Se por um lado existe a tentativa de o governo barrar a legitimidade do povo, as denúncias do povo com relação a um Estado opressor, dentro do movimento, as mulheres são questionadas de seu posicionamento político. Os relatos abaixo demonstram esse machismo:

“Às vezes as pessoas falam assim: nossa...de novo você tá vindo com esse negócio de mulher, falando: não sei quantas vezes você já participou e de novo você trazendo essa temática falando sobre o Vale, falando Regional e do feminino” Artista 1.

“Já fui até chamada de advogada do diabo, já fui até chamada da feminista radical que vê erro em tudo, já fui já...eu sei que eu carrego esse estigma sabe? Eu não sou ingênua de pensar que...que as pessoas não me vêem assim. E pra mim esse...essa...toda essa rejeição é porque eu tô indo pelo caminho certo porque tem muita coisa errada. Muita coisa

errada e assim num movimento horizontal, num movimento que respeita mesmo as diversidades, que quer né acompanhar os avanços de igualdade do feminismo, era bom que começasse a ouvir né os locais de fala, as pessoas que realmente vivem na pele as coisas e ouvir as demandas do que tá errado. E não continuar sendo um movimento bem autoritário e é, como se diz? Linear né? Assim aquela coisa bem de cima pra baixo” Artista 2.

Com vista nesses relatos das artistas que são profissões e ou atividades que por vezes têm o trabalho de contestar a realidade, ainda mais dentro de um festival considerado na sua essência como de resistência no sentido de dar visibilidade ao seu povo e à produção cultural, de forma também a inserir essa produção como política pública na intenção de preservação da sua cultura contra a indiferença estatal de esquecimento do Vale, observamos como o pensamento machista é presente. Fica um questionamento. Será que existe dentro do Festivale esse questionamento incisivo e direto aos homens artistas sobre seu posicionamento político? Para hooks (2019), a mídia de massa foi também responsável para desenhar o movimento feminista de forma errada como anti-homem somado ao fato de no feminismo contemporâneo, não haver em seu início abordagem com os homens de como as questões relacionadas ao sexismo e dominação masculina implicam as mudanças das formas de opressão sobre eles. Para a autora, “conscientização feminista para homens é tão essencial para o movimento revolucionário, quanto para mulheres”.

Sobre as discussões dos grupos de minorias e a relação da Fecaje com essas pautas, temos abaixo: *“E quando chegou a ideia de se fazer um encontro de mulheres dentro do Festivale pra gente foi um grande ganho, diga-se de passagem né, a Fecaje ela sempre esteve aberta a toda e qualquer discussão que venha realmente a defender o coletivismo, até mesmo as minorias, no entanto...E aí o que que acontece, vem de novo a proporcionalidade né, vem de novo para proporcionalidade e eu acho que a gente tem que abrir essa discussão, ampliar essa discussão dentro do evento, eu não vou dizer criar cota dentro do evento para proporcionalidade de mulheres que eu acho que a mulher ela dentro do evento ela tem um papel muito importante e vai bem além de cotas, além de proporcionalidade, além de percentual, entendeu?”* Diretor 2.

Ao dizer que a federação sempre esteve aberta a toda e qualquer discussão “até mesmo as minorias” e que a cota não é interessante como discussão por entender que o papel da mulher vai além das cotas, nota-se aí que essa abertura não se faz com tanta facilidade. O “até mesmo as minorias” está no mesmo lugar da frase racista “eu tenho até amigos negros”. Da mesma forma que a frase não te isenta de ser racista, ao contrário, a frase demonstra preconceito e presunçosa superioridade, ao dizer que se aceita até mesmo as minorias, que

diga-se de passagem as mulheres são maioria, está se colocando como superior ou uma suposta generosidade que aceita “os defeitos dessa gente”. Essa argumentação talvez inconsciente, mas notadamente preconceituosa faz com que ela perpassse os ambientes diversos o Festivale, dando a entender que a pauta das mulheres é defendida pelo corpo diretivo, enquanto ela não é ainda compreendida e ou aceita. De outro modo, o argumento expõe-nos como a violência simbólica se explicita em frases que expressam a naturalização de normas e padrões que dizem de nossa memória colonial/ patriarcal, onde a invisibilização das mulheres e a redução do seu papel ao espaço de subalternidade, silencia inclusive o papel das mulheres não brancas no cenário social brasileiro e do próprio festivale, ao nomeá-las como minorias, quando de fato, não o são.

“Então talvez a participação da diretoria, lá ela quem vai geralmente é a Lia e a Cristina, representando a diretoria, que são os dois representantes diretos, né, então assim, logo quando iniciou-se, dizia assim pra gente, gente, aqui no primeiro encontro de mulheres será mais de mulheres que o homem pode ir, mas apenas como ouvinte, né, iniciou-se esse processo.” Diretor 2.

Nota-se que, nessa fala, a princípio como a diretoria demanda sua representatividade no Encontro de Mulheres, sendo justificável e compreensível que as duas mulheres da diretoria sejam indicadas a ocupar o espaço. O que pode num segundo momento ser avaliado, inclusive a partir do “até mesmo as minorias” é que o fato de o Encontro como foi exposto no trecho, *homem pode ir apenas como ouvinte*, ser entendido como uma “total proibição” de homens, uma vez que a cultura dominante vê dificuldade e portanto resistência de homens, ainda mais homens que ocupam cargos de prestígio, cederem seus ouvidos aos questionamentos da minorias e no caso das mulheres. Outra questão que fica entendido é que o evento conta apenas e não é “pouca coisa” com o Encontro de Mulheres e que a princípio pode também tentar fazer o que hooks (2019, p. 31) considera de “confrontar o sexismo internalizado”, em que as mulheres precisam assumir as bandeiras de políticas feministas confrontando seu próprio sexismo. Nessa confrontação talvez ainda no Festivale não foi possível tão satisfatoriamente esse trabalho com homens e também com mulheres.

Na categoria Desafios Internos e Externos para Inclusão das Mulheres, foram expostos pelos diversos grupos questões que eles consideram que limitam a participação no que tange a presença das mulheres no Festivale. E dessa limitação deriva tanto complicações do interno (evento) quanto externo (sociedade). Elas abrangem a condição da mulher subalterna no seu dia a dia, em que a liderança feminina pontuou como ainda enxerga a vida das mulheres no Vale: *“aqui tem mulher que apanha em casa e não vai procurar os direitos*

dela não, porque ela tem medo da sociedade, do que que a sociedade vai achar dela por ela tá sufocada na vergonha, tem mulher aqui para nós que adocece e não procura tratamento pra não ir num médico, não ir num enfermeiro, tem que ser médica, tem que ser enfermeira, então nós aqui, ainda vivemos numa crosta ainda muito antiga...” Liderança 2.

Essa condição perpassa desde o medo do que a sociedade vai falar dela, até a questão da violência. Foram levantadas questões com relação à dificuldade financeira, tanto do próprio Festivale arcar com espaço adequado a uma possível mãe, quanto ao investimento para ir ao evento e já indicando que sem esse investimento no Festivale, as apresentações continuarão seletivas.

“Eu até reivindico essa questão da premiação, de diminuir a premiação para oportunizar a ida das pessoas, o acesso das pessoas. Muitas pessoas nem se inscrevem, e muitas mulheres...principalmente as mulheres não se inscrevem por conta do investimento que tem que fazer pra participar.” Artista 2. Ela tem o entendimento de que sem esse investimento no Festivale, continuarão a ser seletivos seus participantes. *“Então esse é o básico que tem que ser urgentemente visto, porque senão até a questão da classe social das pessoas, dos concorrentes vai ser pessoas mais...mais privilegiadas porque o acesso é restrito a quem tem esse dinheiro pra transporte e alimentação. Tem a ajuda de custo né, pros músicos, tem a questão da hospedagem, da alimentação é nos dias né, às vezes é só no dia que vai apresentar ou né, dois dias porque tem a apresentação primeiro depois a final e tal. Mas é, não tem esse investimento de pensar em quem não tem acesso, acesso com 2 cifrão (ace\$\$o).*

Outra entrevistada indo na mesma direção diz que é necessário repensar a estrutura para recebimento de uma mãe e seu filho: *“não tem muitas crianças também, então assim como que as mães vão participar, porque tem mães né, e aí muitas das vezes as mães conseguem, algumas conseguem deixar os seus filhos e outras abre mão de poder participar porque é muita logística, então as crianças que eu vejo no Festivale são os filhos das pessoas que estão na direção do Festivale, na direção da Fecaje, então eu não vejo os filhos das artesãs.” Artista 1.*

Para ampliar essa discussão de estrutura mais adequada a possibilitar a presença de mães e pessoas de classe social menos privilegiada e que implica em investimento, temos a seguinte situação apresentada independente de gênero, a migração para outros eventos.

“É tanto que nos últimos tempos eles têm migrado muito porque outros festivais têm oferecido essa ajuda de custo para o músico, para o músico concorrente do Festival da canção.” Liderança 1.

Essa é uma discussão que ainda se torna necessária de se fazer, porque a participação de determinado público talvez demande que os recursos sejam alocados em quadros diferentes e ou repensados a forma como atualmente acontece o festival. Algumas perguntas se fazem necessárias: qual o público que o Festival quer atingir? Quem o Festival quer prestigiar? Como de fato é encarado o pensamento de paridade dentro do evento?

Esse dilema da falta de recurso já não é de hoje, e talvez a saída a depender das respostas a essas perguntas seja o proposto por Nogueira (apud Santiago, 2012, p. 176) de uma redução no formato do Festival como um todo, com menos oficina e, sobretudo uma redução drástica no número de grandes espetáculos musicais para diminuir as proporções do evento e conseqüentemente os custos. Há que se dar menos ênfase nos espetáculos dispendiosos e mais espaço para as manifestações da cultura propriamente popular que refletem tradições seculares, bem como para as manifestações inovadoras, que propõe, novas releituras da tradição. Nessa mesma linha que recai sobre recurso e custos, além de não apresentar paridade entre homens e mulheres, soma-se a falta de recurso para contratação a questão dos jurados do Festival.

“A questão dos jurados é muito complicada né? Primeiro porque não existe recurso pra vc contratar jurados. Os jurados são voluntários. Então geralmente os jurados são aqueles que tá ali no momento que a gente vai identificando que tem uma competência naquela área que a gente vai convidando, entendeu? Se tem mais mulheres em Belmonte, talvez então tenha mais mulheres que o pessoal conseguiu identificar e nos outros lugares talvez não... quando a gente tem recurso a gente contrata um produtor, na verdade um produtor meio que voluntário que recebe uma contribuição, que não é um valor de produção, entendeu? Que tenha mais ou menos uma afinidade com aquela área responsável de identificar dentro do movimento né, quem são as pessoas que não estão e uma certa forma ligada a nenhum concorrente, que tenha competência naquela área, se é um professor, se é um ator. Sempre pensar ter alguém da cidade como referência dentro do corpo de jurados pra equilibrar aí essa questão. Aí tem né geralmente, além da pessoa, na realidade como te falei, tem a pessoa responsável, mas essa pessoa ela monta uma comissão junto com ela pra fazer a gestão daquele quadro, entendeu? Então geralmente é ela, mais essa comissão. Não necessariamente a Fecaje tá junto, às vezes num quadro, num outro, eu posso tá num quadro mais específico eu vou tá fazendo parte ne. Agora, se você pegar assim a diretoria vai ter que dar o aval final, não, é essa pessoa juntamente com aquela comissão, que ela consegue formar de voluntários. A noite literária, por exemplo, sempre tem os voluntários né.

Geralmente tem a figura de alguém que a Fecaje, fala assim” o fulano como é que estão as coisas?”. Ela vai ter um grupo que vai dar apoio.” Diretor 1.

Outra dificuldade apontada é com relação às barreiras existentes na estrutura da região do Vale e que algumas delas talvez possam ser mediadas pelas redes sociais. *“Até maior que muitos países europeus, então nós temos uma divergência de estrada ruim, de comunicação ruim, é e que às vezes pra gente encontrar uma vez esses encontros que a gente tenta promover realmente é muito difícil a locomoção da gente entendeu assim, então muitas coisas a gente também tem, nós temos as nossas próprias barreiras naturais e as nossas também profissionais, né?”* Diretor 2.

Situação limitadora levantada também pelo diretor 2 com relação às mulheres assumirem cargos diretivos diz o seguinte: *“tem que viajar, às vezes tem que sair em cima da hora pra ir pra BH. “Cara, eu tenho meu marido, eu tenho meus filhos, você é mais fácil sair, conversar com a esposa e ir mas eu pra chegar pro meu marido com isso aí.” Ai vem a questão da né eu posso chegar pra minha esposa e falar assim: (Nome da esposa) eu vou ter que ir pra BH amanhã porque eu vou ver uma reunião amanhã com a SECUT. Agora se (a esposa) chegar pra mim assim:” eu vou ter que viajar amanhã pra BH” eu falo epa, vamos ter muita calma nessa hora, então ainda existe e não foi eu que criei assim, como nós não inventamos a roda, já vem de um tempo pra cá e que as mulheres tem essa dificuldade...então a maioria das mulheres já tem também essa própria barreira natural delas e que eu entendo muito disso, as limitações, são os afazeres domésticos, são os afazeres disso... e não... às vezes isso tem dificultado a participação das mulheres no movimento.”* Diretor 2.

Neste trecho acima podemos perceber como é direcionada praticamente como “natural” que a responsabilidade pelos filhos seja da mulher. Inclusive, o próprio dirigente cita claramente que entende a situação, demonstrando que sempre foi assim, ou seja, a mulher já “nasce” com essas atribuições de cuidado com filhos e do lar. Esse tipo de pensamento é extremamente naturalizado entre homens e mulheres, esse é um padrão entendido como legítimo na sociedade brasileira que apesar de alguns avanços, advindos da democratização, existe ainda a compreensão convencional do feminino e do masculino.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, numa avaliação geral do ano de 2015, sobre divisão desigual do trabalho e uso de tempo nos afazeres domésticos no Brasil, o tempo semanal dedicado pelas mulheres corresponde a 124% a mais se comparado ao homem. E esse percentual alto, se somado a outras condicionalidades podem ser aumentados se considerar a perspectiva de classe, e de raça. Essa discrepância corrobora

também para a inviabilização da equidade de oportunidade, capaz de gerar igualdade. Se não considerarmos a imagem preconcebida de senso comum de que as mulheres são menos interessadas no campo artístico ou na participação de atividades na vida pública, a exemplo de ser gestora de um festival, como é o caso, é necessário considerar essa desigualdade para compreender a deficitária representação das mulheres.

Segundo Biroli e Miguel (2014), “o silêncio sobre o impacto causado das relações de poder no mundo doméstico, no mundo do trabalho e no mundo da política é particularmente “produtivo”, isto é, define o limite para muitas reflexões e as coloca numa posição em que acabam por justificar as coisas como elas são”. Para a artista, outro complicador é a socialização e educação diferenciada desde a infância: *“eu escrevia alguma coisa no caderninho, mas nunca aquele tempo pra dedicar à minha arte, nunca aquele tempo d’eu sentar e colocar sabe? Igual muitos homens têm aquele privilégio imenso de se dedicar e não são cobrados? Desde a infância eles têm essa coisa enquanto a gente é cobrada muitas coisas.”* Artista 2.

Biroli (2014) ao dizer sobre a socialização e vendo como caminho a autonomia passando pela divisão sexual do trabalho afirma que:

a divisão sexual do trabalho também precisa ser discutida do ponto de vista do exercício da autonomia por mulheres e homens. Ela está na base do acesso diferenciado a recursos, a tempo – para dedicação ao trabalho, mas também o tempo livre –, a experiências distintas e ao desenvolvimento de aptidões que se convertem em alternativas. Tem relação direta com a socialização, também distinta, de meninas e meninos e com a construção diferenciada de horizontes de possibilidade para mulheres e homens, desde a infância. Esse é um dos sentidos em que nascer homem ou mulher tem impacto sobre as possibilidades de exercício da autonomia (BIROLI, 2014).

Essa socialização se estende a vida adulta e acompanha as relações em diversos espaços. Com relação por exemplo ao corpo de jurados ser majoritariamente masculino a artista aponta a desigualdade: *“então quando a gente vê uma mesa de jurados sem uma mulher, só com uma mulher e três homens. Aquela imagem já mostra pra gente que tem três homens super qualificados e apenas uma mulher qualificada na parte técnica, na parte né de ser jurada. Tá errado. Tá errado porque a escolha desses vencedores vai ser baseada na visão de três homens e uma mulher. Então vai ser correspondente a isso. Não desmerecendo a sensibilidade dos homens, a capacidade né intelectual e técnica que eles têm, mas a representatividade e a inclusão nesse caso conta por isso porque senão vai ficar um sistema viciado, sempre do mesmo... com todas as críticas fizeram o movimento acontecer, eu desejo muita atenção, muita empatia, muita flexibilidade pro novo, pra repensar, autocrítica. Porque enquanto permanecer um evento, um...uma estrutura ali de poder reproduzindo*

escancaradamente o patriarcado, as relações de poder é... a limitação mesmo, vai...vai...”

Artista 2.

Para caminhar para uma atenção à igualdade de oportunidade, além de ser necessário fazer autocrítica sugerida pela artista ao dizer do espaço de avaliação dos concorrentes, o diretor sugere que haja uma mudança regimental.

“Então assim, eu acho que houve mais uma abertura, uma discussão, mas eu acho que ainda é necessário a Fecaje juntamente com seus associados escrever um plano sabe assim de advoca-se, sabe “vamos atuar nessa causa, vamos ver como a gente pode melhorar”... isso é necessário, porque as vezes acontece um Festivale, mas aí às vezes a demandas durante o ano, cada um voltando pra sua cidade, como o movimento é grande, em vários lugares essas discussões a gente vai meio que perdendo essas discussões.” Diretor 1.

Pode ser que seja esse plano uma ação política que some a repensar a autocrítica como proposto. A dificuldade talvez continue a colocar esse plano na promoção de revisão do pensamento patriarcal dos homens e mulheres que também gerem esse festival.

A última categoria Potencialidade do Festivale contemplou principalmente o Encontro de Mulheres em que algumas falas o citam como “roda de conversa”. Todos os entrevistados de maneira geral destacam a importância do Encontro de Mulheres dentro do evento e vê a parceria da UFVJM como outro ganho. O Encontro é tão positivo que um diretor entrevistado diz ser proposição da federação, ao passo que a artista diz ser proposição de um grupo de mulheres.

“Porque foi uma proposição da federação. Esses encontros só aconteceram porque foram proposições da federação, entendeu? Então assim, eles não aconteceram do nada, ninguém falou assim” ó, vamos fazer um encontro de mulheres, tendeu?” teve umas proposições que partiram então da Fecaje, uma abertura pra que isso acontecesse. Então assim, hoje nós temos na federação com a representatividade tem a Cristina, que é do teatro de Medina, os “Meninos do Vale” e nós temos a Lia Queiroz né, que também vem do movimento social, eu acho que a Lia também tem essa influência nessa questão desse novo olhar digamos no movimento.” Diretor 2.

“Então, ao lado de Claudilene e ao lado de outras lideranças também a gente pensou que no próximo Festivale ia ter o grupo Encontro de Mulheres e foi no Felisburgo. E sempre trazendo essa temática: Onde estão as mulheres no Festivale? Tá, a gente não tá desmerecendo as mulheres que estão na cozinha, as mulheres que... todos os trabalhos são valorosos, mas e o reconhecimento? E... e onde tá a exposição, a... o valor, a valorização mesmo? Não tem. Então assim foi um... já começou ali.” Artista 2.

Observa-se como nessas duas falas os entrevistados apontam nomes de mulheres que eles consideram referência. Uma de dentro da própria federação, outra atualmente dentro da universidade. Dessa forma talvez faça sentido o questionamento que a artista 1 faz sobre a legitimidade do povo dentro do movimento de propor.

“Porque a Universidade também facilita muito acesso né, para algumas pessoas que não está mais naquele círculo ali do médio e baixo Jequitinhonha chegar ao Festivale, né, inclusive dando carona para as artesãs, dando um suporte para roda de conversa, dando suporte para as mesas de debate, eu acho que... que universidade tem tido um papel também muito importante assim né, a universidade mas principalmente né, os núcleos que são lideradas por mulheres e que tem os observatórios, os núcleos de pesquisa e que tem questionado, e aí olha como é diferente como é Universidade então é mais fácil de propor, então é mais fácil de ser ouvido, então foi muito prático tentar pensar uma roda de conversa sobre as mulheres em Felisburgo, ...porque tava nesse lugar hierárquico aí que a universidade ocupa então é fácil, mas será mesmo que se fosse as artesãs por exemplo, ah vamos fazer uma organização aqui de mulheres pra gente debater a arte, se fosse as mulheres jovens né, qual a legitimidade que teriam né, eu acho que isso também é um dado né, qual legitimidade que os artistas de fato, é os artistas eu tô englobando todo mundo que vai participar do Festivale né, não só os artistas que são conhecidos assim, como um todo né, qual é a legitimidade que a gente tem também quando você pergunta né: mas e esse negócio de propor né, como que você acha que é essa questão do propor?” acho que ninguém propõe, ninguém propõe não né, eu acho que é mais difícil de propor.” Artista 1.

A artista percebe que a Universidade ocupa lugar de poder, e percebe o lugar das mulheres que ocupam o lugar de poder na Universidade. Pela fala revela como o acesso a ocupar lugares é fundamental, mas ainda há o questionamento sobre como seria se fossem as artesãs. Nesta pergunta se reafirmam as contradições que invisibilizam as mulheres não brancas, uma vez que a academia ainda é majoritariamente branca³⁸.

Essa consideração conversa com uma preocupação de uma liderança que diz: *“o que me preocupa hoje, tem um questionamento na minha cabeça: será que essas rodas de conversa vão existir? Será que vai ser dada as continuidades?”* Liderança 1.

Fato é que o Encontro de Mulheres passou a ser dentro do Festivale um lugar de acolhimento, resistência e luta das mulheres. As discussões vão para além do cenário em si do

³⁸ A docente da UFVJM, prof. Claudilene, presente na figura 22, é uma mulher não branca, que ocupa a universidade, mas vem do trabalho de base, e nesse sentido, há um diferencial que aponta para a importância das mulheres que por políticas públicas acessam lugares de poder, fazendo avançar as lutas sociais.

festival, mas da vida da mulher em suas cidades como na fala da entrevistada: *“mas eu acho que é um momento de empoderamento, que a mulher se empodera, que alerta para as realidades que elas vivem nas suas comunidades né, nas suas realidades ne...em Belmonte, que as indígenas fizeram toda uma participação muito viva e falou de todas as lutas que ele tem travado, batalhado...e foi um momento muito forte ne..é..e teve momentos fortes assim da gente colocar, ter a liberdade de cada uma colocar aquilo que ela num quer pra vida dela. Aquilo que ela...é....quer levar pra sua comunidade, que é da liberdade da mulher, de ser quem ela quer ser, todas essas coisas...então pra mim é um momento muito forte do Festivale... Eu vejo como um ponto muito alto do Festivale, pena que os outros não enxerga assim, enxerga é o show, enxerga é o... só o festival da canção, e são importantes, não resta dúvida. Por exemplo, na poesia eu vejo que ali muitas mulheres expressam o seu...e assim as diferenças, e o mais importante também do encontro das mulheres são os agentes que são homoafetivos, são homossexuais e que vão ali também e dão a sua contribuição, ne? Abarca a diversidade, muito ne. Talvez seja o momento mais forte que tem, porque lá tem todas essas diferenças falando e pelo incrível que pareça falando a mesma língua” Liderança 1³⁹.*

De acordo com Biroli (2014), essa reunião grupal e nesse caso do grupo das mulheres no Festivale que apreende variadas identidades femininas é um caminho contra as relações de opressão e dominação. Para a autora uma alternativa é o entendimento de que a recuperação das experiências das mulheres dependeria de uma consciência compartilhada da dominação, das desvantagens e dos sofrimentos implicados em sua posição social. Poderiam assim, ressignificar suas experiências-daí as apostas nos grupos de mulheres. Diante dessa alternativa e corroborando com o argumento de Biroli, a artista comenta: *“o grupo Encontro de Mulheres é muito importante porque cada vez mais me traz o sentido da arte enquanto política, enquanto uma arte política, uma arte que não suporta tanta opressão, tanta desigualdade né e se posiciona.”* Artista 2.

Como o evento é composto de suas contradições, ao mesmo tempo que uma liderança apresenta a situação de destrato com um público no quadro alojamento, essa mesma nos diz: *“... que Festivale é o povo da base, o Festivale é uma festança que mistura, é até difícil pra gente fazer um cálculo porque porque o Festivale é a única festa folclórica que eu conheço que te dá o direito de ter todas as classes, todas as áreas desde esse negócio aí de*

³⁹ Um dos movimentos em que estes agentes estão presentes dentro do Encontro das Mulheres é o grupo de drag queens Blay Bladys. Sobre o movimento no Festivale recomendamos o trabalho de Jean Paulo Silva Gabriel e Josélia Barroso Queiroz Lima. Acessar em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebel/article/view/10633>.

gênero, essas coisas, então você vê todo mundo ali muito junto então lá não tem separação”
Liderança 2.

Pensando que a fala vai no encontro de o evento Festivale ser um local que se discute relações de gênero- espaço esse que reúne uma diversidade de mulheres e identidades femininas, direitos das mulheres e que o motivo festa faz misturar pessoas, e também um espaço de oportunidade dentro do Vale, assim como para a artista: *“que o primeiro acesso que o Festivale me deu foi me reconhecer que uma pessoa que poderia estar chegando no ensino superior, porque eu via que tinha gente descolada, tinha gente de cabelo afro, cabelo crespo, que na época também ainda não é era um boom assim no vale e ai... o Festivale me trouxe esse lugar de artista né, assim.”* Artista 1..Nesta fala vemos como é importante a interação entre diferentes sujeitos sociais e a relevância de assumir a identidade negra rompendo com as opressões de racialidade que foi posta e ensinada.

O Encontro de mulheres é um espaço e momento de proposição de participação das mulheres e questionamentos do lugar e não lugar ocupado por mulheres, no evento e fora dele, mas a artista ressalta alertando: *“a roda de conversa das mulheres por si só, ela não dá conta de abraçar tudo e todos e todas e todos né, a roda de conversa por si só ela não... só roda de conversa já é um avanço mas junto com a roda de conversa né, ter essa proposição de fato da reformulação, de inserção de novas mulheres, das mulheres como todas suas diversidades, quanto diversidade geracional, étnica, classe também, acho que é muito importante assim.”* Artista 1.

Com a intenção de ouvir e analisar a compreensão das categorias artista, diretoria da Fecaje e liderança feminina a respeito da representatividade das mulheres, ou seja, qual a visão que se tem do lugar da mulher dentro do Festivale e os desdobramentos dessa questão o que podemos apontar é que existem diferentes pontos de vista da presença do público feminino. São reconhecidas como pontos comuns algumas deficiências de participação em alguns quadros do evento, o que diferencia é a natureza que causa essa diferença. De um lado existe uma tendência à naturalização do “sempre foi assim”, as mulheres têm suas limitações “naturais”, sendo aquelas ligadas às atribuições do lar. Por outro lado, a explicação dessa deficiência ou “ausência” se baseia na estrutura patriarcal que ainda impera no nosso século. Variadas são as formas de machismo, sexismo que exclui a ocupação das mulheres também em lugares de prestígio e não somente no “interior” do Festivale.

Em suma, uma percepção se dá no fato de ter uma considerável presença física de mulheres no Festivale, com isso elas serem vistas com posição de igualdade com os homens. Sobre essa posição de entendimento de representatividade, não é o fato de termos maioria

delas nos espaços que se esgotaram todas as desigualdades, visto que elas são muitas no Festivale e continuam numa participação baixíssima na música, na poesia, no palco, no corpo de júri, nas homenagens no palco. E mesmo as que são tidas como maioria em alguns quadros como comissões, feira de artesanato, qual reconhecimento e legitimidade tem tido? Por isso que o que se demonstra é a necessidade de revisão do pensamento patriarcal. Nas palavras de Biroli (2014) “fazer avançar uma agenda política feminista”.

Enfim, a maioria de mulheres pode não conseguir maior centralidade da pauta do feminismo, que seria eliminação das opressões e dominação masculina, numa transformação radical das relações sociais e econômicas, posto que o capitalismo necessita das hierarquias patriarcais necessárias à produção do exército industrial de reserva. Portanto, nesse contexto, a luta por equidade entre viventes, como ficou explícito nas análises sobre o Festivale, é condição para a democratização do evento. Com isso, outras formas de agir politicamente a favor do feminismo são também necessárias e bem-vindas.

Considerando que o Jequitinhonha na sua dimensão territorial e social de povos não brancos, portanto com opressões seculares de expropriação dos sujeitos sociais reduzidos a massa de marginais, podemos observar esta configuração impressa nas narrativas, nas violências expressas e ainda na manipulação de um festival que ora a festa popular, que se reverte em ocupação de vozes e de outras humanidades que foram historicamente silenciadas, ora reverte na reprodução de papéis sociais e de gêneros que silenciam séculos de violência. O que se deseja é que nos processos, os poderes e a luta pela mudança política e social de fato continue fazendo rupturas na estrutura patriarcal de supremacia branca, organizar as mulheres não brancas e as brancas será sempre imprescindível.

Em suma, os desafios são estruturais, para avançar ainda mais nos processos de democratização da sociedade brasileira e, em específico, no cenário social do Jequitinhonha é preciso ações que tendem a equalizar, oportunizar e quiça igualar a representatividade das mulheres, avançando ainda quanto a reflexão das ameaças do pensamento e comportamento patriarcal, discutindo uma agenda feminista que acesse tanto homens quanto mulheres dentro do Festivale.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação teve como objetivo investigar a representatividade das mulheres no Festivale nos anos de 2018 a 2020 para compreender qual lugar social elas ocupam. A investigação necessitou e possibilitou estudar o histórico da trajetória das mulheres e como se deu a presença nos dois lugares de grande prestígio no evento que são o Festival da Canção e o concurso da Noite literária.

Com a conquista das mulheres para o exercício da vida pública na atualidade e todas as questões complexas e contraditórias dessa conquista, bem como da dualidade privado e público, é onde esse trabalho se atreveu a adentrar.

Um festival que se mantém há 40 anos no Jequitinhonha e que nasceu de uma inconformidade de como seu povo e a região era tratado com descaso pelos órgãos públicos e todo aparelhamento ou falta dele, e que tem como objetivo dar visibilidade às práticas culturais do seu povo e sua região seja no artesanato, na música, no teatro, na poesia, entre outras manifestações, somado ao fato de que em suas últimas edições as discussões da minoria, com destaque a questão da mulher se fizeram marcantes, se tornou um campo curioso para análise.

O importante é ressaltar que essa discussão dos direitos das mulheres coloca em debate o funcionamento das instituições, bem como as relações desiguais que, ainda permanecem entre homens e mulheres, em que as últimas, mesmo com direitos conquistados nas décadas mais recentes, permanecem excluídas de certos lugares de prestígio e ou de espaços decisórios.

O que se compreende na tentativa ao resgatar como se dá a participação das mulheres no Festivale registrando o fazer histórico, que também está sujeito a reformulações, é colocar em pauta o que não só os homens, mas também as mulheres pensam, dizem e escrevem sobre sua realidade social e sobre como as mulheres são representadas ainda na sociedade. O Festivale não consegue fugir à regra patriarcal presente, ele é a sociedade patriarcal em si ao demonstrar que as mulheres, seja na expressão de arte como a música e a poesia tem ainda baixa proporção de participação, premiação e lugar de homenagem. E que em alguns dos lugares decisórios, ela também tem ínfima participação a exemplo do corpo de jurados tanto da poesia, como da música. Outra problemática apresentada é que as mulheres são maioria entre as artesãs, nas comissões voluntárias, que são estruturas base do festival e elas não têm reconhecimento e valorização, ocupando lugares de subalternidade, de trabalho reprodutivo e invisíveis.

Há vários desafios para uma efetiva representatividade das mulheres no Festivale, e esses compreendem tanto impeditivos internos quanto externos. Observa-se que há particularidades nos fenômenos da representatividade das mulheres, considerando o processo de formação do evento e suas transformações. Algumas poucas mulheres que são ao mesmo tempo artistas e lideranças, lideranças e diretivas ocupam um cenário de destaque como citados pelos entrevistados, ao passo que se ampliarmos a perspectiva racial e de classe o movimento de representatividade e participação ainda é muito excludente. As mulheres não brancas e de zona rural ou periférica são ainda pouco destacadas, e /ou lembradas apesar de algumas manifestações. Sobre as indígenas, praticamente é inexistente na produção literária e musical.

Com relação às limitações externas ao evento e que se tornam internas, evidencia-se como que a diferença de socialização de homens e mulheres desde a infância, nas quais os papéis sociais e sexuais, reproduzem a lógica de divisão social do trabalho, onde meninos são ativos/ públicos e meninas são passivas/ domesticadas e que, na vida adulta, se traduzem em pensamentos e comportamentos patriarcais, onde a desigualdade é naturalizada. Tais ideias se revelam nas entrevistas com os dirigentes da FECAJE e é penoso para a amplitude da possibilidade de participação da mulher fora da vida privada; seja na produção de arte em si, como também na ocupação de cargos diretivos e executivos. Naturaliza-se e, portanto, reproduz-se a vivência limitada das mulheres na esfera doméstica como apontada nas análises tanto das obras, como também no corpus das entrevistas.

Naturaliza-se, sobretudo, a supremacia branca, posto que atrelada a este modelo de feminino temos a lógica branca cristã que silencia e nega que as mulheres não brancas, negras e indígenas, ocuparam e ainda ocupam os espaços públicos e os postos de trabalho que ao fim e ao cabo, construíram e constroem a sociedade brasileira, mantendo pela cultura popular as memórias, que a consciência branca tenta hegemonizar, como nos lembra Lelia Gonzalez.

A experiência da violência contra a mulher também se apresentou no cenário do Festivale, tanto no que se refere às representações em textos literários, bem como entre os “festivaleiros” e de como esse enfrentamento ainda encontra barreiras, visto que mesmo com situações vivenciadas pelos Festivaleiros, carta manifesto direcionado ao grupo diretivo, ainda é assunto não atestado claramente. Essa violência de gênero é fundamental na reprodução das hierarquias sociais e econômicas, e no contexto do Jequitinhonha expressa toda a história de desigualdade social e racial que o mito da democracia racial nos impõe. Se já temos essa desigualdade escancarada quando nos dirigimos ao termo mulheres, ao incluirmos a dimensão

étnica, a realidade se torna mais perversa, pois o que temos é a invisibilidade, negação das violências, explicitadas por artistas, lideranças e diretores do Festivale.

A resistência e com isso as proposições de desenvolvimento e fortalecimento da participação das mulheres estão presentes principalmente no Encontro de Mulheres, que é um espaço de ativismo e de discussão dentro do evento aberto a identidades femininas, logo, ele já tem uma relação aproximada com a diversidade.

Nesse sentido destacamos o Encontro como um avanço nas lutas contra a opressão e a dominação masculina e reflexão dessas opressões fora e dentro do Festivale. É então uma forma encontrada pelas mulheres de se fortalecerem conjuntamente, e buscarem alternativas para além do enfrentamento individual a essas questões. Porém, é preciso que a sociedade junto do Estado reforce mecanismos para o exercício paritário da vivência de homens e mulheres, a exemplo das alocações de creches, sendo dada às mulheres ainda a responsabilidade pelo ambiente doméstico/privado.

Conforme Biroli (2014), outra questão a ser superada e que também pelo demonstrado principalmente nas entrevistas, o Festivale ainda reproduz muito, é o entendimento de que os homens podem falar pela coletividade em geral, a defesa dos direitos das mulheres fica sendo pauta “específica”. Os interesses do grupo dominante são mais facilmente apresentados como interesses universais, o que é outro efeito do “imperialismo cultural”. Ou seja, necessário superar o entendimento de que a vivência e a cultura do grupo dominante é a ordem. Nesse caso salienta-se que a divisão das tarefas domésticas pode proporcionar opção de escolhas para as mulheres na vida pública, seja na vida política, no mercado de trabalho, na vida artística, e no caso da sua participação nos diversos quadros de um festival como o Festivale.

Se o Festivale quer a democratização em todos os espaços, do público ao privado, do doméstico ao público, a equidade de oportunidades deve ser garantida. E ao evidenciarmos os lugares onde estão as mulheres e quais as mulheres estão em que lugares, em que nos palcos a representatividade das mulheres é ainda que incipiente branca, mas nos trabalhos subalternos não brancas; permite-nos pensar que para além do Estado, os coletivos que compõem o Festivale devem também ter acesso às reflexões aqui produzidas. Se a utopia serve para caminhar, que a poesia de Matrística seja também a guia, “...*Vem Maria Bonita, Canta Elza, pinta Frida, Pra essa vida Dandarar, À força guerreira Deixo a semente, Que não para de cantar...eu posso fazer o que gosto e só assim eu mostro o que é o Amor...*”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019, 264 p.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense. 1981, 83 p.
- ARRUDA, Thabata. A presença feminina nos festivais brasileiros de 2016 a 2018. **Medium**, 2019. Disponível em: <https://medium.com/zumbido/a-presen%C3%A7a-feminina-nos-festivais-brasileiros-de-2016-a-2018-23b64f2a374>. Acesso em 20 maio 2021.
- Artesãos selecionados para feira de artesanato Mestre Antonio para o 36º FESTIVALE – Serro. **Fecaje**, 2019. Disponível em: <https://www.fecaje.org.br/36%C2%BA-festivale-serro/feira-de-artesanato>. Acesso em 20 fev. 2021.
- ATAÍDE, Sâmara Rodrigues de. **Confluências do passado e do presente: o resgate da memória em o canto das lavadeiras**. 2008. 110 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BARCELOS, Herena. **Cadê a escritora que estava aqui. O patriarcado comeu**. (NOTA: texto enviado a mim por e-mail em 2021 pela autora, contendo 64 páginas e ainda não publicado).
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BIROLI, Flávia. MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo. Boitempo, 2014, 164 p.
- Boletim Rolando no Festivael. **Agência de Iniciativa Cidadãs - AIC**, 2018. Disponível em: <https://aic.org.br/saberes-compartilhados/boletim-rolando-no-festivale/boletim-2-rolando-no-festivale/>. Acesso em 20 out. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997
- BRESSER, Deborah. Mulheres do Vale do Jequitinhonha vendem versos para ter renda. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2020/12/mulheres-do-vale-do-jequitinhonha-vendem-versos-para-ter-renda.shtml>. Acesso em 20 jun. 2021.
- BRUM, Eliane. Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”. **Jornal El País**, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>. Acesso em 20 mar. 2021.
- CAMPOS, Maíra. A dura realidade da participação feminina nos festivais brasileiros. **UMES**, 2017. Disponível em: <http://www.umes.org.br/index.php/15-noticias/1875-a-dura-realidade-da-participacao-feminina-nos-festivais-brasileiros>. Acesso em 20 maio 2021.

CAMPOS, M.; BIANCHI, P. Conceição Evaristo. The Intercept Brasil, 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>. Acesso em 24 nov. 2021.

Canal Curta! Sexo, violência e mulheres no cangaço. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9lrpMKZ9yBA>. Acesso em: 20 mar. 2021.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2004.

CASTRO, Ruy. **Metrópole a beira mar: o rio moderno dos anos 30**. São Paulo: SCHWARCZ S.A 2019, 517 p.

Cerâmica do Vale, patrimônio imaterial de Minas Gerais. **Polo Jequitinhonha**, 2019. Disponível em: <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/2019/04/12/ceramica-do-vale-ptmo-imaterial-de-mg/>. Acesso em 25 jun. 2021.

Conexão Estudante. Senhora Boneca Boneca Senhora - Giselda Gil. **Youtube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6XxFxyNxxYM>. Acesso em 20 abr. 2021.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS – CIDH. **Situação dos direitos humanos no Brasil**. Brasil, 2021. Disponível em: <http://www.oas.org/pt/cidh/relatorios/pdfs/Brasil2021-pt.pdf>. Acesso em 20 out. 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012, 245 p.

DO VALE, R. Rubinho do Vale - Vida, verso e viola (CD Completo). **YouTube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IW0wMyMzq3k&t=5s>

DUARTE, Constância Lima; CARMO, Dinorah; LUZ, Jalmelice (Orgs). **Mulheres em Minas: lutas e conquistas**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 2008, p. 279-280.

Fecaje Jequitinhonha (Oficial). **Facebook**, 2019. Disponível em: <https://web.facebook.com/fecajeoficial.vale>. Acesso em 25 abr. 2021.

Fecaje Jequitinhonha (Oficial). **Facebook**, 2020. Disponível em: <https://web.facebook.com/fecajeoficial.vale>. Acesso em 25 abr. 2021.

FECAJE. Federação das Entidades Culturais do Vale do Jequitinhonha. Disponível em Acesso em: 20 mai. 2021.

Festivale - Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha. **Facebook**, 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/festivalejequi/>. Acesso em 25 abr. 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020. 375 pp.

GUERRERO, Patrícia. **Vale do Jequitinhonha: a região e seus contrastes**. Revista Discente Expressões Geográficas, Florianópolis, n.º. 5, p. 81-100, mai. 2009.

GRUPO GAY DA BAHIA – GGB. **População LGBT morta no Brasil: Relatório GGB 2018**. Disponível em:

<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contralgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acesso em 20 nov. 2021.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra 2ª Edição, 1985, 121 p.

HENRIQUES, M. S. Arte e mobilização social: celebração da cultura popular e da identidade do Vale do Jequitinhonha. In: NOGUEIRA, M. das Dores (Org.). Vale do Jequitinhonha: Cultura e Desenvolvimento. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

HENRIQUES, Márcio Simeone; SÃO PEDRO, Emanuela de Avelar. Comunicação e Mobilização para a Cultura do Vale do Jequitinhonha. **Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte, MG: set. 2004.

hooks, bell. **Feminist theory: from margin to center**. New York: Routledge, 1984.

_____. O feminismo é para todo mundo. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos: 2019, 176 p.

_____. Olhares Negros: raça e representação. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019, 356 p.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. Indicadores do uso do tempo. **IPEA**, 2015. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_uso_tempo.html. Acesso em: 20 nov. 2021.

JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho (orgs). Textos em representações sociais. 8ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, 324 p.

MARQUES, Olavo Ramalho. Corpo e espaço como categorias para se conhecer uma cidade: Um estudo sobre diversidade cultural, formas de sociabilidade e identidades no 3º FSM em Porto Alegre/RS. **Revista Iuminuras**, v. 14, p. 4, 2005.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O voto feminino no Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. 149 p.

MASCELANI, Angela. Caminhos da Arte Popular: O Vale do Jequitinhonha. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal, 2008.

MENNA, Fernanda. O retorno da cultura matrística. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/o-retorno-da-cultura-matristica/>. Acesso em 20 nov. 2021.

MIGUEL, Luis Felipe. Utopias do pós-socialismo: esboços e projetos de reorganização radical da sociedade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n 61, p. 91-114, 2006.

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes; GARCIA, Suely. Aparecida. Dias. Mulheres que dizem som: as poéticas. **Capítulo do livro Diálogos Interdisciplinares no Vale do Jequitinhonha**. Curitiba: CRV, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. O ABC da Violência contra a mulher no trabalho. **Mulher 360**, 2019. Disponível em: https://movimentomulher360.com.br/wp-content/uploads/2019/01/cartilha_violenciagenero-11.pdf. Acesso em 24 nov. 2021.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORENO, Cezar. **A colonização e o povoamento do baixo Jequitinhonha no século XIX: A guerra contra os índios**. 2 ed. Belo Horizonte: Canoa das Letras, 2011, 192 p.

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2018.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social/ José Paulo Netto** – 8. ed. – São Paulo, Cortez, 2011.

NICHOLIN, Linda. **Por que não existem grandes mulheres artistas**. São Paulo: Aurora, 2016.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. (Org). **Vale do Jequitinhonha: cultura e Desenvolvimento**. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2012.

ÔRÍ. Direção: Raquel Gerber. Produção: Ignácio Gerber, Raquel Gerber. **Tamanduá TV**. 1989. 93 min. Disponível em: <https://tamandua.tv.br/filme/?name=ori>. Acesso em: 25 nov. 2021.

OSTHOFF, Simone. **De musas a autoras: mulheres, arte e tecnologia no Brasil**. Paris, 2005.

PEREIRA, José Augusto Francisco (Org.). **Noite literária do 35º Festivale**. Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2019.

PRESTES, Ana (UJS Brasil). Aula 4. O sufrágismo e a conquista do direito ao voto no Brasil. **Youtube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0FJqqjMft20>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS RURAIS – PPGER. Mestrado Interdisciplinar em Estudos Rurais. **PPGER**, 2021. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/ppger/>. Acesso em 25 abril. 2021.

REIS, Toni (Org.). Manual de Comunicação LGBTI+. **Aliança Nacional LGBTI**, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em 20 out. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e Violência**. São Paulo: Graphium, 2011, 151 p.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Albér Carlos Alves; MATTOS, André Luís Lopes Borges. **O discurso do desenvolvimento e a ação do Estado no Vale do Jequitinhonha**. Capítulo do livro Diálogos Interdisciplinares no Vale do Jequitinhonha. Curitiba: CRV, 2019.

SANTOS JÚNIOR, Sinvaldo Ferreira. **A importância do Festivale para construção de uma identidade regional e formação política no Vale do Jequitinhonha**. 2012. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) - Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHOLZE, LIA. **A Mulher na Literatura: Gênero e Representação**. GÊNERO, v. 3, p. 01-33, 2002.

SERVILHA, M. DE M.; DOULA, S. M. O Vale (En)Cantado: música, identidade e espaço no Jequitinhonha. **In: Visões do Vale: origem e movimentos**, 2009, Belo Horizonte. Visões do Vale: origem e movimentos, 2009. p. 1-15.

SOARES, Geralda Chaves. Vale do Jequitinhonha: um vale de muitas culturas. Cadernos de História, vol. 5, n. 6. Belo Horizonte: PUC - Minas, 1997.

SOARES, Tadeu Martins. **42 anos de travessia: Do Vale da Miséria a vale da Cultura**. Belo Horizonte: Pedra Verde, EBOOK 2020, 753 p.

SOUZA, Lauanda Lopes de; SULZBACHER, Aline Weber. A Situação das Trabalhadoras Rurais no Acesso à Água e Energia no Médio Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais). **Revista OKARA: Geografia em debate**, v. 14, n.2, p. 333-354, 2020. ISSN: 1982-3878.

TRANCOSO, Déa. Vale do Jequitinhonha: interculturalidade, intersubjetivação e encantaria. **Wordpress**, 2021. Disponível em: <https://deatrancoso.wordpress.com/2021/02/23/vale-do-jequitinhonha-interculturalidade-intersubjetivacao-e-encantaria/>. Acesso em 25 maio 2021.

WESTIN, Ricardo. Para lei escolar do Império, meninas tinham menos capacidade intelectual que meninos. **Senado Federal**, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/nas-escolas-do-imperio-menino-estudava-geometria-e-menina-aprendia-corte-e-costura#:~:text=Para%20lei%20escolar%20do%20Imp%C3%A9rio%2C%20meninas%20tinham%20menos%20capacidade%20intelectual%20que%20meninos,-Ricardo%20Westin&text=A%20primeira%20grande%20lei%20educacional,separados%20e%20tivessem%20curr%C3%ADculos%20diferentes>. Acesso em 22 maio 2021.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ARTISTA**Roteiro de Entrevista para Artista**

- 1) Há quanto tempo você participa do Festivale e quem você se considera dentro do evento?
- 2) No percurso de sua participação no FESTIVALE, como você avalia a participação das mulheres no mesmo?
- 3) E como você analisa a representatividade das mulheres? Onde você considera que elas mais se destacam e onde menos se destacam? Por que?
- 4) Durante sua trajetória no Festivale, você considera que existe proposições para a representatividade das mulheres nos espaços de tomada de decisão e nos espaços de expressão e criação artística? Quem as propõe?
- 5) Com a instalada Pandemia no ano de 2020, e que aconteceria o Festivale na cidade de Araçuaí, mas não ocorreu, houve alguma comemoração on line? Se sim, como foi a participação e representatividade das mulheres?
- 6) Na temática por você apresentada no Festivale, percebemos que se discute as questões que envolvem a mulher. Como e porque você aborda este tema em suas obras? Se você somente interpretou porque defendê-la?
- 7) Como você enxerga a participação e o lugar que as mulheres ocupam no festival da canção e na noite literária?
- 8) Existe algo no Festivale que você se sentiu ou já presenciou algum tipo de agressão/violência simbólica?

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRETORIA DA FECAJE**Roteiro de Entrevista Diretoria da Fecaje**

- 1) Há quanto tempo você participa do Festivale e quem você se considera dentro do evento?
- 2) No percurso de sua participação no FESTIVALE, como você avalia a participação das mulheres no mesmo?
- 3) E como você analisa a representatividade das mulheres? Onde você considera que elas mais se destacam e onde menos se destacam? Por que?
- 4) Durante sua trajetória no Festivale, você considera que existe proposições para a representatividade das mulheres nos espaços de tomada de decisão e nos espaços de expressão e criação artística? Quem as propõe?
- 5) Com a instalada Pandemia no ano de 2020, e que aconteceria o Festivale na cidade de Araçuaí, mas não ocorreu, houve alguma comemoração/confraternização on line? Se sim, como foi a participação e representatividade das mulheres?
- 6) No Festivale existe algum tipo de violência contra a mulher? Se sim. Como a Fecaje está lidando?
- 7) Como a Fecaje vê o processo de representatividade das mulheres? O que a federação faz referente a isso?
- 8) Existe algo no Festivale que você se sentiu ou já presenciou algum tipo de agressão/violência simbólica?

ANEXO C - ROTEIRO DE ENTREVISTA LIDERANÇA FEMININA**Roteiro de Entrevista Liderança Feminina**

- 1) Há quanto tempo você participa do Festivale e quem você se considera dentro do evento?
- 2) No percurso de sua participação no FESTIVALE, como você avalia a participação das mulheres no mesmo?
- 3) E como você analisa a representatividade das mulheres? Onde você considera que elas mais se destacam e onde menos se destacam? Por que?
- 4) Durante sua trajetória no Festivale, você considera que existe proposições para a representatividade das mulheres nos espaços de tomada de decisão e nos espaços de expressão e criação artística? Quem as propõe?
- 5) Com a instalada Pandemia por conta da Covid/19 no ano de 2020, e que aconteceria o Festivale na cidade de Araçuaí, mas não ocorreu, houve alguma comemoração/confraternização on line? Se sim, como foi a participação e representatividade das mulheres?
- 6) Você como uma ativista que discute as questões da mulher dentro do Festivale, qual estratégia considera fundamental para fortalecer essa discussão e participação das mulheres em espaços diversos no evento?
- 7) Existe algo no Festivale que você se sentiu ou já presenciou algum tipo de agressão/violência simbólica?

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Comitê de Ética em Pesquisa



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: **FESTIVALE - Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha: representatividade das mulheres nos anos 2018 a 2020**

Instituição promotora: UFVJM-Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais
Pesquisadora responsável: Narjara Fonseca Souza
Coordenador: Prof.ª Dr.ª. Alan Faber do Nascimento

Você está sendo convidado(a) participar da pesquisa intitulada "FESTIVALE - *Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha: representatividade das mulheres nos anos 2018 a 2020* em virtude de sua participação no FESTIVALE COMO ARTISTA, COMO MEMBRO (a) DA DIRETORIA DA FECAJE OU COMO LIDERANÇA FEMININA NO EVENTO.

NO CASO DE VOCÊ SER ARTISTA (COMPOSITOR E/OU INTERPRETE), VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADO(A) PORQUE SE APRESENTOU NO FESTIVAL DA CANÇÃO OU DA NOITE LITERÁRIA COM OBRA APRESENTADA ENTRE AS EDIÇÕES DE 2018 E 2020. NO CASO DE SER DA DIRETORIA DA FECAJE, VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADO (A) PORQUE TENHA SIDO MEMBRO (A) DA DIRETORIA DA FECAJE NA GESTÃO ENTRE 2018 E 2020. NO CASO DE SER LIDERANÇA FEMININA, VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADA PORQUE PARTICIPOU EM DUAS DAS TRÊS EDIÇÕES PESQUISADAS, COM ENVOLVIMENTO NO EVENTO E QUE DIALOGA COM O POSICIONAMENTO POLÍTICO DE REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES.

Sua participação é importante, porém, você não deve aceitar participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se tiver dúvidas, qualquer pergunta.

Os objetivos dessa pesquisa são:

Objetivo Geral

-Investigar a representatividade das mulheres nas edições de 2018 à 2020 do FESTIVALE- Festival de Cultura popular do Vale do Jequitinhonha para compreender o lugar social ocupado por elas.

Objetivo específicos:

- a) Analisar a representatividade, a trajetória histórica e o lugar social ocupada pelas mulheres na Noite Literária e no Festival da Canção do Festivale nos anos de 2018 a 2020.
- b) Verificar se as mulheres estão limitadas a posição de lugares pouco visibilizados, de trabalho reprodutivo e subalternizados.
- c) Verificar a existência de proposições para desenvolvimento e fortalecimento da participação das mulheres nos diversos espaços de expressão artística, gestão, coordenação e execução do Festivale.

Caso você decida aceitar o convite, será submetido os seguintes procedimentos:

Será enviado para seu e mail pessoal solicitação para marcar data e hora da entrevista via google meet devendo ser realizado entre os meses de dezembro de 2020 a fevereiro de 2021, que ficará a sua escolha qual data melhor lhe atende. A previsão de duração da entrevista é de 1 hora. Ao assinar este termo você estará também concordando com a gravação da sua entrevista que ficará sob sigilo.

OS RISCOS RELACIONADOS COM SUA PARTICIPAÇÃO SÃO DE IDENTIFICAÇÃO, CONSTRANGIMENTO E DESCONFORTO. PARA MINIMIZÁ-LOS, NA IDENTIFICAÇÃO, SEU NOME SERÁ SUBSTITUÍDO POR UM CODINOME CASO ASSIM PREFIRA, E APÓS TRANSCRIÇÃO SERÁ DESTRUÍDA A GRAVAÇÃO. JÁ ACERCA DOS RISCOS DE CONSTRANGIMENTO E DESCONFORTO, VOCÊ IRÁ APENAS RESPONDER O QUE SE

Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM
Rodovia MGT 367 - Km 583 - nº 5000 - Alto da Jacuba
Diamantina/MG CEP39100000. Tel.: (38)3532-1240

SENTIR À VONTADE OU DEIXAR DE PARTICIPAR DA ENTREVISTA A QUALQUER TEMPO.

Não há benefícios aos participantes da entrevista.

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em congressos, seminários e similares, entretanto os dados e informações pessoais obtidos por meio da participação serão confidenciais e sigilosos, não possibilitando sua identificação.

Não há remuneração com sua participação, bem como a todas as partes envolvidas. Não está previsto indenização por sua participação, mas em qualquer momento se você sofrer algum dano, comprovadamente decorrente dessa pesquisa, terá direito a indenização.

O (a) convidado (a) artista diretoria da Fecaje liderança feminina à pesquisa autoriza a sua participação no projeto?

sim não

O (a) convidado (a) artista diretoria Fecaje liderança feminina à pesquisa autoriza sua identificação no projeto?

sim não

Não se tem gastos financeiros com o convidado a pesquisa.

Você receberá uma cópia deste termo digitalizado via e mail onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal podendo tirar sua dúvida sobre o projeto e sua participação agora ou em qualquer momento.

Coordenadora do projeto: Narjara Fonseca Souza
Rua Cruz das Almas, 524, Bom Jesus 39100-000 Diamantina-MG
Telefone: 33- 9 88627908

Declaro que entendi os objetivos, a forma da minha participação, riscos e benefícios da mesma e aceito o convite para participar.

Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa.

Nome do sujeito da pesquisa:

Assinatura do sujeito da pesquisa:

Assinatura do Pesquisador:



Informações– Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM
Rodovia MGT 367 - Km 583 - nº 5000 - Alto da Jacuba
Diamantina/MG CEP39100-000
Tel.: (38)3532-1240
Coordenadora: Prof.^a Simone Gomes Dias de Oliveira
Secretária: Leila Adriana Gaudencio Sousa
Email: cep.secretaria@ufvjm.edu.br

ANEXO E – ESTATUTO FECAJE

FECAJE

Federação das Entidades Culturais e Artística do Vale do Jequitinhonha

E S T A T U T O

CAPITULO I - Da Entidade e seus fins, denominação, finalidade e duração.

Art. 1º - A Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha, denominada FECAJE – fundada em 13 de outubro do ano de 1990, com sede na Rua Marechal Deodoro, 345, Bairro Esplanada, na cidade de Araçuaí-MG, e foro na comarca de Araçuaí-MG, é pessoa jurídica de direito privado, de natureza cultural, sem fins lucrativos, não podendo distribuir lucros nem dividendos, com prazo de duração indeterminado, não respondendo os sócios, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações da entidade.

Parágrafo Único: A FECAJE poderá criar unidade administrativa na capital do Estado de Minas Gerais.

CAPÍTULO – II - Das finalidades e obrigações

Art. 2º - A FECAJE tem por finalidade principal defender, preservar, fomentar, difundir e promover a cultura popular em todas as suas manifestações verificadas em municípios do Vale do Jequitinhonha, com especial atenção à:

Art. 2º - A FECAJE tem por finalidade principal promover atividades com relevância pública e social, defender, preservar, fomentar, difundir e promover a cultura popular em todas as suas manifestações verificadas em municípios do Vale do Jequitinhonha, com especial atenção à:

- a. A defesa de bens e direitos sócio-culturais, coletivos e individuais, relativos ao patrimônio cultural;
- b. a elaboração de projetos de proteção das manifestações de raiz e do patrimônio material e imaterial;
- c. a preservação e estímulo ao “fazer artesanal” em todas as suas manifestações;
- d. a criação de cursos e oficinas de formação em artes e culturas;
- e. o intercâmbio e parcerias com entidades congêneres e representativas, no desenvolvimento de suas atividades, **bem como, agentes culturais federados à FECAJE;**
- f. a prestação de assistência aos seus associados, no desenvolvimento de suas atividades;

- g. a criação e manutenção de um banco de dados, documentação e memória da cultura da região;
- h. o cadastramento de todas as entidades e manifestações culturais da região;
- i. a realização periódica de eventos onde se dê a mostra das manifestações culturais do vale, em especial o FESTIVALE – Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha;
- j. editar e distribuir publicações;
- k. desenvolver e promover trabalhos comunitários e voluntários;
- l. promover debates, palestras e seminários;
- m. celebrar convênios para intercâmbio e cooperação, nos âmbitos municipais, estaduais, nacional e internacional;
- n. promover a aproximação com entidades que possuam objetivos similares aos seus próprios;
- o. Desenvolver projetos de formação na sua área afim ou congêneres;
- p. Promover pesquisas, desenvolver estudos, diagnósticos e formular temas e trabalhos em questões pertinentes a cultura, compreendendo a sua diversidade;
- q. Divulgar permanente e sistematicamente as questões atinentes a suas atividades junto aos associados e aos mais diversos segmentos da sociedade civil;
- r. A FECAJE poderá atuar junto às comunidades, às Prefeituras, Associações, Movimentos Culturais e Sociais.

Art. 3º - Com o fim de cumprir suas finalidades, a entidade, por meio da sua diretoria executiva organizará e manterá os serviços que se fizerem necessários, com obediência a lei que a regulamenta, **Regimento Interno** aprovado em assembléia geral e regulamentos específicos baixados pelo Conselho Deliberativo.

Parágrafo Único: A FECAJE poderá ajuizar quaisquer ações em defesa do interesse coletivo e difuso dos seus associados e pela causa cultural e **social**.

CAPÍTULO III

DOS SÓCIOS, DO CONSELHO DELIBERATIVO, DO CONSELHO FISCAL E DA ASSEMBLÉIA GERAL

Art. 4º - A entidade é constituída por número ilimitado de sócios, divididos nas seguintes categorias:

a) Sócios fundadores; Sócios Honorários; Sócios Efetivos; Sócios cotista

I. **São sócios fundadores**, todos aqueles presentes no ato de constituição da FECAJE, conforme consta em ata.

- II. ~~São sócios honorários~~ todos aqueles que se distinguem por relevantes trabalhos e estudos sociais sobre assuntos afetos às finalidades da FECAJE, assim reconhecidos pelo seu Conselho Deliberativo.
- III. **São sócios efetivos:** todos aqueles que participam das atividades rotineiras da entidade, cumprindo com suas obrigações estatutárias e regimentais.
- IV. ~~São Sócios cotistas~~ todos aqueles que contribuem com o seu imposto de renda, anualmente para Federação.

Art. 5º - Fica assegurado o direito de votar e ser votado aos sócios:

I - **Sócios efetivos**, assegurado o direito de votar e ser votado, desde que em dia com suas obrigações estatutárias e regimentais.

II — ~~Sócios honorários~~, vedada sua eleição para cargo de diretoria executiva, ficando-lhes assegurado o direito de voto em todas as eleições da entidade.

III - **Sócios Fundadores** – ficando-lhes assegurado o direito de voto. Em caso de ser votado, somente com suas obrigações **estatutárias e regimentais** em dia.

III — ~~Sócio cotista~~ — São sócios que fazem doações anuais para a FECAJE, recebendo seu recibo e deduzindo do seu imposto de renda, ficando-lhes assegurado o direito de voto. Em caso de ser também sócio efetivo, poderá ser votado, desde que com suas obrigações **estatutárias e regimentais** em dia.

Art. 6º - A entidade é constituída por número ilimitado de sócios, representados por entidades culturais regularmente associadas, com atuação no Vale do Jequitinhonha.

~~Art. 7º~~ — ~~Pode associar-se à entidade pessoa não vinculada a nenhum grupo cultural, desde que trabalhe de forma autônoma com a cultura da região, na condição comprovada de “agente cultural”.~~

Art. 8º. O associado terá o compromisso de participar das Assembléias Gerais, com direito a votar e ser votado, podendo, inclusive, candidatar-se a quaisquer cargos eletivos e ocupar cargos executivos, desde observados as normas deste estatuto e regimento interno e em dia com suas obrigações estatutárias e regimentais.

Parágrafo Primeiro – É condição de elegibilidade para os cargos de Diretor Executivo e Diretor Executivo Adjunto, Diretor Administrativo, Diretor Financeiro e os respectivos suplentes, que o sócio esteja filiado pelo prazo mínimo de um ano e em dia com as obrigações sociais da entidade, observando as restrições **estatutárias e regimentais** para os demais cargos.

Parágrafo Segundo: somente poderá ser eleito para os cargos de Diretor Executivo, Diretor Administrativo e Diretor Financeiro, associado que resida no Vale do Jequitinhonha, pelo período mínimo de 01 ano.

Art. 9º. São direitos do associado:

- I - apresentar-se nesta qualidade;
 - II - participar das atividades da FECAJE e atuar nos seus projetos;
 - III - convocar, extraordinariamente, a Assembléia Geral, mediante assinatura de, no mínimo, um quinto dos associados em pleno gozo de seus direitos e deveres;
 - IV - participar das Assembléias Gerais, debater, deliberar, votar e ser votado, desde que em pleno gozo de suas obrigações;
 - V - freqüentar as dependências da FECAJE e participar de seus encontros culturais;
 - VI - ter acesso a todos os dados e informações da FECAJE, em especial os de natureza contábil e financeira;
 - VI – solicitar, por escrito, licença temporária por, no máximo 01 (um) ano, renovável por igual período, ou seu desligamento da FECAJE, desde que justificado por escrito;
- § 1º - Os associados não respondem, mesmo que subsidiariamente, pelas obrigações contraídas pela FECAJE.

Art. 10. São deveres do associado:

- I - conhecer, cumprir e fazer cumprir as disposições deste Estatuto e demais decisões emanadas dos órgãos sociais da entidade;
- II - exercer com dedicação, dignidade e ética as atribuições do cargo para o qual tenha sido designado;
- III - colaborar com a Diretoria Executiva e demais órgãos sociais quando solicitado;
- IV - zelar pelo patrimônio e pela reputação da FECAJE;
- V - participar das Assembléias Gerais e reuniões, sempre que convocado;
- VI – Contribuir financeiramente com a FECAJE, de acordo com o seu **Regimento Interno**.

Art. 11. A admissão e exclusão dos sócios dar-se-á da seguinte maneira:

I – DA ADMISSÃO

A – Admissão de sócios da FECAJE se dará através de ficha encaminhada a diretoria executiva para a avaliação de possível aprovação, verificando a sua categoria de sócio conforme artigo nº. 04 capítulo II do estatuto da federação.

B – Para associar-se a pessoa ou entidade precisa preencher o formulário de admissão da FECAJE, apresentar comprovante de endereço e, quando solicitado comprovante de atuação na área, conforme rege esse regimento.

C – Os sócios inadimplentes em suas obrigações sofrerão sanções disciplinares ou exclusão de sócio nos quadros da entidade;

D – Uma vez excluído o sócio poderá ser readmitido a qualquer tempo e prazo, desde que apresentado suas justificativas a diretoria executiva que tomará decisão de sua reinserção.

Parágrafo único - Considera-se residência para comprovar a condição de residência no Vale do Jequitinhonha o associado deverá apresentar um documento recebido em sua residência em seu nome, ou uma declaração assinada por, no mínimo, duas testemunhas associadas que reconheçam tal condição.

II – DA EXCLUSÃO:

A - **praticar** atos incompatíveis com a natureza e objetivos da FECAJE, sob pena de exclusão submetida à apreciação da Diretoria executiva;

B- Não comparecer no mínimo a um Encontro anual, sem prévia justificativa.

Capítulo IV - DA DIRETORIA EXECUTIVA

Art. 12 - A entidade será administrada por uma diretoria composta dos seguintes cargos e órgãos:

- a) Diretor Executivo;
- b) Diretor Executivo Adjunto;
- c) Diretor Administrativo;
- d) Suplente de Diretor Administrativo;
- e) Diretor Financeiro;
- f) Suplente de Diretor Financeiro;

Art. 13 - O mandato da diretoria será de 03 (três) anos, com direito a reeleições, excetuando-se o seu Diretor Executivo que poderá ser reeleito somente uma vez e só podendo candidatar-se novamente depois de decorrido o prazo de 03 anos do seu último mandato.

Art. 14 - Compete ao Diretor Executivo:

- a) Cumprir e fazer cumprir este Estatuto;
- b) representar a entidade ativa e passivamente, judicial e extra-judicialmente;
- c) convocar e presidir as reuniões da Assembléia e da Diretoria Executiva;
- d) dirigir e orientar todas as atividades da entidade.
- e) cumprir e fazer cumprir as normas, regras, regulamentos e decisões tomadas pela Assembléia Geral e pelo Conselho Deliberativo.
- f) apresentar plano de trabalho da sua gestão para apreciação e deliberação ao Conselho Deliberativo;
- g) assinar, conjuntamente com o Diretor Financeiro cheques, contas, ordens de pagamentos, contratos financeiros, convênios ou quaisquer outras obrigações financeiras da entidade;

h) assinar, conjuntamente com os demais diretores, as questões referentes as diretorias específicas;

Art. 15 - Compete ao Diretor Executivo Adjunto:

- a) Substituir o Diretor Executivo na sua ausência, fazendo cumprir as suas obrigações **estatutárias e regimentais**, conforme disposto no **Regimento Interno**.

Art. 16 - Compete ao Diretor Financeiro:

- a) Administrar o funcionamento financeiro da entidade e seu patrimônio;
b) realizar compras, despesas gerais e contratar serviços;
c) administrar os contratos de prestação de serviço;
d) formalizar contratos com a orientação jurídica, emitir faturas, realizar despesas, controlar custos, organizar documentação;
e) programar e administrar o fluxo de caixa e a disponibilidade de recursos financeiros;
f) contabilizar as receitas e despesas, organizando a documentação pertinente;
g) arrecadar e controlar as contribuições dos associados e de outros;
h) programar e administrar os rendimentos financeiros dos saldos disponíveis;
g) elaborar programa de financiamento da entidade;
h) administrar outras atividades de caráter financeiro;
i) assinar, conjuntamente com o Diretor Executivo cheques, contas, ordens de pagamentos, contratos financeiros, convênios ou quaisquer outras obrigações financeiras da entidade;
j) atender as solicitações de relatórios contábeis dos Conselhos Deliberativo e Fiscal;
k) Prestar contas periódicas das atividades financeiras, de acordo com o **Regimento Interno**.

Art. 17 – Compete ao suplente de Diretor Financeiro:

- a) Substituir o Diretor Financeiro em qualquer circunstância, respondendo pelas suas obrigações estatutárias e regimentais;

Art. 18 – Compete ao Diretor Administrativo:

- a) lavrar atas de reuniões da diretoria;
b) Responsabilizar-se por atas e decisões da Assembléia Geral, inclusive o seu registro em cartório;
c) Administrar a sede e o pessoal contratado da entidade;
d) fazer contatos, organizar grupos de trabalho e acompanhar grupos de trabalho de assessoria e consultoria;
e) Zelar pela guarda do patrimônio da entidade e de toda a sua documentação.

Art. 19 – Compete ao Suplente de Diretor Administrativo:

- a) Substituir o Diretor Administrativo em qualquer circunstância, assumindo as suas responsabilidades estatutárias e regimentais.

Capítulo V - Do Conselho Deliberativo

Art. 20 - O Conselho Deliberativo será composto por 5 (Cinco) membros efetivos e 03 (três) suplentes, eleitos para um mandato de 03 (três) anos, devendo sua presidência ser exercida por um de seus membros.

Art. 21 - A Diretoria Executiva da entidade terá direito a indicar um de seus membros para participar das reuniões do Conselho Deliberativo, com direito somente a voz.

Parágrafo 1º - O Conselho Deliberativo se reunirá semestralmente em seção ordinária ou extraordinária quando se fizer necessário, conforme **Regimento Interno**;

Art. 22 - Compete ao Conselho Deliberativo:

- a) Analisar e definir as atividades, discutir e orientar sua estratégia de ação;
- b) Desenvolver trabalhos de apoio à diretoria;
- c) Compete a este conselho votar a admissão de sócios efetivos e ~~honorários~~, juntamente com a Diretoria;
- d) Colaborar na abertura de novas oportunidades de atuação da entidade, bem como colaborar no processo de sua consolidação social, ética e administrativa.
- e) **Na ausência da assembléia geral, definir sobre todo e qualquer assunto que diz respeito a entidade; conforme o regimento interno.**
- f) Zelar pela Federação, seu patrimônio e cumprimento dos seus objetivos;
- g) Aprovar os planos anuais e plurianuais de trabalho da Diretoria executiva, inclusive as propostas orçamentárias;
- h) Aprovar o relatório anual das atividades;
- i) Deliberar sobre a contratação de empréstimos e financiamentos;
- j) Encaminhar representação à Assembléia Geral sobre quaisquer irregularidade constatadas no funcionamento da FECAJE, podendo indicar as medidas corretivas necessárias;
- k) Propor, em conjunto com a Diretoria Executiva, alterações deste Estatuto e submetê-las à aprovação da Assembléia Geral;
- l) Deliberar sobre aquisição e alienação de bens imóveis, bem como sobre a constituição de ônus reais sobre os mesmos;
- m) O Conselho convidará para todas as suas reuniões ordinárias e extraordinárias um membro efetivo da diretoria executiva, que não terá direito a voto;
- n) Aprovar o **Regimento Interno** do Conselho Fiscal;

- o) Elaborar e aprovar o seu **Regimento Interno**;
- p) Casos omissos não contemplados neste estatuto ou **Regimento Interno** serão julgados pelo Conselho Deliberativo até ser submetido à próxima assembléia geral.

Capítulo VI - Do Conselho Fiscal

Art. 23- O Conselho Fiscal, unidade de fiscalização e controle, será composto por 03 (três) membros efetivos e respectivos suplentes para mandato de 03 (três) anos, permitida a recondução.

Parágrafo único - O Conselho será presidido por um de seus membros, eleito por seus pares.

Art. 24 - Compete ao Conselho Fiscal:

- a) a prestação de contas e o balanço geral;
- b) aprovar as propostas de alienação ou oneração de bens patrimoniais;
- c) apreciar os balancetes, relatórios e respectivos demonstrativos em seus aspectos contábeis e financeiros;
- d) enviar pareceres fundamentados e as atas de suas reuniões, assinadas pelos 03 (três) membros, ao Conselho Deliberativo;
- e) emitir parecer sobre as contas e os aspectos patrimoniais e econômico-financeiros do relatório anual;
- f) apresentar parecer sob aspectos contábeis e questões econômico-financeiras da FECAJE, quando solicitado pelo Conselho Deliberativo ou pelo Diretor - Diretor Executivo da FECAJE;
- g) comunicar ao Conselho Deliberativo qualquer irregularidade que verificar nas contas e na gestão financeira da FECAJE, sugerindo as medidas necessárias à correção;
- h) elaborar o seu **Regimento Interno** e submetê-lo ao Conselho Deliberativo;

Art 25 - O Conselho Fiscal reunir-se-á ordinariamente, 04 (quatro) vezes ao ano, para exame das contas da Federação e, extraordinariamente, quando convocado pela Diretoria Executiva ou pelo Conselho Deliberativo;

Parágrafo único - Para o cabal e fiel cumprimento de suas competências, o Conselho Fiscal poderá requisitar e examinar, em qualquer tempo, a escrituração e os documentos relacionados com a administração orçamentária, financeira e patrimonial da FECAJE, bem como realizar as diligências que julgar necessárias;

Capítulo VII - Da Assembléia Geral

Art 26. A Assembléia Geral, composta por todos os associados em pleno gozo de seus direitos, é o órgão deliberativo superior da **FECAJE**.

§ 1º - A Assembléia Geral Ordinária realizar-se-á por convocação, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, conforme **Regimento Interno**.

§ 2º A Assembléia Geral somente deliberará sobre assuntos constantes da pauta, divulgados juntamente com a convocação.

§ 3º As decisões tomadas nas reuniões serão registradas em ata, com a assinatura dos associados presentes.

Art. 27 - A Assembléia Geral reunir-se-á, em primeira convocação, com a presença de, no mínimo, maioria absoluta dos associados em pleno gozo de seus direitos e, em segunda convocação, trinta minutos após, com qualquer número.

Parágrafo único. As decisões da Assembléia Geral serão tomadas por maioria simples, ressalvadas as exceções previstas neste Estatuto. No caso de empate, o **voto de qualidade** (voto de Minerva) será do Diretor Executivo.

Art. 28 - A Assembléia Geral Ordinária reunir-se-á **ANUALMENTE**, obrigatoriamente no mês de novembro para deliberar sobre os assuntos da convocação e obrigatoriamente sobre as contas da Diretoria Executiva, o balanço do exercício anterior e o orçamento do ano em curso.

Parágrafo único. Trienalmente, a Assembléia Geral Ordinária elegerá os membros da Diretoria Executiva, do Conselho Deliberativo e do Conselho Fiscal e seus respectivos suplentes. Toda nova diretoria eleita em assembléia será empossada na mesma data de eleição.

Art. 29 - A Assembléia Geral reunir-se-á extraordinariamente:

I - por convocação da Diretoria Executiva, mediante deliberação da maioria dos seus membros;

II - por convocação de um quinto dos associados em pleno gozo de seus direitos.

III - Por convocação do Conselho Deliberativo, mediante deliberação da maioria absoluta da sua totalidade;

Art. 30 - Compete privativamente à Assembléia Geral:

a) eleger os membros da Diretoria Executiva, do Conselho Deliberativo e do Conselho Fiscal;

- b) destituir os membros da Diretoria Executiva, do Conselho Fiscal e do Conselho Deliberativo;
- c) Aprovar as contas e os orçamentos apresentados pelo Conselho Fiscal;
- d) alterar o estatuto;
- e) deliberar sobre a extinção da **FECAJE** e o destino de seu patrimônio;
- f) deliberar sobre assuntos de interesse geral da **FECAJE**;
- g) deliberar sobre decisões emanadas do Conselho Deliberativo, convalidando-as, modificando-as ou anulando-as;
- h) Aprovar o **Regimento Interno** da Federação elaborado pela sua diretoria executiva;

Capítulo VIII - Das Eleições:

Art. 31 - As eleições da Diretoria Executiva, do Conselho Deliberativo e do Conselho Fiscal acontecerão em uma Assembléia Geral convocada através de Edital pela Diretoria Executiva e em falta desta, pelo Conselho Deliberativo, observando:

- A**- O edital deverá ser afixado em locais públicos, publicado em correios eletrônicos, mídias sociais ou correspondências enviadas indicando local, hora e data da assembléia, bem como a pauta da reunião.
- B**- A convocação atenderá a exigência mínima de 30 dias de antecedência.
- C**- A primeira chamada para efeito de quorum se dará de maioria simples dos sócios efetivos;
- D**- As chapas concorrentes às funções de conselho Deliberativo e fiscal e a Diretoria Executiva e serão apresentadas impreterivelmente até 12 horas antes do horário marcado para o início das eleições.
- E**- ~~Os sócios honorários presente na diretoria terão direito a voz, mas não a voto nem serem votados.~~
- Parágrafo Único** - Não havendo quorum na primeira chamada a segunda chamada será de uma hora depois com qualquer número de sócios presentes na assembléia;
- F**- A entidade cultural filiada a FECAJE terá direito a três votos na assembléia geral.
- G**- Para efeito de comprovação da representação da entidade cultural na assembléia geral será necessário uma declaração com data atual que comprove a participação dos membros indicados e que os mesmo sejam filiados da entidade e designado a votar e ser votado.
- H** - A eleição dar-se-á por voto secreto ou por aclamação quando se fizer necessário

Art. 32 - As eleições da Diretoria Executiva, do Conselho Deliberativo e do Conselho Fiscal acontecerão em uma Assembléia Geral convocada através de Edital, com um prazo mínimo de 30 dias de antecedência pela Diretoria Executiva e em falta desta, pelo Conselho Deliberativo, conforme Art., 11 do Regimento Interno.

Art. 33 - As eleições acontecerão no mesmo dia, mas as chapas concorrentes ao pleito não serão atreladas, ou seja, serão apresentadas chapas separadas para Diretoria Executiva, Conselho Deliberativo e Conselho Fiscal e serão submetidas à votação nesta ordem.

CAPÍTULO IX - Do patrimônio

Art. 34 - O patrimônio da entidade será constituído de móveis e utensílios, imóveis, veículos e semoventes, ações, apólices de dívida pública, contribuições dos sócios, donativos em dinheiro, auxílios oficiais ou subvenções de qualquer tipo.

CAPÍTULO X – Das Disposições Gerais e Transitórias

Art. 35 - Estão previstos três tipos de reunião de interesse da entidade, a saber:

- a) Reunião anual da Assembléia Geral, com a participação da maioria absoluta de seus membros em primeira convocação, ou em segunda convocação, com a participação de qualquer número de sócios.
- b) Assembléia Geral Extraordinária, para tratar de assuntos urgentes, a juízo da Diretoria executiva, do Conselho Deliberativo ou de um terço dos sócios, para apreciar, exclusivamente, os assuntos que derem motivo à convocação especial.
- c) Encontros periódicos – reuniões de caráter consultivo, convocação pela diretoria executiva a qualquer época e tempo, com convocação mínima de 30 dias antecedentes.

Art. 36 – A entidade manterá a escrituração de acordo com os principais fundamentais de contabilidade e com as normas brasileiras de contabilidade.

A entidade será dissolvida quando se tornar impossível a continuação de suas atividades, conforme decisão da Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para esse fim.

PARÁGRAFO ÚNICO - Em caso de dissolução social da entidade, os bens remanescentes deverão ser destinados a entidades congêneres, dotadas de personalidade jurídica, sede e atividades na região do Vale do Jequitinhonha.

Art. 37 - Na desistência ou vacância de qualquer cargo da diretoria, caberá ao Conselho Deliberativo indicação de novo membro para preenchimento do cargo até o término do mandato vigente.

Art. 38 - Em caso de desistência ou vacância de cargo no Conselho Deliberativo, assume o suplente.

Art. 39 - O presente Estatuto entrará em vigor a partir da data de seu registro em cartório e poderá ser alterado em Assembléia Geral Ordinária ou Extraordinária, especialmente convocada para esse fim.

Parágrafo Único - A alteração será considerada aprovada se obtiver maioria absoluta (50% mais 01) dos associados e entrará em vigor na data de seu registro em cartório.

Itaobim-MG, 19 de fevereiro de 2005

Araçuaí, 23 de Março de 2019

ANEXO F – REGIMENTO INTERNO DA FECAJE

REGIMENTO INTERNO DA FEDERAÇÃO DAS ENTIDADES CULTURAIS DO VALE DO JEQUITINHONHA – FECAJE

CAPÍTULO I – DA FINALIDADE

Art.1º- A FECAJE –Federação das entidades culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha tem por finalidade principal defender, preservar, fomentar, promover e difundir a cultura popular em todas as suas formas de manifestações verificadas nos municípios que compõe o Vale do Jequitinhonha.

CAPÍTULO II – DOS SÓCIOS

Art. 2º- Admissão de sócios da FECAJE se dará através de ficha encaminhadas a diretoria executiva para a avaliação de possível aprovação, verificando a sua categoria de sócio conforme artigo nº. 04, capítulo II do estatuto da federação.

Art. 3º - Para associar-se a pessoa ou entidade precisa preencher o formulário de admissão da FECAJE, apresentar comprovante de endereço e, quando solicitado comprovante de atuação na área, conforme rege esse regimento.

Art. 4º - Os sócios inadimplentes em suas obrigações sofrerão sanções disciplinares ou exclusão de sócio nos quadros da entidade;

Art. 5º Uma vez excluído o sócio poderá ser readmitido a qualquer tempo e prazo, desde que apresentado suas justificativas a diretoria executiva que tomará decisão de sua reinserção.

Parágrafo único - Considera-se residência para comprovar a condição de residência no Vale do Jequitinhonha o associado deverá apresentar um documento recebido em sua residência em seu nome, ou uma declaração assinada por, no mínimo, duas testemunhas associadas que reconheçam tal condição. (redação do estatuto)

Art. 6º - Dar-se-á a exclusão do associado:

A - praticar atos incompatíveis com a natureza e objetivos da FECAJE, sob pena de exclusão submetida à apreciação da Diretoria executiva;

B- Não comparecer a um Encontro anual e duas reuniões consecutivas da Assembléia Anual, sem prévia justificativa. (Completar com estatuto)

Art. 7º - é considerado ausência da diretoria e dos conselhos o titular que por força maior pedir o seu afastamento, provocar vacância do cargo que ocupa, assim compreendido pela diretoria Executiva e conselho Deliberativo.

Art. 8º O Conselho deliberativo poderá ser convocado extraordinariamente a qualquer momento e lugar pelo seu coordenador por maioria de seus membros e ou por um quinto dos associados da entidade.

Art. 9º - Em nenhuma hipótese nenhum membro poderá acumular o cargo de conselheiro.

CAPÍTULO III

Art. 10º - DAS CONTRIBUIÇÕES

A- Os sócios fundadores podem optar por contribuir ou não á entidade, em caso de opção de contribuição o mesmo passa a ter todos os direitos do sócio efetivo;

B- Aos sócios cotistas que querem participar da entidade devem contribuir conforme os sócios efetivos;

C- São obrigações **anuais** dos sócios efetivos contribuir com a entidade conforme especificado abaixo:

I – Entidades: 10% DO SALÁRIO MINIMO, **no mês de Março**.

II – Pessoas físicas: 05% DO SALÁRIO MÍNIMO, **no mês de Março**.

D— A contribuição mencionada não é obrigatória aos sócios honorários, por compreender que os mesmos que os já prestam ou prestarão trabalhos relevantes a cultura do Vale do Jequitinhonha;

E- Os sócios efetivos e ~~coetistas~~ terão desconto de 50% em todas as atividades promovidas pela federação;

F - No caso de entidades, a mesma poderá ter desconto de 50% em todas as atividades promovidas pela federação para dois de seus representantes, exceto Festivale que possui regimento específico;

G - As contribuições deverão ser efetuadas ~~mensalmente~~ ou em parcela única anual através de depósito bancário com posterior envio comprovatório do mesmo ou boleto bancário remetido a FECAJE, para o ~~correio eletrônico~~ Caixa Postal 64, Araçuaí- MG, CEP: 39600-000.

CAPÍTULO IV

Art. 10º - DAS ELEIÇÕES

A- A convocação para as eleições de cargos executivos, conselheiros, será feita em divulgação em ~~mídias sociais~~, jornal ~~de circulação local~~, correios eletrônicos ou correspondências enviadas indicando local, hora e data da assembléia, bem como a pauta da reunião.

B- A convocação atenderá a exigência mínima de 30 ~~45~~ dias de antecedência.

C- A primeira chamada para efeito de quorum se dará de maioria simples dos sócios efetivos;

D- As chapas concorrentes às funções de conselho Deliberativo e fiscal e a Diretoria Executiva e serão apresentadas impreterivelmente até 12 horas antes do horário marcado para o início das eleições.

E- ~~Os sócios honorários presente na diretoria terão direito a voz, mas não a voto nem serem votados.~~

Parágrafo Único - Não havendo quorum na primeira chamada a segunda chamada será de uma hora depois com qualquer número de sócios presentes na assembléia;

F- A entidade cultural filiada a FECAJE terá direito a três votos na assembléia geral. **E a pessoa física terá direito à um voto.**

G- Para efeito de comprovação da representação da entidade cultural na assembléia geral será necessário uma declaração com data atual que comprove a participação dos membros indicados e que os mesmo sejam filiados da entidade e designado a votar e ser votado.

H - A eleição da-se á por voto secreto ou por aclamação quando se fizer necessário.

I- A processo eleitoral será conduzido por uma comissão de três (03) pessoas indicadas cada uma pelos conselhos deliberativos, conselho fiscal e diretoria executiva e seus respectivos suplentes no prazo de noventa (90) dias antes das eleições.

J- A comissão eleitoral será indicada noventa (90) dias antes do termino do mandato da atual diretoria.

CAPÍTULO V

Art.11º - DO FUNCIONAMENTO

A- A assembléia geral reunir-se-á anualmente em sessão ordinária convocada pela diretoria executiva ou extraordinariamente quando convocada pelo Conselho deliberativo ou ainda por 1/5 (um quinto) dos seus sócios devidamente em dias com as suas obrigações;

B- A diretoria executiva reunir-se-á bimestralmente ou em qualquer momento que julgar necessário

C- A diretoria convocará reuniões, denominados encontros Culturais, consultivas com os seu associados ou qualquer pessoa interessada, aberto bimestralmente para tratarem exclusivamente do FESTIVLE- Festival de Cultura popular do Vale do Jequitinhonha, ou outro evento que a entidade venha promover.

D- Este regimento entende que o Festivale é uma promoção da FECAJE – Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha, respondendo a Federação por questão jurídica, administrativa ou política referente ao evento.

E- **É OBRIGAÇÃO DA DIRETORIA EXECUTIVA DA FECAJE, CONSELHO DELIBERATIVO e FISCAL** manter o funcionamento do site www.fecaje.org.br, **bem como outras mídias sociais** como veículos de informação, divulgação e promoção da entidade.

F- Fica vedada dissolução dos bens moveis e imóveis especialmente a sede da FECAJE sem justa causa.

CAPITULO VI

Art. 12º DO FESTIVALE

Parágrafo Único - O FESTIVALE é a maior realização da FECAJE, sendo assim estabelece os critérios para escolha da cidade no qual queira sediar o mesmo.

a) Da Seleção da cidade sede

1. Para garantir a itinerancia do evento conforme desejo de seus idealizadores fica determinado a prioridade para cidades que nunca realizaram o FESTIVALE e que se enquadre nos demais critérios;
2. Para efeito de classificação a cidade que nunca teve evento receberá a nota mais alta 10 (dez) pontos. Às cidades que tiveram o evento, será pontuado para cada 7 (sete) anos, 2 (dois) pontos, não podendo ultrapassar 08 (oito) pontos.
3. Ter movimento Cultural organizado: entende-se por movimento organizado as manifestações ou grupos formais e informais que tenham características de valorização da cultura local e do Vale:
 - a) A cidade que tiver entidade associada a FECAJE, terá efeito de pontuação máxima do quesito.
4. A cidade deve oferecer estrutura mínima como: escolas para alojamentos, locais para oficinas, praça ou espaço para feira de artesanato e palco;
5. Ter a parceria e concordância do poder público municipal em querer sediar o FESTIVALE;
6. As cidades que já sediaram o FESTIVALE poderão ser sedes novamente quando não houver outra cidade que nunca realizou o mesmo e ou quando não atender os critérios acima citados;
7. A escolha da cidade se dará por edital, cabendo a FECAJE elaborar o mesmo;
8. A escolha da cidade será uma decisão da Diretoria da FECAJE com base nesse regimento interno e o edital lançado;
9. A comissão que fará a visita técnica em cada cidade será composta por membros da Diretoria da FECAJE e ou quando necessário poderão convocar algum agente cultural filiado a FECAJE e que tenha notório saber dos regimentos estatutários da mesma.

A comissão que fará a visita técnica em cada cidade será composta por 05 (cinco) membros, sendo a Diretoria Executiva da FECAJE, 01 (um) representante do Conselho Deliberativo e 01 (um) representante do Conselho Fiscal e ou quando necessário poderão convocar algum agente cultural filiado a FECAJE e que tenha notório saber dos regimentos estatutários da mesma.

b) Dos Shows Musicais

1. Terão como prioridades shows com artistas nascidos ou revelados no vale do Jequitinhonha;
2. Artistas que não são do vale poderão subir ao palco do evento, desde que tenha o perfil da musicalidade do vale;
3. A diretoria poderá contratar os músicos através de indicação ou via Edital, criado especificamente para este fim;
4. Poderá repetir no máximo dois shows no ano seguinte, garantido assim o acesso aos variados músicos do vale;
5. A diretoria incentivará o acesso a novos músicos, como forma de revelar novos artistas.

c) Do Festival da Canção

1. O evento acontecerá nos três últimos dias do evento com a apresentação de 20 (vinte) músicas inéditas, sendo duas fases eliminatórias com apresentação de 10 (dez) músicas cada e uma fase finalista com a apresentação das 10 melhores músicas escolhidas entre as 20 das duas fases;
2. Entenderá com musica inéditas aquelas que nunca foram comercializadas ou que tenha sido classificada em alguma edição do evento nos últimos 10 anos.
3. O evento será de nível nacional e sempre com o tema livre.
4. As 10 canções finalistas farão parte de um CD e cada musico terá a direito de no mínimo dois exemplares e no Maximo 10, dependendo da tiragem.

d) Da Noite Literária

1. A Noite Literária acontecerá em um dia definido pela Diretoria Executiva
2. Poderão inscrever autores nascidos ou residentes no vale do Jequitinhonha
3. O tema será livre
4. Das poesias inscritas serão selecionadas 10 para a noite literária e mais 50 para compor o livro, totalizando 60 poesias.

Art. 12º DO FESTIVALE

Parágrafo Único - O FESTIVALE é a maior realização da FECAJE, sendo assim estabelece os critérios para escolha da cidade no qual queira sediar o mesmo.

a) Da Seleção da cidade sede

1. Para garantir a itinerancia do evento conforme desejo de seus idealizadores fica determinado a prioridade para cidades que nunca realizaram o FESTIVALE e que se enquadre nos demais critérios;
2. Para efeito de classificação a cidade que nunca teve evento receberá a nota mais alta 10 (dez) pontos. Às cidades que tiveram o evento, será pontuado para cada 7 (sete) anos, 2 (dois) pontos, não podendo ultrapassar 08 (oito) pontos.
3. Ter movimento Cultural organizado: entende-se por movimento organizado as manifestações ou grupos formais e informais que tenham características de valorização da cultura local e do Vale:
 - a) A cidade que tiver entidade associada a FECAJE, terá efeito de pontuação máxima do quesito.
4. A cidade deve oferecer estrutura mínima como: escolas para alojamentos, locais para oficinas, praça ou espaço para feira de artesanato e palco;
5. Ter a parceria e concordância do poder publico municipal em querer sediar o FESTIVALE;
6. As cidades que já sediaram o FESTIVALE poderão ser sedes novamente quando não houver outra cidade que nunca realizou o mesmo e ou quando não atender os critérios acima citados;
7. A escolha da cidade se dará por edital, cabendo a FECAJE elaborar o mesmo;
8. A escolha da cidade será uma decisão da Diretoria da FECAJE com base nesse regimento interno e o edital lançado;
9. A comissão que fará a visita técnica em cada cidade será composta por membros da Diretoria da FECAJE e ou quando necessário poderão convocar algum agente cultural filiado a FECAJE e que tenha notório saber dos regimentos estatutários da mesma.
A comissão que fará a visita técnica em cada cidade será composta por 05 (cinco) membros, sendo a Diretoria Executiva da FECAJE, 01 (um) representante do Conselho Deliberativo e 01 (um) representante do Conselho Fiscal e ou quando necessário poderão convocar algum agente cultural filiado a FECAJE e que tenha notório saber dos regimentos estatutários da mesma.

b) Dos Shows Musicais

1. Terão como prioridades shows com artistas nascidos ou revelados no vale do Jequitinhonha;
2. Artistas que não são do vale poderão subir ao palco do evento, desde que tenha o perfil da musicalidade do vale;
3. A diretoria poderá contratar os músicos através de indicação ou via Edital, criado especificamente para este fim;
4. Poderá repetir no máximo dois shows no ano seguinte, garantido assim o acesso aos variados músicos do vale;
5. A diretoria incentivará o acesso a novos músicos, como forma de revelar novos artistas.

c) Do Festival da Canção

1. O evento acontecerá nos três últimos dias do evento com a apresentação de 20 (vinte) músicas inéditas, sendo duas fases eliminatórias com apresentação de 10 (dez) músicas cada e uma fase finalista com a apresentação das 10 melhores músicas escolhidas entre as 20 das duas fases;
2. Entenderá com musica inéditas aquelas que nunca foram comercializadas ou que tenha sido classificada em alguma edição do evento nos últimos 10 anos.
3. O evento será de nível nacional e sempre com o tema livre.
4. As 10 canções finalistas farão parte de um CD e cada musico terá a direito de no mínimo dois exemplares e no Maximo 10, dependendo da tiragem.

d) Da Noite Literária

1. A Noite Literária acontecerá em um dia definido pela Diretoria Executiva
2. Poderão inscrever autores nascidos ou residentes no vale do Jequitinhonha
3. O tema será livre
4. Das poesias inscritas serão selecionadas 10 para a noite literária e mais 50 para compor o livro, totalizando 60 poesias.

5. Cada poeta terá direito a no mínimo 01 (livro) livro e no Máximo 10 (dez) dependendo da tiragem.

e) Das oficinas

1. Serão ofertadas oficinas de formação cultural durante o evento com carga horária a definir pela Diretoria Executiva;
2. Serão ofertadas no mínimo 10 e no Máximo 15 oficinas;
3. As oficinas serão selecionadas mediante edital lançado para tal fim. A diretoria se reserva no Direito de convidar até 30% das oficinas destinadas aos mestres e 70% em edital
4. Será cobrada uma taxa 5% do salário mínimo para associados e 10% do salário mínimo para não associado, podendo o valor final ser arredondado para mais ou para menos.
5. Os alunos inscritos terão direito a hospedagem e alimentação em formato de alojamento, devendo respeitar as normas do regulamento das oficinas, podendo ser excluído do curso e do alojamento, sem direito a devolução do valor investido, em caso do descumprimento das normas.

f) Dos homenageados

Serão homenageadas pessoas nascidas ou resididas no vale do Jequitinhonha, que prestam ou tenham prestados serviços de relevância cultural para o evento, dentro da sua categoria que serão indicados no Encontro de Cultura Popular:

- 1 – Festival da Canção
- 2 – Noite Literária
- 3 – Feira de Artesanato
- 4 – Mostra de Teatro
- 5 – Mostra de Grupo de Cultura Popular

g) Da Barraca FESTIVALE

1. A Barraca FESTIVALE é um espaço alternativo para apresentação de novos talentos, seja na área musical, literária ou cênica e é de inteira responsabilidade da FECAJE, podendo a Diretoria Executiva patenteá-la, desde que a pessoa que for explorar, pague o valor correspondente a dois salários mínimos.
2. Cabe a cidade local a responsabilidade da montagem da barraca e a infraestrutura de som e organização dos músicos de responsabilidade da Fecaje.
3. A barraca deverá ser montada preferencialmente nas proximidades da praça do palco central do evento.

h) Da Feira de Artesanato

1. Poderão participar artesãos nascidos ou residentes no Vale do Jequitinhonha.
2. O artesanato tem que ser produzido na região, preferencialmente, pelo expositor e a associação que ela representa.
3. Serão priorizadas entidades representativas, tais como, associação e cooperativas de artesãos;
4. O artesão deverá colaborar com uma taxa de 1% do salário mínimo.
5. O artesão terá direito à hospedagem e alimentação, em formato de alojamento, devendo ser obrigatoriamente o espaço de alojamento próximo da feira.
6. A feira acontecerá dentro de um galpão com largura mínima de 10 metros, garantindo assim a comodidade e melhor locomoção do público visitante.

i) Das comissões de trabalhos

1. As comissões de trabalhos serão através de voluntários que trabalharão em prol do bom andamento das mesmas
2. Todas as comissões terão um produtor/responsável, podendo a Federação, caso tenha recurso disponível, ofertar uma ajuda de custo com um valor disponível na planilha do evento, sendo preferencialmente diretores e conselheiros;
3. As pessoas voluntárias terão direito de hospedagem e alimentação em formato de alojamento;
4. Os voluntariados serão escolhidos em Assembléia Geral da Federação, não sendo aceitas pessoas não devidamente inscritas com antecedência.

j) Grupos de Cultura Popular

CAPITULO VII**Art. 13º DAS DISPOSIÇÕES PRELIMANARES E FINAIS**

- A-** Nem um diretor executivo poderá receber remuneração salarial por estarem exercendo tais funções, podendo receber ajuda de custo para representação da entidade e/ou produção executiva específica de algum evento, tal como o FESTIVALE, desde que previsto na planilha do evento, além de todas as despesas de transporte e alimentação e hospedagem reembolsadas, estas últimas devem ser comprovadas por notas fiscais ou recibos com valor jurídico.
- B-** A prestação de contas será efetuada anualmente em assembléia geral ordinária pela diretoria executiva;
- C-** A federação poderá receber doações de qualquer espécie em dinheiro ou bens, que farão parte do patrimônio da entidade;
- D-** As dúvidas surgidas serão dirimidas pela Diretoria Executiva, conselho deliberativo e fiscal;
- E-** Os sócios que estiverem inadimplentes com suas obrigações estatutárias regimentais devem regularizar sua pendências junto ao órgão pertinente até 30 dias antes das eleições para terem direito ao voto.
- F-** O conselho deliberativo reunir-se-a semestralmente em seção ordinária ou extraordinária quando se fizer necessária conforme regimento interno;
- G-** O conselho deliberativo será coordenado por um de seus membros escolhido na sua primeira reunião dentre os três membros eleitos;
- H-** O conselho fiscal reunir-se-a com a totalidade de seus membros ordinariamente três vezes ao ano para exames das contas da FECAJE e, extraordinariamente quando convocado pelo diretor executivo ou pelo conselho deliberativo;
- I-** Entidade Culturais: a FECAJE reconhece como entidades culturais, grupos organizados, grupos de teatro, grupos de congado, grupos de dança, associações de caráter cultural etc. Para registro na FECAJE não será necessário que a entidade tenha o reconhecimento jurídico da sua instituição.
- J-** Comprovação de atuação na área: a FECAJE compreende que para comprovar a atuação na área será necessário apresentar declaração assinada pelo pretendente a associar-se dizendo-se da sua condição de trabalhador da cultura ou agente cultural acompanhado do seu respectivo currículo.

Araçuaí, 14 de dezembro de 2008.

Araçuaí 23 de Março de 2019

Ângela Gomes Freire
Diretora Executiva da FECAJE

José Augusto
Diretor Executivo da FECAJE

ANEXO G – EDITAL FESTIVAL DA CANÇÃO – BELMONTE 2019

36º FESTIVALE
BELMONTE - VALE DO JEQUITINHONHA BAIANO, DE 21 A 27 DE JULHO DE 2019.

FESTIVAL DA CANÇÃO
HOMENAGEADO: MAESTRO JOÃO DE LILA

REGULAMENTO

I – DOS OBJETIVOS:

- Incentivar a produção musical em Minas Gerais e no Brasil, buscando aprimorar e desenvolver a cultura musical, promovendo um intercâmbio artístico-cultural entre os compositores de todo o país.
- Estimular o interesse da população regional pela música como fonte de cultura, contemplação, encantamento e lazer.

II - DAS INSCRIÇÕES:

Art. 1º - Poderão participar do Festival de Música, compositores e intérpretes nascidos ou residentes no Brasil.

Art. 2º - As músicas inscritas deverão ser inéditas, assim entendidas aquelas que nunca tenham sido selecionadas em alguma edição do FESTIVALE nos últimos 10 anos (NÃO SENDO ACEITA, após os 10 anos, músicas premiadas) e que não tenham sido alvo de divulgação na mídia nacional, e como música original a que não contiver plágios, adaptações e/ou citações poéticas e musicais de obras de outros autores e compositores.

Art. 3º - As inscrições poderão ser efetuadas até às 00h do dia 31.05.19

§ 1º - As inscrições serão gratuitas.

§ 2º - Não será aceito material de inscrição enviado posteriormente à data-limite, sendo obrigatório, para finalização da inscrição.

§ 3º - Cada participante poderá inscrever até 02 (duas) composições, mesmo em parceria, podendo ser apenas uma selecionada.

4º - Cada cantor só poderá interpretar músicas de apenas um compositor.

§ 5º - A música classificada poderá ser interpretada pelo autor ou por qualquer outro intérprete por ele indicado até cinco (05) dias antes da apresentação no festival.

§. 6º - O material de inscrição não será devolvido e passará a fazer parte do acervo do FESTIVALE sobre responsabilidade da FECAJE.

• FICHA DE INSCRIÇÃO: preencher ficha de inscrição no link https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScXw2kTm8Y0kJBI1qPCw16WY_D1Z6Dvdh26H9fTRJHRwhgJRA/viewform com os devidos anexos:

- DA LETRA DA CANÇÃO (Em formato.PDF): 01 (uma) cópia digitada de cada música, em fonte "arial", tamanho 14, com nome do(s) compositor (s) e intérprete(s) e salva em formato.PDF;
- DO AUDIO (Em formato. MP3): A(s) música(s) gravada (s) deve vir precedida(s) do título de cada canção falado em voz clara e pausada e salva em formato MP3;

III - DA SELEÇÃO, DA FASE ELIMINATÓRIA E DA FINAL

Art. 4º - Dentre as canções inscritas, serão selecionadas 20 (vinte) para a fase eliminatória, escolhidas por uma comissão de pré-seleção, composta por pessoas das áreas de música e literatura.

§ 1º - A comissão organizadora informará ao (s) autor (s), através de e-mail , pagina oficial da Fecaje ou telefone, o resultado da classificação para a fase eliminatória, até o dia 01 de julho de 2019.

§ 2º - Nos dias 24 e 25 de julho de 2019 (quarta e quinta-feira), serão realizadas as duas eliminatórias com dez canções cada, classificando-se as dez melhores, assim entendidas as que alcançarem a maior pontuação geral, para a fase final, a se realizar na noite de 26 de julho de 2019 (sexta-feira).

IV - DA PREMIAÇÃO

Art. 5º - Dentre as dez canções escolhidas para a final, serão distribuídos os seguintes prêmios: 1º lugar - R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) e troféu; 2º lugar - R\$ 4.000,00 (quatro mil reais) e troféu e 3º lugar - R\$ 3.000,00 (três mil reais) e troféu. Não haverá prêmio para o Melhor Intérprete.
§ 1º - A melhor canção regional, assim entendida a composição de autoria de concorrente nascido ou residente no Vale do Jequitinhonha, receberá um prêmio especial de R\$2.500,00 (dois mil e quinhentos reais).
§ 2º - Nenhum artista ou composição poderá ser premiado duas vezes.
§ 3º - O valor do prêmio a ser pago sofrerá retenção de impostos, quando for o caso, na forma da lei e será pago até 30 dias após o evento.

V - DO JURI E DO JULGAMENTO

Art. 6º - O júri será composto por pessoas de reconhecida competência e idoneidade, escolhidas pela Comissão Organizadora.
§ 1º - A Comissão Organizadora nomeará presidente do júri um de seus pares, a quem caberá a direção dos trabalhos de julgamento, a comunicação direta com a comissão organizadora e a observação do zelo, da autonomia e do cumprimento do processo de votação.
§ 2º - Todas as planilhas com as decisões do júri serão, ao final do julgamento, entregues à comissão organizadora para a devida conferência, em presença de representantes do corpo de jurados, não cabendo recurso da decisão final.
§ 3º - Não prevalecerá empate em nenhuma das premiações. Para o caso de desempate, valerá a votação/decisão nominal dos jurados.
§ 4º - Para o julgamento será adotada a pontuação de 05 (cinco) a 10 (dez) pontos para cada um dos seguintes quesitos: melodia, arranjo e letra.
§ 5º - A Comissão Organizadora reserva-se o direito de comunicar somente aos classificados para a fase eliminatória os critérios complementares (detalhes) de julgamento, em reunião com os concorrentes, nos dias 24 e 25 de julho de 2019.

VI – DA PASSAGEM DE SOM e APRESENTAÇÃO EM PALCO

Art. 7º - A passagem de som, devida se iniciar às 14 horas e deverá obedecer a ordem de apresentação da noite e de chegada dos concorrentes ao local, não podendo ultrapassar o horário das 16h00min horas.
§ 1º - Cada concorrente terá direito a 10 minutos para a passagem de som sobre a responsabilidade do técnico oficial do festival;
§ 2º - Cada concorrente se responsabilizará por seus instrumentos, bem como pela presença dos músicos acompanhantes e intérpretes.
§ 3º - O candidato poderá dispor, para sua apresentação, de toda aparelhagem que estiver instalada no palco, incluindo-se uma bateria, sem os pratos.
§ 4º - Anunciado o (a) concorrente, o (a) mesmo (a) terá o tempo máximo de 05 (cinco) minutos para iniciar a execução da música, podendo ser penalizado com a perda de 1 ponto em sua pontuação total, por minuto de atraso.
§ 5º - Até a meia noite do dia 25 de julho serão anunciadas as dez canções classificadas para a finalíssima.
§ 6º - A ordem de apresentação das canções na finalíssima do festival se dará de acordo com sorteio a se realizar em 26.07.2019, à partir das 14 horas, no início da passagem do som.

VII - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º - A comissão organizadora reserva-se o direito de produção de um CD com as dez composições classificadas para a final.
§ Único – Havendo a gravação e edição do CD, serão distribuídos exemplares aos compositores e intérpretes, em quantidade a ser definida de acordo com a tiragem.
Art. 2º - Todos os direitos sobre as músicas classificadas, bem como sobre imagens (fotos e vídeos) serão cedidos à FECAJE, inclusive para comercialização, podendo o(a) autor(a) utilizar a mesma obra em qualquer produção sua ou de quem o(a) mesmo (a) autorizar.
Art. 3º - A Comissão Organizadora oferecerá hospedagem e alimentação aos compositores,

músicos e intérpretes a partir do dia 24 de julho de 2019, devendo os interessados na hospedagem trazer colchão, roupa de cama e objetos de uso pessoal.

Art. 4º – Não haverá ajuda de custo aos concorrentes.

Art. 5º - A simples inscrição da música no FESTIVAL pressupõe a aceitação e a concordância com todos os termos do presente regulamento.

Art. 6º - Os casos omissos e/ou polêmicos ou não esclarecidos neste edital serão objeto de deliberação da Comissão Organizadora.

VIII - DAS INFORMAÇÕES:

1. Para mais informações somente por email: fecajeoficial@gmail.com

Araçuaí-MG, 01 de maio de 2019.

José Augusto Francisco Pereira
Diretor Executivo
FECAJE

ANEXO H – EDITAL NOITE LITERÁRIA – BELMONTE 2019

36º FESTIVALE - FESTIVAL DE CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA
BELMONTE - VALE DO JEQUITINHONHA BAIANO, DE 21 A 27 DE JULHO DE 2019.

REGULAMENTO

DAS INSCRIÇÕES:

1. Poderão se inscrever gratuitamente no concurso autores nascidos no Brasil ou estrangeiros naturalizados, com a devida comprovação.
2. Para se inscrever o candidato deverá preencher formulário no link:
<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfMd08IhzWUFAwwOtv5-TbwJTAClHayTJkfs2zVdzGA5x7EHA/viewform> e até às 00h do dia 31 de maio de 2019 com seus devidos anexos:
 - ANEXOS: Até 02 obras, sendo que somente 01 (uma) será selecionada para se apresentar na noite literária. As obras deverão ser digitadas em fonte arial, tamanho 12, espaçamento 1,5, em até duas páginas, com título e Pseudônimo. Os documentos deverão ser enviados, em formato pdf. (As obras não poderão vir acompanhadas com o nome do poeta)
3. As obras não enviadas dentro do padrão estabelecido no item 2 - Das inscrições, serão desclassificadas.

Parágrafo Único: É vedada a participação, como autor e/ou intérprete, a membros da diretoria da FECAJE, APACA e Comissão Organizadora da Prefeitura Municipal de BELMONTE.

DOS TRABALHOS:

1. Os trabalhos deverão ser inéditos;
2. Não aceitaremos poesias já publicadas ou que já foram selecionadas em edições anteriores da Noite Literária do FESTIVALE.
3. Os trabalhos deverão ser assinados com um pseudônimo.

Parágrafo Único: Poesias inscritas acompanhadas com o nome do autor, serão automaticamente desclassificadas.

DO TEMA:

1. O tema é livre

DA SELEÇÃO E DIVULGAÇÃO:

1. Os trabalhos inscritos serão selecionados por pessoas das áreas de Letras e literatura.
2. A FECAJE divulgará até o dia 15/06 os autores classificados e a ordem das apresentações.
3. Serão selecionadas 10 (dez) poesias para apresentação na Noite Literária no dia 23/07/2019 (terça-feira), na cidade de Belmonte/BA e mais 40 (quarenta) que juntamente com os 10 (dez) selecionados serão publicados em um livro pela FECAJE.

DA NOITE LITERÁRIA:

1. Os trabalhos serão analisados por um Júri das áreas de Letras e Artes.
2. Será permitido o uso de recursos cênicos tais como: música, atores, cenários, etc., ficando a organização e custos por conta do autor, não sendo permitido o uso de material inflamável.
3. A apresentação da poesia bem como sua preparação não poderá exceder o tempo de 7 min.
4. O candidato deverá chegar ao local de apresentação com no mínimo meia hora de antecedência.
5. O candidato que não comparecer no local para recitar/ler/ Interpretar sua poesia será desclassificado.
6. Os 10 (dez) classificados terão direito a alimentação nos dias 22 a 24/07/2019, podendo

esse direito ser estendido a um intérprete, devendo trazer colchão, roupa de cama e objetos de uso pessoal.

DA PREMIAÇÃO:

1. A premiação será assim distribuída: 1º lugar - R\$ 2.000,00 (dois mil reais), 2º lugar - R\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos reais), 3º lugar - R\$ 1.000,00 (hum mil reais), Melhor intérprete - R\$ 500,00 (quinhentos reais), que serão pagos até 30 dias depois da realização do evento. O valor do prêmio poderá sofrer retenções previstos em lei.

DOS DIREITOS AUTORAIS:

1. Os trabalhos enviados farão parte do acervo da FECAJE e serão utilizados para a atividade/publicação/Mostra, etc da Entidade, sendo o autor previamente comunicado, não gerando nenhum ônus para FECAJE.

2. A inscrição do concorrente indica a sua aceitação às normas do presente regulamento, bem como autoriza a FECAJE a utilizar os trabalhos para publicações, não sendo aceitas reclamações posteriores.

3. Será lançado o livro do Concurso de Poesia Escrita e Falada do vale do Jequitinhonha contendo 50 (cinquenta) poesias, sendo concedido aos autores uma quantidade a ser definida pela Diretoria Executiva da FECAJE, conforme quantidade de tiragem.

DOS CASOS OMISSOS:

1. Os casos omissos serão resolvidos pela diretoria da FECAJE.

DAS INFORMAÇÕES:

1. Para mais informações somente por email: fecajeoficial@gmail.com

Araçuaí-MG, 01 de maio de 2019.

José Augusto Francisco Pereira
Diretor Executivo
FECAJE

ANEXO I – CARTA ABERTA À FECAJE

Carta Aberta a Federação de Entidades Culturais e Artísticas do Jequitinhonha.
Belmonte, Bahia, 26 de Julho de 2019.
À FECAJE.

Considerando a trajetória histórica do FESTIVALE, no contexto do Vale do Jequitinhonha e do Brasil, país marcado por relações patriarcais de poder, onde a violência simbólica e física se dirigem aos povos que constituem a cultura brasileira, considerando que o papel social cultural, educacional e político do FESTIVALE é resistir as violências impostas, expressando na arte as narrativas, memórias, valores dos povos, construindo a partir da arte e da interação social outros olhares sobre os povos e entendendo que *Dos Vales ao Mar* queremos a democratização dos acessos, dos direitos sociais dirigidos à Mulheres e Homens, por meio desta carta, queremos ponderar sobre as violências físicas e simbólicas presenciadas e vividas neste 36º Festivale. A intenção desta carta é contribuir para a construção dos próximos FESTIVALES, refletindo sobre os acontecimentos e sugerindo ações concretas que possam evitá-las ou diminuir os impactos que atos cotidianos promovem nos coletivos que participam do FESTIVALE.

Assim, entendendo que os acessos das mulheres a diferentes setores do FESTIVALE, deve ser estendido e fortalecidas a todos os espaços que o constroem_ da infraestrutura, a organização do evento, à composição da diretoria da FECAJE (ampliação da participação das mulheres nas tomadas de decisões), à composição dos espaços culturais do FESTIVALE- dos concursos, shows ao palco livre, sugerimos que se ampliem as formas de garantir condições participativas- aos diferentes gêneros; aos movimentos sociais e grupos que historicamente compõem os festivais. Nesse sentido, sugerimos que no processo de composição e organização dos festivais tais grupos sejam ouvidos e possam participar da organização.

Sugerimos ainda que se divulgue e incentive- sobretudo durante os festivais- junto aos grupos e movimentos, as formas de vinculação na Federação –FECAJE, para que seja garantida a informação e a possibilidade de maior participação dos grupos, movimentos sociais junto a instituição.

Que na construção do 37º FESTIVALE, sejam estabelecidas parcerias junto aos poderes públicos e aos políticos locais e regionais na garantia de direitos sociais, via acordos formais. Em específico, entendemos que via poder público, sejam garantidos postos de atendimentos de denúncia, acolhimento e atendimento a toda e qualquer forma de violência vivida durante os Festivais, pelos participantes-turistas, pelos moradores locais, muitas vezes desassistidos pelo poder público. Aqui ressaltamos que a democratização da sociedade brasileira implica a garantia de atendimento via políticas públicas às pessoas envolvidas em atos de violência.

O Festivale ao divulgar cultura e arte promove o encontro de diferentes grupos sociais, e temos no Brasil e em específico no Jequitinhonha, uma longa história de intolerância, decorrente da cultura patriarcal (sexismo, racismo, machismo). As intolerâncias marcam a história das mulheres, das mulheres indígenas, dos povos indígenas, dos povos afrodescendentes e tudo isto, deve ser denunciado nos FESTIVAIS. Portanto, entendemos que dentro e através dos FESTIVAIS se mantenham os espaços de diálogo já conquistados pelos movimentos e grupos sociais, ampliando-os. Partindo do vivido em Belmonte (intolerância religiosa, assédio sexual e recusa do palco livre à mulher), propomos que o espaço de acolhida, registro e denúncia de violências sejam efetivados pela FECAJE, junto ao poder público municipal, que se candidatar para receber os festivais. Nesse sentido, propomos um posto de atendimento 24 horas durante os FESTIVAIS, sugerimos serem promovidas ações de campanha via agentes culturais que possam promover mudanças nos comportamentos de intolerância sexual, cultural e religiosa. Reconhecemos que a FECAJE tem se posicionado contra atos de intolerância, motivo pelo qual, encaminhamos esta carta, pois entendemos que mudanças estruturais na organização dos FESTIVAIS podem promover de fato relações sociais igualitárias/democratizantes.

Assinam esta carta os seguintes movimentos e as instituições:

NOS- Núcleo de Orientação Sócio educacional- Projeto Rede de Proteção Contra a Violência a Mulher: rompendo o silêncio, a violência e a invisibilidade- Projeto de Extensão UFVJM.

Observatório Dos Direitos das Mulheres dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM

Observatório do Semi-Arido e Cerrado- UFVJM

NEALAS- Núcleo de Estudos Literários, Artes e Saberes UFVJM

NEABI- Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas- UFVJM

Levante Popular da Juventude

Movimento dos Atingidos Por Barragens

Movimento Indígena

Coletivo Erês

Rede de Artesanato do Vale do Jequitinhonha.

Grupo Blad Bladys.

Grupo Mulheres da Vida

ANEXO J – FESTIVAL DA CANÇÃO - FELISBURGO 2018**CAMINHO DE AREIA E FLOR****CLÁUDIO BENTO**

Vazante de rio Cheio
Que bom será de barranca
Remanso de água clara
Flor que a lua se deu
Eu vou de rio doce
Canoeiro beira mar
Correnteza de vida
Que vai se perder no mar

Vazantes de rio cheio
Ribanceira de barranca
Remanso de água clara
Flor que alua se deu
no espelho d'água
A lua de prata

Clareou
Feito lembrança branca, feito renda branca
Na melodia do vento
A voz de um cantador
Meu coração está guardado
na vela de canoa
Caminhos de areia e flor
Onde mora o meu amor

MATRÍSTICA**Composição/Intérprete: Giselda Gil**

Lere lere lere lere
 Lere lere lere lerê
 Lere lerê Lere lere lere lere
 Lere lere lere lerê
 Lere lerê

Não quero mais cuidar dos
 filhos
 Nem andar nos trilhos
 Quero fazer Arte!

Não quero mais lavar a louça
 E nem ser a moça que não
 mais me cabe (2x)

Não quero mais ficar no
 tanque,
 Levantar palanque – essa é a
 minha Arte!

Não quero mais ficar sozinha
 Presa na cozinha, sem fazer
 minha Arte...

Pra Danda, pra Danda, pra
 Danda, pra Danda, pra Danda
 Pra Danda, pra Danda, pra
 Danda, pra Danda, pra
 Danda...

Não posso mais ficar calada
 E me fazer de bela, recatada
 e do lar

Não posso mais voltar pra
 casa

Cortar minha asa e deixar de
 voar

Já chega de botar na mesa
 Toda minha mágoa e
 insatisfação
 Pra alma que tem fome de
 Arte

Não existe homem que lhe
 diga: NÃO...

Danda, olhe pra você
 E invista no seu próprio bem-
 querer

Oh, Danda se a mãe é sina
 O que ela ensina
 É puro prazer

A vida tem que ser bem
 vivida

E a Autonomia
 Tem que plantar pra colher

Refrão:
 Eu posso fazer o que eu gosto
 E só assim eu mostro
 O que é o Amor

Eu posso fazer o que gosto
 E só assim eu mostro
 O que é o Amor...

Pra Danda, pra Danda, pra
 Danda, pra Danda, pra Danda
 Pra Danda, pra Dandá, pra
 Danda, pra Danda, pra
 Dandara...

Iii guer rei ra...

Vem Maria Bonita
 Canta Elza, pinta Frida

Pra essa vida Dandarar
 Rio, barro, chita
 Tambor e roda bonita
 Pra não deixar de brincar

Vem Maria Bonita
 Canta Elza, pinta Frida
 Pra essa vida Dandarar
 À força guerreira
 Deixo a semente
 Que não para de cantar...

Refrão:
 Eu posso fazer o que eu gosto
 E só assim eu mostro
 O que é o Amor

Eu posso fazer o que gosto
 E só assim eu mostro
 O que é o Amor...

Lere lere lere lere
 Lere lere lere lerê
 Lere lerê Lere lere lere lere
 Lere lere lere lerê
 Lere lerê

O CANTO DAS LAVADEIRAS**ZAAK PORTO**

A lavadeira vai descendo
 Vai cantando ao encontro do rio
 Rodia pronta, bacia na cabeça
 O rio lhe espera
 Lavando roupa todo dia com alegria
 No esfrega, esfrega
 Lava, lava, lava, lava
 Leva, leva, leva, leva
 Simplicidade na alma
 Alegria no olhar
 Na beira d'água canoa
 E o canto que nos encanta
 E cantam seus cantos
 Cantigas antigas.

RIO ADENTRO**GLÉCIA S. SANTOS**

Nas águas mergulhei
 E um pensamento veio.
 Quem diz que sabe tudo
 Não chega nem ao meio.
 Com alma de poeta
 Das mãos calejadas.
 Marcados pelo sol
 Que brilha em nossas almas.

Nossa fé, nosso estandarte.
 É nossa história, nossa vida, nossa arte.
 Vivemos desse chão
 E não arredamos pé.
 Compramos nosso pão,
 Com suor e sangue é.

Ah o mundo. (2 vezes)
 Consegue ser profundo e raso,
 Mais que tudo
 Eu sei que nada é por acaso.
 Leva...
 E um pensamento leva...

(Refrão) 2 vezes
 E esse rio que vem e vai.
 Esse rio que leva e traz.
 E esse rio desagua ooh. (Leva meu amor)

SERTÃO DAS MINAS GERAIS**MÁLTER RAMOS**

Toda manhã quando acordo vou direto pra cozinha
Acendo o fogão à lenha e preparo o café matinal
Encho o balaio de milho no paiol pra minhas galinha
Depois vou ver as vaquinha e tiro o leite no curral

A mulher e as criança tão de pé na correria
Café com cusuz e leite, beiju, queijo e farinha
Os menino vão pra escola pra serem doutô um dia
Tenho a família perfeita, com filhos que me respeita
E uma mulher que é uma rainha

Depois de alimentar os porco lá no chiqueiro
Levo o gado lá pra manga pra pastar o dia inteiro
Pego o arame farpado pra cercar minha fazenda
Não trabalho pra ninguém, não nasci pra ter patrão
Sou eu quem faço a minha renda

E na hora do almoço, tem galinha caipira
Verdura plantada em casa costume que ninguém tira
Sempre agradeço a Deus pelo pão de cada dia
Esse é o meu segredo, quem tem fé nunca tem medo
E vive cercado de alegria

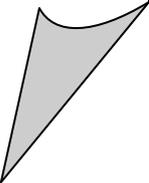
A melhor parte do dia é quando o fim de tarde chega
Passo a mão no violão e toco moda sertaneja
As criança cai na dança brincando e pedindo mais
Os cachorro entra na festa, fazendo parte da orquestra
Desse sertão das Minas Gerais

VELHO SOL
JOSÉ OTAVIANO MIGUEL

Sempre vou voar na imensidão
Ouvindo uma voz
Escalando o auto da paixão
Estrelas entre nós
Vem o sol, o mesmo velho sol
Vem o sol, velho sol

A água que alimenta plantação
Um rio vou seguir
Esperando a luz na escuridão
A lua vai surgir
Vem o sol, o mesmo velho sol
Vem o sol, velho sol

Passos de crianças pelo chão
Sementes do amanhã
Acendendo a luz da criação
A natureza irmã
Vem o sol, o mesmo velho sol
Vem o sol, velho sol



FLORES DO CANGAÇO
SANDRO ROBERTO DE ALMEIDA - AMERICANA-SP

Mulher do cangaço, fina flor de fino trato
 Dinha de Delicado, mel de Beija-Flor
 Cada pétala tem cheiro, de sertão, raiz e mato Canto de Canário, para Adília seu amor

Dulce sem Criança era brinquedo sem amor Neném se Luiz Pedro, uma santa sem andor
 Lídia de Zé Baiano, Foi poesia sem autor Hortênsia Volta Seca e Veronquinha Beija Flor

Sila sobrevive no Sereno, sinhazinha
 Iracema Pinga Fogo, Labareda em Mariquinha Gato, persa de "macaco", onde a isca foi inacinha Boa Vista
 viu Doninha, avoou Besouro pra Zéfinha

Mulher do cangaço, fina flor de fino trato
 Maria mais Bonita acendendo o Lampião
 Cada pétala tem cheiro, de sertão, raiz e mato Como pé de Dada, ou Maninha de Gavião

Maria, flor Bonita, iluminando o "Capitão"
 Um lindo vagalume, acendendo o lampião
 Semente que germina, trouxe o fruto da paixão Bem-vinda, Expedita, flor menina do Sertão

Por Dadá, se vê, flor arrancada da jardim
 Corisco correu risco, por amor até o fim
 Quem troca a cabeça pelo pé, é estopim
 E o corpo desta história, tim tim por tim tim

Mulher do cangaço, fina flor de fino trato Dinha de Delicado, met de Beija Flor Cada pétala tem cheiro, de
 sertão, raiz e mato Canto de Canário, para Adilia seu amor

Mulher do cangaço, fina flor de fino trato
 Maria mais Bonita acendendo o Lampião
 Cada pétala tem cheiro, de sertão, raiz e mato Como pé de Dada, ou Maninha de Gavião

Não é flor que se cheire, se espinho fere o coração
 Toda flor que se cheira, deixa um perfume entre as mãos

MISTÉRIO MULHER
LAÉCIO BEETHOVEN

Mulheres são fontes, são vasos, são flores;
São luzes, cristais, são Rubis, turmalinas;
Dureza das pedras, riqueza das minas;
Mulheres são sete mistérios e dores.

A força das águas e a fé dos andores;
Mulheres são artes da graça divina;
São sacras, mundanas, vilãs, são felinas;
São ventres, são versos, arco-íris e cores!
Sete mistérios.

Passado, nas puras septilhas violeiras;
Nos sons eletrônicos, mídias modernas;
Na alma da gente, sonatas eternas;
Piedade, na escala das notas solteiras!

Do filho que nasce no véu da poeira,
Mulheres são mães e a ternura materna;
Da flora extinta essências fraternas;
São Dálias, Violetas, anis, jardineiras.
Sete mistérios.

Sonora, declama o findo soneto

A brisa mulher guardiã, feminina!
O vento senhor tradição masculina
Soprando macio harmoniza o dueto.

Chiquinha Gonzaga, no som do Allegretto,
Inspira o refrão do empoderamento!
No tempo do verso sem constrangimento,
A voz é a caneta e o ouvido o livreto!

Arcanjos, virtudes, promessas, os dias,
Cabala, pecados, perdões e Marias
São sete, são ecos, são voz, repercutem!

Olhai a carranca sem medo ou espanto!
Sabei, do lendário, o valor sacrossanto!
Cantai a canção feminina Virtutem!
Sete mistérios.

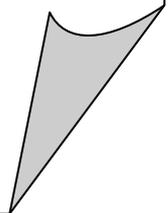
DIVERA
TOMAZ GUIMARÃES - TEÓFILO OTONI-MG

O meu roçado já preparei
Eu vou plantar com minha cabocla um ipê roxo
Na minha vida inteira eu quiser assim um cantador
Mas na viola a cabocla me ganhou

Cabocla, meu marzão do interior
Arreda do meu peito a minha dor
Divera nós sabemo
Como o amor que rega
E cresce, no trejeito, uma flor

Cabocla, o meu peito quer cantar
Igual os passarinho no pomar
Mas a viola chora por mim
Quando os óio num chorar

O meu roçado já preparei
Eu vou plantar com minha cabocla um ipê roxo
Na minha vida inteira eu quiser assim um cantador
Mas na viola a cabocla me ganhou



CURÁGUA**LOHANYE SAMARA COELHO - BELO HORIZONTE-MG****INTÉRPRETE: LETÍCIA AVELAR**

O teu canto me chamou

O teu canto me chamou

Separei um maço de flor

Perfumado de alfazema

E vela branca pro meu Orixá

Odojá

Yara, Janaína, senhora das águas, sereia

Rainha do marco

Todo quebranto ela tirou,

Quem é de ajuda Deus ajuda

Mau olhado ela afastou

Axé pra quem é de guiné

Sal grosso, pimenta vermelha, alecrim,

patuá Erujá

Pra toda maldade eu empunho a espada de

Jorge, Salve, salve, São Jorge

Salve, Salve, São Jorge, salve, salve

Se as vezes tropeço e choro, me pega no

colo, mãezinha

Yemanjá

Rainha das águas do mundo,

seu canto profundo tocou

o meu coração

Risquei o meu ponto na areia,

que eu sou mandingueira, menino,

não mexe comigo não

ah, não mexe, não

Rainha das águas do mundo,

seu canto profundo tocou

o meu coração

Risquei o meu ponto na areia,

que eu sou macumbeira, menino,

não mexe comigo não

ah, não mexe, não

(Oração de Salve Rainha, de domínio público,

mas que não será executada ao vivo)

Oxalá que me protege

Pai Ogum pra debandar

Nossa senhora abre os caminhos

Yemanjá a Rainha do Mar

O SONHADOR**TAQUINHO DE MINAS - BELO
HORIZONTE MG**

Eu quero o dom de Machado de Assis,

A maravilha da flor-de-lis!

Eu sou do rio Araguaia,

Da areia branca na praia.

Eu quero ser o Zumbi dos Palmares,

A liberdade que vai pelos ares...

Eu sou do jequitibá,

Da tribo dos Carajás.

Nasceu da bela Iracema

O amor em poema

Na voz do cantor!

Do cheiro de Gabriela,

Cravo e canela

Me fiz sonhador

O sonhador vê luz na escuridão,

Conhece a imensidão do céu, do mar...

O sonhador de alma colorida

Tem a vida para amar!

SAUDADE MORENA**LUCIANO TANURE - ARAÇUAÍ - MG
(MELHOR CANÇÃO REGIONAL)**

Eu "tô" com saudade, morena

Eu "to" indo embora te ver

E quando eu chegar tu me entrega

Aquele abraço apertado, "ôlere"

Te trago a minha boca pequena

Um verso que fiz pra você

Se eu não disser nada, me entenda

Me engasguei de tanta saudade, "ôlerê" Bis

Tudo que eu vi no caminho

Estrada, poeira, barragem azul

Me dava a certeza que a vida

É de nada sofrida. Te amo, é só

O dia chegou na janela

Você me esperou no portão

Dê cá teu abraço, morena

Que eu canto "pro cê" meu poema, "ôlerê"

CORTEJO

RICARDO PEIXOTO E VALÉRIA DE CASSIA PISAURO - CAMPINAS-SP

O tambor retumba a cadência,
 De Palmares reluz o cantar,
 O tambor retumba a cadência,
 De Palmares reluz o cantar,
 Que de encanto vem abençoar,
 Abram alas, congadeiros!
 Que de encanto vem abençoar,
 Abram alas, congadeiros!

As bandeiras sagradas acenam
 oferendas e louvação.
 As bandeiras sagradas acenam
 oferendas e louvação.
 Dá licença, meus irmãos,
 Pra congada se apresentar!
 Dá licença, meus irmãos,
 Pra congada se apresentar!

Balançam guizos, paiais e bastão,
 E a tradição a desfilar.
 Balançam guizos, pais e bastão,
 E a tradição a desfilar.

É festejo de negro cativo
 E cortejo que vem d'além-mar
 É festejo de negro cativo
 E cortejo que vem d'além-mar

Sacrário de crenças irmãs,
 Salve, são benedito!
 Sacrário de crenças irmãs,
 Salve, são benedito!
 Graças, Nossa Senhora guardiã,
 Sou filho do Rosário!

Reza em festa que se encerra,
 Da vassalagem a realeza,
 Procissão de beleza e poesia,
 Coroação de negros em reis e rainhas

CORRENTEZA**WILLER DURVAL LEMOS - MINAS NOVAS-MG**

Plantou, oi milho crioulo, fulana

Banhou, beira de riacho

Colheu, oi milho crioulo, fulana

Pescou, lambari diacho

(bis)

Canarim que voa da gruta a janela do
Sobradão Andorinha no fio, tá calçada de
lapa, farinha, beiju Água de alambique, a
saliva da cana no coração Cordão verde
encerado, vento no capulho do algodão

Refrão

Quando relampiá vai trovejar
eu não sou o Fanado meu senhor, essa
força da correnteza

Quando relampiá vai trovejar
barragem do Fanado que quebrou, essa
força da correnteza

Plantou, oi milho crioulo, fulana

Banhou, beira de riacho

Colheu, oi milho crioulo, fulana

Pescou, lambari diacho

(bis)

Canarim que voa da gruta a janela do
Sobradão Andorinha no fio, tá calçada de
lapa, farinha, beiju Água de alambique, a
saliva da cana no coração Cordão verde
encerado, vento no capulho do algodão

Refrão

Quando relampear vai trovejar
eu não sou o Fanado meu senhor, essa
força da correnteza

Quando relampear vai trovejar
barragem do Fanado que quebrou, essa
força da correnteza

Eu só sou afluente, retirante menino
Flor, boneca de barro, jaboticaba de
vinho

Pau de fruta panã, bicho solto do rio
falo minasnovez, do Quilombo, Rosário,
Divino

Refrão

Quando relampiá vai trovejar
eu não sou o Fanado meu senhor, essa
força da correnteza

Quando relampiá vai trovejar
barragem do Fanado que quebrou, essa
força da correnteza

E encheu, foi o Araçuaí (e encheu,
encheu, encheu)
E encheu, foi o Jequitinhonha (e encheu,
encheu, encheu)
E cabou, foi na beira do mar (e cabou,
encheu, encheu)
E beijou, foi a beira do mar (e beijou,
encheu, cabou)

O PALHAÇO

IVAN PESTANA - MINAS NOVAS – MG
(Primeiro lugar no Festival da Canção)

Brasil, o palhaço virou plateia.
 O picadeiro está vazio,
 Nos distraem com sua novela
 Pátria forte, mãe gentil,
 O espetáculo virou comercio.
 Dessa tragédia, drama frio.
 De um circo armado no congresso
 Eu canto em nome do carma,
 Juízes se fazem artistas de televisão
 Bandidos de terno e gravata
 Os egos que ferem na alma a população

"Ôhhhh, Ôhhhhhhh" - 4 vezes.

Meu canto em nome do carma
 A voz é a única arma
 E quando a sujeira se lava
 O povo é que rege a Nação
 Meu canto em nome do carma
 A voz é a única arma
 E quando a sujeira se lava
 O povo é que rege a Nação

INGELÊNCIA DO SERTÃO

RONALDO TOBIAS - MONTES CLAROS-MG
(TERCEIRO LUGAR)

Você de lá qual o preço da saudade
 De quem partiu deixando o seu sertão
 Deixou Maria, lata d'água e três crias
 Cobra armada na rudia, fico assim só de pensar
 A seca é dura, mais duro é sentir saudade
 Só de ver as malas prontas meus olhos querem
 chorar

Você de cá qual o peso da bagagem
 De quem partiu deixando o seu sertão
 Olhou pra trás e só viu poeira solta
 As crianças todas roucas de tanto gritar adeus!
 Inté Curisco, meu cachorro perdigueiro
 Seguiu até perder meu cheiro nas curvas do
 estradão

Você não sabe como parte o coração
 E como doem os calos de minha mão
 Como incomoda o barulho da cidade
 Homens cheios de maldade, feito bichos na
 prisão

Ver homem rude ser chamado de doutor
 Lá no sertão lhe chamariam de sinhô
 Fumaça branca vai matando o povo manso
 Não tem folga, nem descanso, nem dinheiro,
 ai meu Deus!

Você de lá qual o preço da verdade
 Que nuvem negra tá rodando o meu sertão
 Que água fresca já dá pra encher moringa
 Gado bebe na Cacimba, Xique-Xique já florô
 Inté Sanhaço voltou pousar no coqueiro
 Madrugada no terreiro Galo Indio já cantou

Você de cá qual o preço da alegria
 De quem partiu voltando pro seu sertão

ANEXO K - NOITE LITERÁRIA – FELISBURGO 2018

(As letras utilizadas da noite literária para análise do trabalho foram: Cidade Maria e
Acalento para a voz de uma mulher)



Noite de Gala do Festivale

A Noite Literária é palco dos poetas do Vale que apresentam leituras literárias, que acontece durante o concurso de poesias, cujo objetivo principal é resgatar e valorizar a linguagem escrita como importante forma de manifestação cultural da região do Vale do Jequitinhonha, além de lançar novos escritores regionais, incentivando suas carreiras por meio de premiações (1º Lugar, 2º Lugar, 3º Lugar, Melhor Interpretar), e também o momento de escritores lançarem seus livros ou produções voltadas a literatura.

A noite literária nasceu da inquietude daqueles que se dedicavam à escrita no Vale não percebiam espaço para arte do escrever dentro de nosso evento maior, o FESTIVALE. Assim, em 1992, nasce no Festivale de Bocaiúva a 1ª Noite literária do Festivale. Para surpresa dos organizadores, para esta primeira Noite Literária, foram inscritos 56 poemas de 30 poetas, vindos de 13 cidades do Vale e foram selecionados 10 poemas: **Noite Clara... Dia Escuro** (Paulo André Alves de Amaral - Medina), **Tropical** (Rubéns Pinheiro Espindola - Joáima), **Cerrado** (Clóvis Antonio Damasceno - Rubim), **Retirante** (Juarez Ferreira Freitas - Pedra Azul), **Gênese da Inspiração** (Ana Lucia Ramos Alkmim - Bocaiúva), **Sertanejo**, **Bicho Bão**(Maria Nilma Ferreira de Oliveira - Bocaiúva), **Leitura Viva de Drummond** (Advaldo Assunção Cardoso Filho - Diamantina), **Dicotomia** (Wellington Miranda - Jequitinhonha), **Amor de Criança** (Adriana Gonçalves Pio - Jequitinhonha).

Os primeiro vencedores da 1ª noite literária foram: 1º lugar - **Leitura Viva de Drummond**, 2º lugar e melhor interprete - **Dicotomia** e 3º lugar - **Tropical**. Em 2018, foram 86 poemas inscritos de 49 poetas de todo o Brasil.

E assim, ano a ano, a poesia toma conta do Festivale, e a Noite Literária se torna a grande noite de gala deste evento mágico.

Ao todo, já foram realizadas 21 noites literárias. Além da primeira, em 1992, em Bocaiúva, foram também realizadas em 1993, em Minas Novas; 1994, em Salto da Divisa; 1996, em Jequitinhonha; 1998, em Itinga; 1999, em Jordânia; 2000 em Bocaiúva; 2002 em Pedra Azul; 2003, em Medina; 2004, em Salinas, 2006 em Araçuaí, 2007 em Joáima, 2008 em Capelinha, 2009 em Grão Grão Mogol; 2010, em Padre Paraíso; 2011, em Jequitinhonha; 2013, em Medina; 2014, em Araçuaí; 2015, em Salto da Divisa; 2016, em Jequitinhonha; 2017, em Felício dos Santos.

Noite Literária
Robson Waite

Adaptado de: Jô Pinto (*In* registros do livro piloto sobre o Festivale) e registros da FECAJE

*F*elizburgo: *Meu Poema*

*Felizburgo poema,
Cidade menina,
Terra formosa,
Embora singela,*

*Sempre direita
Da destra divina
Entre montanhas,
Graciosa aquarela.*

*Felizburgo menina
De praças enfloradas,
De ruas pacatas,
De largo traçado,
Por onde a lua
Deambula encantada,
Enquanto a cidade
Repousa tranquila
Sob o céu estrelado.*



R

W
obsonaite

Nasceu em Belo Horizonte, passou a infância em Rio do Prado e hoje vive em Felizburgo. Mineiro, editor, escritor, poeta, fotógrafo, ensaísta, ufólogo, autodidata na vida, com a alma tatuada de experimentos patéticos, amante das artes, de papos insanos e ideias singulares. Seria atleta se levantamento de livros, xícaras de café e taças do licor de Baco se tornassem modalidades esportivas. Estudante de muita coisa... Apaixonado pelas infinitas possibilidades do humano, arrebatado pela psicologia, espiritualidade, pôr-do-sol, astronomia, completamente míope, esbarra o tempo todo em gigantescas interrogações... Tabagista inveterado, misantropo, namorador, filósofo de boteco, mas genial, cuja poesia, hostil e violenta, associou seu nome aos poetas marginais e malditos. Participou da Antologia dos Poetas do Pão e Passo, Belo Horizonte, 1986, e da Antologia do Coletivo VOHEJAR, Itinga MG. Editor dos jornais Integração de Minas, Focus, Corvo, Equilibrium, Vox Orbi e da Revista Latu Sensu. É o idealizador da Editora Arte Eterna, que vem imprimindo sonhos e poesia de forma artesanal no Vale do Jequitinhonha.



^{35º}
FESTIVALE

Devoção

Corrente na mão, nas costas vergão
 Nas mãos o rosário da libertação,
 No calor da labuta, e cortes nas mãos;
 No olhar da mãe acalanto e canção.
 Chicote nas costas, fuga pro sertão
 No manto da mãe cabe o choro da opressão;
 Nas dores do corpo, dos males ao chão;
 Rainha bendita lhe acalma o coração.
 No choro do negro, dor da escravidão;
 Nas contas do rosário, sonho e emoção
 De dias melhores em outro rincão;
 Sobre os braços da mãe com muita gratidão
 Passou se o tempo feito um rojão;
 O negro liberto vagou como cão;
 E os homens de pretos tiveram permissão;
 A mãe do rosário tomou -se devoção.
 Soberana oraga era festa desta tradição;
 De rezas, benditos e batucação;
 Rainha e rei era comunhão;
 E tudo era feito com muita oração.
 Comida, fartura, banquete e comemoração;
 Na festa divina da rainha de uma nação;
 Maria e o menino com rosário na mão;
 “Que dá sete voltas ao redor do coração”
 Rainha dos homens pretos!
 Mãe, maeinha, “Senhora do Rosário
 Sua casa cheira, cheira cravoe flor de laranjeira”
 De joelhos agradeço sobre seu manto sagrado;
 De libertação, dos homens escravizados;
 Nesse pedaço de chão, que tiveram uma maeinha,
 senhora da salvação; “Pois se ela não viesse no mundo
 Ai de nós o que seria.”
 Salve Maria!

Intérprete
AllefHeberton

José Claudionor dos Santos Pinto - Itinga

Conhecido como **Jô Pinto**, nasceu em Itinga/MG. Filho de João Antenor Ferreira Pinto (Em saudades) e Maria Pereira dos Santos Pinto (Em saudades) e irmão de Ana Nice, Claudenice, Cleonice e Valdenice. É professor, graduado em História e pós graduando em Ensino de Filosofia, Técnico em Patrimônio Cultural e produtor cultural. Publicou: livro *Despertar Poético* (1999, livro caeiro), *Memórias de Itinga* (2009), *Mutirão das Letras* (2010, organização), *Poste Poesia* (2017, participação), *Estradas de Chão - Coletivo VOHEJAR* (2018, participação). Diretor do Centro Cultural Escrava Feliciano e militante cultural, que às vezes brinca de ser poeta, poesia que chegou a sua vida lendo as de sua irmã Ana Nice, o qual o inspirou.

Noite Literária
Robson Waite

*P*er)Curso de Rio

Eu sou a voz do Rio Jequitinhonha, lamacento e dragado,
 Silenciado de peixes e de lavadeiras - Ah, doces lavadeiras
 Que seguem secando com seus lençóis e si bemóis
 As últimas gotas do choro do rio...
 Um rio nascido no Serro (de parto normal), em meio às pernas de pedra do vale...
 E segue, descendo (porque rio sabe que rio não sobe), rasgando o chão
 Sedento e faminto - e eu, uma simples voz em instinto,
 Traço-lhe o percurso até a foz do rio e da voz...
 Ah! Ele traça quase um labirinto...
 Em Datas ele acena e dá bom dia e, em Diamantina, ginga no ritmo afro de Tika
 E, ao som da Vesperata, Sacode ao vento os estandartes de Marcelo Brant
 E rindo um rasgado riso de rio, ele sente frio e segue sua sina...
 Logo adiante, aceita um pouco d'água do Rio Vermelho e, feliz,
 Fertiliza o solo de Felício dos Santos e lança um rápido olhar para Couto Magalhães
 E para pra descansar nas claras areias de São Gonçalo do Rio Preto e Senador Mourão...
 De repente (não mais que de repente), ele perde força, estreita-se, quase corta...
 É de cortar o coração! E grita por entre areias: Eucalipto! Eucalipto! Eis a questão...
 Mas chega a Bocaiuva, meio anêmico, mas ainda vivo e toma um gole de cultura
 No ritmo do catopê de Seu João Besouro e embebeda-se em um sonho vindouro,
 e cala em seu íntimo diamantes, Turmalina, quiçá, ouro...
 E retoma seu leito, já avistando a bela Carbonita - E Itamarandiba - "Pedra polida";
 E Itacambira - Cenário de Guimarães Rosa - E Botumirim - Cerra pequenininha -
 Tantas casas entremeadas em prosa - Contas de um rosário que se reza em Capelinha,
 Mas o rio quer mais, ir além-mar, além-cais...
 Então, lambe o brilho dos metais em Malacacheta
 E para à sombra do casarão de Minas Novas
 E mata a sede dos quilombolas em Chapada do Norte
 E percebe que é um rio de sorte por abrigar tantas etnias, povos que lutam, que creem
 E que vão desfazendo da vida o nó
 E ao findar a tarde, grita à porta de Grão Mogol e Francisco Badaró: abram a Porteirainha!
 Nem pede pouso, só um dedo de causos em fina malha, e logo à frente já avista Cristália!
 E acolhe no colo o Riacho dos Machados, enquanto degusta uma cachaça de Salinas...
 Esse não é um rio qualquer, ele se encharca na própria fé - tão miscigenada!
 Do Padre, do Poeta e do Cantador
 E convida Padre Paraíso para uma prece à Virgem da Lapa à sombra das Taiobeiras...
 E quando vê as Araras Grandes em revoadas de cantigas - tantos meninos de Araçuaí
 Percebe que, enfim, realizou o sonho dos Ícaros do Vale - voar sem medo de cair...
 E convida Lira Marques para um passeio de canoa com Frei Chico
 Até atracarem em Itinga - onde os esperam, à margem do rio, Seu Ulisses:
 O homem que modela em barro o Cristo do Sertão...
 E Cláudio Bento, o ilustre rebento do próprio rio-Jequitinhonha... a declamar suas onhas

Com seus poemas na ponta da língua e os versos nas veias e nos sulcos da mão...
 Isso fortalece o rio, até o envaidece e faz crer que vale a pena seguir...
 E ouvir Josino Medina com sua viola nas ruas e praças de Itaobim, Rubim e Joáima...
 E o rio olha pra cima e diz: Jacinto que vou até a Ásia, estou chegando a Jordânia...
 Então, o líquido corpo do rio serpenteia por entre pedras azuladas e chega a Pedra Azul...
 Ah, saudade de Willian Pinheiro! Agitador cultural verdadeiro...
 E, em suas margens, surge um "Jardim da Fantasia": Voz, violão e alma de Paulinho
 E o rio pede com voz doce e úmida: - Canta, meu bem-ti-vi, só mais um pouquinho...
 Vem cantar em Felizburgo, com Pereira da Viola, Saldanha, Saulo, Rubinho, Tau
 Tadeu Martins e Carlos Farias Maxacali, com seu coral de lavadeiras lá de Almenara,
 Que nunca cansam nem de cantar nem de lavar...
 Ah, vida de rio é mesmo, sem regras, e ele segue,
 de braço dado com Verono, já meio saltitante,
 E dá o grande Salto da Divisa - E viva Santo Antônio do Salto!!!
 Salto que lhe é detido pela represa que engole a certeza de que se é livre para saltar...
 Mas ele, o rio, não se deixa intimidar e segue o caminho, por terras não mais mineiras
 Santa Cruz de Cabrália já é logo ali
 E em seguida vê-se Belmonte, lá, logo depois do monte
 E o rio, não mais vazio, mas cheio de si, segue para a foz, e eis que surgem tantas vozes
 Dos índios, dos negros, dos sertanejos, dos artesãos e artesãs,
 Das parteiras, das benzedeiros, dos poetas, dos cantores, dos contadores de causos
 Dos bois enfeitados, das folias, dos reisados - ninguém mais fica calado...
 E o rio sente o arrepio encrespando-lhe a superfície,
 É, pois, o fim do seu ofício:
 Ser a líquida-voz do povo do vale que luta e teima, e crê, e busca...
 E de forma brusca, o rio se deixa salgar e a voz se torna múltipla, oceânica,
 E o rio encerra seu (per) curso: ele chega, enfim, ao mar!

Intérprete
Letícia de Cássia Avelar

Jucilene de Lourdes Vieira – Bocaiúva

É agente cultural, professora das redes estadual e particular de ensino, na área de Letras. Oriunda da zona rural da cidade de Bocaiúva, tem orgulho em representar o Vale do Jequitinhonha por onde vai. Não é escritora profissional e escreve seus poemas sempre com temática voltada para a terra, as questões existenciais e o homem do campo.

Noite Literária
Robson Waite

*B*arco embebido

O bálsamo soluto dos teus cabelos
 Traz sombra a um coração surrado
 No vulto encontro-me na balsa,
 Ao socorro do naufrágio nos meus prantos confluentes
 És a bússola que desatraca-me dessa balça de emaranhados confidentes
 Embalsamado pelo teu amor, livro-me do condor mental.
 A força de um tísico a farfalhar a dor que não fenece
 Soluço risos enganosos, pra que os virtuosos olhos que me assanham
 Não deixem de arrepiar o âmago da vida
 Nos sonhos cítricos de um crítico amor,
 Caudalosos abraços acalantam como berço
 Na súplica de um terço,
 As aves Marias que ganham o céu sem pouso,
 Sonante o teu sorriso pra ritmar
 O possante amor que ora meu arrimo
 ora inundação.
 Minha dileta bruma de solidão,
 Por ti arrisco salvar mil canavieiras
 Sem temer a fúria cólera que possa me ancorar na terra dos sem fim
 Em suas velas confio à haste
 Por quem navegou desmastreado em paixões insolúveis sem mergulhar
 A lâmina-d'água do teu amor,
 Vou de encontro a afogar
 No almejo às terras de Aiocá
 Sem perecer na praia,
 O amor vem de ondas, sigo a velejar.

Intérprete
Felipe Cortez

Samuel Abade - Itaobim

Com 18 anos, nascido em BH e crescido em Itaobim, vale do Jequitinhonha. Desde os 15 anos encontrou na escrita em especial a poesia o refúgio para as contradições que o cercam. De tantas inquietações encontrou nas palavras a forma de gritar e calar os seus anseios e receios. Vê nos poemas que escreve a forma de fotografar os sentimentos e, assim garantir que um dia pôde sentir como uma criança a ingenuidade dos momentos, e provar que o tempo passa, mas nunca cessa a vontade de manter acesa a festa que é a vida. Sabendo que as músicas alternam e nem todos os convidados permanecem até o final, faz eterno os sorrisos que cativa em cada terno abraço que celebra. Sente a alegria da vida traduzindo alegorias que o cotidiano oferece, sem fenecer em si o espírito de peregrino do amor. Vive pra amar.

A chave do armário

Aqui dentro faz frio
 Aqui dentro faz falta
 Falta de amor
 Falta de calor
 Falta do sabor da liberdade
 Da identidade
 E de me vestir a vontade
 Já ai fora, tem cor, flor e sabor
 Mas não me deixo enganar
 Ai fora tem dores
 Tem opressores
 E agressores
 Que seguram a chave
 Que me aprisionam aqui dentro
 Nesse eterno inferno inverno
 Com roupas que não me cabem
 E poeira de um armário velho
 Quebro minhas fechaduras para respirar
 Um puro ar para não me sufocar
 Tento me libertar e correr de lá
 Me vestir a vontade
 Amar de verdade
 Buscar minha identidade
 Buscar minha liberdade
 Mas me falta ar
 Eles vão me matar
 Me sobram dores
 Querem tirar minhas cores
 Me empurram pro armário
 Mas eu não vou voltar
 Eles não vão me calar
 Aqui fora é o meu lugar
 Eles vão param de nos matar
 Eu vou ensina-los como amar.

Intérprete
Murilo de Oliveira Santos

Murilo de Oliveira Santos - Diamantina

Graduando Turismo na UFVJM em Diamantina, participei da trupe de teatro Expressart e Cia em Taiobeiras por 4 anos, desde então me tornei amante da poesia, da dança e de tudo que envolva a arte e militante no Levante Popular da Juventude.

Noite Literária
Robson Waite

Indiciado

Antes era início
 Sempre indício
 Como um tremor
 Até mesmo temor.
 Foi tanta conexão
 Tanto nexo, tanto
 Pretexto, que virou
 Depressão e de pressa
 Ela disse:- Vamos nessa!
 E findou aquela sessão.
 Se olharam como se
 Fosse contrato de
 Posse, fizeram pose
 Assinaram, assassinaram
 O a perfeição, cruzaram
 Os talheres, terminou a
 Refeição e no fim da
 Oração partiram, em
 Participio, Ele jogou-se
 Só do precipício,
 E sorriu como se
 Sempre quisesse voar.

Intérprete
Wesley Barcelos

Anderson Rodrigues - Itinga

Nascido em 29 de dezembro 1988 em Itinga-MG, Técnico em Agropecuária(2009), Gestor Ambiental (2016) Especializando no Ensino de Geografia pela UFJM, ex-funcionário público municipal, ex-professor, Fundador e sócio da Associação dos Produtores Rurais da Gangorra -ASPRUGAN, comunidade rural pertencente ao município de Itinga, participa de atividades voltadas ao que tinge a área agrícola e cultural do município. Desenhista, habilidade adquirida desde criança em conjunto com a arte de escrever formam a personalidade expressa nos poemas e prosas esculpidas nas paginas do tempo. Acaba de lançar o livro Estradas de Chão, com o coletivo literário de Itinga, VOHEJAR.


Rio Jequitinhonha

O Rio Jequitinhonha
Corre levando p'ra mar
O sonho de quem não sonha,
Daquele que não quer sonhar.

Mas o sonho de quem sonha
Daquele que quer sonhar,
O Rio Jequitinhonha
Guarda, não leva p'ra o mar.

Em noite de lua cheia
O sertanejo enamorado
Caminha com os pés na areia
E sente seu sonho guardado.

O sertanejo partiu...
Foi outras plagas buscar.
Mas com o tempo sentiu
Que deveria voltar.

Saudades de sua gente
Dói fundo no coração,
Que ansiedade ele sente!
Pisar de novo seu chão.

Do Rio, escuta a corrente,
Rolando a murmurar
Seu sonho de adolescente.
Põe-se de novo a sonhar.

Pois o sonho de quem sonha
Daquele que quer sonhar,
O Rio Jequitinhonha
Guarda, não leva p'ra o mar.

Intérprete
Vilma Baracho

Virgínia Baracho - Belo Horizonte

Natural do Vau, Vale do Jequitinhonha, onde cursou até o antigo 3º ano primário, cursando o antigo supletivo, após sua aposentadoria. Nascida em 16/11/1930. Começou a escrever após os cinquenta anos de idade. Tem publicados três livros, dois de poesias e um de contos infantis: O Canto da Alma em 1986, Momentos Sertanejos em 1988 e Criança feliz em 2017. Matriarca de família de novefilhos, vinte netos e vinte e cinco bisnetos. Participou de algumas Antologias Poéticas. Hoje mora em Belo Horizonte.

Noite Literária
Robson Waite

Prabraçá meu Jequitinhonha

Seu moço, eu num sô daqui
 Minha nascença é mais adiante
 No chão donde eu nasci
 Todo vivente é caminhante
 Meus irmãos da merma sina
 Tão pra lá de Diamantina
 Onde a curva é mais distante.
 Todo santo dia esse corpo sonha
 Abraçá meu Jequitinhonha!

Só abraço a minha gente
 Se um sol nascê, ôtomorrê
 Meu distino é bem à frente
 Muito chão a percorrer
 Meu povo num é daqui
 Tá pra lá de Araçuaí
 Nem no mapa é fáci de vê.
 Toda noite rivi-ro de insônia
 Prabraçá meu Jequitinhonha!

Na viage fico in ança
 Os meus rasto é mais de mil
 Cruzo vales na andança
 Passo pontes sobre rio
 As terras de onde eu vim
 Tão pra lá de Itaobim
 Onde é grande o desafio.

Meus óiocachoeiram sem vergonha
 Prabraçá meu Jequitinhonha!

Tô me indo, mais vô todo não
 Metade vai a ôta fica
 Toda parte que eu ponho a mão
 Se era pobre fica rica
 A doce terra que me ampara
 Tá pra lá de Almenara
 É uma lonjura que se estica.
 Minha alma tá risonha
 Prabraçá meu Jequitinhonha!

Meu vivê é cum mutivo
 A muié, dizem que viúva
 A labuta me faz cativo
 Cum mão nua ou cum luva
 O chão que meu povo pisa
 Passa do Salto da Divisa
 Onde escassa é a chuva.
 Tô me indo sem cerimônia
 Prabraçá meu Jequitinhonha!
 Tô partindo dessa terra maldônia
 Prabraçá meu Jequitinhonha!

Tô fugindo dessa peçonha
 Prabraçá meu Jequitinhonha!

Intérprete
Jota Neris

Jota Neris - Mata Verde

“Ter tempo para apreciar um poema é ter tempo para viver”. Jota Neris nasceu no Mergulhão, município de Aracatu, sertão baiano, mora em Mata Verde. É professor, membro correspondente da Academia Conquistense de Letras (Vitória da Conquista/Ba) e da Academia de Letras de Teófilo Otoni/MG. Graduado em Normal Superior e Letras, pós graduado em Gestão Educacional. Atualmente atua como Especialista da Educação. É cordelista, lê e escreve poesias desde criança. Com o seu jeito apaixonado de falar dos costumes e a linguagem do povo da roça, tem seus poemas publicados em várias revistas e jornais brasileiros e em dez livros.

Cidade Maria

Jordan Barackin
 Bom dia Maria. Bom dia Maria.
 Boa tarde Lia. Boa Lia.
 E ai cumadi Ei cumadi.
 É assim na minha cidade.
 Marias se encontram
 Cumprimentam.
 Sorriam.
 Contam cais
 E nem imaginam elas, que os cais são elas
 mesma.
 Tem A Maria Lavadeira.
 A Maria Parteira.
 Que desce no barranco do rio com um
 trouxa de roupa.
 Voz suave quase rouca, bate papo com a
 outra.
 Tem a Maria rezadeira.
 A que cura.
 A que desce a ladeira, seu filho no colo.
 Um peito pra fora, dando leite antes que ele
 chora.
 Tem a Maria do Socorro.
 A que pede socorro.
 No morro, na casa do cachorro
 É abusada violentada pelas mãos do
 canalha que finge ser bom moço.
 Tem a Maria do biscoito.
 Maria da rosca.
 Maria do queijo.
 A Maria da cesta.
 Que coloca a comida na sua mesa.
 Maria do bom tempero.
 Maria do corante.
 Que chega com olhar emocionante ao ver
 o retrato do velho já estante.

A Maria de fulano.
 Maria de seu Zé, de seu João que faz
 pamonha e pão.
 Maria que fala muito,
 É a Maria fuxiqueira.
 Que mora no pé da capoeira.
 Tem a Maria das Graças.
 Que faz graça sentada na porta da rua.
 No sol, na chuva e noite de lua.
 Tem a Maria das dores.
 Maria dos Andores.
 A que abençoe e protege.
 Essas Marias são as Lias.
 Lia que lia contos de fada pra sua fia.
 Olha para o canto, a cria em sonhos
 dormia.
 Lia que sorria. Lia que não sorri mais
 Não sorri mais., Que por medo perde a
 vaidade.
 Cria cataratas
 Se sente odiada.
 Se olha no espelho.
 Lia que não se ama.
 Mas tem as Lias que se amam.
 Passa o seu batom.
 Coloca sua saia rodada.
 Bota seu lenço marrom.
 Essa Lia é lição pra quem gosta ouvir não.
 Essas Marias ainda fazem mingau de milho
 Planta ervas.
 Aria suas panelas com areia.
 E o brilho
 É de dá gosto.
 Maria Lia.
 Lia Maria...
 Lia suas próprias histórias escrito por
 Marias.
 Lia Maria...

Intérprete
Junio Dutra

Junior Dutra - Itinga

Membro do Centro Cultural Escrava Feliciano e do GRUTI - Grupo de Teatral Itinguense, interpreta em de poesias em vários festivais literários do Vale do Jequitinhonha, trabalha com teatro nas em duas escolas municipais de Itinga e faz intervenções performáticas.

Noite Literária
Robson Waite

Acalento para a voz de uma mulher

(A Marielle Franco)

Homens e poetas foram vencidos nos campos de batalha.
 Pelo medo das pitonisas, pelo mistério das esfinges,
 pela ausência de azuis imposta ao silêncio das horas,
 pela folha virgem e pela falta de tato com a pena.
 Uma mulher se pinta de vermelho e mostra os dentes.
 Se lança contra todos os touros, hiperbolicamente livre.
 Sua voz é ouvida, semitona, se esvai.
 Em meio a golpes, escasseia.
 Grito engasgado, se cala, executada sem mais.
 Desconhecem a cor dos seus olhos.
 São cheios de certezas sobre a sua pele.
 O corpo negro repousa embalado pelos lamentos.
 O sangue lava as ruas, onde outros tantos adormecem,
 ceifados pela ave de prata, em sua busca desleal por abrigo.
 Contrariando os lunários, outra noite se descortina.
 Gritos se fazem ouvir sem a necessidade de aparelhos.
 Vozes potentes lançadas a todos os cantos e ventos.
 Os homens vacilam! Nada apagou o vermelho!
 Marias conduzem os Virgulinos, Diadorins se permitem ser.
 Outras mulheres contestam a dança
 que sabiam obedecer, sem saber a razão.
 Ousam sentir o gosto da liberdade de parir ou não.
 Assumem as velas e o rumo de seus próprios nortes.
 Os pequenos colhem amoras nos antigos quilombos.
 Campos bélicos primeiros.
 Amoras se parecem com granadas.
 Toda a beleza cabe dentro de uma amora.
 Todo o mar dos olhos cabe dentro de uma granada.
 Os homens ainda trocam tiros, eu ainda me assusto.
 Do corpo negro ainda resiste uma coisa
 que vale mais que todos eles.
 Pode o valor de uma ideia ser apagado junto com um corpo?
 A mulher e sua voz não se apagaram junto com o corpo.
 Se espalharam pelos morros, favelas, vales e becos todos.
 Não foram vencidas em campo de batalha nenhum, por coisa qualquer.
 Maldito seja o homem que subestimar o eco da voz de uma mulher.

Intérprete
Regiane Farias

Edelvan Alves da Silva - Capelinha

Ator, poeta e pesquisador na área de patrimônio cultural. Possui textos publicados pelas editoras Trevo, Vivara e revista Poesia Agora. Participante da noite literária do 34 Festival, em Felício dos Santos, em 2017 e estreante no circuito de concursos literários nacionais.

35^o
FESTIVALE

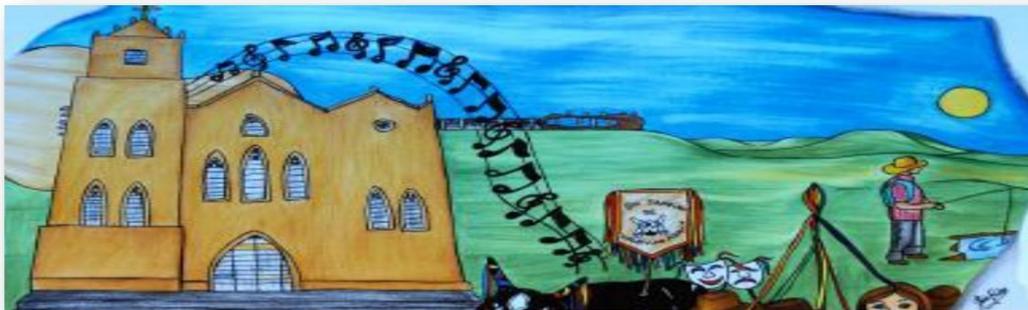
Quem Dera

'Dar-te-ei confusão.
 Confusão, não.
 Dar-te-ei companhia,
 Coração.
 Que embora pareça solidão
 Quando em breve partida,
 Dar-te-ei algo de alma que não se solta.
 Dar-te-ei algum prazer na minha volta.
 E que após tamanha espera e desejo,
 Se faça valer um sincero beijo.
 Passo sincronizado,
 Corações acalentados..
 Quando caminharmos lado a lado.
 Testemunha, cumplicidade.
 Dar-te-ei liberdade,
 Sem que se preocupes,
 com qualquer tola vaidade.
 E se novamente saudade,
 Controle a ansiedade.
 Que não me tornes fardo.
 Dar-te-ei palavras de O Bardo;
 "...despedida dor. Doce toda via,
 Que eu te diria boa noite até amanhecer o dia."
 Dar-te-ei palavras não minhas,
 Faladas resumidamente ou por inteiro...
 Não tornariam nosso amor menos verdadeiro.
 Dar-te-ei a esperança de não ser apenas uma memória.
 Dar-te-ei uma bela história.
 Dar-te-ei...
 Tudo sem promessa,
 Naturalmente,
 Tudo De verdade.
 Dar-te-ei transcendente eternidade."

Intérprete
Felipe Cortez

Edson de Freitas Magalhães - Rio de Janeiro

Nascido no Rio de Janeiro, fiz trabalhos como ator, modelo, sempre improvisando e de alguma forma envolvido com a arte. Sou um provável misantropo de intensa paixão pelo abstrato. Talentoso, de boas capacidades para desenvolver qualquer tarefa que venha a verdadeiramente se interessar, física e mentalmente. Mas geralmente preguiçoso, principalmente para os exageros humanos. Ainda assim suscetível de compreender tudo e ainda a realizar algo, mas conformado de que há muito mais contentamento em si



Saudações culturais!

A FECAJE - Federação das Entidades Culturais do Vale do Jequitinhonha e a Comissão organizadora orgulhosamente apresentam, para os moradores e amigos, a Noite de Gala do 35º FESTIVALE, a Noite Literária Robson Waite.

A NOITE LITERÁRIA é um projeto realizado no intuito de celebrar a riqueza da palavra e da poesia de nossa Terra, valorizando e estimulando a criação artística. Os moradores e amigos do Vale foram, nesse dia 24 de julho de 2018, presenteados com uma noite de poesia, entrelinhada nas melodias, nos causos, nos poemas e na magia cotidiana do Vale do Jequitinhonha.

Agradecemos por fazer parte de mais esse marco na nossa história.

Cordialmente

Equipe de Coordenação da Noite Literária Robson Waite

Andressa Ferraz Bruna Layla Cristiane Ribeiro Herena Zélia Moreira

A Fecaje Diretor Executivo - José Augusto Francisco Pereira

Diretor Executivo Adjunto - Maria Aparecida dos Santos Queiroz

Diretor Administrativo - Cristina Gonçalves de Aguiar

Diretor Administrativo Adjunto - Nilson Flávio Vieira Costa

Diretor Financeiro - Andrette Ferraz

Diretor Financeiro Adjunto - Jardel Mendes

Proibida a reprodução integral ou parcial sem prévia autorização dos organizadores, baseado na lei 9610 de 1998.

Organizado por Herena Barcelos

Arte de Capa João Pedro

Design de Capa Herena Barcelos

Impressão Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Itinga

led. Itinga, Felisburgo - 2018



35^o Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha

FESTIVALE

Vale, vida, verde, verso e viola

22A28DEJULHO
FELISBURGO, MG 2018

REALIZAÇÃO



APOIO



INFORMAÇÕES

033 988 19.7351
SECRETARIA GERAL

fecaofficial@gmail.com

ANEXO L – FESTIVAL DA CANÇÃO - BELMONTE 2019

TEMPO DE CRIANÇA – SÉRGIO DI RAMOS

No meu tempo de infância,
 Rodar o pião, no chão
 Pipa no céu, voar
 Soltar o balão, no ar, rodopiar

No meu tempo de infância,
 Bola de meia, chutar
 O bambolê, girar
 Bola de gude, rolar
 A figurinha abafar, e ganhar

No meu tempo de infância,
 o pecado, eu não via
 na quermesse da igreja
 na capanga, embornal
 no enroladinho do caução, até o luar
 hoje, o mundo me diz!
 Sorria, você é feliz

No meu tempo de infância,
 Contava estrelas, no céu
 O anelzinho, eu guardava,
 Boca de forno, sonhava, até dormir, e
 sonhar

No meu tempo de infância,
 Os carneirinhos, eu contava
 Eu desenhava com as nuvens

cara de gato, vovó, e até o mar, navegar
 hoje, o mundo me diz!
 Sorria, você é feliz

No meu tempo de infância,
 Não tinha net no ar
 Só marinete prá andar
 O social no luar
 Amigos prá cortejar, e amar

No meu tempo de infância,
 Não tinha drone no ar
 Cinema em todo lugar
 Conversa boa com olhar, e amar

hoje, o mundo me diz!
 Sorria, você é feliz

CORPO FECHADO - MARCONY

Eu pensei que mal olhado era só superstição
eu estava enganado
não era não
eu fui lá na benzedeira
ela me abençoou
eu tomei banho de ervas meu corpo descarregou corpo fechado não entra bala sai pra lá
matador
galinha preta na encruzilhada nunca me abalou
sapo com boca costurada serve pra você ver
que quem anda certo nesta estrada
não precisa temer
O meu guia o meu guia
Guia guiô guia guiô orixá
[19:16, 17/03/2021] Marcony Festivale: "Já dizia o ditado que antes só que mal acompanhado
Oficina do diabo é cabeça vazia".

FREGUESIA DO CARMO**ALBERTO DA SILVA ROCHA - BELMONTE**

O rio que passa aqui
 É o mesmo que nasce lá
 Que vem irrigando o Vale
 Bromeliáceas várzeas e o mar.
 Um rio que nasce, morre,
 Corre, caminha e cansa
 Descansa em Pedra Azul
 Pedra sem limo mimo do sol.
 Escorre por pedra abaixo
 A queda que molha o Tombo
 Nas gargantas de Pedra Branca
 No tupi-guarani, Itapebí.
 Jequitinhonha sem margem
 A mata desenhava o nome
 Na Freguesia do Carmo
 Belmonte é a flor do cardo
 Vem iara, tupã salvar o rio e a mata!

(Parte recitada)

SUBLIME PASSAGEIRO – Ao Mestre Dema **

A chuva foi caindo em mim,
 E eu fiquei olhando a arte passar retumbante
 Tão apressada que quase não via nada.
 Mas a sua presença era assim tão indefinida
 Que me fez acordar do sonho
 E ver a arte em todas as suas dimensões ali
 expressas.
 A música, a poesia, a arte de encantar

Fazia dele um sublime passageiro
 Navegando por entre estrelas e cometas
 Numa viagem em busca da beleza.
 A luz refletida através da janela do ocaso
 Fazia dele um passageiro sublime
 Tão raro como a safira, mas uma esmeralda das
 minas gerais
 Tão bela e harmoniosa que cativava a todos.
 Hoje estás de volta ao verdadeiro lar
 Em busca da revitalização das energias
 E do âmago do prazer das artes,
 Que fez de ti um cavaleiro solitário como fora
 Zaratustra,
 E como serás no seu galope rasante pelo infinito
 nos olhando de lá
 A cantar e tocar divinamente a sinfonia cósmica
 do amor
 Inundando os nossos ouvidos
 Como se estivesse a nos preparar
 Para o reencontro contigo na presença amada
 de DEUS.

Siga em paz, meu irmão!
 Pois ainda nos encontraremos
 E ficarei feliz em revê-lo.
 DEMA, a paz de espírito.

MISÉRIA
ADERBAL SODRÉ

Indignado e largado por muitas ruas, você se
perde em condições que não são suas
Por conta dessa brutal desigualdade, fruto da
incompetência da autoridade
Que se mostra correta e respeitada, donos da
verdade que não é mostrada
Na TV, no rádio ou na vizinhança, não importa
sendo adulto ou criança

Pediram um prato de comida um homem então
negou
Pra construir alguma escola a grana então faltou
Formando otários chegaremos em primeiro
lugar
de cabeça pra baixo na lista do IDH

Miséria! Não é só fome de comida mas de fé
Miséria! É o momento em que a mídia mostra a
ralé

Miséria! É a vontade de não querer viver
Miséria! É a tapar os olhos pra não poder ver, a
real situação

A política prova náuseas que eu não aguento,
deixa famílias em pleno relento
Alimentando a porra da ignorância, nos fazendo
conviver com arrogância
Menosprezados, andamos atrás da verdade,
inocentes não sabemos o futuro da cidade
Que nos guarda, que nos testa, que nos prende,
que nos ataca, enquanto uma meia-dúzia
enriquece e contra-ataca
Habitando palacetes e usando seu dinheiro,

enquanto uma criança corre na terra o dia
inteiro

Sem chinelo, sem direitos, com a esperança de
um brasileiro

Lutador, sem frescura, inteligente e verdadeiro

Miséria! Não é só fome de comida mas de fé
Miséria! É o momento em que a mídia mostra a
ralé

Miséria! É a vontade de não querer viver
Miséria! É a tapar os olhos pra não poder ver, a
real situação

Vale do Jequitinhonha terra de gente que brilha
que sonha

Que respira cultura e amor na simplicidade do
seu valor

Matuto da roça trabalhador que mostra sua força
ao nosso Senhor

Através da folia de reis que encanta a todos
vocês

O artesanato a arte da vida, jóias tão belas da
grande jazida

Paraíso muito querido, mas para o mundo
desconhecido

Canto em rimas para falar do vale do amor que
vem festejar

A fartura e a emoção de termos nascido nesse
chão

AFLUENTE

**COMPOSITOR/INTÉRPRETE: DALTON
MAGALHÃES**

Dei, eu dei, dei um mergulho no Fanado em
Minas Novas (BIS)

Me desagüei, desemboquei no rio Araçuaí,
Em Chapada do Norte eu vi a barra do rio
Capivari

Em Berilo eu vi o Água Limpa e o Água Suja
Quando aportei em Araçuaí, vi o Calhauzinho e
o Setúbal

Nadei, nadei pr'os braços e abraços do rio
Jequitinhonha (BIS)

Na Barra do Pontal tomei mais umas eticétera e
tal

E veio Itinga, Itaobim, Jequitinhonha e Almenara
Belezas mil, Jacinto, o Salto ao longe,
E quando dou por mim, estou no Atlântico em
Belmonte

Mas ao acordar do sonho, vi que estava na
Bahia,

Então aprendi dançar frevo, pra brincar o
carnaval com Maria

É de tirar o chapéu, o que me aconteceu, E todo
mundo comenta pela cidade,

LAVADEIRA

**COMPOSITOR E INTÉRPRETE: LUIZ
HENRIQUE SANTOS ANNUNCIATO
(HENRIE)**

(Melhor intérprete no Festival da Canção)

Lavadeira quando entra no rio
É Sol banhando corrente à ribeirão
E lavadeira lá no rio lavadeira se banha
E chora Oxum, a iê iê, meu Sertão

Lavadeira iê, o
Lavadeira iá
Lavadeira do rio, iê
Lavadeira do mar

Lavadeira quando se assenta no rio
À beira pedra e leva nas mãos
Toda dureza que carrega na vida
Todos os filhos em seu coração

Lavadeira iê, o
Lavadeira iá
Lavadeira do rio, iê
Lavadeira do mar

EU QUERO A VIDA PERDIDA
MAURICIO NEVES BOMFIM (MANSU)

Eu quero a vida assim perdida. Viver de novo
 este
 pedaço. Acha la e fazer em tudo o que eu faço.

Louca
 vida que imprimo sem embaraço. Eu quero o
 tempo de
 volta tempo louco. Viver de novo o tempo
 esquecido.

Fazer do tempo oração ao vento . Viver com o
 amigo
 abusando espaço. (Minha autoria).

Vida que me leva ver a vida. Vida que me leva
 ver o
 amor Vida que me leva ver saída. Que me leva
 ver o
 amor.

Eu quero espaço e tempo agora. Desejo espaço
 mundo
 a fora, do tempo curto me resta amigo cantar a
 vida
 vou contigo. A vida encanta a nós e a outros e
 outros
 me dê-la a deus de volta aos poucos de volta o
 tempo
 ao muito esquecido tornar a vida um mundo de
 loucos

Vida que me leva ver a vida. Vida que me leva
 ver o
 amor Vida que me leva ver saída faz aliviar a
 dor.

ANSEIO
CAIO BEZ

Do que é feito o seu coração
 Como é que eu faço pra entrar
 Estou em forte guerra com a razão
 E a emoção tende a ganhar

É que eu anseio seu beijo e desejo... mais que
 um beijo

Não posso desacreditar

Sou parte fogo

Metade vontade

Outra parte negro

Mas posso desfragmentar

CH: Sou seu

Tão distante

E ainda seu

Relutante

Pelo que é meu

Quisera... amor

Sou seu

Toda hora

E ainda seu

Mesmo fora

Cartas pra Deus

Imploram... Amor

É que eu anseio seu beijo e desejo... mais que
 um beijo

Não posso desacreditar

Sou parte fogo

Metade vontade

Outra parte negro

Mas posso desfragmentar

Rep. CH. (2x)

SAMBA DE ROÇA

AUTOR E INTÉRPRETE: LAÉCIO BEETHOVEN

Uma lágrima no rosto escorre, nada consola,
Toda vez que o violeiro debulha a velha viola.
Traz lembrança de vovô, de vovó e da palhoça,
Mas, é choro de alegria, é saudade que adoça.

Menino descalço, moringa, água fria,
Meia-sola, alpercata, gamela, bacia,
São quadros dessa miragem.

Reisados, cantigas e a tradição,
Pisados na sola da renovação,
Renascem noutra coragem.

Ê viola que traduz a alma nossa!

Arrepiá o corpo inteiro. Ai, ai, ai samba de roça!

Tapioca na peneira, benzedeira na varanda,
Em cima do guarda-louça o rádio toca ciranda;
Grilo canta no telhado, a coruja no mourão,
Esperança no roçado e o amor no matulão.

Bem cedo se deita, bem cedo “alevanta”;
O canto das matas à dor acalanta.

Aboiando, o boiadeiro,

(Segundo Lugar no Festival da Canção)

Que vê no relento a força do céu,
No claro do sol o valor do chapéu,
No silêncio, um companheiro.

Ê viola que traduz a alma nossa!

Arrepiá o corpo inteiro. Ai, ai, ai, samba de roça!

Quando a seca derradeira tange o pobre
catingueiro,

Até ave de lá foge, foge o verde do canteiro.

Periquito são José quase desapareceu;

Foi-se o trino, veio a fé quando o barro
endureceu.

O milho gemendo ao som do pilão;
O tacho na trempe, o calor no fogão,
Na dispensa, o santuário.

À noite o matuto reúne o pandeiro,
O terno, a viola, a novena e o “reiseiro”;
O luar lhe é solidário!
Ê viola que traduz a alma nossa!
Arrepiá o corpo inteiro. Ai, ai, ai, samba de roça!

GLOSSÁRIO

Debulha: tira o bago, dedilha;
palhoça: cabana rústica coberta de palha;
moringa: vaso poroso onde a água se refresca;
alpercata: sandália de couro;
sola: couro de boi curtido;
mourão: tronco de amarrar animal;
matulão: bolsa de couro;
alevanta: levanta-se;
tange: toca, instiga rebanho ou instrumento;
trino: trinado, gorjeio de pássaros;
tacho: recipiente circular de metal ou barro;
trempe: arco de ferro sobre três pés;
reiseiro: quem festeja o dia de Reis.

REZA DE CHUVA
EDUARDO JOSÉ BARBOSA CORDEIRO MACIEL
(Terceiro lugar no Festival da Canção)

“Relampiô” lá nas grotas do “tororó”
Vi dona Preta fazer simpatia pra chuva chegar
João do Rosário com as mãos pro céu pôs-se a agradecer
Maria Mutinga, Rosária e Josefa “rezô” pra chover

“Moia” as terras de João lavrador
De Maria que colhe algodão
Chova lá na cacimba onde Clementina planta seu feijão
Faz jorrar no peito a esperança
De tempos de fartura e abundância
Pro povo acreditar que ainda vale a pena plantar nesse chão

Água de grotão, banha as cachoeiras
Nascente de riacho, verte água das cabeceiras
Água de alambique, de poço e de mina
Água me ensina a ser rio, me ensina a chegar no mar

(Refrão)

Água de beber, água de banhar
Água pra viver mais pra isso tem água pra preservar
Água de beber, água pra plantar
Vento que leva as águas das matas encontram com as águas do mar

BRILHANTE ENCANTO
MARCELO VOUGUINHA

Pedra Azul da cor do céu
 Tão longe o mar
 Pra navegar meus sonhos

Mas vou voar e alcançar
 O céu e o mar
 De corpo e voz meu canto

Pedra brilhante
 Raio de luz
 No vale dos homens
 Que plantam valor

Nas águas do rio
 Segredos do ser
 Meu barco navega
 Nas ondas do amor

Ah! Sonho sem fim
 Fonte de viver
 Sina de querer
 Mundo melhor

Versos da canção
 Alma de cantar
 Paz no coração
 Felicidade...

SERTÃO RIO ACIMA
WÊNIO PORTO

É madrugada
 Galo cantou no terreiro
 Tempo fechado, candeeiro aceso
 E caindo sereno
 Tirar graveto pra fazer fogo
 O olho que vê
 Nossa lida que cedo
 A lua e o sol
 Meio dia, meia noite
 Chinela de couro
 Uma vida, um rosto
 Vai se ajeitar
 A labuta começa bem cedo
 Aqui quem chegar
 De outro mundo
 De alma boa
 Pode entra.

VIDAS SECAS**LUIZ FONTINELI**

A peleja do homem...

Penúria do solo seco rachando.

Triste fim dos "paletós" que a essa fração vem
massacrando.Em terra onde se planta coragem a lágrima não
faz fértil o chão.Nordestino, ser de resistência. Ai do teu fim,
homem sem coração...Já passou julho, agosto e setembro e nem um
pingo de chuva no chão.Ser nordestino é enfrentar a sorte, choveu no
norte e no nordeste não.Chora homem, mulher e menino, guerra da
cerca não acabou não.Senhor da seca prometeu de tudo, somando os
lucros, igual traição.Chora o rio seco, chora o coração,
Já não tem mais jeito os fragmentos desse meu
sertão.Chora o rio seco, chora o coração,
Sem um pingo d'água não vai lavar essa
devassidão.Será que chove até o final o dia? Eu vi
manchetes na televisão!Diz que é progresso o que se mostra aqui, vixe
meu Deus, quanta alienação!Ser nordestino é enfrentar de tudo a sede, a
fome e a corrupção.Se cai a chuva, aqui se dá de tudo, somando os
lucros, vai só pra ladrão.Chora o rio seco, chora o coração,
Já não tem mais jeito os fragmentos desse meu
sertão.Chora o rio seco, chora o coração,
Já não tem mais jeito os caco veio desse meu
sertão.**PASSARINHO TA PEGANDO "SIRIRI"****COMPOSITOR: WILLER DURVAL**

Refrão

Passarinho ta pegando Siriri

O sol altanado

A folia, o Congado

Passarinho ta pegando Siriri

Fez jeito de chuva no céu
Embranqueceu todo cerrado
Maria Preta na palmeira
Serenos em véu Marujada

Refrão

Passarinho ta pegando Siriri

O sol altanado

A folia, o Congado

Passarinho ta pegando Siriri

Papa arroz pousou na roseira moiada

Cantou até estralar

A paparozinha faceira

voou siriri foi pegar

Refrão

Passarinho ta pegando Siriri

O sol altanado

A folia, o Congado

Passarinho ta pegando Siriri

Ai, vai passarinho!

Ai, vai passarinho!

Passarinho ta pegando Siriri

DE JEQUITINHONHA À FRANCISCO
PAULINHO MEDINA

Velho Chico sei que demorei pra lhe
escrever

Esta carta contando minhas mágoas,
minha solidão

Minhas águas é o choro de um povo,
Esquecido aqui nesse lugar

E a tinta é o sangue sertanejo não posso
negar

Velho Chico apesar de tudo quero lhe dizer

Já ouvi muita gente que fala e canta você

É a arte diária de um povo,

que não senta um minuto sequer

Que agarra com jequitinhonhas, força e
muita fé

Velho Chico, vamos todos te aplaudir

Você é oásis no deserto

Você é o leite desse chão

Que alimenta esse povo sofrido na palma da
mão

Velho Chico, quantas caras você tem?

É a arte mistério das águas?

Canoeiros que vão e que vem

É o ciclo da vida na rede do homem de
bem.

Velho Chico sei que demorei pra lhe
escrever

Esta carta contando minhas mágoas,
minha solidão

Minhas águas é o choro de um povo,
Esquecido aqui nesse lugar

E a tinta é o sangue sertanejo não posso
negar

Velho Chico apesar de tudo quero lhe dizer

Já ouvi muita gente que fala e canta você

É a arte diária de um povo,

que não senta um minuto sequer

Que agarra com jequitinhonhas, força e
muita fé

Velho Chico, tem cultura aqui também

Tem artistas que cantam o vale!

Artesãos que andam nesse trem

São poetas gritando pro mundo com a força
que tem!

Velho Chico, vamos viajar além

Da janela jogamos a rede e verás a fartura
que tem

Festivais de verso e viola viajam no trem

Festivais de verso e viola viajam no trem

Festivais de verso e viola viajam no trem

JEQUITINHONHA O**CICLO DA VIDA****NINO ARAS**

**(Primeiro lugar no festival
da canção)**

Chora o criador e nasce o rio
Por esse vale imenso se
estendeu

Então daí a vida assim surgiu
Do chão brotou a flora que se
ergueu

Corre o rio para abastecer
O povo e depois se lavar no
mar

Beijar o céu e outra vez voltar
Cumprir o ciclo que se faz
notar

Olha- te no espelho dessas
águas

E veja o que ele tem pra te
dizer

Um rio que por ingratidão de
alguns

Atenta a violar o seu viver

As águas que refletem a
grandeza

Pureza d'alma de um povo
emana

Rio dos peixes grandes ainda
sonha

Ser de novo digno do seu
nome

Jequitinhonha

Que fez brotar a flor da
criação

Jequitinhonha

Que leva pelo vale da canção

TIJUCO PRETO**PEDRO MURTA**

Um tá escondido,

outro calado

Um tá perdido e

O outro parado

Não há mais nada a se
lamentar,

São coisas que ficaram pra
trás

Quero sair e me libertar

Alforria, pra outros carnavais

Tijuco é lama preta

Pedra firme, natureza, é
corredeira,

Banho de cachoeira

Pra se libertar

VEIO DE MINAS**VALDECIR TON**

Passarinho me contou
que vc voou

Junto com ele, voou, voou.

Duendes e fadas que vc
cantou

Junto com ele voou, voou

A sinfonia das matas,
o canto do sabiá,
na voz de um cantador,
todos paravam pra ouvir

Veio de Minas,
veio morar no mar,
trouxe as cantigas do povo
de lá (bis)

A natureza em pranto,
trovões vieram avisar,
que quando chove na terra,
um anjo o céu vem buscar

Veio de Minas, veio morar no
mar

trouxe as cantigas do povo
de lá (bis)

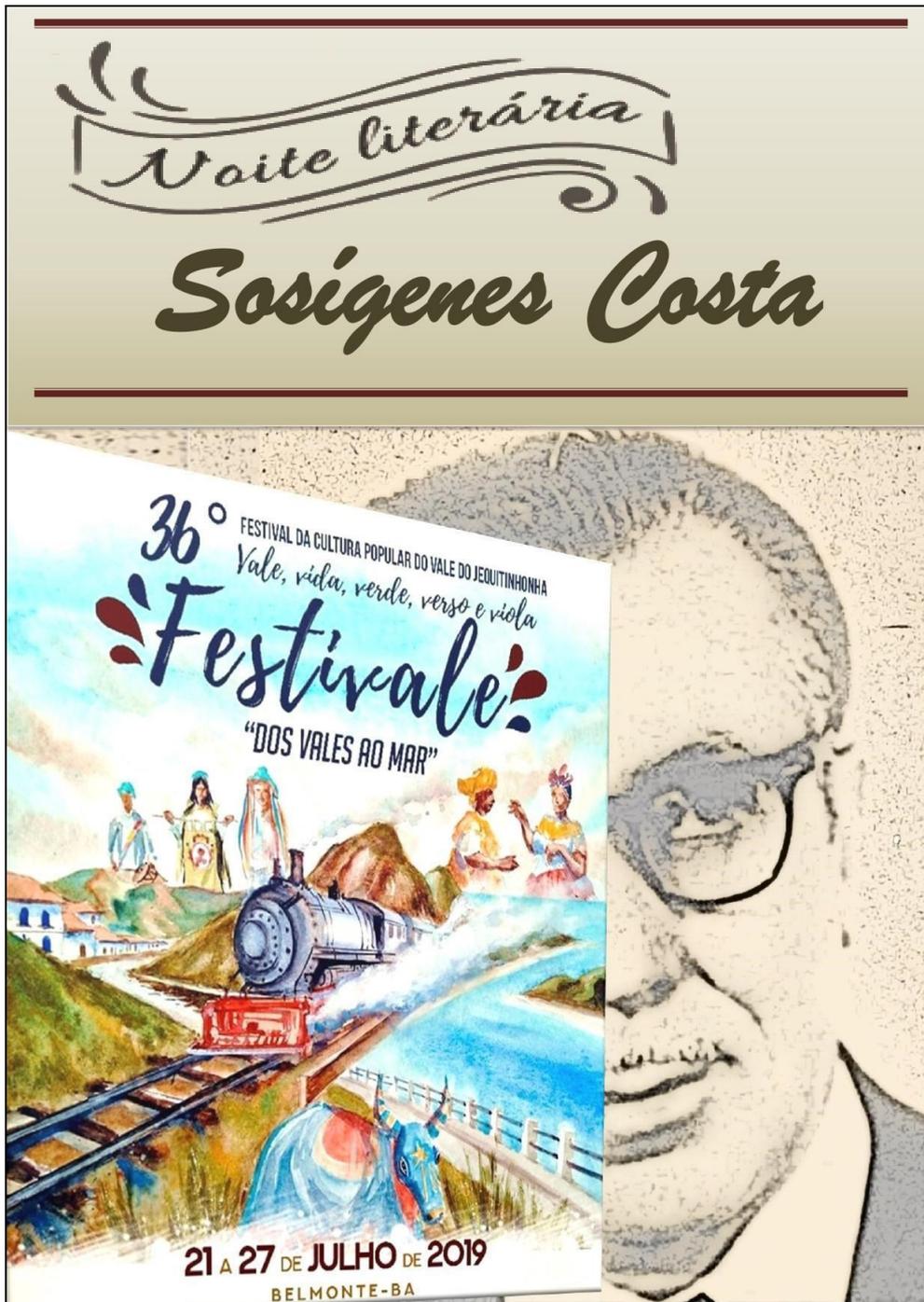
Compositores Marcos Aurélio
F Santana, Citon, Augusto
Junior

Uma homenagem a Dércio
Marques

ANEXO M - NOITE LITERÁRIA – BELMONTE 2019

(As letras utilizadas da noite literária para análise foram: **Alzira, Ela! Na escura 367:**
poesia **Travesti (Primeiro lugar na noite literária e melhor intérprete)** e **Joana Maria**
não viu as flores.

Premiadas: A Teoria da Admiração em segundo lugar e Vovó em terceiro lugar



A Noite de Gala do FESTIVALE

A Noite Literária é palco dos poetas do Vale que apresentam leituras literárias, que acontece durante o concurso de poesias, cujo objetivo principal é resgatar e valorizar a linguagem escrita como importante forma de manifestação cultural da região do Vale do Jequitinhonha, além de lançar novos escritores regionais, incentivando suas carreiras por meio de premiações (1º Lugar, 2º Lugar, 3º Lugar, Melhor Interprete), e também o momento de escritores lançarem seus livros ou produções voltadas à literatura.

O evento nasceu da inquietude daqueles que se dedicavam à escrita no Vale e não percebiam espaço para arte do escrever dentro de nosso evento maior, o FESTIVALE. Assim, em 1992, nasce no Festivale de Bocaiúva a 1ª Noite literária do Festivale. Para surpresa dos organizadores, para esta primeira Noite Literária, foram inscritos 56 poemas de 30 poetas, vindos de 13 cidades do Vale e foram selecionados 10 poemas. Os primeiro vencedores da 1ª noite literária foram: 1º lugar - **Leitura Viva de Drummond** (Advaldo Assunção Cardoso Filho - Diamantina), 2º lugar e melhor interprete - **Dicotomia** (Wellington Miranda - Jequitinhonha), e 3º lugar - **Tropical** (Rubens Pinheiro Espindola - Joáima).

E assim, ano a ano, a poesia toma conta do Festivale, e a Noite Literária se torna a grande noite de gala deste evento mágico. Em 2019, a FECAJE pela primeira vez lança o livro com os poemas concorrentes da 23ª Noite Literária, um marco para a produção poética do Vale.

Neste ano, homenageando o Belmontense Sosígenes Costa, a 24ª Noite Literária conta com o apoio do Movimento dos Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha.

Ao todo, já foram realizadas 23 noites literárias. Além da primeira, em 1992, em Bocaiúva, foram também realizadas em 1993, em Minas Novas; 1994, em Salto da Divisa; 1996, em Jequitinhonha; 1998, em Itinga; 1999, em Jordânia; 2000 em Bocaiúva; 2002 em Pedra Azul; 2003, em Medina; 2004, em Salinas, 2006 em Araçuaí, 2007 em Joáima, 2008 em Capelinha, 2009 em Grão Grão Mogol; 2010, em Padre Paraíso; 2011, em Jequitinhonha; 2013, em Medina; 2014, em Araçuaí; 2015, em Salto da Divisa; 2016, em Jequitinhonha; 2017, em Felício dos Santos; 2018 em Felisburgo.

Por Herena

Adaptado de: Jô Pinto (*Lu* registros do livro piloto sobre o Festivale) e registros da FECAJE

Noite literária
Sosígenes Costa

O HOMENAGEADO

Sosígenes Costa

Não sendo inteiramente desconhecido da crítica mais alerta ou do leitor de poesia mais bem informado, Sosígenes Costa ainda está à espera, todavia, daquele reconhecimento geral a que, pelo vigor e pela originalidade de sua arte, inegavelmente faz jus. [...] Sosígenes Costa nasceu a 14/10/1901 em Belmonte, cidade litorânea da zona do cacau, no sul da Bahia, onde fez os primeiros estudos e onde seria mais tarde mestre-escola. Mas a maior parte de sua vida passou em Ilhéus, onde ganhava a vida como telegrafista do DCT e Secretário da associação Comercial e onde escreveu quase toda a sua obra. Homem de temperamento retraído, avesso à autopromoção e vivendo à margem dos círculos literários, jamais se preocupou com reunir em livro seus poemas. Só em 1959, quando, já aposentado residia no Rio (cidade em que morreu a 5/11/1968), consentiu em publicar a OBRA POÉTICA (*lx*: Biografia da Obra Poética, Editora Cultrix)

Obra poética:

PAVÃO VERMELHO

Ora, a alegria, este pavão vermelho,
está morando em meu quintal agora.
Vem pousar com um sol em meu joelho
quando é estridente em meu quintal a
aurora.

Clarim de lacre, este pavão vermelho
sobrepui os pavões que estão lá fora.
É uma festa de púrpura. E o assemelho
a uma chama do lábaro da aurora.

É o próprio doge a se mirar no espelho.
E a cor ver melha chega a ser sonora
neste pavão pomposo e de chavelho.

Pavões lilases possui outrora.
Depois que amei este pavão vermelho,
os meus outros pavões foram-se embora.

lx: COSTA, Sosígenes. Obra poética. 2.ed. rev. e
aum. por José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix;
Brasília: INL, 197

Obra

Poética (1959), *Obra Poética* (1978, edição revista e ampliada por José Paulo Paes), *Irarana* (1979) e *Poesia completa* (2001). Sobre o autor: *Pavão, parlenda, paraíso: uma tentativa de descrição crítica da poesia de Sosígenes Costa* (1977), de José Paulo Paes; *O triunfo de Sosígenes Costa: estudos, depoimentos e antologia* (2004), seleção, organização e notas de Cyro de Mattos e Aleilton Fonseca (Global editora, 2019).



ALZIRA

Regiane Farias

I Mulheres que parem a vida
T A beira do fogão,
I A espera do pão,
N sonhando pela vida escolhida,
G por vezes, escondida.
A Alzira...
 Pare do barro, a vida,
 no café preto coado na cozinha,
 espera o filho, o marido
 E as crias, sozinha!
 Da lenha em meio ao sertão,
 A espera da luta
 diária desse chão,
 molda com as mãos
 na lida...
 História que por ela são vividas,
 Contadas a cada catada de feijão.
 É Alzira escolhida!
 Com um vestido da cor da terra,
 com o lenço bordado por ela...
 corta a laranja,
 panha a paina,
 faz chá de tudo que há,
 põe pra secar no giral
 as laranjas limas.
 No sol, Alzira põe a dor pra quorar,
 O leite pra quorar,
 carrega a força no andar,
 escanchado de lado... as crias.
 Quando não ficam com as tias.
 criada na talha,
 trançando as palhas,
 calos em uma mão
 de toda uma vida...
 Ei! Entre!
 Aqui tem garapa,
 dos canaviais das vidas caladas,
 das canas em que fui criada.
 Escuta o vento?
 Nele, me atento,
 fico aqui a espera de Alzira
 que carrego em tantas vidas,
 das mulheres que são santas,
 sertanejas...Alziras !

Noite Literária
Sosigenes Costa

**BICHO DA SEDA**

Moisés Guimarães

Eu falo da diletta semente
 Da qual brota a planta, a planta...
 A planta que alimenta o bicho
 O bicho que faz a seda, a seda...
 Seda que envolve a planta
 Essa planta que vira brasa
 E esfumaça o olhar do bicho
 Do pobre...
 E do louco...
 Ali mesmo ele clama
 Por compreensão, qualidade de vida e
 satisfação
 De cantar...
 O prazer inebriante e avermelhado
 Da emoção que faz a mente
 Discernir sobre uma razão para essa
 Dileta semente
 Da qual brota a planta, a planta...
 A planta que alimenta o bicho
 O bicho que faz a seda, a seda... ..e os
 sonhos...
 ...provenientes do passado
 Onde a dor e a solidão
 Eram conceitos esquecidos
 Pois só o amor fazia parte do poema
 Tempo de dança e muito mais o que se queira
 O artista, parte integrante do esquema
 Impedia que a ganância, a falsidade do poder e
 a intolerância
 Desgastasse o coração do irmão
 Que traz no coração a...
 ...,dileta semente
 Da qual brota a planta, a planta...
 A planta que alimenta o bicho
 O bicho que faz a seda, a seda...
 E no lamento do compasso
 Se fugia do embaraço
 Na levada do sorriso
 Na cadencia do querer
 Na mística de um reggae...
 ...que cantasse a diletta semente
 Da qual brota a planta, a planta...
 A planta que alimenta o bicho
 O bicho que faz a seda, a seda...



B
 E
 L
 M
 O
 N
 T
 E

ELA! NA ESCURA 367: POESIA TRAVESTI

Ivis Alan Pereira



J Perambulando às margens da 367 vou
 E E dou. Dou-me aos sedentos de prazer,
 Q Aos nojentos por fazer
 U Fazer de mim seu objeto descartável
 I Para vomitarem o que a vida lhes faz querer.
 T Me transvisto todo dia, pra esse mundo fétido enfrentar
 I Pra ser rejeitada pela vida, pra sofrer e ainda assim estar bonita
 N Pros imundos me entregar.
 H A dor que eu carrego no peito é maior que a minha culpa
 O O fardo que levo nas costas, me sufoca, me insulta
 N A angustia que me atormenta, me dói mais, muito mais, que ser chamada de puta.
 H Meu choro já me nega o bálsamo, há sangue meu naquele asfalto!
 A Ele escorre, e corre. E antes que venha a coalhar, mais um soco, mais pauladas, essa trava vai levar.

Rotineira é minha dor

Minha cara sabe o que é tapa, minha barriga sabe o que é a fome
 Meu olhos sabem o que é choro, meu pulso o que é uma navalha.
 Essa mesma, que uso pra me defender, que faz os valentões correr
 É a minha fiel arma.

De que adianta ser chamada humano, se a dor que sofro só me faz uma coisa?

A coisa imunda, pobre, preta e bicha, o regurgito dessa gente escrota.

A minha sina é morrer calada e indigente na **BR** suja

E suja até a minha alma cala, por me lembrar de todas as surras

Que a vida dá, que pai me deu, que o mundo anda dando

Deu em Dandara, deu na Erica, na Ticiane

E mesmo a Bruna, que intervindo foi, morreu de tiro, bem no silicone.

Eu só queria ter a minha história

Contada com sorriso e alegria

Deixar no mundo marcas de esperança

E descansar dessas minhas feridas.

Mas a Maria que me atira pedra

E o Joaquim que me grita: bicho!

Me atordoam com papo de inferno, me tacam lâmpadas e me jogam lixo.

Ser feliz pra gente como eu

É impossível, é coisa que não existe

E mesmo que eu lute contra tudo

Ser estatística, aberração, homem depravado e talvez fetiche

Será o que me restará nessa vida pobre e triste.

O meu grito é sempre calado, a minha luta é silenciada

Só me veem como a figura cômica, só sou aceita sendo engraçada

E o que tem de engraçado em mim, que nem dos 35 anos poderei passar?

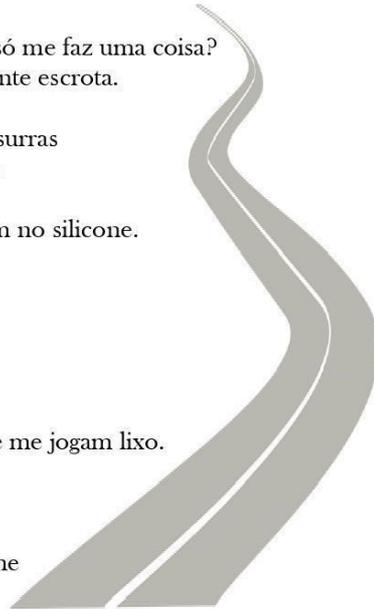
Que estou sendo morta a cada dia, em praça pública, onde quer que eu vá.

E como podem rir de uma travesti, que tem arrancado o seu coração?

Que apanha e é levada em uma galinhota, que some e não dá explicação.

Coisificada, eu fiz resistir. Desamparada, eu permaneci.

Abandonada, morta, exposta e fria. Putrificada eu fiquei aqui.



E quem é ela outrora anunciada, que na 367 pôs-se vagando a penar?
 Qual é o seu nome e seu endereço, onde ela habita, onde é que está?
 Ela não sou só eu, ela é plural e aqui se apresenta
 Elas, bem mais que pronomes são
 Pessoais demais para em uma só serem representadas.
 Machonas demais para serem mulheres, efeminadas demais para serem machos.
 Neutras demais para serem artigos, mortas demais só por serem quem são.
 Assim é a vida das quem frias se fazem, das que fortes permanecem e estão, aqui.
 Essa é a vida da diversa e ainda assim tão singular
 Da que é impar e é par, da closuda travesti.
 Ela está em cada esquina nossa, na BR é sua morada
 Ela é a dama da noite, a meretriz maior da madrugada.
 Ela gente como qualquer um, ela é vida, também é amor
 Ela se cansa, come, vive, dorme, ela sente, sente muita, mas muita dor.
 Parem de nos matar!

METRÓPOLE QUALQUER

(Homenagem a Carlos Drummond de Andrade)

Tadeu de Oliveira



C
A
P
E
L
I
N
H
A

Barracos sob viadutos
 mulheres vestindo lutos
 clamar temor gritar.

Um motoboy vai depressa.
 Uma ambulância vai depressa.
 Uma radiopatrulha vai depressa.
 Apressadas... as janelas fecham.
 Êta! A vida continua besta, meu Deus.



JOANA MARIA NÃO VIU AS FLORES

Edelvan Alves



Cama, mesa e sexo.
 Banho só nas horas vagas,
 que já não tem agora.
 Miserável tentativa de existir.
 Joana Maria, menina-mãe, interrompida,
 violentada e refém de indesejável sina.
 Treze primaveras sem cor alguma.
 Segue a dança das horas,
 que espalha cacos no caminho
 que só ela trilhará de volta.
 Pés descalços, esperança vencida.
 A prole, órfã de pai vivo, sempre atrás.
 Puxa as saias, arrasta, coloca a menina em seu lugar desleal.
 De segunda a sexta apanha, sábado e domingo enlouquece.
 Na esteira onde se revira de noite,
 descansa sozinha sem direito a sonhos,
 para em outro sol se cansar de novo.
 Renasce fênix até o fim da outra noite,
 usada para sádicos fins sexuais,
 completamente alheios à sua vontade.
 Seus planos de fuga desabam sobre a toalha molhada,
 que deixa marcas no cerne, que ainda insiste.
 Os golpes lançam Joana contra o chão,
 cheia de sonhos e aspirações, agora inúteis.
 Dentes quebrados, sangue, cuspe e poeira.
 “Ele me disse que eu seria sua mulher, só sua...”
 Sim, ele disse.
 Quem é ele? Quem é Joana agora?
 “Eu só queria ser mulher, não precisava ser de ninguém!”
 Ela não teve tempo de ser mulher.
 Não teve tempo de ser ninguém.
 Seus anseios se estreparam,
 tal qual o amor, bicho instruído de Drummond.
 Calejada, cheia de cortes na alma,
 tenta outros cortes nos pulsos, que teimam em gritar.
 Um filho berra pedindo o peito, outro querendo colo.
 Adia os cortes para amanhã e segue sua estrada,
 a única que lhe foi dada, mesmo sem saber onde vai dar.

C
A
P
E
L
I
N
H
A



PRECE RIBEIRA!

Gabriel Abade

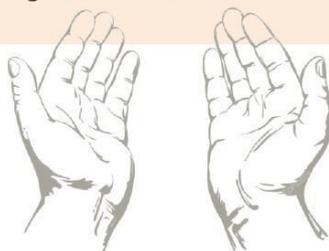
Água de todos os santos
 Passe por todos os cantos
 E neste chão araçado, vista-se de todos os
 mantos.
 Tens águas mansas que açalham meus cabelos
 E palmas brandas que o vento não sacudiu teu
 remanso
 pela manhã.

Fui marujo da tua correnteza
 E me deste a sétima voz do fandango
 Tens o mastro central
 E minhas fitas lhe vão trançando

Ó, rio;
 Vês se não és divino!
 Pois, abençoa-me o coração,
 e no teu deitar infindo,
 Agracia-me com o descanso.
 O passe que me concedes
 e a benção fortalecem meu espinhaço
 Vêm de montanhas distantes que com Deus
 encontram.

I
 T Alisa-me a pele e apaga minha sede
 A Se lhe abro a rede, ceva-me com o sagrado
 O peixe -farta-me a vida!

B
 I Agradece em prece,
 M Maria; no rebordo da janela, te saúda
 -Que este grande rio nos acuda!



Noite Literária
Sosígenes Costa

PÉ DE PASSARIM

César Macedo

C a irmã nossa
 A queria que
 R
 B fizesse
 O uma poesia
 N
 I sobre o
 T pé de passarim
 A

que havia
 nascido lá em
 casa de um dia
 pro outro

o pé antes
 de ser de passarim

era pé de pau doce
 mas ninguém sabe
 porque

deixou de dar a fruta
 com sabor de raiz

pra dar passarinhos

o pé antes
 dava gosto
 no paladar

mas agora
 põe gosto
 nas vistas

irmã nossa
 que fez esta
 poesia, pois

foi ela quem
 descobriu o
 pé de passarim



SER POETA

Virgínia Baracho

D Eu queria ser poeta,
I Ter grandes inspirações.
A Saber expressar em versos
M Dor... Alegria... Emoções.

A O poeta fala com as flores.
N Conversa com as estrelas,
T É dono de todas elas,
I Mesmo sabendo não tê-las.

A Enamorado da lua,
Venera a sua beleza.
Chama a noite de sua,
Exalta a natureza.

Canta o amor em seus versos,
Despreza o ódio... A ambição.
Traz na alma um universo,
Há paz em seu coração.

Ama tudo que é belo,
Vive com intensidade,
Aprecia o que é singelo,
Proclama a sinceridade.

Ser poeta é algo mais
Que fazer versos... Rimar...
É ter a poesia na alma,
Ter sonhos para sonhar.

VOVÓ

Karine Silva

B Vovó:
E Quando colocaram o cartaz de venda na janela da sua casa
L Me dei conta que de verdade você estava morta.

O Do lado de dentro
H A persiana fechada a tudo o que dá
O Ainda deixa passar uma fila de pedaços de sol falido
R Em muitos círculos em cima do teu armário
I como fractais laranjas e dourados.
Z
O
N
T
E

A TEORIA DA ADMIRAÇÃO:

Guilherme Stühr

Quando eu parar para ver as flores, saberei, então,
que minha busca, enfim, cessara
Quando eu parar para ver as flores, minha constante
e sorradeira paranoia silenciosa que, de tanto ser,
acaba não sendo, se tornará, após tamanha espera,
finalizada

Tornarei-me o que se diz ser vivo, e viverei despido
de importância, notícias de primeira página e bailes
de formatura

Tomarei um chá da tarde com as pedras cobertas de
musgo com as quais convivi no início de meus anos,
e trocarei fotos de infância com meu reflexo no
espelho de minha finada vó (que Deus a tenha)
Quando eu parar pra ver as flores, não por imagem
própria, ou por querer agradá-las de certa forma...
Não por desejo de conquistar a atenção de outro
alguém que também o faça, ou para que o mundo
veja o quanto as amo...

Mas, por simplesmente acha-las belas e querer
contemplá-las
Sem mais...

E somente assim

Quando eu parar pra ver as flores simplesmente por
vê-las, saberei que te encontrei

P
A
D
R
E

P
A
R
A
Í
S
O

Tudo que você tinha
 Eu sempre achei velho:
 As xícaras de porcelana
 As bandejas de prata
 Os copos de vidro amarelos tempo
 A Bijou que vc chamava joia
 O pote de talco com uma esponja usada
 Seu colchão duro que você nunca quis mudar
 A fronha do travesseiro tecida com flores de lã
 A tua escova de cabelo cinza
 apoiado no móvel de madeira escura.

Agora eles se transformam em objetos anacrônicas
 De um tempo diferente
 Que me fala
 Como se pudessem iluminar a minha história
 Decorar minha casa com um estilo vintage
 Com um valor histórico
 Brilhante vivo
 Relacionado a nós.
 Agora sou eu a que se senta
 onde acabam as escadas
 E te invento
 Com poesia um feminismo.

Observo pra dentro
 Teu dente pintado de vermelho
 E escuto
 No silêncio absoluto da tua casa.
 Sua voz cantarolando uma música desconhecida
 Porque você nasceu o dia da música.

A tua casa não é uma casa abandonada
 porque tem teu cheiro
 Como se você tivesse perfumado pra sempre
 Os azulejos da cozinha.
 E a vida
 E as flores
 E as plantas
 Ainda crescem no teu quintal.





Saudações culturais!

A FECAJE - Federação das Entidades Culturais do Vale do Jequitinhonha e a Comissão organizadora orgulhosamente apresentam, para os moradores e amigos, a Noite de Gala do 35º FESTIVALE, a Noite Literária Sosígenes Costa.

A NOITE LITERÁRIA é um projeto realizado no intuito de celebrar a riqueza da palavra e da poesia de nossa Terra, valorizando e estimulando a criação artística. Os moradores e amigos do Vale foram, nesse dia 23 de julho de 2019, presenteados com uma noite de poesia, entrelinhada nas melodias, nos causos, nos poemas e na magia cotidiana do Vale do Jequitinhonha.

Agradecemos por fazer parte de mais esse marco na nossa história.

Cordialmente

Equipe de Coordenação da Noite Literária Sosígenes Costa

Herena Claudio Bento Cida Almeida Cássio Catuji Vanderleia Fontorlan

A Fecaje Diretor Executivo - José Augusto Francisco Pereira
 Diretor Executivo Adjunto - Maria Aparecida dos Santos Queiroz
 Diretor Administrativo - Cristina Gonçalves de Aguiar
 Diretor Administrativo Adjunto - Nilson Flávio Vieira Costa
 Diretor Financeiro - Andrette Ferraz
 Diretor Financeiro Adjunto - Jardel Mendes

Proibida a reprodução integral ou parcial sem prévia autorização dos organizadores, baseado na lei 9610 de 1998.

Organizado por Herena Barcelos (informações fornecidas pela FECAJE)
 Arte do Cartaz Junior Karote
 Design de Capa Herena Barcelos
 Impressão Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Itinga



1ed. Itinga, Belmonte - 2019

36^o FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA
 Vale, vida, verde, verso e viola
Festivale!

REALIZAÇÃO:



APOIO:



PARCERIA:



“

[Sosígenes Costa]
 Poeta do mar, poeta
 do cacau, poeta social
 marcado por seu
 tempo, tão requintado
 e ao mesmo tempo tão
 popular, pois grande
 parte de sua obra se
 baseia na vida do povo
 e dela se alimenta –
 folclore, hábitos,
 expressões
 humanismos – ele
 ficará nas nossas letras
 isoladas que se
 destacam na floresta.

Jorge Amado

ANEXO N – FESTIVAL DA CANÇÃO - SERRO 2020

MÚSICA: NÃO CHORA VIOLEIRO

**COMPOSITOR: WELINGTON PEREIRA DE
SOUZA (DENTI)**

**INTÉRPRETES: WELINGTON PEREIRA DE
SOUZA (DENTI) E SÉRGIO HENRIQUE
BIAZIN OLIVEIRA**

Não chora violeiro senão a viola chora

Não chora violeiro senão a viola chora

Nosso canto é com alegria, mandu chororô
embora

Nosso canto é com alegria, mandu chororô
embora

A São Gonçalo a promessa, meu Deus pontiã
viola

A São Gonçalo a promessa, meu Deus pontiã
viola

A viola é nossa sina que nem água no monjolo

A viola é nossa sina que nem água no monjolo

Arrumei outro trabalho pra mó de largá a viola

Arrumei outro trabalho pra mó de largá viola

A danada veio comigo, passiã no meu serviço

A danada veio comigo, passiã no meu serviço

Já foi o canto de roça, meu Deus guardei as
enxada

Já foi o canto de roça, meu Deus guardei as
enxada

Ê tempo que é passageiro, quem foi já deixou
saudade

Ê tempo que é passageiro, quem foi já deixou
saudade.

PÁTRIA AMADA

MILLTINHO EDILBERTO

O que fizeram do meu País?

Tingiram as águas do rio
acabou-se o que era doce
mata virou labareda
até o matuto foi-se

foge macaco, bicho do matto
corre povo ribeirinho
indio, caboclo, negro, mulato
do mar até o riozinho

Leito, regato, o olho d'água nascente
sertão e cerrado, tudo está por um fio
o que será dessa gente?

O Curumim chora, assustado

onde está a mãe gentil?

O invasor anda armado

é uma guerra civil.

Quando eu era menino, o mundo era diferente
havia guerra, mas havia arte em toda parte da
terra

do nosso país gigante, maior está sendo o tombo
a Amazônia virando pó...Aldeia, Sitio, Quilombo
e sobre as cinzas, paira um fuzil

Pátria armada, Brasil!

TÍTULO DA MÚSICA: PETRICOR / COMPOSITOR/INTÉRPRETE: SÉRGIO BIAZIN

Fim de tarde, cai a chuva
 Vem lembrança, sai tristeza
 Leva esperança pra quem planta
 O tempo é quem dirá, o que pode acontecer

Virá um dia, virada noite
 Faz serenata, sonho e amor
 A natureza em sua harmonia
 Se faz nesse show de cada dia

Em minha voz, um pranto sem canto

Que cai na dança
 Em cada gota de chuva
 Um ponto de esperança

Deixo ela me levar
 Lavar minha alma, benzer
 O resto deixa acontecer pra ver

Deja inundar, parará
 Queira moiá iáíá
 Lá do lado de lágrima
 Que vem do céu, diz água
 Rio que vai correr para o mar
 Fim de tarde, cai a chuva
 Vem lembrança, sai tristeza
 Leva esperança pra quem planta
 O tempo é quem dirá, o que pode acontecer

Tocar o dia,
 Ouvir e ver a noite,
 Provar o don
 Que cheira a Petricor
 A natureza em sua harmonia
 Se faz nesse show de cada dia

Naquele dia (deja moiá)
 O que existia (não dá pra cantar)
 O que vivia (era mais, bem mais, que um som)

CANÁRIO CANTA
DUCA FURTADO, DAN SOARES E ZÉ MARTINS

Eu já vou embora
 Levo a saudade na mala
 Nos guarde Nossa Senhora

Pés estra afora
 No peito pleno a promessa
 Que já chegou nossa hora

Eu quero vê-lo na areia
 Sentado no rio, na beira
 Sob a luz da lua entre a mata
 Viver canário do reino
 O mundo inteiro um viveiro
 Cantar pra quem quiser ouvir

Bem-te-vi, sabiá, curió
 Patativa, udu e jaó Refrão 2x
 Ê, canário canta

Mínas
 Milhas de chão
 Mínas
 Milhas de amor
 Eu vou-me embora pra Mínas Gerais

É que a saudade já levou minha paz
 Meu peito é puro lamento
 Vou pra casa ê, meu senhor
 Ter no abraço dos meus o calor
 Vou pra casa ê, meu senhor
 Ter no abraço dos meus o calor

Eu já vou embora
 Levo a saudade na mala
 Nos guarde Nossa Senhora

Pés estra afora
 No peito pleno a promessa
 Que já chegou nossa hora

Eu quero vê-lo no rio,
 Cantando na beira macio
 Sob a luz da lua entre a mata
 Viver canário do reino
 O mundo inteiro um viveiro
 Cantar pra quem quiser ouvir

Bem-te-vi, sabiá, curió
 Patativa, udu e jaó Refrão 2x
 Ê, canário canta

Mínas
 Milhas de chão
 Mínas
 Milhas de amor

Eu vou-me embora pra Mínas Gerais
 É que a saudade já levou minha paz
 Meu peito é puro lamento
 Vou pra casa ê, meu senhor

Ter no abraço dos meus o calor
 Vou pra casa ê, meu senhor
 Ter no abraço dos meus

CARTAS MARCADAS**COMPOSIÇÃO: LUIZ BIRA / TALES****MARTINEZ**

Sou curinga nesse jogo, qualquer naipe satisfaz
 Apaguei de vez o fogo, que me ardia sorrateiro
 Num instante tão voraz, eu me dei foi por inteiro

Sobre espadas afiadas, de repente pinto o sete
 De mãos cheias, mas atadas nas estradas da
 loucura

Sem um trono, sou valete
 Cavaleiro de armadura

Cada um sabe a sequência, qual a trinca que
 destranca

E qual crime lhe compensa, entre a dor e a
 alegria

De quem teve carta branca, por estranha ironia

Uma carta delimita, de Alice toda a sorte
 Às de ouros em pepitas, a miséria posta à mesa

Seu país procura um norte
 E a rainha, segue ileisa

PÉROLAS DA CRIAÇÃO**AUTOR/INTÉRPRETE: TAQUINHO DE****MINAS**

Abri a janela do quarto,
 Ouvi cantar o rouxinol,
 Vejo no meio do mato,
 Meu doce regato,
 Onde brilha o sol!

Saí descalço no terreiro,
 Colhi a mais bonita flor,
 Parto da minha palhoça

A caminho da roça,
 Feliz lavrador!

Fonte que murmura,
 Fruta bem madura,
 Do trigo vem o pão;
 A chuva cai do céu,
 Abelha faz o meu,
 Pérolas da criação!...

(DES)ÁGUAS DO JEQUI**COMPOSITORA/INTÉRPRETE: JOYCE****SANTOS**

Meu Jequi, estou aqui
 Pra lhe falar: Não sou nada sem ti
 Nasce aqui e segue, então
 O seu caminho lá pro sertão

[Pré-refrão] Sertão simples chão
 Ser tão rico chão

[Refrão] Sai daqui pra desaguar
 Nas águas lá do mar
 Sai de Oxum pra desaguar
 Nas águas de Iemanjá

O Jequi, com peixes mil
 Nos rincões do nosso Brasil Nasce em ti tudo o
 que há

De mais belo pra nos encantar

[Pré-refrão] Encantar com poesia
 E cantar sua poesia

[Refrão] Sai daqui pra desaguar
 Nas águas lá do mar
 Sai de Oxum pra desaguar
 Nas águas de Iemanjá

SOL DE CLARA

**COMPOSITOR: MÁRIO LÚCIO /
INTÉRPRETE: ANABELLE LISBOA**

Amanheceu, clareou no meu sertão.

O sol de Clara, clareou, clareou.

Vou fazer um rancho, trançado de vara.

E amarrar com cipó, pra não ficar pior.

Vou semear o pó e fazer uma horta

Em volta da Palhoça, brilha ira girassol.

A tarde vem caindo, a noite vem chegando.

Vou arrastando pé pro que der e vier

Fazendo seresta onde der, der, der

VERDADE DIRETA

**COMPOSITOR – MARCONY GERALDO
COELHO ROCHA / INTÉRPRETE – PINGO
DO SERTÃO**

Às vezes eu me pego por aí andando viajando

Até onde que vai a ganância do ser humano

Eu poderia estar roubando

Eu poderia estar matando, mas,

Neste ramo já tem bastante político atuando

Mais olha pra você o despreparo

O prefeito e o secretario entraram em

contradição

A vida não é um jogo de baralho

Felicidade custa caro quando tem que ser

ladrão... Ladrão...

Tem carrossel “carrim” bate-bate chapéu

mexicano por debaixo do pano

Tem carrossel “carrim” bate-bate tem roda

gigante

Tem até elefante branco

Coronel boca de alicate cachorro que late

Ele usa cordão de dezoito

Quebra cabeça que não si encaixa

Segurança que mata

Assassinaram mais um negro lá no rio

Aonde já si viu

Oitenta tiros de fuzil disparado pelo estado

terrorista polícia milícia, político é ladrão.

Entre político e ladrão eu não sei quem é

bandido não

Entre político ladrão eu não sei quem é bandido

não

Quem mandou matar Marielle

Deve estar no Japão

SEMENTE DO AMOR**LETRA E MELODIA: NINO ARAS /****INTERPRETAÇÃO: ANABELLE LISBOA**

Vou plantar uma semente, na terra do coração.

E cultivar essa vida, com desejo de paixão.

Quem me dera nessa era, eu poder multiplicar.

Essa semente sincera, no meu peito aflorar.

E dela nascer mil flores, coloridas e cheirosas.

Pra toda gente sentir, seu aroma seu odor.

E depois se orgulhar, ser feliz, viver de amor.

Com a lágrima da emoção, vou regar com muito
zelo.

A MINA DOS GERAIS**Autor: Denisar Mota****Intérpretes: Julia Rafaela, Coral****Botumeninas****(Melhor Canção regional)**

Nasci no campo

Na vereda no muinho

E foi na vila das montanhas

Que vi o sonho

A luz da vida

Vi a lua que iluminava a rua

O sol tão perto

Ardente incerto

Lá de cima tudo vê

Lá em cima muda o clima

Lá em cima tem ouro, ouro das minas.

Pra cultivar a beleza, pra cultivar o respeito.

E do brilho dos teus olhos, fornecer a luz pra ela.

Pra crescer e resistir, essa flor tão forte e bela.

Pela vida e natureza, construir a liberdade.

Crescer juntos e entender, essa justa realidade.

E depois se orgulhar ser feliz nessa cidade

Espalhar por este mundo pra gente esquecer da
dor

Que consome e desgasta a raiz da fina flor

Nós ainda temos tempo, só cuidarmos com
carinho.

Que ela vai dar mil sementes, mil sementes de
amor.

Das Minas Gerais

Das Serras Gerais

Das serranias sem iguais.

Nasci no campo

Fui criada a beira de rio

E foi assim que descobri

No meu serrado

Cachoeiras

Passarada no arvoredo da Caatinga

O vento leste

O vento sul

Tantas nuvens no azul

Quatro Oitavas, Rio de Peixe

Bananal, Campina, Botumirim.

Das Minas Gerais

Das Serras Gerais

Das serranias sem iguais.

AGONÍLIA**COMPOSITORES: ACHILES NETO E MARCOS MARINHO****INTÉRPRETE: LAÉCIO BEETHOVEN**

Há três peixinhos lá no sertão
Convulsando forte no chão,
Sem dor e sangue que não produz leucócitos.

Ah! peixinhos esfomeados
Enrugados de seca vão
“Estabandar” a seca que protege o eutrófico.

Agonizam a própria morte
Batendo as nadadeiras falsa-forte,
Mortificados na temperatura.
Dura vontade de poder nadar.
Adentrando pelo racho,
Respirando o ar que vem da rachadura.
Racha-pele toda a sua envergadura
É pela fome de poder nadar.

Há um varão e dois resignados
Carregando aquele pesar,
Aprender a forma de viver entre os trópicos.

Ah! Só mais dois, um não mais é peixe,
Desencarna e já pode andar.
Vive em outra dimensão nos países nórdicos.

Verbaliza a própria vida
Avantajando o mar que vem de sua história.
Não há mar no mundo que lhe vangloria,
Além da poça “sertanejantista”.

Escarnece toda a vila
Que, de contos, faz o seu pestanejar.
Há peixes no mundo que não vivem em ilhas,
Há peixes que não conseguem mais nadar.

Redes e canoas não podem mais lhe raptar.
Há uma liberdade boa pra quem tem morada no
mar.

Liberdade de escolher um cantinho pra se
esconder
Sem pensar que chamarizes podem amadurecer.

À SUA ESPERA

**AUTORIA E INTERPRETAÇÃO: RONALDO
TOBIAS**

No chão da minha casa trago flores espalhadas

Pra enfeitar tua chegada

No meio do terreiro trago a Lua prateada

Pra clarear tua chegada

Um sorriso aceso e um olhar lacrimado

E o mesmo amor guardado só pra te dar

Na entrada da varanda uma viola ponteada

Pra alegrar tua chegada

Uma vela acesa aos pés da santa venerada

Pra abençoar tua chegada

Pois quando você chega toda casa é alegria

As crianças correm soltas, nossa cama nunca é

fria

Vem trazendo afetos que há tempos não sentia

Invadindo toda a sala com teu cheiro forte de

amor

CANTO DE REZA

**COMPOSITOR/INTÉRPRETE: LUIZ
HENRIQUE SANTOS ANNUNCIATO
(HENRIE)**

Tuas mãos são barro

Que vem da terra

Teus pés são pedras

São Sertões de estrelas

Teus olhos são espelhos d'água

Que transbordam rios

Inundam cachoeiras

Canto de reza

Minha mãe, terra

Ê, mulher, iê, iê, aiê

Mãos de fé, iê, iê, aiê

Poesia:

Das forças que transpassam as febres

incessantes

Que transformam em rios, diamantes e belos

horizontes

E é Ser, o Serro do cerco da terra

Das veredas, das igrejas, terreiros, rosários e

favelas

Da mulher: o berço da força da matéria

Mãos fortes, sustentam com o corpo, o corpo

oco da terra

E renasce com mil histórias e feridas na pele

Bravejos em formas de cantos

E é de reza, o barro do canto e a fonte

Canto de reza

Minha mãe, terra

Ê, mulher, iê, iê, aiê

Mãos de fé, iê, iê, aiê

CRENDICE**COMPOSITOR/INTÉRPRETE: HENDRICK SOUZA**

Como já dizia Crendice,
 Manga com leite é veneno
 Sandália virada gora a mãe
 Orelha queimando fique atento.

Se tá nervoso água com açúcar
 Contar estrelas dá verruga
 Coloque a vassoura atrás da porta
 Se chegar visita que te incomoda.

Quem foi que disse?
 Foi Crendice,
 Crendice foi quem disse!
 Quem foi que disse?
 Foi Crendice,
 Crendice foi quem disse!

Blusa ao contrário dá azar
 Se correr de costa a vida atrasa
 Suco de caju aperta o “toba”
 Senão quiser de caju tem de goiaba.

Quem foi que disse?
 Foi Crendice,
 Crendice foi quem disse!
 Quem foi que disse?
 Foi Crendice,
 Crendice foi quem disse!

Olha o bolo
 Dentro do forno
 Olha o bolo
 Saindo do forno
 Quem foi que disse?

Foi Crendice,
 Crendice foi quem disse!
 Quem foi que disse?
 Foi Crendice,
 Crendice foi quem disse

CORAÇÃO DE JEQUI**AUTOR/INTÉRPRETE: LUCIANO****TANURE****(Primeiro lugar no Festival da Canção)**

Nascente que brota aos pés da gente

Presente do vale, meu senhor

Céu limpo ou nublado, o sol ardente

O rio lava todo seu suor

O índio que antes caçava peixe

Armou o jequi pra poder pegar amor

É tempo de seca e no meio do povo valente

De longe, eu vi mestre Antônio tocando

tambor

Ah Jequitinhonha!

Pedaço de mim, meu lugar é aqui

No Jequitinhonha

Onde eu for eu te levo no coração, meu

jequi

FORRADA DE CHITA”**INTÉRPRETES: WILLER DURVAL****LEMONS COELHO / EDIMILSON****GERALDO APARECIDO FERREIRA /****JAIME JUNIOR ROCHA**

Cabocla cor de canela

Tem sabor de Gabriela

Seu corpo todo suado no forró mais

animado

A noitinha no leilão

Bela mesa inteira forrada de chita

O forro dança no corpo

Seu vestido é uma canção

Meu coração derramou

na chita de flor pequena

colorida que nem pena

de arara do sertão

Zêa, zabumbeia, zabumbeia, zabumbeia

Zêa, zabumbeia, zabumbeia, zabumbeia

A chita dessa menina

SEMEADURA: PROFISSÃO DE FÉ**AUTOR/ INTÉRPRETE: TADEU OLIVEIRA**

Arado na mão
 Caboclo prepara o chão
 Semeia a semente
 Sacia a fome de sua gente
 Bate o sol que faz germinar
 Cai a chuva que faz brotar
 Põe o adubo que faz crescer
 E fruto florescer
 É terra transformando em fruto
 É tudo que a terra dá
 Suor de caboclo
 Falta de chuva
 Prece do povo
 Esperança de colheita
 De fartura que a terra dá
 Que pode dá
 De fartura que pode dá
 Que a terra dá

INFLUÊNCIA NAGÔ**COMPOSITORES: IVAN PESTANA E****MARCO AURÉLIO PÉROLA****INTÉRPRETE: IVAN PESTANA**

Já ouço o tambor do congado
 Parece que meu coração
 Hoje pulsa mais fora do peito
 “Tum Tum Tum” Negro vem do grotão

O sangue que corre em tuas veias
 Carrega marcas de um tempo vilão
 Tempo em que o solo era rubro
 Tempo de guerra e opressão

Canta Filhos de reis, que vieram do mar.

Trazendo consigo proteção divina de Oxum e
 Oxalá

Canta e dança Negro guerreiro, salta e gira no
 ar.

Toca forte o tambor Influência Nagô

Rainha do Rosário a quem o Negro Coroou
 Canta e dança pra libertar, canta e dança pra
 Iemanjá.

Negro teu cabelo é tão firme, quanto a tua
 honra.

Canta e dança pra libertar, canta e dança pra
 Iemanjá.

Toca forte o tambor Influência Nagô
 Rainha do Rosário a quem o Negro Coroou

Rio Jequi!

E o Jequi?

Nona vila no ciclo do ouro
 Na estrada uma história real em Minas Novas

O Grande rio mar mistura raças e tribos

E cria uma nova Nação

Um povo forte aguerrido

Jaz oprimido pela europeia civilização

Um povo forte aguerrido

Jaz oprimido pela europeia civilização

Lê Lê Lê...

TODOS OS RIOS DO MUNDO
Compositor/ Intérprete: Paulo Antunes

Essas águas que caem em silêncio no Nilo

No meio da noite
 Devagar delineiam o corpo do Ganges
 Vão sem avisar

Amu Daria entre o Azul, o Amarelo e o
 Vermelho
 Tapajós Orage,

Essas águas que caem em silêncio em Chico

São como sementes
 Fios finos que tecem o colo de Lena
 A sobressaltar, a sobressaltar

Mississipi, Del plata, Danúbio, Yi, Reno
 Wei, Congo, Murray

Desaguero, Maritsa, Loa, Zambeze,
 Mapocho, Mekong

Certas lágrimas caem como lesmas no

tempo
 Ao manto do Negro
 Um Xingu, Bravo, Eufrates ou Tigre do
 Peixe
 Inda vão rosar

Tejo, Niger, Pó, Tamisa, Dom e Limpopo

Cunene Uruguai
 Jequitinhonha Xi
 Zavkhan Hamza,
 Apa, Alma, Drá

Gotas-faces que saem ao destino do vento

E quem peita Volga?
 Amazonas sem asas que voam sem medo
 Não vão mais cessar, não vão mais cessar

Maputo Irtich, Kolimá Iguaçu Apurimac
 Jamapa,
 Bramaputra, Ob, Indo

Ural, Jordão, Teshio Pina
 Paropeba, Li, Lomami, Iça, Sena, Roe
 Sagua la Chica
 Sim todos são Doce
 Sabem transbordar

Todos os rios do mundo
 Sabem transbordar

ANEXO O - NOITE LITERÁRIA – SERRO 2020

JEQUITIANO

JOTA NERIS

Trago a grande alegria
 derna do tempo deu minino
 de abrir essa boca
 onde estiver pra falar o meu destino,
 na preguiça da calmaria ou contenda do
 barulho
 sempre tive um grande orgulho
 de ser um nordestino.
 Alegria não é dívida
 que a vida me cobra
 nas andanças praqui, prali, pracolá,
 mil rastos e manobra,
 uma parada, um amigo pra escutar
 histórias pra contar
 eu tenho de sobra.
 Sou duma terra que o home é sofrido
 mas num aceita vivê de resto
 come o diabo que o pão amassô,
 trevessado, indigesto
 ganha pôco, trabaia muito, num cochila
 e quando drome é de consciência tranquila
 de ser honrado e honesto.
 Nasci no Mergulhão, Aracatu
 isso falo sem engano
 ser tão inclemente a seca
 rastreado por um sol tirano
 com lágrima ou sorriso no rosto
 sempre tive um grande gosto
 em dizê que sô baiano.

Depois, moro onde o povo é bem pra frente
 balanceia, remexe e sonha,
 empina o nariz, credita que é mais
 alça altos voos sem cerimônia,
 sou gente de coração entregue
 sou o povo festeiro, alegre
 do Jequitinhonha.

Meu Jequi é um inteiro em três pedaços
 bebe a água da mesma fonte
 é Rio, é Vale, é Cidade
 enleados na mesma ponte,
 essa certeza não tem erro
 o mar beija Minas no Serro
 com um caso de amor em Belmonte.

Já me chamaram de baianêro,
 isso eu num sei não
 oxente, sou baiano de nascimento
 mineirim, uai, de coração,
 essa verdade é simples assim,
 Bahia e Minas dentro de mim
 na mesma proporção.
 Sou um grande privilegiado,
 abençoado por inteiro
 duplamente nordestino,
 de gente humilde eu sô pacêro,
 minhas riquezas são plurais
 sô do Nordeste de Minas Gerais
 e do Nordeste Brasileiro.

Fertuchão

PLANTIO POÉTICO

JUCILENE DE LOURDES VIEIRA

(PRIMEIRO LUGAR NA NOITE LITERÁRIA E MELHOR INTÉRPRETE)

A minha poesia
É muito mais do que simples poesia...
Ela é flor plantada na bacia
Deixada na varanda da alma
A perfumar o dia...

A minha poesia
Já se fingiu de clássica
E adentrou palácios
(Pela porta da cozinha)
Satirizando a realeza
E zombando da burguesia...

Essa mesma poesia
Escrita em papel de pão
Já se fez panfletária
E invadiu a rua,
Sem maquiagem,
Despida de adornos – quase nua
E gritou pela democracia!

Essa minha poesia – corajosa que só ela,
Também já entrou na roda
Gingou na capoeira, toda bela...
Dançou lá no terreiro
E se deixou ecoar
No ritmo do tambor de folia...

É! Quanta história há nas entrelinhas
Dessa minha poesia...
Que nunca se deixou rimar
Com a farra da tirania...

E olha lá, no meio do salão,

A minha poesia
Está rodando de mão em mão
É, hoje, mais do que nunca,
Instrumento de luta...

E se torna lenço, para quem chora...
E se torna ombro, para quem implora...
E se torna alimento, para quem precisa de pão...
Não o pão e circo – onde é farta a hipocrisia,
Mas o pão da partilha, da luta do dia a dia...

Ah! Essa minha poesia
De repente se torna líquida
E goteja no papel
A tinta que se torna sangue
Dos negros, dos pobres, dos desvalidos,
Dos frágeis, dos tantos e tantos oprimidos...

E ela, essa minha tal poesia
Rebela-se na pós-modernidade
E começa a crer na força
Da palavra Sabedoria

E, ao final do dia,
Ela se veste de verde
Torna-se a flor da esperança
Replantada em novo adubo
Na frágil e velha bacia...

DESENHO DE MÃE NO QUADRO PARNASIANO

KARINE SILVA

Carregava a cesta na cabeça e ia, tinha 4 crias. Faxina como ninguém fazia, tinha mãos de anjo, sinhá dizia. Tinha mãos de ama, dizia a menina. Fato é que pra mim, tinha mãos de mãe. Seguia a rua na luta que a vida impunha sem freio e guela abaixo descia. Nem pão nem saliva. Aguentava calada, magrinha, tadinha. Tinha o corpo esguio de quem se esconde do frio que o mundo guarda. Nunca abaixou a guarda, tinha medo de guardas, mas sempre andava com um guarda-chuva para quando o toró insistisse em cair.

Dizia pra eu me atinar, que tudo era questão de escolhe, entre me esconder ou molhar. Tinha uma sabedoria impar. E enquanto tecia tapetes, me esperava deitava na rede que ela mesma teceu. também teceu sonhos, me queria doutora de direito, mas eu, quem sempre fiz tudo tão errado, acabei que errei, de prédio.

Ela era feito cigana, já morou em vários cantos,
do cabana ao independência, independente sempre foi
de homem e de dinheiro

Cheia a lata na cabeça, seguia vazia, a lata na cozinha.
dona de casa, da nossa e dos outros, sempre chegava com uma sacola de pão
e apesar da insonia dormia
dormidos
ela o pai e o pao

e eu sem nem pregar os olhos, com medo da peça que a vida pregasse... me envelheci rápido demais!
aprendi com ela a força de onça, não me criei doutora de direito, mas professora. de lápis e caneta.

De tudo, ainda tem as mãos de eva
um tanto calejada do caminho mas, com manjerição e cominho, tempero de ervas finas
dona mãe ainda tempera sorrisos.

e enquanto guarda na cabeça
lembrança de subir e descer vielas
carrega como prece, duas peças de blusa de frio
bordada em crochê
uma pra mim e outra pra ela
e a sinhá, ainda observa da janela
as mãos calejadas me cobrindo
do frio
que há no coração das pessoas!

COLORAÇÃO
VALÉRIA PISAURO

A cor da fome é preta, branca, amarela
Fome que perdura e não cozinha em panela
É fome de vida, de prosa, de poesia,
É sentinela, sertão, cidade, favela,
Cor de fome que não sacia,
Corrói corpo, alma, sonhos, a utopia.

A cor da água é a dor de sede infinita
É vazante, enchente, calmaria
Sede de chuva, nascente
É aguadeiro seco sem mais valia
Seca por dentro e por fora
É cor de rio que chora sem sina.

A cor da moradia é cor que não habita
Cor das ruas, pontes, esquinas,
É cor da lua que transita sem abrigo,
Na dureza do banco e calçadas frias
É cor do abandono que se encerra,
Na solidão das noites vazias.

A cor da educação é cor que ensina,
Cor do silêncio da palavra não dita
Cor das amarras do nada e do tudo
É alforria primeira, é saber o mundo
É a cor que rompe fronteiras,
Cor da palavra libertação.

A cor do sonho é a cor de luta
É cor sagrada, cor da terra,
Cor de rios, florestas, serras, vales
Cor pura de harmonia, cor da melodia
Encurta as desigualdades
Desterra no corpo o que a alma sentia.

CORAÇÃO DE POETA
ALFREDO PEREIRA DE MORAES
(SEGUNDO LUGAR NA NOITE LITERÁRIA)

Meu Coração Trovador,
 inocentemente, abusa
 Quando, nos trovares, usa as
 musas de mil poetas
 Sem a menor parcimônia.
 Pra defender verso e rima faz da
 palavra a esgrima,
 Nas madrugadas lagrima
 sonhando com a obra prima
 Que exprima tudo o que sonha.
 Meu Coração Peregrino,
 andarilho, aventureiro,
 Talvez seja o derradeiro
 guerreiro do verso em rima,
 Nos literais universos.
 Romântico paladino cavalga,
 desde menino,
 No vernáculo latino buscando o
 mais cristalino
 E genuíno dos versos.
 Meu Coração Feminino herdou,
 do amor, a virtude
 Da paixão, a plenitude, da
 juventude o anseio
 Latente em cada pulsar.
 É Mona Lisa sem tela, é sonho
 de cinderela,
 É jantar à luz de vela, é sorriso
 de donzela
 Na passarela do altar.
 Meu Coração Pueril é pão de
 laranja,
 Forquilha de baladeira, roladeira
 de latão
 No chão do entardecer.
 Meu garotinho não cresça, ao
 tempo, desobedeça

Pra que não desapareça, do
 homem, a alma travessa
 Se esqueça de envelhecer!
 Meu Coração Borboleta é
 viciado em olores,
 Encantado pelas cores, das
 flores, fiel amante,
 Dos jardins namorador.
 Ao se livrar da clausura, voa em
 busca de aventura,
 Com suave punctura, suga com
 graça a mais pura
 Doçura de cada flor.
 Meu Coração Ameríndio venera
 o sol do equador,
 Adora sentir calor, sem pudor,
 banha-se nu,
 Pra se refrescar da frágua.
 Mas, antes que a noite caia,
 escreve versos na praia,
 Com a pena de uma jandaia,
 depois de escrever desmaia
 Na cambraia da Mãe D'água.
 Meu Coração Estudante ingênuo
 e entusiasta,
 Dos sonhos nunca se afasta, nem
 da pasta em que carrega
 Um plano mirabolante,
 De voar como o albatroz, de
 imitar, da brisa, a voz,
 De extinguir o mal atroz, até que
 nenhum de nós
 Seja algoz do semelhante.
 Meu Coração Bandoleiro jamais
 empunhara arma,
 Pelo Sanatana Dharma o seu
 carma é dedilhar
 Plangentes cordas, e então,

Em vez de rifle e punhal, só
 carrega, no bernal,
 Além de tequila e sal, partitura
 musical,
 Um dedal e um violão.
 Meu Coração Campesino fez seu
 palácio em palhoça
 E, no caminho da roça a carroça
 vira a biga
 De um nobre conquistador.
 Imagina os milharais sendo os
 campos de sarçais
 Onde os príncipes feudais
 travaram lutas mortais,
 Por mais terra e por amor.
 Meu Coração Pescador olha o
 rio e esquece o peixe
 Nem que lambaris, em feixe,
 deixem limpinho o anzol
 Ou até leve o caniço.
 Entre a correnteza e a brisa, seu
 espírito desliza,
 Sua alma poetiza, mas o corpo
 paralisa,
 Sem camisa sob o sol.
 Meu Coração de Poeta é
 sacrossanto e profano,
 Animal e ser humano, arcano do
 pensamento
 No mais plural universo.
 Por toda a sua existência extrai
 do verbo a essência,
 Da rima, a irreverência, da
 poesia, a dolência
 E a indulgência do verso.

CORTEJO
JÚNIO DUTRA

Nasceu da nascente rio alto que sustenta vale.

Na descida, criança, ciranda, chitão, estampa.

Do tato, artesanato.

Trabalhador crucificado, tambor enfeitado, dom de Mestres Vale.

Em médio vale, tambores, rodas, fitas, Ritas, Sinhá e Marias com a mania de ter fé na vida.

Desce o rio.

Do lado esquerdo em lajedo, Iara não não canta, samba em foz na voz serena de Herena.

Tens na bacia espuma escura.

No alto céu, nuvens claras, pipas gingam.

Nem sinal da chuva.

Em baixo vale, fios de areia transpassam em casas, casos, casamentos, terreiros,

Candomblé, Axé, Rosário.

E no cenário de vale, rio corteja.

Rio, senhoras, senhores fuxicam em porta e em mão no mesmo passo, mesmo ritmo em nome do pai que labuta, do filho que mama, do espírito santo da mulher viúva de marido

vivo, amém.

No varal de rio, estende-se encantos, afluentes, estende-se almas, gente, palavras,

rimas,dons, arte, sina, amor.

Desprende nó de dor, suor.

Ao mar, deságua água doce.

Deságua histórias, poesia falada, cantada.

Despeja lendas, estórias e memórias.

INVENCÍVEIS SECAS**LAÉCIO BEETHOVEN****(SEGUNDO LUGAR NA NOITE LITERÁRIA)**

O tempo bipolar, repercutido
 Nas forças e correntes da justiça,
 Bolina no infortúnio da carniça;
 No cálcio geme o couro mal curtido.
 Amargo, em tardo fardo comprimido,
 Proclama-se, no azougue da cobiça,
 O rei da insanidade que derrixa
 Com unhas e caninos! Alarido!
 Os ventos assoreiam na campina
 As flores ressequidas pela sina
 E restos de umidade. Nascem secas!
 As faces torram desapontamentos;
 Queimadas sopram pó nos céus cinzentos;
 Axuás nas furnas choram, choram pecas.

II

São penas sem ter aves, sem guarida;
 São ossos e poeira nas varandas;
 São Pedro, são lamentos, são cirandas!
 Espinhos são presentes, são comida!
 O berro do trovão se faz suicida,
 O raio faz clareira noutras bandas,
 Na fé goteja a sede das demandas,
 Na pá a fome é terra ressequida.
 Repetem-se o sol, a cruz, o céu
 E torram-se o boi, o bem, o breu
 E queimam-se o pau, o fio, o fel.
 Lamentam-se o rei, o réu, a rês;
 Esquentam-se à tarde, o rosto, o mês;
 Exalam-se o amor, a cor, o mel.

2

III

Cai, água santa, pelo amor de Deus!
 Encharca platibandas, varandados!
 Enfeita esses sertões esturricados

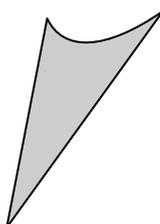
E duros corações de camafeus!
 (...Sedento dos derrames santos teus...)
 Borrifa nesse povo castigado,
 Respostas de promessas e reisados.
 Afoga vis incrédulos ateus!
 A praga fraca que nem sangue suga
 Reflete a palidez da micro pulga
 Na mórbida manhã de enxada e foice.
 Soberba, a falta habita com fartura.
 Goteira é saudosismo e configura
 O calo no calcâneo deste coice.

IV

Não há em quem cuspir, não há saliva,
 Grunhido ou rressonar de mau agouro.
 Há brigas entre moscas e besouro;
 Abriga o sol a lástima cativa!
 Corrói, o pão, a cárie incisiva
 Do dente solitário. Pelo e couro
 Retratam podridão, abatedouro.
 Resolve-se a língua com a gengiva!
 Há pó no lombo do mandacaru,
 Há caos no sujo bico do urubu.
 A pé o pobre mói a triste sorte.
 Nas rugas reproduzem-se as sombras,
 Nos ombros, as fadigas, bolhas, lombas...
 É seca, é corte, é cerco, é circo, é morte!

TIJUCO
JOSÉ DJALMA

Será que o ferro
Tirado da terra
Serviu só para
Enrijecer o coração
De quem só pensa
Em enriquecer?
A barragem não barra
Rejeitos, mas barra o sonho
Do homem rejeitado
Que vê o rio afogar no barro
No mais bizarro descaso
A bruma da ignorância permeia,
Nesse mar de areia tenebroso,
O podre e pobre poder
A sede do ganancioso
Que pensa que fazer
Do lugar do mineiro
Um vale de lama
Equivale a dinheiro
Advindo de minério
E no fim o que resta
É a alma que clama
De todo esse povo
Debaixo deste lodo
Enquanto o sertão
Vira mar de lama.



SENHORA BONECA, BONECA SENHORA
(HOMENAGEM À ARTESÃ VALDETE GOMES FERNANDES SILVA)
GISELDA GIL – CAPIVARA MARGINAL 2020

Sem medo de levar a mão pra onde ela quer
 Molda com sabugo de milho que penteia
 O projeto de corpo da boneca em construção
 “Somos todos feitos de barro molhado”
 Humildemente escondida, ousa em se reconhecer
 Deus Acerca da crença nos princípios da criação.
 Desenha a cintura, sobe pros seios
 Tudo a dedo, delicado.
 Quem não tem nas mãos o cuidado amado
 Não faz o que a Artesã do Vale Encantado cria.
 É coisa de beleza transferida
 De interação entre cor e ação
 Do que tem dentro para o que está fora
 Metáfora da vida Pura alquimia, transmutação.
 Artesanando brinca
 Brincando se conecta à lida
 No espaço-além-tempo feito de sina
 Da serenidade jamais corrompida.
 Sentida, nos aplica: sinta! Do barro a forma, da terra a
 tinta
 A artesã molda e pinta
 Eleva o pó à pura vida
 Tanto futura como primitiva
 Coisa rara que só gente de verdade fita
 Aquela delicada pureza quase extinta
 Da infância sagrada que se faz eterna
 Quando a Senhora Boneca brinca.
 A Boneca Senhora renascida, então fala por ela: me
 sinta!

Já a Senhora Boneca trabalha e pratica sua preciosa
 filosofia Mulher, roceira, doméstica, esposa, mãe
 Exercita nos gestos incansáveis ética, zelo e empatia
 “As bonecas que a gente tinha eram feitas de sabugo
 E os vestidos eram da flor do maracujá.
 A gente tirava os botões e fazia.” Nostálgica e grata
 diz que o barro ensina a trabalhar
 E é dele que urge sua ancestral potência feminina.
 “É bom que de barro ele não sai do lugar.
 Onde você coloca, ele fica.” – Sorri ao lembrar do
 homem que mostra trabalho o dia inteiro no mato
 E de fino trato, ela sempre soube onde merece estar
 sua “ideia sadia” Precisa: “O lugarzinho mais difícil de
 enxergar é dentro de nós mesmos” Sabedoria.
 Quanto mistério transmite cada olhar
 E o cantinho detalhado da boca nas moças que nos
 refletem espelhos... Será a saudade do mar que seu
 corpo ainda não experimentou? Sonhos, segredos,
 viagens, longe do Vale uma vida diferente?
 Pobre do mar que não conhece Valdete!
 À lenha, só o fogo chega ao estado de glória da
 temperatura sublime que alcançou
 E a peça pronta que não chamamos de peça, se faz
 PRESENTE:
 Pelo divino dom da Arte talhada nas mãos da Senhora
 Boneca Que a criou, CONTENTE.